Ao seu am.° [illegible] José d'Almeida

off.° o autor

A HISTORIA ECONOMICA

VOLUME III

EDADE MEDIA

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Os Reprobos (poema). — Esgotado.

O Poema do trabalho.

A Eleição Camararia do Porto e a politica actual do paiz (1895).

A Historia Economica. Vol. I — *Edade antiga.*

A Historia Economica. Vol. II — *Edade media.*

A Historia Economica. Vol. III — *Edade media.*

Na Penitenciaria (poemeto).

A ENTRAR NO PRÉLO

A Historia Economica. — *Edade moderna.* (2 volumes).

A Historia Economica. — *Edade contemporanea.* (2 volumes).

ADRIANO ANTHERO

A HISTORIA ECONOMICA

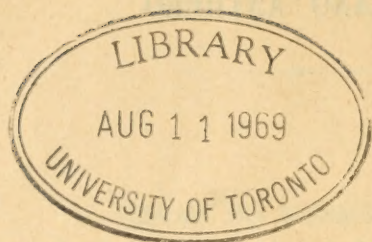
VOLUME III

EDADE MEDIA

PORTO

TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA, SUCCESSORA

Rua da Cancella Velha, 70

1907

A HISTORIA ECONOMICA

CAPITULO I

Os Hollandezes

Historia politica dos Paizes-Baixos na edade media. — Espirito liberal dos Hollandezes. — Situação da Hollanda: lucta incessante dos habitantes contra a invasão do mar e dos rios; rudeza de uma grande parte do solo; e como tudo isso fez dos Hollandezes marinheiros, agricultores, industriaes e commerciantes. — Influencia das cruzadas e dos Italianos. — Como o desinvolvimento economico dos Paizes-Baixos foi caminhando do sul para o norte: Bruges, Anvers e Amsterdam. — Productos, industria e commercio. — Luxo dos Hollandezes e influencia que elle exerceu n'aquelle desinvolvimento. — Relações com os estrangeiros. — Importação e exportação. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

A região que forma actualmente a Hollanda, a Belgica e a provincia franceza de Flandres, região que, em parte, constituia a antiga Batavia dos Romanos, era denominada na edade media, sob o nome commum de Paizes-Baixos; mas, no seculo x, começou a empregar-se tambem o nome generico de Hollanda. E por isso, com este nome

geral de Hollanda ou com a denominação de Paizes-Baixos, indistinctamente a designaremos n'este nosso trabalho [1].

Não é necessario para o nosso proposito remontar á origem dos Hollandezes; e basta consignar que, depois do periodo agitado da invasão dos barbaros, os Paizes-Baixos foram comprehendidos no imperio dos Francos.

Mas o dominio dos imperadores não assentou com egual absolutismo em todo o paiz, nem as facilidades da conquista foram eguaes. Pelo contrario, havia ao norte a raça dos Frizões, que luctou energicamente contra Clovis, Dagoberto e Carlos Martello, para conservar a sua independencia; e, se Carlos Magno conseguiu dominal-os, precisou de lhes garantir os privilegios liberaes de que gosavam, e até uma administração local privativa (794).

Por isso, até o seculo XIII, a Friza formou uma confederação de cantões livres. Inclusivamente na classe religiosa, embora os Frizões tivessem adoptado o christianismo, conservaram em parte as formas liturgicas do antigo paganismo, e os seus sacerdotes não obedeciam ás sédes metropolitanas.

Depois de Carlos Magno, com a frouxa administração dos seus successores, foi-se dividindo todo o paiz em condados, inclusivamente a Friza,

[1] A denominação de Neerlandia é que data sómente de 1815 a 1830.

embora esta conservasse grande parte das suas garantias liberaes [1].

Todos elles vieram a parar ás mãos de Lothario ou Lothéro, neto de Carlos Magno (855), o que lhes fez dar o nome generico de Lother-rich; d'onde resultou a denominação de Lotharingia ou Lorena, que mais tarde se applicou especialmente á região do sul, hoje constituida pela Belgica e pela provincia franceza de Flandres. E, continuando esses condados successivamente nas mãos dos reis carlovingianos, descendentes de Lothario, vieram parar, em 925, ás mãos de Henrique, o Caçador, imperador da Allemanha, que obrigou Carlos, o Simples, a ceder-lh'os.

Antes, porém, d'esta cedencia, tinha Carlos, o Simples, dado a um dos seus fieis, Diderico ou Dirck, muitas terras, situadas entre o Mosa, o Rheno e o Ems; e esse Dirck foi o tronco de uma suzerania de condes, que reinou n'essa parte da Hollanda, até o fim do seculo XIII.

Ao lado d'estes condes, elevou-se o poder dos bispos de Utrecht e d'outras cidades; e, como já notámos, havia ainda outros condes, menos importantes, por exemplo, os de Zelandia e os de Gueldre. Por vezes, os condes de Hollanda quizeram arrancar aos Frizões as suas garantias li-

---

[1] Começou então a empregar-se a palavra *pagi,* para designar as differentes regiões geographicas, tanto da Hollanda propriamente dita, como da Belgica. O *pagus,* correspondia tambem, ora exacta, ora approximadamente, a uma circumscripção politica.

beraes; por vezes, a competencia e rivalidade d'esses e d'outros condes e do proprio bispo de Utrecht, e até das cidades ou corporações de artes e officios, suppuravam em dissensões e luctas violentas; e tudo isso, alliado á reacção geral contra as pretensões dominadoras da Allemanha e ás invasões dos Normandos, tornou revôlta e tumultuaria a historia dos Paizes-Baixos até o seculo XIII.

No meio d'essa agitação, iam-se succedendo os condes da Hollanda, descendentes de Dirck.

Um d'elles, Guilherme IV, foi morto, em 1345, n'uma lucta contra os Frizões, sem deixar representantes varões. As cidades e os nobres proclamaram então como condessa da Hollanda a irmã d'elle, Margarida, casada com o imperador da Allemanha, Luiz da Baviera.

O segundo filho d'ella, chamado Guilherme, que devia succeder-lhe, não quiz esperar o fallecimento da mãe, e arrancou-lhe o poder á força. D'ahi resultou uma guerra civil, que deu logar a dois partidos, conhecidos por *Abadejos* e *Anzoes,* para ensanguentarem a Hollanda durante um seculo; e que, semelhantes aos Guelfos e Gibelinos, subsistiram, com a mesma denominação, por muito tempo, mesmo depois de terem desapparecido os motivos que os crearam (1393 a 1500).

Por morte d'esse filho da condessa da Hollanda — Guilherme V, succedeu-lhe Alberto I, e a este, Guilherme VI, que casou com Margarida de Borgonha.

Ambos elles passaram o tempo do seu governo em luctas sangrentas contra os Frizões.

O ultimo teve uma filha, Jaquelina, que elle arranjou a casar com João, duque de Tourenne, segundo filho de Carlos VI, rei da França, para lhe assegurar a herança (1415).

Entretanto, a Belgica, governada tambem, em parte, por condes, constituida, n'outra parte, em communas independentes, perturbada frequentemente por luctas e dissensões internas e externas, foi operando a sua evolução politica e economica, até cair, em 1369, sob o poder de Filippe, o Atrevido, duque de Borgonha, que tinha casado com Margarida, filha do ultimo conde de Flandres, Luiz de Hale.

Filippe, o Atrevido, falleceu em 1404, e succedeu-lhe João Sem Medo (1404-1419); e a este, Filippe, o Bom, que, fomentando a guerra civil entre os *Abadejos* e *Anzoes*, despojou do poder aquella Jaquelina, condessa de Hollanda, tornando-se unico senhor dos Paizes-Baixos, juntamente com a Borgonha.

Por morte de Filippe, o Bom (1469), succedeu-lhe seu filho Carlos, o Temerario, que foi vencido e morto, em 1477, por Luiz XI, na batalha de Nancy, capital de Lorena.

A Borgonha foi então incorporada na França; e os Hollandezes, tomando conta de Maria, filha de Carlos, o Temerario, poderam casal-a com Maximiliano, imperador da Austria (1478). Um filho d'este, chamado Filippe, casou com Joanna, a Louca, filha de Fernando e de Isabel, a Catholica,

de Hespanha (1496), d'onde nasceu Carlos V, que foi imperador da Allemanha e rei de Hespanha [1].

*

* *

Em todo este longo periodo da historia politica dos Hollandezes, as luctas civis das differentes corporações e cidades entre si, as luctas d'essas corporações e do povo em geral, com os condes e bispos, a par das guerras com os estrangeiros, ensanguentaram, muitas vezes, os cidadãos, e perturbaram o estado. Mas todas essas luctas, que resultavam já do espirito liberal d'este povo, mais avigoravam os seus sentimentos patrioticos, e mais lhe retemperavam a energia.

Devido a isso, a feudalidade e servidão mal existiram ao norte da Hollanda, onde, como vimos, sempre se conservaram mais illesos os privilegios liberaes; e, mesmo no sul, não subsistiram com o rigor de tantas outras partes da Eu-

---

[1] Arnold Scheffer, *Resumé de l'histoire de la Hollande.* — De Barante, *Histoire des ducs de Bourgogne de la maison de Valois.* — Theodore Juste, *Precis de l'histoire du moyen âge, considéré dans ses rapports avec la Belgique: — Histoire des États Généraux des Pays-Bas,* vol. I. — Edmond Poullet, *Origines, développements et transformations des institutions dans les anciens Pays-Bas. — Patria Belga.*

ropa. Tambem, por isso mesmo, a influencia do povo foi, desde logo, augmentando em detrimento dos nobres [1]; e certamente que esta influencia liberal, dando a cada um a segurança dos seus esforços, e levantando o amor do trabalho, como padrão d'egualdade, concorreu poderosamente, para que os Hollandezes, já n'este periodo, attingissem um notavel desinvolvimento industrial e commercial.

Além d'isso, a situação da Hollanda, banhada pelo mar do Norte; nos confins da França e Allemanha; em face da Inglaterra, e, ao mesmo tempo, no centro da Europa e no desembocadouro de tres grandes rios, um d'elles a mais importante via fluvial do continente; o mar, batendo incessantemente nas costas e ameaçando engulir a região; grande parte do solo humida e alagadiça, cortada de torrentes, cheia de pantanos e repleta de turfeiras; a lucta permanente que os habitantes tinham de sustentar contra a invasão das aguas e contra a propria natureza do terreno: tudo isso, estimulando a lucta pela vida, robustecendo o animo, e affincando o amor do trabalho, devia incitar a todo o momento os Hollandezes no desinvolvimento da agricultura, da industria e do commercio.

Como exemplos d'essa lucta permanente contra o mar e até contra os rios, basta apontar al-

[1] Arnold Scheffer, *obr. cit.*

gumas das irrupções que, despedaçando os diques formados nas costas, demoliram milhares de edificios, e prejudicaram grandemente a riqueza do paiz.

Em 839, uma d'ellas destruiu perto de duas mil e quinhentas habitações na Friza. Vinte annos depois, o Rheno devastava as suas margens e abria uma nova embocadura. Durante os seculos XI e XII, as inundações foram tão numerosas que os habitantes emigraram em grande copia, pedindo asilo aos seus visinhos e aos povos estrangeiros, para não ficarem submergidos com a terra que os creara. Em 1170, começou a cavação natural do lago Zuiderzee ou mar do Sul, que estava acabada no seculo seguinte. Durante o seculo XIII, houve trinta e cinco grandes inundações, em que desappareceram populações inteiras. Em 1221, 1230, 1242, 1277 e 1287, o mar enguliu de cada vez quarenta mil a cem mil pessoas.

Uma das irrupções cavou tambem o golpho de Dollart, devorou, nos campos littoraes do Ems, a cidade de Torum e perto de cincoenta aldeias, emquanto que, ao norte de Friza, formou o Lauwerzee, e afogou as terras habitadas da ilhota de Schiermonnikoog. No seculo XIV, em 1377, a Flandres zelandeza foi completamente submergida, e a cidade de Piet desappareceu, juntamente com dezenove aldeias.

Em 1421, a maré formou um outro mar interior, o de Biesbosch ou Floresta dos Juncos, em que ficaram submergidas setenta e duas aldeias,

e em que os campos inundados se transformaram depois n'um archipelago de ilhotas pantanosas.

A ilha de Schoonveld, que hoje não passa de um banco de areia, ainda era populosa no seculo X. O paiz de Cadsand e de Wulpen, ao oeste de Zwart-Gat, ligava-se outrora ao continente de Flandres; o braço de uma bahia o limitava ao norte; e mais tarde o Zwin o transformou n'uma ilha.

E, como veremos no volume seguinte, eguaes inundações e eguaes esforços dos Hollandezes, para as prevenirem ou remediarem, têm continuado até hoje [1].

Por isso, repetimos de novo, a situação da Hollanda, com todas as circumstancias que temos mencionado, inclusivamente essa lucta permanente com as aguas, devia estimular os seus habitantes para o commercio e para a industria.

Ao mesmo tempo, estava-lhes aberto de par em par o Oceano, como a provocal-os para a navegação. As costas abundavam de peixes; e, entre esses, o arenque, alimento barato para as classes trabalhadoras, apparecia em tal quantidade que tentava e remunerava a pesca, desde logo.

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle — Europe du Nord-Ouest — Hollande.* — Lanier, *L'Europe.* — *Patria Belga,* vol. II, pag. 47.

Tudo isso, não podia deixar de fazer dos Hollandezes uma população de industriaes e commerciantes. E, se, como diz Scherer, a Hollanda, n'este periodo ainda não attingiu a grandeza economica do periodo seguinte, destacou-se já notavelmente, caminhando na vanguarda dos outros povos.

*

* *

Effectivamente, já desde o principio da edade media, os Paizes-Baixos tiveram um certo movimento economico. Bastava-lhes como incentivo a pesca e a navegação, de que trataremos especialmente, e como estimulo a pobreza e esterilidade do solo, alastrado de turfeiras e cheio de pantanos, que só pôde transformar-se mais tarde, á custa de grandes esforços. Mesmo no tempo dos Romanos, havia já bastante commercio d'esta região com a Gallia, mais civilisada do que ella.

A influencia de Carlos Magno devia tambem sentir-se n'essa parte do seu imperio, que ficava no transito da Germania e da França. Frequentes vezes, percorreu elle essas provincias, em que Gand constituia já um centro importante. A frota destinada por esse imperador, para combater os Normandos, foi armada nos estaleiros do Escalda. E á sua solicitude devem os Paizes-Baixos os progressos d'economia rural, especialmente, no que respeita á creação do gado; assim como a organisação de uma classe in-

dustrial independente, e com ella a animação das artes e officios.

Posteriormente, quando as cruzadas abriram novamente para toda a Europa o commercio do oriente, o paiz lançou-se tambem n'esse caminho; de modo que, já na primeira metade do seculo XII, as mercadorias do Levante, vindas da Palestina, directamente em navios frizões e hollandezes, se encontravam nos mercados de Hollanda. E este commercio com o oriente mais cresceu, depois que, em 1204, o conde de Flandres, Balduino, subiu ao throno de Constantinopla [1].

Em todo o caso, o commercio directo durou pouco tempo, e teve pequena extensão; pois, quando os Italianos começaram a tomar a preponderancia no trafico levantino, desde o seculo XII em diante, foi por meio d'elles que os Hollandezes receberam os productos orientaes [2].

Vinham de longe as relações entre os dois povos.

Já em 1147, a frota hollandeza, commandada pelo conde de Flandres, que ajudou o rei de Portugal, D. Affonso Henriques, na tomada de Lisboa, seguiu até Veneza; e, em Constantinopla,

---

[1] Como justificação do texto, notaremos até que os marinheiros belgas se assignalaram pela sua intrepidez em Tarso e Laodicea, sob o commando de Siger de Bruges, Gérard de Courtrai e Winkman de Bolonha. *Patria Belga,* vol. II, pag. 764.

[2] *A Historia Economica,* vol. II.

se encontraram sempre em boa harmonia os commerciantes e marinheiros das duas nações.

Por isso mesmo, pelo espirito liberal dos Hollandezes, que incitava as relações dos estrangeiros, e pela posição central dos Paizes-Baixos, tão propria a servir para entreposto do sul e norte da Europa, não admira que os Italianos fossem tambem para este paiz os grandes recoveiros dos productos orientaes.

*

* *

A actividade economica não despertou, nem se reflectiu por egual, desde logo, em todas as regiões; antes foi caminhando gradualmente do sul para o norte.

Onde ella despertou mais cedo e com mais força, foi em Flandres, como era natural.

Constituia a unica região meridional dos Paizes-Baixos que tocava no mar; era a mais desinvolvida, e já desde o tempo dos Romanos, graças á sua visinhança e commercio com a França; e era a mais povoada.

Durante as cruzadas, foi d'ahi que saiu o maior contingente de Hollandezes, que voltaram depois, com o espirito cheio da experiencia e conhecimentos adquiridos na expedição, e com a tendencia mercantil, estimulada pela pratica do oriente. E estas circumstancias naturaes e historicas foram ainda auxiliadas pela iniciativa economica dos condes de Flandres, seus gover-

nadores, que se esforçaram por fomentar e auxiliar o desinvolvimento dos seus estados.

De mais a mais, essa região era a maior dos Paizes-Baixos; porque abrangia tambem a parte que hoje constitue os departamentos francezes de Flandres, que se tornaram foco de uma grande industria. Achava-se coberta de bons caminhos; e possuia, já no meio da edade media, cidades importantes, como Bruges, Gand, Ypres, Audenarde, Lille, Alost, Arras, Courtrai e Liège.

A mais importante e mais bem situada era Bruges.

Estava na região mais rica e mais povoada. A principio, mesmo os grandes navios chegavam até lá com a maré. Mais tarde, não passaram da cidade de Damme, onde podiam entrar cento e cincoenta, ao mesmo tempo. Continuando o açoriamento, o grande porto deslocou-se, para a cidade de Sluis ou Ecluse, situada a juzante, na bahia ou pequeno golfo de Zwin; mas, ainda então, os Brugenses construiram em Damme um armazem supplementar, d'onde transportavam para esse outro porto d'Ecluse, por meio de barcos chatos ou de carretas, os artigos destinados á exportação [1].

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 67. — Scherer, *obr. cit.*, vol. I, pag. 366. — Jeronimo Boccardo, *Historia del comercio, de la industria y de la economia politica*, traducção hespanhola. — W. Heyd, *Histoire du Commerce du Levant au moyen âge*, traduzido em francez por Furcy Raynaud, vol. II, pag. 218.

Anvers, pelo contrario, se hoje dispõe do seu grandioso porto, achava-se, primeiramente, separada do mar, no meio de uma região pantanosa e inculta. E, embora estivesse na extremidade de um estuario, para o qual convergiam o Escalda e seus dois affluentes — o grande Schyn e o pequeno Schyn, mais consideraveis outrora do que na actualidade, esse estuario não abria directamente sobre o Oceano.

Só no seculo XV, é que o estreito do Hont ou do Escalda oriental se tornou facilmente navegavel, transformando em cidade maritima o burgo de Anvers. Ainda assim, em 1444, ella não tinha senão quatro mercadores, e a sua frota compunha-se de seis barcos para a navegação fluvial. Mas, á proporção que se ia açoriando o golfo de Zwin, o seu estuario foi augmentando de importancia, a ponto de constituir um grande emporio commercial [1].

O progresso economico, pois, de Flandres e de Bruges, desde o predominio dos Italianos, foi enorme. Esse progresso devia levantar, como levantou, a inveja e rivalidade das outras provincias e cidades: tanto mais que os condes de Bravante se esmeravam egualmente no adiantamento d'essa região, aproveitando as occasiões propicias de exceder os seus rivaes.

A par d'esta rivalidade, desde o principio do

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.* — Lanier, *L'Europe.* — Scherer, *obr. cit.*

seculo XIV até o principio do seculo XV, as dissensões, ás vezes sangrentas, que havia entre os proprios fabricantes de Flandres, entre as differentes corporações industriaes, entre estas e as communas, e entre as proprias cidades; as luctas entre a Inglaterra e a França, em que os Flamengos tomaram parte, por um lado, ou pelo outro; as discordias civis sobre o governo das provincias; e os impostos exaggerados, provenientes de tantas e tantas luctas: produziram, pela falta da segurança e tranquillidade pessoal, e pelos vexames e excessos do fisco, grande emigração de industriaes. Parte d'elles foram para o Bravante, que os attraía com promessas e privilegios; outros subiram para a Hollanda, propriamente dita; alguns demandaram a Allemanha; ainda outros foram para a Inglaterra, a convite de Eduardo III: levando a todas essas regiões a fecundidade do seu trabalho e o desinvolvimento industrial, em prejuizo de Flandres [1]. Mas as provin-

[1] Mesmo no tempo dos duques de Borgonha (1369-1477), a industria e o commercio obtiveram, a principio, uma extensão prodigiosa, porque as guerras e perturbações não poderam deter a expansão do trabalho nacional; e a industria das cidades serviu aos dominadores, para augmentarem o esplendor da sua côrte. Mas foi coarctada a liberdade dos cidadãos; o regimen de impostos pesados, de direitos protectores e *de ordenanças* repressivas, substituiu a livre iniciativa das communas; as revoltas foram severamente castigadas; as cidades opprimidas, e sacrificada a sua independencia. Basta notar que Liège foi quasi destruida, e quarenta mil pessoas massacradas. Tudo isso veiu

cias do Bravante é que, pela sua visinhança, mais aproveitaram; de modo que o seu movimento foi augmentando consideravelmente, á proporção que as cidades flamengas começaram a declinar.

Ainda assim, Bruges, pelas condições especiaes da sua situação, conservou, no meio da decadencia flamenga, a sua grandeza e movimento, e ficou sendo a primeira cidade da Hollanda até o meado do seculo XV. Em 1488, já quando o paiz estava sob o dominio da casa d'Austria, pelo casamento da filha de Carlos, o Temerario, com Maximiliano, houve um levantamento revolucionario, em que os cidadãos reclamaram a conservação de certas garantias communaes. Bruges poz-se á frente d'esse movimento. Frederico III, pae de Maximiliano, veiu cercal-a. Os seus habitantes foram rudemente castigados e contribuidos, e o resto de Flandres foi tambem comprimido e vexado. Ao mesmo tempo, açoriou-se e inutilisou-se o porto de Ecluse [1]. E tudo isso fez decair

---

tambem a concorrer por fim para a decadencia da região meridional. — M.lle Ant. Gallet, *Abregé de l'Histoire de la Belgique Commerciale et Industrielle.* — Théodore Juste, *Precis de l'Histoire du Moyen âge, considerée particulièrement dans ses rapports avec la Belgique,* vol. III. — *Patria Belga,* vol. II e III.

[1] É certo que o canal natural, que estava açoriado, foi substituido por um canal artificial, e a cidade foi ligada á rêde navegavel da Belgica; mas tudo isso é posterior á edade media, e fará parte de outro volume.

rapidamente a importancia d'aquella cidade, e com ella o resto de Flandres [1].

O movimento passou então para Anvers, no Bravante, que já dispunha de um porto amplo, facil e livre, onde as aguas do Escalda levavam navios de toda a lotação até os muros da cidade. E debalde tentou depois o imperador Maximiliano, herdeiro de Frederico III, dar a Bruges o antigo esplendor. Nunca esta cidade pôde levantar-se do seu abatimento.

Durante o engrandecimento de Flandres e Bravante, e no meio das suas rivalidades, as provincias do norte, Hollanda Meridional e Septentrional, Zelandia, Friza, Gueldre, Utrecht, Over-Yssell, Drenthe e Groningue, que não foram aproveitadas pelos Italianos para entreposto commercial, iam tambem fazendo, embora mais lentamente, a sua rotação.

A pesca e a navegação constituiam, já desde muito, as suas principaes industrias; de modo que, primeiramente, o bacalhau, e, depois, o arenque lhe proporcionaram grandes vantagens. Por outro lado, a agricultura foi tomando um desinvolvimento enorme. A creação do gado, especialmente do gado ovino, adquiriu tão grande incremento que, depois da Inglaterra e da Hespanha, era essa região que fornecia mais lã. E o espirito economico da população, a liberdade das communas e das cor-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. I. — Noel, *Hist. du Commerce du Monde*, vol. I. — Zephyrino Brandão, *Belgica*. — E. Reclus, *obr. cit.*

porações, a franquia do commercio e a emigração dos operarios de Flandres e mesmo do Bravante, fizeram com que as outras industrias acompanhassem o desinvolvimento da agricultura.

A maior parte d'essas provincias entraram na liga hanseatica, já pela visinhança dos Allemães, e já porque, segundo dissemos, ao passo que as provincias do sul se foram approximando da França e até adoptando a sua lingua, as do norte foram tendendo para a Allemanha.

Ora, o predominio e influencia commercial dos Hanseaticos, embora se reflectisse em todos os associados, favorecia de preferencia os nacionaes; e por isso aquellas provincias estavam n'uma situação relativamente inferior. Resultou d'ahi que a rivalidade, proveniente d'essa preferencia, a par do exclusivismo que a liga se quiz arrogar, com respeito á pesca do arenque no mar do Norte, provocou a dissensão e a lucta com ellas, no meado do seculo XIII; até que, afinal, os Hollandezes, auxiliados pela Dinamarca, Suecia e Noruega, quebraram aquelle predominio, e trabalharam exclusivamente por sua conta.

Com isso, Amsterdam começou a tomar o seu grande ascendente mercantil, e com ella toda a região septentrional.

A situação da cidade contribuiu tambem para este resultado; pois, emquanto o Zuiderzee foi de navegação facil, Amsterdam estava collocada na posição mais feliz para o commercio, porque tocava na região mais fertil e mais populosa da

Baixa Hollanda. Achava-se, de mais a mais, no ponto onde vem dar a linha mais curta tirada das boccas do Rheno e Mosa para a bacia do mesmo Zuiderzee; e os navios, que, em toda a costa maritima da Hollanda, encontravam uma praia inhospita, eram recebidos alli n'um porto natural, ao abrigo das vagas e dos ventos.

Para que esta situação podesse aproveitar ao commercio, bastava que os vastos pantanos, onde se perdia a corrente do Amstel, na confluencia do estuario Ij ou Y, fossem, ao menos parcialmente, defendidos por diques. E, desde o seculo XIII, em que se levantou um castello no meio das cabanas dos pescadores e sobre a mesma corrente, foi-se preparando o terreno e edificando a cidade, por forma que, já nos fins da edade media, ella tinha uma grande importancia, embora attingisse o seu maior desinvolvimento, nos seculos XVI e XVII [1].

*

* *

Os Paizes-Baixos meridionaes abundavam, como actualmente, em pedras de construcção e em ferro, cujas minas eram conhecidas de longa data. Abundavam tambem de calamina e zinco [2]. E mesmo a hulha, tão frequente n'essa região e que, segundo se diz, foi descoberta no seculo XII

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*

[2] Edmond Poullet, *obr. cit.*

por um ferreiro de Liège, chamado Hulloz [1], já, no fim d'esta época, era bastantemente explorada.

Na região septentrional, isto é, na Hollanda, propriamente dita, não havia minerios metalicos; mas o solo estava repleto de turfeiras, de modo que os habitantes, para o poderem cultivar, começaram por lhes lançar o fogo.

Essa região estava tambem despida de florestas, e mesmo as provincias do sul não sobresaíam n'este genero. Mas a abundancia de turfa, de que já fallámos, attestava a quantidade enorme de arvoredo que existira em tempos remotos; e, durante os primeiros seculos d'este periodo, havia ainda na Belgica restos bem demonstrativos d'essa opulencia, taes como da grande floresta Charbonnière e dos Ardennes, cujas principaes especies eram as faias e os alamos [2].

Emquanto aos productos agricolas, os habitantes foram transformando o terreno, por fórma que Flandres e Bravante constituiram, já na edade media, regiões agricolas importantes. E, propriamente na Hollanda, tão distinctos se tornaram os seus habitantes, que fizeram do paiz um repositorio importante de muitos productos.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 67. — Bainier, *France*, pag. 182. — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle — Nord-Ouest de l'Europe, Hollande.* — *La Géographie appliquée à la marine, au commerce, à l'agriculture, à l'industrie et à la statistique.*

[2] E. Poullet, *obr. cit.*, vol. I, pag. 421.

O linho e canhamo, que já eram cultivados nos tempos antigos, continuaram a ter grande desinvolvimento; e a creação do gado constituiu tambem uma das grandes fontes de riqueza. Os cavallos hollandezes e flamengos eram afamados, mesmo entre os cavallos de guerra.

*
* *

A visinhança do mar, a posse de grandes rios, a primitiva esterilidade do solo, e sequentemente a necessidade de obter fóra d'elle os meios de subsistencia, deviam favorecer, desde logo, a navegação e a pesca.

Por isso, já Cesar, por occasião da sua primeira passagem ás ilhas britannicas, achou muitas embarcações no Rheno, que os Batavos aproveitavam, para irem buscar o estanho ás ilhas Sorlingas. E as frotas com que, depois d'isso, os Romanos fizeram as expedições de Inglaterra, foram tambem construidas, em grande parte, na Batavia. Da mesma fórma, na revolta de Civilis contra Roma, 70 a 73 annos depois de Christo, appareceram muitos navios batavos, especialmente da Friza, que luctaram a favor d'elle. No seculo IX, tambem os Frizões penetraram até o mar Glacial, e visitaram as Orcadas, Islandia, Groenlandia, Laponia e as paragens do Baltico. N'esse mesmo seculo, Alfredo, o Grande, os encarregou de organisarem a armada ingleza. As proprias leis maritimas da cidade de Damme, (*Jul-*

gamentos de Damme), que em geral se observam no mar do Norte [1], datam egualmente do seculo IX. E a cidade de Stavem, na Friza occidental, a par da sua riqueza, já no seculo XII, era afamada, por seu espirito maritimo e emprehendedor.

As cruzadas contribuiram tambem poderosamente, para mais se desinvolver a navegação; porque, segundo já notámos, antes dos Italianos monopolisarem o commercio do oriente, os Hollandezes frequentaram directamente os portos levantinos.

Ora, esta velocidade adquirida; a situação dos Paizes-Baixos; a sua expansão commercial; as relações com os outros povos, especialmente com a Inglaterra, que obrigavam os Hollandezes a frequentes viagens e communicações maritimas; e a necessidade da pesca: deviam augmentar consideravelmente a industria da navegação, e por consequencia a industria das construcções maritimas e fluviaes.

Demais, no proprio solo, havia o ferro preciso para essas construcções; e a madeira constituia um dos principaes artigos do commercio da Hollanda; porque era um dos principaes generos importados do norte [2]. Por isso mesmo, as ilhas do Texel, Valcheren, Schouven e Gravesend encerravam grandes estaleiros.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 89.

[2] Noel, *Histoire du Commerce du Monde*, vol. I, pag. 68.

A navegação desinvolveu a pesca, e, por seu turno, a pesca desinvolveu a navegação. O arenque e o bacalhau constituiam os mais importantes productos d'aquella industria; e principalmente a pesca do arenque tão productiva se tornou, e tanto levantou a Hollanda septentrional, como já expozemos, que provocou a rivalidade e a lucta da liga hanseatica.

Os Hollandezes inventaram até um processo de salgar o peixe, chamado *einboeckelm*, do nome do seu inventor, Guilherme Bæckel, para o poderem transportar a grandes distancias, que lhes deu grande superioridade. E todos os annos exploravam as paragens de Feroé e da propria Groenlandia, d'onde traziam tambem grande quantidade de arenques.

Enkhuisen, Hoorn, Amsterdam, Schiedam, Brielle, Delft, Vlardingen, ao norte, e Calais, Nieuport, Gravelines, ao sul, eram os principaes portos, onde se armavam as frotas do arenque, frotas que se compunham de centenas de navios [1].

A agricultura desinvolveu-se tambem enormemente, como já fizemos sentir; e os Paizes-Baixos tanta reputação adquiriram n'esse genero, que a Allemanha e Inglaterra, já nos seculos XII e XIII, solicitaram, muitas vezes, com grandes promessas, colonos hollandezes, para arrotearem e cultivarem os terrenos aridos; por fórma que as *hollanderias* ou estabelecimentos agricolas, for-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. I.

mados por esses colonos, tornaram-se tradicionaes.

Foi d'elles que os Inglezes aprenderam a construir os diques, para deterem as inundações do mar e dos rios, e a levantar moinhos de vento, para enxugarem as aguas; e d'elles receberam tambem a cultura do lupullo, dos nabos e de quasi todos os legumes.

Dos Flamengos veiu egualmente o uso dos prados artificiaes e de estrumar as terras, por meio da successiva deslocação dos estabulos de carneiros. E foram elles que, sob Henrique IV, enxugaram e cultivaram a parte do Patois, chamada a Pequena Flandres.

As margens dos rios formavam quasi sempre grandes pastagens, cortadas de regos e canaes; e as correntes davam logar a numerosos moinhos de cereaes, e de aguçar armas e outros instrumentos de ferro.

Ao lado d'estes moinhos hydraulicos, já conhecidos desde o tempo dos Francos, os de vento, — importação das cruzadas, no seculo XIII — multiplicaram-se cada vez mais [1].

Os cereaes, o linho, o canhamo e os generos horticolas constituiram o principal repositorio da agricultura. Mas as rochas e collinas das margens do Mozella, assim como as collinas do valle de Dyle, em volta do Louvain, eram coroadas de vides, que produziam um vinho muito apreciado.

---

[1] E. Poullet, *obr. cit.*, vol. I, pag. 422.

A creação do gado, principalmente na Friza, novamente o repetimos, tomou grande incremento, e com ella a preparação dos queijos.

Nas industrias textis, sobresaía a tecelagem do linho, canhamo e lã, como é natural, attenta a abundancia das materias primas; e, embora estas não chegassem para as necessidades do paiz, o *deficit* era supprido pela importação estrangeira.

Na edade media, as tres regiões exportadoras de lãs eram sómente os Paizes-Barbarescos, a Hespanha e a Inglaterra. Mas os Paizes-Barbarescos exportavam as suas lãs para a Italia, onde eram consumidas pelos Italianos. As de Hespanha eram quasi todas empregadas na industria nacional, creada e fomentada pelos Arabes. As de Inglaterra é que vinham abastecer a industria e mercados da Hollanda.

O proprio linho, apezar de abundar nos Paizes-Baixos, era tambem importado da Irlanda.

Com estes elementos e com a pericia e actividade nacional, os Hollandezes sobresairam muito na tecelagem; e tanto mais que já vinha de longe a sua educação n'essa industria. Os pannos fabricados pelos Atrebatas, que habitavam os arredores de Arras, eram já conhecidos dos Romanos. Os de Friza eram tambem afamados, já antes de Carlos Magno, a ponto de que os seus antecessores presenteavam com elles os dignitarios da côrte, e usavam, nas grandes cerimonias, mantos d'essa qualidade. O proprio Carlos Magno nada achou mais apreciavel, para mandar

de presente, pelos seus embaixadores, a Bysancio e Bagdad, que os pannos de Friza.

Se attendessemos simplesmente á quantidade da materia prima, a fabricação dos lanificios devia concentrar-se ao norte, onde havia maior creação de gado; mas, á proporção que ella se foi desinvolvendo, foi tambem precisando de mais braços, e sequentemente procurando as cidades ou regiões mais populosas. Por isso, a parte meridional, é que, afinal, preponderou n'esse genero.

Como é sabido, esta industria é subordinada aos varios trabalhos parciaes que a constituem; e por isso tambem o progresso dos Hollandezes, na arte de apisoar, cardar, etc., e, em geral, na tinturaria, foi notavel.

Os principaes centros eram Bruges, Gand, Ypres, Dendermonde, Audenarde, Lille, Arras, Allost, Courtrai.

Só em Bruges e seus arredores, contavam-se cincoenta mil obreiros, empregados n'essa industria; e fabricavam-se ahi tambem outras especies de tecidos, como estofos misturados de algodão e de seda [1].

Entre os artefactos mais distinctos, figuravam as tapeçarias chamadas de *haute lisse*.

É desconhecida a sua origem, mas sabe-se que, já no meado do seculo XIV, se encontravam em Arras, e que a sua fabricação alcançou logo uma fama europeia; começando-se a guarnecer

[1] Scherer, *obr. cit.*

com ellas os palacios, castellos, egrejas e salas das communas (*hoteis de ville*). Substituiram as armações de herminio, que, antes d'isso, revestiam as paredes; empregavam-se tambem muito nas occasiões solemnes, como torneios e entradas de soberanos, para se dar uma feição alegre ás ruas e praças publicas; e, mais tarde, tornaram-se ornamento obrigado de todas as cerimonias.

De Arras, esta fabricação não tardou a espalhar-se para o norte: Tournay, Audenarde, Valenciennes, Bruxellas e outras localidades [1].

Emquanto á industria do linho, embora se exercesse tambem domesticamente nas aldeias, havia nas cidades grandes emprezarios d'ella. O uso geral das blusas azues nos operarios concorria muito para isso, mas a exportação é que representava a grande fonte de receita.

Os centros principaes eram tambem: Gand, Arras, Courtray e Valenciennes, cujas rendas eram já muito apreciadas e caras.

A industria algodoeira começou a exercer-se no seculo XV. Foi Gand que a iniciou; e, já no meado do mesmo seculo, eram afamados os seus fustões de algodão.

A sericultura teve como centro Anvers, e tornou-se egualmente notavel, no fim d'este periodo.

A curtimenta, a fabricação de queijos e manteiga, a refinação d'assucar, a cervejaria, a ola-

---

[1] *Patria Belga*, vol. III.

ria e a ceramica, seguiram no progresso geral.

A carencia de pedra obrigava a fabricar tijolo e cal para as construcções. Por isso, tambem essa industria se exercia em larga escala.

A metallurgia encontrava nos Paizes-Baixos condições adequadas. O sul abundava em ferro, calamina e hulha, que, segundo vimos, começou a ser explorada muito cedo em Liège. E as relações e visinhança da Inglaterra proporcionavam, com facilidade e por baixo preço, o estanho, cobre e chumbo.

Por isso mesmo, tambem essa industria acompanhou o cortejo geral das outras. Os Liegézes passavam até pelos mineiros mais habeis da Europa. A arte da preparação dos objectos de cobre tornou-se uma das mais importantes, na fundição e no modo de fazer que esse metal, trabalhado a martello, tomasse todas as fórmas. As armas, instrumentos e ferramentas, joias, objectos de ouro, prata e vidro, rivalisavam com os artigos similares da Italia e Alta Allemanha.

Os centros principaes eram: Liège, que especialisava na fabricação das armas; Dinant, que se distinguia particularmente nas obras de cobre, as quaes tomaram o nome de *dinanderias* [1]. Bruxellas, que especialisava tambem nas armaduras; Huy, Viset, Namur, Malines e Bruges, que, por

---

[1] *Memorias de Filippe de Comines,* traduzidas em hespanhol, vol. I, pag. 92.

sua vez, tinha a especialidade das joias, e de modo que, fóra da Italia, não havia cidade onde se fabricassem tão bellas. Foi até em Bruges que, em 1476, Luiz de Berkem inventou a arte de lapidar os diamantes, o que fez attribuir a taes pedras preciosas, até ahi pouco procuradas, por falta de brilho, a estimação que hoje teem [1].

A architectura, esculptura, musica e pintura tiveram tambem grande desinvolvimento.

A propria pintura a oleo foi inventada pelo grande pintor belga Jean Van Eyck, em 1410. E houve muitos outros pintores flamengos, tambem notabilissimos, n'esta epoca, entre elles os irmãos do mesmo Jean Van Eyck, Huberto e Margarida; por forma que a exportação de quadros figurou tambem como ramo importante do commercio hollandez [2].

*

* *

A riqueza e o luxo de todo o paiz influiam n'este movimento industrial, que, por seu lado, influia n'esse luxo e riqueza.

A principio, a mobilia consistia n'um grande e largo leito para toda a familia, e algumas vezes tambem para o hospede; n'um grande cofre;

---

[1] *Patria Belga*, vol. III. — M.lle Ant. Gallet, *obr. cit.*
[2] *Patria Belga*, vol. III. — Poullet, *obr. cit.*

n'uma mesa; e nos escabellos e *etagéres,* em que se collocavam os utensilios do *menage.*

Mas, com a rapida transformação dos costumes, começou por se guarnecer e mobilar o interior das casas das cidades; e, após essas, mesmo as das pequenas aldeias. Então, já havia grandes bahús, ricamente guarnecidos de ferro; as paredes eram forradas de pannos de seda, e, mais tarde, de tapeçarias; os leitos eram cobertos de lençoes; e era grande o fornecimento de roupa branca.

Ao lado da louça de estanho, que se fabricava em Douai, as baixellas, taças e colheres de prata eram já muito frequentes, mesmo nas aldeias.

As estufas e banhos publicos tornaram-se como as tavernas, logares de reunião; e tanto mais que os banhos a vapor eram um dos principaes remedios da medicina do tempo.

Mas, principalmente, no vestuario, por occasião das festas e divertimentos publicos, é que mesmo os burguezes, negociantes e trabalhadores, gostavam de ostentar toda a magnificencia.

Como actualmente acontece, usava-se muito das joias; mas o que, sobretudo, tornava distincto o vestuario, era a abundancia de pelliças; de modo que as bolsas, os mantos curtos, e até as guarnições das cobertas de cama, eram formadas por ellas. E, por essas pelliças, pelos bordados de perolas, pregos de ouro e prata, ornamentos de esmalte na bolsa e na cintura, é que principalmente se distinguiam os ricos dos pobres.

O luxo da mesa era tambem grande. Preferia-

se a carne de vacca e de porco; mas todas as herdades abundavam de aves domesticas.

Para darmos uma ideia d'esse luxo enorme, basta dizer que, em 1301, quando Joanna de Navarra visitou Bruges, todas as filhas de mercadores, e por signal afamadas por sua belleza, se apresentaram como rainhas, a ponto de despertarem o reparo e inveja d'aquella princeza [1].

*

* *

O movimento mercantil, como é natural, correspondia ao desinvolvimento industrial; e o proprio espirito liberal que animava as corporações, devia concorrer para esse resultado. Se, muitas vezes, por suas perturbações e rivalidades, ellas prejudicavam o andamento sereno do estado e a labutação tranquilla do commercio, o principio da independencia dos seus membros, embora subordinados ao respectivo regimen, reflectindo-se tambem na independencia da patria, dava ao trabalho o estimulo da propria dignidade, e portanto o incentivo do progresso [2].

---

[1] Refere Filippe de Comines, *obr. cit.*, vol. I, pag. 410, que, quando essa rainha visitou Bruges, vendo tanta bizarria e luzimento, disse, de offendida, que pensava que a tinham levado lá, para que fosse vista uma rainha, e que tinha encontrado mais de outras setecentas rainhas como ella.

[2] Guizot, *La Civilisation de l'Europe.*

O systema aduaneiro era muito liberal. Os impostos eram modicos; e os estrangeiros gosavam plenamente da liberdade de circulação e propriedade, tambem com pleno direito hereditario.

Já n'esta epoca, os Hollandezes tiveram bolsas de commercio, devidamente regulamentadas, corretores, camaras de seguro, a par dos seus estabelecimentos de credito — bancos, embora imperfeitos, que já prestaram grandes serviços ao commercio. E, tomando o exemplo dos Italianos, adoptaram os principios de direito commercial e usos mercantis da legislação predominante d'esse tempo.

Tudo isto devia actuar poderosamente no commercio dos Paizes-Baixos. E, como já dissemos, ainda elle augmentou muito com as cruzadas; concorrendo para isso o facto de Godofredo de Bouillon, o primeiro defensor de Jerusalem, ser da baixa Lotharingia, e o primeiro imperador latino de Constantinopla, Balduino, ter sido tambem de Flandres.

Em vez dos Hollandezes exercerem o commercio externo, mais perigoso, fizeram, a principio, das suas cidades grandes entrepostos permanentes, e crearam grandes feiras, onde os Italianos, Francezes, Inglezes, Portuguezes, Hespanhoes, Scandinavos, Russos e Allemães, iam comprar ou vender as respectivas mercadorias, já directamente, e já por intervenção dos intermediarios de que fallámos, a saber, os Hanseaticos, para os productos do norte, e os Italianos para os productos do sul e oriente.

Mas desde o seculo XII, visitaram tambem com frequencia a Italia meridional, as costas de Hespanha, o centro da França, a Allemanha do occidente [1], e, sobretudo, mais directa e continuadamente, a Inglaterra [2]. Tinham até, na cidade de Londres, um escriptorio que gosava de extensos privilegios, para onde expediam productos de Hollanda e muitos que exportavam dos outros paizes. Por seu turno, a Inglaterra, no principio do seculo XV, estabeleceu em Bruges uma sociedade, chamada dos *Mercadores Aventureiros,* para facilitar as trocas entre os dois paizes; e formou-se, no primeiro quartel do seculo XIII, a guilda, dos *Mercadores de Londres,* tambem conhecida por *Hansa de Londres,* em que, a principio, dezesete cidades belgas, e, depois, ainda um numero superior, estavam associadas a mercadores inglezes [3].

---

[1] Poullet, *obr. cit.*, vol. I, pag. 124.

[2] Já muitos Belgas tinham seguido Guilherme da Normandia e se tinham fixado com elle no solo inglez, fornecendo-lhe navios e combatentes. *Patria Belga,* vol. II, pag. 763.

[3] Ninguem se podia filiar n'esta liga senão em Londres ou em Bruges, onde estava a caixa central da associação. A sociedade começou a declinar, no fim do seculo XIV, quando appareceram os primeiros symptomas da decadencia do commercio flamengo, e á proporção que se levantava a importancia da Hansa Teutonica. — Varnkonig, *Histoire de Flandres,* vol. II, pag. 179. — Noel, *obr. cit.,* vol. I, pag. 225. — W. J. Ashley, *An Introduction to English Economic History and Theory,* vol. I, pag. 225.

Tudo isto fazia que a agglomeração dos estrangeiros, principalmente em Flandres e Bravante, fosse enorme. Na Hollanda, propriamente dita, era menor; porque ahi, segundo vimos, o desinvolvimento commercial começou mais tarde, e já quando não era tão caracteristico o papel de simples entreposto commercial e industrial dos Paizes-Baixos.

*
* *

Os principaes objectos de importação eram:

Da Allemanha, cobre, ferro, aço, latão bruto e trabalhado, vidro, madeiras, cereaes, linho, canhamo, pêz, alcatrão, potassa, pelliças, couros, pelles, cebo, velas, materias tinturiaes, sal, artigos de Nuremberg, ambar amarello, mesmo arenques e outros peixes, carne, vinho do Rheno, azeite, cera e mel. E estas importações tinham logar por mar ou por terra, conforme as mercadorias provinham da liga hanseatica ou do sul e centro da Allemanha.

De Hespanha, cera, vinho, figos, passas, ameixas, e, em geral, os fructos do sul; alcaçuz, assucar, azeite, sabão, ferro, mercurio, lã, sedas, açafrão, pelles de carneiro e cobre.

De Portugal, cera, sal, vinhos, azeite, figos e fructas. Os Portuguezes, já no fim do seculo XII, tiveram feitorias em Bruges; em 1386 ahi se estabeleceram definitivamente; e, em 1445, tiveram casa propria para as suas transacções com-

merciaes, e uma capella, na egreja dos Dominicos [1].

Da França, sal, vinhos, papel, azeite, pannos, muito ferro, materias colorantes, especialmente a garança, pelles de cabra, estofos de seda e lã misturada.

Da Inglaterra, chumbo, estanho, ferro; hulha, no fim do periodo; lãs e queijo.

Da Irlanda, couros e lãs.

Da Escocia, tambem lãs e couros, e ainda queijos e cebo.

Da Noruega, manteiga, cebo, gordura, e pelles de cabra, de que se fazia cordovão.

Da Dinamarca, cebo, cavallos, couros, arenques e porcos.

Da Russia, cera e pelliças.

Da Italia ou do oriente, por intervenção dos Italianos, especiarias e drogas, arroz, algodão, seda fiada e tecida, velludos, estofos, pau de tingir, camellões (tecidos de pelle de cabra, lã e seda), objectos de joalheria e ourivesaria, alunite, enxofre e vinhos da Grecia.

Até ás cruzadas, o transito d'esse commercio levantino e mediterraneo para o norte e nordoeste da Europa, fazia-se ordinariamente pelo Danubio e pelo Rheno, como já vimos. O desinvolvimento, porém, do commercio italiano, fez decair o primeiro d'esses caminhos.

Então, os Italianos, umas vezes, transportavam

---

[1] Zephyrino Brandão, *obr. cit.*

os productos, directamente por mar, atravessando o Mediterraneo, e subindo, ao longo das costas occidentaes da Europa, até os portos flamengos. E paravam ahi; porque ainda mal habituados e conhecedores do mar do Norte e do mar Baltico, onde, além d'isso, dominava a marinha hanseatica, tinham motivos ponderosos, para se não aventurarem além d'esses portos.

Outras vezes, faziam o transporte por terra, levando os productos, das proprias cidades da Italia, que serviam de primeiro entreposto, atravez dos Alpes, até á Suabia, e descendo pelo Rheno até os Paizes-Baixos.

Outras vezes ainda, levavam os seus productos, atravez da França, para as feiras de Champagne, onde tambem concorriam os Hollandezes; e ahi commerciavam com elles, ou d'ahi passavam, depois, aos Paizes-Baixos.

Para pagar toda essa importação, tão grande e variada e de tantos paizes, os Hollandezes tinham os objectos da sua propria industria, os objectos exportados ou reexportados por elles, e os de seu entreposto commercial.

*

* *

Já fallámos dos tres grandes centros economicos da Hollanda, que, na edade media, foram tomando successivamente a proeminencia commercial: Bruges, Anvers e Amsterdam; e apontámos outras cidades, tambem preponderantes

no movimento industrial. Mas vamos ainda accrescentar umas ligeiras notas.

Segundo alguns escriptores, foi em Bruges que se fundaram as primeiras sociedades de seguros, e d'onde partiu a instituição das bolsas, ou logares de reunião, destinados á compra e venda commercial. E até se diz que o seu nome se derivou da casa de Van Den Beursen, que era adornada d'um brazão d'armas, com tres bolsas de prata, diante da qual os negociantes vinham tratar dos seus negocios.

Se não é verdadeira esta opinião; porque a iniciativa d'uma empreza regular de seguros se deve á cidade do Porto, reino de Portugal, e já com o nome de *bolsa,* nos primeiros annos da monarchia, e se aquellas reuniões de commerciantes, ou praças de commercio, existiram tambem no mundo antigo [1], é certo que, na edade media, foi Bruges uma das cidades onde primeiramente appareceram taes instituições.

Além d'isto, as associações da *Liga Hanseatica* e dos *Mercadores Aventureiros,* de que, a seu tempo fallaremos com mais demora, ahi estabeleceram grandes entrepostos; e a guilda dos *Mercadores de Londres* ahi tinha a sua séde.

Bruges era tambem o principal centro da fa-

---

[1] Ferreira Borges, *Das fontes, especialidade e excellencia da administração commercial.* — Ruy Ennes Ulrich, *Da Bolsa e suas operações.* — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal.* — Veiga Beirão, *Esboço d'um curso de Direito commercial,* no Boletim do Atheneu Commercial do Porto de 1891.

bricação das joias, pannos finos, velludos e tapetes. Segundo já dissemos, o luxo era enorme, e a industria de pannos, só de per si, occupava cincoenta mil operarios. As botinas de velludo d'esta cidade passavam, nas regiões do norte, por um presente digno dos reis. Os duques de Borgonha ahi tiveram a sua brilhante côrte, no seculo XV; e o galante Filippe, o Bom, ahi instituiu a ordem do Tosão d'Ouro.

Gand, a rival de Bruges, e que teve com ella differentes luctas armadas, em que algumas vezes ficou vencedora e outras vencida, tinha egualmente uma boa situação.

Collocada na confluencia do Escalda, do Lys e das pequenas correntes do Lième e Moore, era o entreposto natural dos productos dos valles superiores. Estava, de mais a mais, como ainda está, no angulo, onde o Escalda, já sustentado pela maré, mais se approxima do mar, antes de descrever uma grande bacia para o oriente. Os Gantezes aproveitaram muito cedo, essa posição, abrindo canaes, que lhes serviam para se desembaraçarem das cheias do Lys e do Escalda e traficarem directamente com os estrangeiros, por meio de pequenas embarcações. Por isso mesmo, Gand depressa se levantava dos estragos que as luctas com Bruges lhe causavam.

Ypres, hoje cidade morta, foi outrora rival de Bruges e de Gand. Contava duzentos mil habitantes no seculo XIV, e era tambem metropole dos pannos de linho, cambraia e cambraieta.

Malines, já no seculo XII, tinha mais de doze

mil tecelões. Fornecia objectos de metal, e entre esses grande quantidade de sinos. Os seus couros dourados, de que se forravam as paredes das casas, eram expedidos para longe; e os trabalhos de agulha eram afamados em toda a Europa. Tinha tambem grande industria de lanificios; e, no seculo XIV, constituia um importante estaleiro de construcções navaes [1].

Damme, antigo porto de Bruges, que hoje está inutilisado e não passa de uma aldeia, tinha tambem grande importancia [2].

Lille estava egualmente cheia de tecelões, sobretudo de seda e estofos de lã, de tintureiros, tosadores, penteeiros e cardadores. Eram muito afamadas as suas *saietas* brancas; o seu burel verde, vermelho e d'outras côres; os seus *furtacôres,* estofos assim chamados do reflexo do seu lustro; o *gros-gram,* outro panno imitado de um tecido levantino; e as *tripes,* especie de velludo ou de *pluch.* Fazia, além d'isso, operações bancarias, correspondendo-se, d'uma parte, com todo o norte da Europa, e, da outra, com a França, Italia e Hespanha. O luxo e a riqueza d'esta cidade eram tambem muito grandes.

Bruxellas, já no seculo XI, era cidade murada e grande *etape* do commercio entre Flandres e o Rheno. Um seculo mais tarde, foi a residencia dos duques de Bravante; e depois foi sempre

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 111.
[2] *Patria Belga,* vol. II, pag. 47.

a séde dos principes e governadores, continuando a ser a mesma grande *etape* do commercio entre Flandres e o Rheno. Expedia muitos dos seus productos para Paris, que, por seu lado, os expedia para differentes regiões da França.

Arras era notavel pelos tapetes e sarjas, cuja reputação ainda hoje se conserva, e, como dissemos, especialmente pelas tapeçarias chamadas de *haute lisse*. As suas fabricas executavam armações e tapeçarias magnificas para os palacios dos reis, que se enviavam até para o Oriente.

Valenciennes era tambem notavel pelas rendas, cambraia e cambraieta [1]; Dinant, pelas quinquilherias e obras de cobre, conhecidas no seculo XII por *dinanderias* [2]; Douai, pela louça de estanho; Courtrai, pela roupa branca de linho; Cambrais, pelos *camelões,* tambem de cambraia e cambraieta; Tournay, pela fabricação de tapetes; Liège, pelas armas e objectos de metal.

Audenarde fornecia tapeçarias, que rivalisavam com as de Arras. E Ostende tinha grande movimento, porque o seu porto era muito frequentado.

Na região septentrional, não abundavam tanto os centros economicos; mas, ainda assim, ao lado de Amsterdam, e até, cronologicamente, primeiro do que ella, floresceram muitas outras cidades, por exemplo: Utrecht, a antiga *Trajectum Rhe-*

---

[1] *Patria Belga*, vol. III.
[2] *Patria Belga*, vol. III.

num, que já era celebre no tempo dos Romanos, como posto de transito e de commercio; Rotterdam, Haya, Leyd — a antiga *Lugdunum Batavorum,* e Haarlen.

Enkuisen, que tinha um bom porto, hoje obstruido, e mais de quarenta mil habitantes, era tambem centro importante. Enviava á pesca do mar alto e longinqua cento e quarenta chalupas, escoltadas por vinte navios de guerra.

Outro grande centro commercial era Mildelburgo.

Zierikzee, na ilha de Shuven, tinha regularmente trezentos e cincoenta grandes navios em seu porto.

Nimégue, a antiga *Noviomagus,* foi uma das praças mais commerciantes da Hollanda e da Liga hanseatica, de que fazia parte.

Dordrecht, outra das mais antigas cidades do paiz, era a mais rica de todas, quando uma terrivel inundação, em 1421, veiu destruir as suas campinas, e fez d'ellas um archipelago d'ilhas e de bancos de areia.

*
* *

O mais antigo systema de moeda, conhecido nos Paizes-Baixos, foi o de Carlos Magno, de modo que a libra flamenga era tambem dividida em 20 *schellingen* (schellings), e o *schelling* em 12 *grooten* (soldos). Mas, como acontecia geralmente no

resto da Europa [1], este systema tornou-se ideal, porque, na pratica, era muito variavel o valor das libras, dos soldos e dos schellingen. E, desde 1355, começou a ser substituido, ao norte da Hollanda, por outro, egualmente ideal, pelo qual a libra se dividia em 6 *gulden,* e cada uma d'estas moedas em 20 *stivers* ou soldos; vindo assim o gulden a equivaler a 3 $^1/_3$ do schelling e o stiver a 2 groots.

Levou muito tempo, até que este ultimo systema deslocasse aquelle outro; e, ainda assim, nunca o deslocou inteiramente, durante a edade media.

Como dissemos, ambos elles eram ideaes; e, praticamente, corriam as moedas italiana, franceza, allemã e mesmo ingleza, a par das moedas cunhadas pelos proprios condes de Flandres, que principiaram a ser fabricadas desde 964, e pelos condes de Hollanda, que só o foram muito depois.

Não se tem averiguado com certeza, nem as especies de moedas nacionaes, nem o seu valor. Conhece-se, por exemplo, o *grosso,* mandado cunhar pela princeza Margarida, condessa de Flandres, pelo menos, em 1244 a 1288, d'onde proveiu a denominação do *grooten,* (dinheiro grosso). Conhecem-se os *reaes,* imitação da moeda franceza do mesmo nome, cunhada por Filippe, o Bello, e os *florins,* imitação de Flo-

---

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 91.

rença, fabricados desde 1322. Mas, pela variabilidade successiva do seu valor e falta de elementos, é difficil, senão impossivel, organisar uma tabella correspondente ás moedas actuaes [1].

*
* *

Os Romanos encheram o territorio batavo de estradas militares, e estabeleceram uma cintura de fortalezas, escalonadas ao longo do Mosa e Rheno, que separavam a Hollanda da Allemanha.

Carlos Magno abriu tambem muitas estradas. E depois as communas, os condes, e mesmo os dominadores estrangeiros, augmentaram consideravelmente as communicações, pela construcção de novos caminhos, reparação dos antigos, e preparação de canaes, que serviam para o transito e para a irrigação.

As principaes communicações, porém, eram as aquaticas por esses canaes e pelos numerosos rios da região [1].

*
* *

Tantos elementos de grandeza, creando-se e desinvolvendo-se no animo liberal da patria e

---

[1] Shaw, *History of Currency.* — *Patria Belga,* vol. III, pag. 682 e seguintes.

[2] *Patria Belga,* vol. II.

dos cidadãos, levaram, no periodo seguinte — o da historia moderna, a Hollanda ao estado proeminente que fez d'ella, durante muito tempo, a região mais industrial e commerciante da Europa. Mas já o nosso espirito se enche de admiração, ao vêr como, na edade media, esse pequeno povo, ao resplendor do seu commercio e da sua industria, rasgou, em volta de si, as trevas da sua epoca, tão viva e tão brilhantemente, que fez convergir dentro d'elle, como entreposto universal, o trafico do mundo inteiro.

CAPITULO II

Os Allemães

Historia politica da Allemanha na edade media. — Condições favoraveis para o seu commercio, já na antiguidade. — Influencia economica das invasões que os Germanos fizeram nos outros paizes. — Influencia dos Normandos. — Desinvolvimento que houve, primeiramente, ao norte da Allemanha, comparado com o sul. — Os Venedos. — Influencia especial de Carlos Magno. — Influencia especial das cruzadas, e, principalmente, das que foram emprehendidas contra os povos do Baltico. — Serviços prestados pelos *Irmãos da Espada* e pela Ordem Teutonica. — Acção energica e progressiva de alguns imperadores allemães. — Desordem em que a Allemanha caiu no principio do seculo XI. — Como consequencia d'essa desordem, a creação das Ligas Rhenana, Suabia e Hanseatica. — Como esta ultima absorveu todas as outras. — Enorme poder que teve. — Sua organisação. — Luctas que sustentou. — Como cohibiu a pirataria. — Os piratas *Vitalianos*. — Principaes productos da Allemanha. — Industria. — Como o luxo influiu n'essa industria. — Commercio. — Importação e exportação. — Relações com os outros povos. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

Designava-se outr'ora, debaixo do nome geral de Allemanha ou Germania, um vasto paiz, situado no centro da Europa, que tinha por limites, ao norte, o mar Baltico, Dinamarca e mar do Norte; ao oeste, a Hollanda, Belgica, França e Suissa;

no sul, a Italia e Mediterraneo; e, a nascente, a Hungria, Turquia e Russia. Comprehendia os povos que formavam o antigo imperio germanico.

N'um sentido mais restricto, a palavra Allemanha abrange o actual imperio allemão ou confederação germanica.

É n'aquelle sentido mais amplo que empregaremos essa palavra n'este capitulo; e é dos povos do antigo imperio germanico ou da antiga Germania que vamos tratar.

*

* *

Cem annos, antes de Christo, já os Cimbrios e Teutões, que faziam parte da Germania, atravessaram o Danubio e o Rheno, e cairam sobre a republica romana, ameaçando-a de uma destruição completa, de que Mario a livrou, pelas victorias de Aix e Verona. Passado um seculo, seguiram-se outras invasões sobre as Gallias, e differentes luctas com os Romanos, até á queda do imperio do Occidente. A Germania dividiu-se então n'um grande numero de povos independentes — Saxonios, Allemanos, Slavos, Avaros, Francos, etc. Uma parte d'estes ultimos, irrompendo para o occidente, veiu a constituir o imperio occidental dos Francos; e o seu fundador, Carlos Magno, veiu a subjugar todos os Germanos, depois de lucta pertinaz, principalmente contra os Saxonios, que oppozeram uma energica e demorada resistencia.

Antes d'isso, os povos da Allemanha não tinham reis; viviam em communidades livres, sob a direcção dos seus consules. Só na guerra, é que se reuniam, sob o commando dos *duques* ou generaes, eleitos livremente. E, embora houvesse muitas fortalezas no paiz, era pequeno o numero das cidades.

Carlos Magno (768-814) estabeleceu um governo uniforme, que, sob o dominio dos seus fracos successores, tornou-se a base do feudalismo. Fundiu as populações teutonicas, pela transmigração forçada de umas para outras regiões; implantou o christianismo; fundou muitas cidades e bispados; e reuniu todos os povos debaixo d'um mesmo poder. De modo que deve ser olhado como o fundador do imperio germanico.

Antes de completar a conquista da Germania, já elle tinha conquistado o reino dos Lombardos, e reunido a Alta Italia ao imperio dos Francos; mas o auxilio que prestou ao desinvolvimento do christianismo, e o seu procedimento para com os Italianos e para com o papa, fizeram com que os Romanos se lembrassem de fazer reviver na sua pessoa o imperio de Augusto. Por isso, e porque o titulo de rei lhes era odioso, pela tyrannia dos reis ostrogodos e lombardos, conferiram-lhe tambem o titulo de imperador.

Foi assim que, no anno de 800, o proprio Leão III, na cidade de Roma, collocou sobre a cabeça de Carlos Magno a corôa imperial. E data d'ahi o preconceito de que sómente os papas é que a podiam conferir, substituindo, n'essa parte,

*

o senado romano: preconceito que tanta influencia exerceu na politica da Allemanha.

Mas o imperio fundado por Carlos Magno não era, pela sua extensão e pouca solidez dos seus elementos, de natureza a subsistir por muito tempo. E assim começou a desabar, logo que elle falleceu.

Os filhos dividiram entre si as differentes partes dos seus estados; e, ainda depois d'isso, as rivalidades entre os mesmos filhos, as luctas provenientes d'essas rivalidades, e as discordias dos proprios netos do imperador, trouxeram, em 843, pelo tratado de Verdum, nova partilha, em que a Allemanha ficou pertencendo a um d'aquelles netos, Luiz o Germanico, separando-se da França, definitivamente.

As Gallias ficaram pertencendo a Carlos, o Calvo; e a Lothario, a Italia, com a região dos Paizes-Baixos, depois chamada Lotharingia ou Lorena.

O proprio idioma dos Francos occidentaes, fundiu-se com o dialetico romano das Gallias.

Separada, assim, definitivamente, da França, ainda a Allemanha foi, por algum tempo, governada pelos principes carlovingianos. Mas a violencia dos nobres, ambiciosos e turbulentos, e as devastações e continuadas invasões dos Hungaros haviam produzido tamanha desordem, que os Allemães resolveram escolher livremente um imperador, com as qualidades necessarias, para dominar tão calamitosa situação.

N'este sentido, foi eleito, em 912, Conrado I,

o Suabio; e este, julgando-se incompetente para tão ardua tarefa, indigitou para seu successor e capaz de a concluir, Henrique I, o Caçador, que foi eleito em 919. Era chefe da casa de Saxe, e foi, por isso, o tronco da dynastia saxonia.

A espectativa da nação não foi mallograda, porque elle conteve as invasões dos Hungaros; reprimiu muitos abusos dos nobres, embora lhes conservasse tambem muitos dos privilegios; e dedicou-se seriamente á organisação do estado. Por isso, construiu tambem muitas fortalezas, e fundou muitas cidades, a ponto de ser cognominado *o Fundador de cidades,* concedendo-lhes muitas garantias; e esmerou-se egualmente no desinvolvimento do commercio e da industria. Foi no seu tempo que surgiram do nada Quedlimburgo, no Harz, e Goslar, cujos caminhos subterraneos puzeram a descoberto as primeiras veias do minerio. A par d'isso, organisou regularmente o exercito. E, emfim, governou com prudencia, energia e solicitude pelo bem publico, fazendo progredir a Allemanha.

Succedeu-lhe, em 936, seu filho Othon I, que foi um dos vultos mais extraordinarios da edade media.

Sujeitou os nobres, duques e condes inteiramente ao seu poder, coarctando-lhes muitos dos privilegios que o seu antecessor lhes conservara; e instituiu até os *condes palatinos,* especie de commissarios regios, que tinham por missão defender, como representantes do imperador, os direitos da corôa. Fundou muitas escolas, organi-

sou a cobrança dos impostos, augmentando os rendimentos do imperio. Cuidou tambem da organisação militar e da administração da justiça. Edificou muitas cidades. Desinvolveu a agricultura, a industria e o commercio, para o que muito concorreu a descoberta das minas de prata de Harz e o augmento de minerio resultante d'esse facto.

Mudando frequentemente de residencia, contribuiu para solidificar a unidade do imperio; e esmerou-se, como Carlos Magno, pela propagação do christianismo.

Apezar d'isso, as guerras internas e externas trouxeram o seu governo em continua agitação.

Entre essas, figuraram a proveniente da sujeição da Bohemia e a da conquista dos Dinamarquezes, bem como as guerras da Italia; e estas, que foram a causa de luctas successivas n'essa peninsula, durante a edade media, tiveram a seguinte origem:

Desde a instituição dos imperadores carlovingianos, a Italia tinha sido politicamente victima de ensanguentadas desordens, no meio de uma desenfreada corrupção. A pretensão dos differentes nobres ao governo d'ella, contribuiu para esse estado revolto. De todos esses nobres, o conde Hugues, da Baixa Borgonha, foi o que pôde governar mais tempo (947). Othon I casou, em 951, com a filha d'elle, chamada Adelaide, e tentou por isso o dominio de toda a Italia, conseguindo, afinal, obter do proprio papa João XII,

em 962, a corôa imperial, depois de renhidas luctas e sangrentas perturbações.

Em todo o caso, a par das desordens que resultam sempre da guerra, esse casamento, a convivencia de Othon com os Italianos e a sua demorada permanencia na Italia; assim como o casamento de seu filho Othon II com Theophania, princeza de Constantinopla, e as relações que d'ahi se seguiram com o oriente: contribuiram tambem para o desinvolvimento das artes e sciencias na Allemanha.

Othon I teve a pretensão de cingir, como Carlos Magno, em laço politico, o mundo romano-germanico, já unificado pela communhão religiosa, e estabelecer uma paz duradoura, por meio das instituições christãs, destruindo o paganismo. E, se a empreza de Carlos Magno foi mais difficil e a influencia da sua obra mais geral, o nome de Othon I póde bem figurar ao lado d'elle.

Os seus successores, Othon II (973-983), Othon III (983-1002), Henrique II (1002-1024), continuaram tambem as guerras na Italia; e tiveram egualmente o imperio em continua agitação, embora não descurassem o progresso da Allemanha.

Por morte d'esses imperadores, os grandes senhores elegeram, em 1024, Conrado II, da Suabia, que abriu a dynastia d'esse titulo.

Este incorporou a Suissa oriental no imperio germanico, e adquiriu os dominios do Rhodano com as ricas cidades de Lyão, Vienna, Arles,

Marselha, Genova e Besançon. Mas continuaram no seu reinado as guerras d'Italia, a par das luctas internas, com o seu natural cortejo de horrores.

Por sua morte, subiu ao throno o filho Henrique III (1039 a 1056), que elevou muito o imperio. Segundo Weber, nunca este se achou em melhor situação.

E, effectivamente, não só pelo respeito dos povos estrangeiros, mas tambem pela estreita união com a curia romana, e ainda pelo genio prudente e civilisador d'este monarca, a Allemanha progrediu muito no seu tempo.

Quando elle começou a governar, havia em Roma tres papas: Gregorio VI, Benedicto IX e Silvestre III. O imperador foi a Roma, fez nomear um quarto papa, Clemente II, e recebeu d'este a corôa imperial (1046). Ainda depois, fez nomear successivamente mais tres papas, o ultimo dos quaes, Bruno, bispo de Toul, teve por conselheiro o celebre Hildebrando, mais tarde Gregorio VII.

Tendo Henrique III fallecido em 1056, surgiu, no tempo do seu successor, Henrique IV, a celebre questão das *investiduras leigas* (1056-1105), isto é, da concessão dos empregos ecclesiasticos feita pelo rei.

Como os soberanos catholicos da Europa, especialmente os imperadores da Allemanha, tinham concedido feudos, jurisdicções independentes e outros privilegios ao clero, em compensação, julgavam-se com direito para intervir na eleição dos bispos, como tinham intervindo até ahi. Grego-

rio VII prohibiu, em 1059, essa intervenção; e este facto, levantando, como é natural, a resistencia do poder temporal, originou a lucta homerica do papado e do imperio, que trouxe revolto o reinado de Henrique IV, a par d'outras perturbações internas e externas, que vieram augmentar a desordem.

Essa lucta do papado e do imperio, em que os dois poderes disputavam a preponderancia, fazendo continuar as guerras na Italia, prolongou-se pelo reinado do seu successor, Henrique V (1106 a 1125), que teve tambem, a par d'isso, differentes perturbações internas e externas.

A Henrique V succedeu Lothario, duque de Saxe (1125-1137), que teve por competidor Conrado de Hohenstauffen [1], o qual possuia um feudo de familia, chamado Guieblingen. Teve este de ceder; mas, por morte de Lothario, renovou a pretensão, e conseguiu ser eleito, em 1138, subindo ao throno, sob o nome de Conrado III.

Lothario, porém, tinha disposto da corôa em favor de uma sua filha, casada com Henrique de Welf; e d'ahi a lucta posterior das duas familias, sob o nome de Guelfos e Gibelinos. Estas denominações em breve tomaram uma extensão maior, entendendo-se por Gibelinos os partidarios do

---

[1] Corado Geraldes, no seu *Compendio de Geographia Historica*, escreve Hohensteuffen, e Delfim d'Almeida, na traducção da *Historia Universal*, de Weber, escreve Honestaufer.

imperio, e por Guelfos os sectarios da soberania papal. Os primeiros reconheciam o imperador, como chefe temporal e protector dos estados da Italia; e não queriam que o papa tivesse outras attribuições, além da direcção superior dos negocios ecclesiasticos. Os Guelfos, pelo contrario, inclinavam-se para a união da egreja com o estado sobre a supremacia do papa, que tambem devia ter a suprema direcção e protectorado dos governos d'Italia [1].

Estas divisões, alastrando-se por toda a peninsula, trouxeram as mais apaixonadas luctas, e fizeram correr torrentes de sangue, no reinado d'este monarca, bem como dos seus successores Frederico Barbaroxa (1152 a 1190); Henrique VI (1190 a 1198); Filippe I (1198 a 1208); Othon IV (1208 a 1212); Frederico II (1212 a 1250).

No meio d'essas luctas, o movimento das cruzadas arrastou a Allemanha e os proprios imperadores, como foram Conrado III, que tomou parte na segunda cruzada (1147); Frederico I, na terceira (1190); Henrique VI, na quarta (1196); Frederico II, na sexta, em 1228. E nós veremos, ainda n'este capitulo, a influencia propicia que ellas tiveram na Allemanha.

Não obstante as guerras e dissensões internas e externas, os Allemães progrediam successiva-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 238.

mente, e os imperadores trabalhavam com afinco n'esse progresso.

Especialmente Frederico II favoreceu muito o commercio e a industria; engrandeceu e embellezou as cidades; e conteve, quanto lhe foi possivel, por leis salutares e castigos severos, a anarchia, o roubo e as guerras particulares. Foi um dos mais notaveis imperadores da Allemanha.

O tempo que se seguiu á morte de Frederico II, nos reinados de Henrique VII (1250-1253), Conrado IV (1253-1254), e do infeliz Conradino (1254-1269), ultimo descendente da casa de Hohenstaufen, aprisionado por Carlos d'Anjou, que o mandou degolar, em Napoles, foi um periodo de desolação e ruina para a Allemanha. O prestigio do imperio estava atrophiado sob as pretensões dos papas e abuso do feudalismo. E tal preponderancia tomara a curia romana que, sem se importar com as pretensões do mencionado Conradino, pôde, em 1236, fazer eleger como imperador, a Guilherme de Hollanda, cuja auctoridade nem sequer foi reconhecida por todos os vassallos.

Por morte d'este, a desordem augmentou ainda mais. Campeava o roubo e dominava o direito do mais forte. Mesmo o patriotismo decaiu tanto, que se foi escolher para imperador, um principe estrangeiro, Ricardo, duque de Cornuailles, irmão do rei da Inglaterra; e o antagonista que lhe appareceu, era outro estrangeiro, Affonso X, rei de Castella (1257), protegido pelo bispo de Trèves.

Por morte de Ricardo (1272), foi eleito, em 1273, tambem por influencia do papa e com o auxilio dos nobres, Rodolfo de Habsburgo.

É que, d'um lado, no periodo de relaxamento que decorrera, desde Frederico II, os nobres tinham crescido em força e poderio, por fórma que não queriam imperador ou rei que os dominasse. E acceitaram, por esse motivo, de bom grado a Rodolfo, que, tendo, unicamente, na Alsacia e Suissa medianas possessões, lhes não causava receio.

Por outro lado, a curia romana contava com a piedade e sujeição d'este imperador. E não se enganou; porque elle reconheceu a soberania temporal e espiritual do papa, e renunciou logo em seu favor, não sómente á herança da condessa Mathilde [1], mas tambem aos direitos realengos sobre as cidades que formavam o patrimonio de S. Pedro.

Depois de eleito, elle mesmo concorreu para a constituição dos novos principados, dando a Austria, a Styria e a Carniola aos seus proprios filhos, de modo a tornar-se o fundador da casa Habsburgo-Austria; e concorrendo ainda para outras grandes divisões do imperio.

---

[1] A condessa Mathilde, soberana da Toscana e d'uma parte da Lombardia, foi casada em primeiras nupcias com Godofredo, o Corcovado, em 1063, e, em segundas, com Guelfo V, duque de Baviera, em 1089. No seu castello de Canossa, é que Henrique IV foi fazer aos pés de Gregorio VII uma penitencia humilhante. Por sua morte, os papas e os imperadores disputaram por longo tempo a sua herança.

Em compensação, pôde rehaver muitos feudos e muitos bens e direitos que tinham sido usurpados á corôa; assegurou a paz publica; e restabeleceu a ordem legal, tão rude e continuadamente postergada nos reinados anteriores.

Mudava frequentemente de residencia; e andava por todo o imperio, reprimindo os tumultos da nobreza e castigando as cidades opprimidas e ameaçadas nos seus privilegios. Mandou executar muitos bandidos e destruir muitos castellos. E, pela sua probidade e virtude, alliada ao claro entendimento, adquiriu a veneração dos subditos, e fez caminhar de novo a roda do progresso da Allemanha, travada ha tanto tempo, na desordem e relaxamento dos seus ultimos antecessores.

Por sua morte, e com preterição do filho, Alberto d'Austria, foi eleito, em 1292, por influencia dos bispos de Colonia e Mayença, o conde Adolfo de Nassau, cujo governo se passou em contínuas luctas contra alguns nobres e contra os partidarios do outro pretendente. Mas, tendo sido morto, em 1298, na batalha de Gölheim, no Donnesberg, foi eleito imperador aquelle Alberto, primeiro d'esse nome (1298 a 1308).

Tratou este de continuar a levantar o prestigio imperial e cohibir, por isso, as pretensões dos nobres, dominando, ao mesmo tempo, as pretensões absorventes da egreja. N'esse intuito, protegeu as cidades municipaes, assim como as suas ligas e as corporações d'artes e officios, fomentando o progresso mercantil.

Viu-se, porém, involvido em differentes guer-

ras, a fim de conservar para a sua familia o reino da Bohemia e da Misnia, e o governo das communas da Suissa. Estas insurgiram-se; e, depois de uma lucta pertinaz, que se prolongou ainda por alguns dos reinados posteriores, obtiveram, em 1388, uma completa autonomia.

Succedeu-lhe Henrique VII, conde de Luxemburgo (1308-1314), que, embora se compenetrasse profundamente da sua missão, e fizesse progredir o imperio, teve de continuar as guerras da Italia; e a sua longa ausencia deixou a Allemanha exposta de novo ás maiores desordens e aos mais repugnantes abusos da nobreza.

Os seus successores, Luiz de Baviera (1314-1346), Carlos IV (1346-1378), Wenceslau (1378-1400), Roberto, o Palatino (1400-1411), Segismundo (1411-1437), continuaram tambem as guerras da Italia, sem poderem cohibir as desordens da Allemanha. O roubo e a anarchia campearam de novo no imperio.

Com a morte de Segismundo, extinguiu-se a dynastia de Luxemburgo; e a familia de Habsburgo, sempre favorecida por casamentos vantajosos, herdou o poder, na pessoa de Alberto II, duque d'Austria, que tinha esposado a filha d'aquelle imperador (1438-1439). Continuaram durante o seu curto reinado as mesmas desordens, aggravadas ainda por causa da lucta que elle teve de sustentar contra a invasão dos Turcos.

Seu sobrinho e successor, Frederico III (1440-1493), embora fosse dotado de virtudes domesticas, era destituido das qualidades necessarias para

um soberano. Por isso, em vez de resistir energicamente aos inimigos externos e comprimir os revoltosos interiores, só oppoz uma apathica indifferença ás innumeras calamidades do seu longo reinado.

Por sua morte, subiu ao throno Maximiliano; mas a historia da Allemanha, durante o seu reinado, não pertence a este volume [1].

*
* *

A Germania, já nos tempos antigos, tinha por si duas condições favoraveis para o commercio — as grandes arterias do Rheno e Danubio, e o ambar do mar Baltico, então precioso como o ouro, e que, desde tempos remotos, attraía os povos commerciaes.

Por outro lado, as invasões dos Germanos constituiram a força das invasões barbaras, no fim da edade antiga e no principio da edade media; por fórma que, segundo Cantu, a Europa inteira e uma parte da Africa foi occupada por elles. Ora,

---

[1] Cesar Cantu, *Historia Universal,* traduzida por Antonio Ennes. — Jorge Weber, *Historia Universal,* traduzida por Delfim d'Almeida. — P. Barre, *Histoire Générale d'Allemagne.* — Arnold Scheffer, *Resumé de l'histoire de l'empire germanique.* — Emile Worms, *Histoire Commerciale de la Ligue Hanseatique.* — Jules Zeller, *Histoire resumée de l'Allemagne.* — Théodore Juste, *Précis de l'histoire du moyen âge, considéré particulièrement dans ses rapports avec la Belgique.*

essas invasões, pondo-os em contacto com povos mais civilisados e commerciantes, foi-lhes incutindo o espirito economico.

Além d'isso, ao norte, habitavam outros povos da mesma origem, os Scandinavos e Dinamarquezes, que tinham tambem de commum com os Germanos o ardente amor da liberdade, o desejo de emprehenderem gloriosos feitos, a mesma tendencia para a navegação, e até a mesma lingua e escripta runica [1], a mesma religião e costumes.

Esses povos eram conhecidos, sob o nome geral de Normandos. Habituados desde creanças ás tempestades e perigos do mar, percorriam o littoral do norte, devastando e recolhendo á patria carregados de despojos. E essa mesma familiaridade com o Oceano lhes incutia o espirito aventureiro e maritimo — poderoso fermento de commercio, que, naturalmente, pela visinhança, se communicava aos Allemães do norte e do nordeste [2].

Por tudo isso, já os Venedos, que habitavam n'essas regiões, e nas costas do mar, mesmo antes de Carlos Magno, tinham um regimen municipal regular; instituições civis e politicas, admiraveis para esses tempos; habitações fixas e cidades proprias; um certo luxo; e navegação activa.

Exerciam o commercio e a industria, mesmo

---

[1] Jorge Weber, *obr. cit.*, vol. II.

[2] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 23.

a metallurgica, tendo grandes forjas e sendo muito peritos na fundição. Applicavam-se tambem activamente á pesca da baleia. E, já antes do seculo VI, uma grande parte do commercio do norte da Europa, incluindo a Inglaterra, era feito por sua intervenção.

Os seus mais importantes centros mercantis eram Schleswig, Rugen, Stargard, e, sobretudo, Vineta, que, segundo se suppõe, ficava na ilha de Usedom, perto de Rugen.

O sul da Allemanha, que não dispunha d'esses elementos, e, sequentemente, não tinha tido com os povos antigos as relações mercantis provenientes do commercio do ambar, não adquiriu semilhante desinvolvimento. E, por isso, quando Carlos Magno resolveu conquistar a Germania, encontrou os Saxões [1] no estado de atrazo e barbaria que vinha do tempo dos Romanos, a fecharem ou prejudicarem as relações com os Venedos.

Domados, porém, os Saxões, e ficando assim mais livre a transfusão do espirito economico dos Venedos e do seu movimento commercial, começou a Germania a entrar accordemente no caminho mercantil.

---

[1] Deve notar-se que os estados saxonios do seculo XIX nada têm de commum com a Saxonia primitiva, a não ser o nome. A Saxonia do tempo de Carlos Magno estendia-se por todos os paizes situados entre o Rheno e o Elba inferior, e desde as fontes do Lahn até ao mar do Norte. — Lanier, *Europe — Allemagne*, pag. 446.

Continuava a ter por si as communicações do Rheno e Danubio. O movimento economico da Hollanda, de que fallámos no capitulo precedente, influia especialmente nas regiões rhenanas. O caminho fluvial para Constantinopla, por meio do Danubio, fazia progredir as cidades danubianas. As incursões amiudadas e successivas dos Normandos, nas costas do oeste, inclusivamente na França e Inglaterra, reflectiam, como dissemos no segundo volume, nas provincias do norte, o espirito audacioso e navegador que elles possuiam. E a tudo isto acresceu ainda a acção de Carlos Magno, que, segundo já vimos [1], influiu poderosamente no desinvolvimento d'essa epoca, travando a torrente ruinosa que avassallava a Europa, espalhando o christianismo, e impulsionando o restabelecimento das artes e sciencias.

Foi na Germania que elle escolheu, por fim, a capital do seu imperio, em Aix-la-Chapelle, então conhecida por Aquigranum; e foi tambem lá que promulgou as suas *Capitulares,* e passou a maior parte do tempo que lhe ficava livre das guerras e politica da Italia.

Mais tarde, os effeitos das cruzadas reflectiram-se vivamente na Allemanha, contribuindo egualmente para o seu progresso. Tanto mais que um dos chefes da segunda cruzada, foi, como já dissemos, Conrado III (1147), e um forte exercito allemão tomou parte n'ella; que se deu egual

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 19 e seguintes.

facto com a terceira cruzada (1190) e com Frederico Barbaroxa; que, em 1196, Henrique VI emprehendeu a quarta cruzada, com um exercito de quarenta mil homens; e que, em 1228, Frederico II seguiu o exemplo dos seus antecessores.

Todos esses cruzados viam os costumes e commercio dos povos por onde passavam; certificavam-se da vastidão do mundo; compenetravam-se de que o progresso ia além dos estreitos limites de uma nação; civilisavam-se gradualmente, em contacto com os povos estrangeiros; e tambem isso, como é evidente, devia influir sobre o desinvolvimento mercantil da patria.

Demais, as cruzadas do oriente produziram as cruzadas especiaes da Ordem Teutonica nas regiões do Baltico.

Habitavam ahi, desde a foz do Vistula até á foz do Neva, ainda no seculo XI, a par dos Venedos, varios povos barbaros, como Lithuanios, Slavos, Esthonios, Finnezes, Prussianos, Curlandezes, Samoyedas, que resistiram por longos annos ao christianismo e á civilisação. No decorrer dos tempos, souberam insinuar-se entre elles os activos commerciantes da Westphalia e da Baixa Saxonia; e, em vida do papa Innocencio III, fizeram-se tentativas para a sua conversão. N'esse intento, foi nomeado bispo de Livonia, um conego de Bremen, Alberto Apeldern, que, para mais facilmente poder conseguir a sua tarefa, instituiu, de combinação com o papa, a ordem dos *Irmãos da Espada,* composta de aventureiros, cavalleiros e vagabundos, procedentes de differentes paizes.

Essa ordem chegou a dominar aquelles povos, e Riga e Revel, tornaram-se d'esse modo focos de civilisação christã. Mas nem por isso os indigenas se habituaram a esta civilisação por muito tempo, nem renunciaram aos seus idolos e á sua independencia rude, chegando até a matar os apostolos e confessores do christianismo.

Depois de dois seculos de lucta e de resistencia contra os imperadores, o duque Conrado de Moscovia, para domar os rebeldes, chamou em seu auxilio a Ordem Teutonica [1]; e os membros d'essa ordem fizeram successivas cruzadas n'essas regiões, que lhes offereciam a perspectiva de adquirirem bens terrenos e graças espirituaes.

Augmentou, com isso, o numero d'aquelles cavalleiros de anno para anno. Os indigenas defenderam valorosamente a sua liberdade, os seus bens e religião; mas, divididos n'um grande numero de povos, e sem terem um laço commum, succumbiram, por fim. As artes da edade media penetraram então, lenta, mas continuamente, no interior do paiz. Os cavalleiros teutões abateram as densas florestas; deseccaram os pantanos; acabaram com o estado de selvageria e de idolatria dos primitivos habitantes; introduziram o christianismo; instituiram bispados; e fundaram escolas, cidades e conventos.

---

[1] Esta ordem foi instituida, sob os auspicios de Frederico Barbaroxa, em 1190, para proteger, em Jerusalem, os peregrinos allemães.

Em 1236, os *Irmãos da Espada* fundiram-se com elles, o que deu maior unidade aos esforços empregados, para germanisar e christianisar aquelles povos. E foi assim que, pela iniciativa d'essas duas associações, se fundaram, pouco e pouco, as cidades de Kulm, Thorn, Elbing, Kœnisberg, Menul (1252), Mariemburgo, Goldingem, Windan (1244), Mitan (1265), que em breve se tornaram florescentes; e a burguezia ahi conquistou depressa, embora com grandes luctas, uma administração municipal e certos direitos communaes [1].

A par d'isso, formaram-se ahi novos estados; preparou-se a unificação completa das raças; e os Venedos poderam levar tambem a essas regiões barbaras a superioridade do seu desinvolvimento.

A tantas causas impulsivas do progresso da Allemanha, juntou-se ainda a acção fomentadora, energica e profunda da maior parte dos imperadores, como já fizemos sentir. Mas, apezar de tudo, as dissensões e guerras intestinas, as guerras exteriores e as luctas na Italia, trazendo revolto o imperio e desenfreada a desordem, não podiam deixar de travar, muitas vezes, embora temporariamente, a roda economica.

No principio do seculo XI, essa desordem attin-

---

[1] Jorge Weber, traduzido por Delfim de Almeida, vol. II, pag. 200. — Henri Cons, *Précis d'Histoire du Commerce*, vol. I, pag. 171 e seguintes.

gira o seu cumulo. O saque das terras, o ataque das pessoas, o roubo dos proprietarios e commerciantes, era geral. Os nobres faziam dos castellos refugio de salteadores, e os prelados rivalisavam com elles, para roubarem as cidades e tributar os viajantes.

De tal modo predominava o direito da força que esta epoca da historia allemã é conhecida pela epoca do *direito do punho*. E, embora os imperadores quizessem cohibir tantos abusos, os seus esforços foram impotentes; porque a sua permanencia na Italia e as continuas luctas interiores e exteriores alimentavam aquella desordem.

A propria egreja bem se esmerou por modificar tão calamitoso estado, proclamando, no tempo de Henrique III, em 1041, as chamadas *Paz e Tregoa de Deus*, de que já fallámos no segundo volume d'esta historia [1]. Mas a benefica influencia d'esta medida cedo desappareceu; e a falta de segurança para as pessoas, para a propriedade e para o commercio, continuou prejudicando a expansão economica do imperio.

Havia os chamados *Cavalleiros ladrões*, pertencentes á classe da nobreza, cuja missão se deprehende claramente d'esse titulo. Outra classe de individuos, chamados *Espreitadores de caminhos*, viviam tambem do roubo e espoliação. E os feudaes estabeleciam direitos de portagem em

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 35 e seguintes.

muitas terras, direitos de entreposto em muitos rios, tornando forçada a paragem, e até, muitas vezes, o desembarque de mercadorias nas alfandegas particulares, para o pagamento de variados impostos.

Os commerciantes não podiam transitar isoladamente; e o systema de caravanas ainda não tinha entrado na Allemanha. Não havia segurança nos caminhos, nos rios ou no mar. E foi necessario que os mercadores e as proprias cidades commerciaes constituissem associações, para a defeza das pessoas, respeito de propriedade, e segurança do commercio e da industria.

Essas associações, que principiaram a apparecer no começo do seculo XII, e tiveram primeiramente o nome geral de *hansas*, foram no seu inicio muito limitadas; mas expandiram-se depois successivamente nas grandes corporações — *Liga Rhenana* e *Liga Suabia*, e por fim, na vasta associação que em si concentrou o movimento economico allemão — a *Liga Hanseatica*, tambem conhecida, por antonomazia, pela simples denominação de *Hansa*.

É caso unico na historia commercial a constituição tão rapida d'essas grandes ligas; mas, além de serem determinadas pela necessidade de defeza e segurança commum, estavam na tradição e costumes do imperio.

Os senhores feudaes ligavam-se contra o imperador; os membros do clero contra os nobres e contra o poder civil; e as cidades do Rheno e Danubio formavam communas, á imitação das

de Italia, unindo-se reciprocamente para os seus interesses.

Foi assim que, tendo um certo conde, Didier (Dietrich), em 1246, feito construir o castello de Rheinfels e exigido uma portagem exagerada de quantos barcos ou embarcações passavam o Rheno, algumas cidades tentaram tomar e demolir a fortaleza; e, falhando essa tentativa, por instigação da cidade de Mayença, as de Colonia, Worms, Spire, Strasburgo e Bâle, formaram com ella uma alliança, conhecida pelo nome de Liga Rhenana, para a abolição das portagens do mesmo rio, defeza mutua das propriedades e commercio, e ao mesmo tempo, com o fim de contribuirem para a segurança de uma paz geral [1].

N'este sentido, essa liga atacou e destruiu muitos castellos — focos de ladrões, e fez abolir muitas das portagens e alfandegas. E tanto prosperou que, já em 1255, contava noventa cidades, além de muitos grandes senhores temporaes e espirituaes. Mayença estava á frente das cidades da alta Allemanha, e Worms, das cidades da baixa.

Comtudo os resultados não foram completos. Por um lado, os imperadores tiveram de garantir, differentes vezes, aos nobres, de que precisavam nas suas luctas, muitos dos privilegios de portagens e de alfandegas. Por outro lado, a rivalidade levantada no seio da propria liga, tambem affrouxou por vezes o seu zelo, e prejudicou

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. I. — Emile Worms, *obr. cit.*

a sua acção. E até algumas das cidades, ao passo que combatiam os privilegios dos nobres, tomavam expedientes egualmente vexatorios. Por exemplo, Strasburgo, em 1350, impediu, por dois annos, a navegação do Rheno, por meio de cadeias e estacadas, para obrigar os condes palatinos a renunciarem ás portagens que pretendiam.

Por isso, esta liga, depois de ter attingido aquelle esplendor, foi decaindo, até que, em 1381, se fundiu com a Liga Suabia.

Não se conhece bem quando esta ultima nasceu [1]; mas só começou a tornar-se notavel, desde o meado do seculo XIV, em que tambem começou a preponderar o commercio dos Italianos, além dos Alpes, e em que, portanto, se tornou mais necessaria a defeza e protecção d'esse commercio.

Tinha ella o centro na Alta Allemanha, onde as suas principaes cidades eram Nuremberg, Augsburgo e Ulm; porém algumas cidades do Rheno, da Alsacia, e mesmo da Suissa, fizeram temporariamente parte da mesma liga.

Esta associação foi egualmente determinada pela necessidade de defeza contra os abusos dos feudaes, que eram ainda mais numerosos na Alta Allemanha, onde a região montanhosa se prestava melhor á segurança e fortificação dos castellos. O seu fim era, como o da Liga Rhenana, a ma-

---

[1] A opinião mais seguida é que foi no seculo XIII. — E. Worms, *obr. cit.*, pag. 54.

nutenção da paz, a garantia da propriedade e commercio dos associados, e a defeza contra os abusos e extorsões dos nobres; e por isso mesmo, a historia d'ella está cheia de luctas contra os duques da Baviera, Wurtemberg e outros potentados.

Mas, como aconteceu com a Liga Rhenana, havia cidades que, tratando de combater os privilegios alheios, pretendiam para si odiosas excepções. Por exemplo, Erfurt, Leipsik, Francfort sobre o Mena, reclamavam o direito de entreposto forçado; e semelhantes pretensões, tambem por vezes, traziam grandes dissensões entre os proprios associados.

Tendo esta associação tocado o seu apogeu no seculo XV, veiu a acabar com a tomada de Constantinopla, que fechou o caminho do Danubio, e com a descoberta do continente americano, que, pela transferencia do movimento commercial do Mediterraneo para o Oceano, deu um golpe mortal na preponderancia dos Italianos.

Da mesma fórma que os abusos dos principes e os roubos dos senhores feudaes determinaram a creação das Ligas Rhenana e Suabia, os roubos dos piratas determinaram a liga das cidades maritimas da Allemanha.

Realmente, a pirataria tinha creado refugios inexpugnaveis nas sinuosidades da costa dinamarqueza, d'onde se lançava em perseguição dos navios que faziam a travessia do Baltico ou a cabotagem do mar do Norte.

Emquanto essas aggressões foram isoladas, a marinha mercante podia tambem navegar isolada-

mente e defender-se com os proprios recursos; mas, desde que os piratas se organisaram e colligaram, tornou-se impossivel a defeza isolada. Colligaram-se tambem por isso, já em 1241, Hamburgo e Lubeck; e o exemplo foi-se alastrando até á formação da Liga Hanseatica, cuja data se não póde precisar, mas que já estava organisada em 1315, com Lubeck á sua frente [1].

Em breve, esta liga concentrou quasi todo o commercio da Allemanha; e isso nos obriga a uma breve noticia da sua organisação, do seu progresso, das suas luctas e da sua decadencia.

O fim da associação foi a defeza reciproca dos associados, tanto por mar como por terra; o alargamento do commercio externo; a manutenção da tranquillidade publica; a resolução arbitral das contendas dos seus membros; e até o córte de muitos abusos d'esse tempo, que eram outros tantos estorvos para o commercio internacional.

E com effeito, os roubos incessantes que compromettiam a segurança dos caminhos e o aniquilamento da cultura dos campos; os mais onerosos impostos; a justiça mais imperfeita; o funesto preconceito que justificava todos os ultrajes para com os estrangeiros; e o *direito de naufragio,* que habilitava cada individuo a usurpar os navios, fa-

---

[1] Noel, *obr. cit.*, vol. I, pag. 254. — Sherer, *obr. cit.*, vol. I, pag. 420. — Emile Worms, *Histoire Commerciale de la Ligue Hanseatique.* — Helen Zimmern, *The Hansa Towns.* — W. Cunningham, *The Growth of English Industry and Commerce, during the early and middle ages.*

zendas ou destroços naufragados: tudo isso, a par da pirataria, representava outros tantos obstaculos ao desinvolvimento do commercio. E a liga, propondo-se removel-os, e removendo-os em grande parte, prestou enorme serviço á humanidade, e adquiriu tambem com isso uma grande força moral.

Entre os piratas que ella pôde varrer, figuraram principalmente os da associação organisada sob o nome de *Irmãos Vitalianos,* tanto pelo seu numero, como pela duração da sua existencia, que se prolongou, desde o seculo XIV, até ao fim do seculo XV.

Eram, na origem, corsarios, auctorisados pelas cidades de Wismar e Rostock, e protegidos pela propria Liga Hanseatica e pela Ordem Teutonica, a fim de levarem soccorros e viveres á cidade de Stockolmo, quando esteve cercada pelas tropas da rainha Margarida, a feliz rival de Alberto da Suecia. E d'ahi, o seu nome de *Vitalianos* (portadores de vitualhas).

A fortuna protegeu esses corsarios, que chegaram a fazer levantar o cerco de Stockolmo, e causaram grandes perdas á Dinamarca; mas, tendo esquecido depressa a sua origem, começaram a atacar indistinctamente os navios dinamarquezes e hanseaticos. As coisas chegaram a ponto que a liga teve de suspender, por algum tempo, as viagens da Scania, assim como as expedições que emprehendia de éste para oeste e vice-versa. Além d'isto, as nações estrangeiras, especialmente a Inglaterra, que estavam egualmente expostas

áquelle flagello, attribuiam-no á mesma liga, por ter protegido os Vitalianos, e vingavam-se n'ella, com represalias terriveis.

A Hansa teve então de recorrer ás armas, para se desembaraçar de inimigos tão incommodos, começando, mediante o auxilio do gran-mestre da Ordem Teutonica, por desalojal-os da ilha de Gothland, em que, principalmente, se tinham concentrado.

Sendo os Vitalianos assim expulsos do Baltico, foram refugiar-se no mar do Norte; e d'ahi não só atacavam os navios mercantes, mas intervinham nas luctas que, então, agitavam a Friza e Hollanda. E até um dos governadores locaes da Friza oriental, Keno de Broke, para aproveitar o seu auxilio, poz um dos portos á sua disposição.

Por isso, logo no principio do seculo XV, as cidades de Lubeck, Bremen, Gröninguen, Campen, Deventer e outras, armaram uma frota que os destroçou, matando duzentos, e obrigando os chefes de Friza, que os protegiam, a abandonal-os, e a pagarem uma forte indemnisação.

Apezar d'isso, os Vitalianos, que poderam escapar da carnagem, refugiaram-se na parte occidental da Friza, cujos habitantes, em lucta com outras provincias da Hollanda, se julgaram felizes por acolher guerreiros tão experimentados, e tanto mais temerarios quanto menos tinham a perder. E d'ahi novamente começaram a atacar os navios da liga.

Então, a cidade de Hamburgo, em 1402, orga-

nisou uma nova expedição, e conseguiu aprisionar os commandantes, Godeke Michelson e Stortebekker, e cento e cincoenta dos piratas, que todos foram decapitados, na praça publica da mesma cidade. Mas, ainda d'esta vez, não ficou extincta aquella associação, antes se renovou successivamente por todo o seculo XV, o que obrigou a Liga Hanseatica a destroçal-a, por outras differentes occasiões, até que pôde exterminal-a de todo [1].

Voltemos agora á organisação da mesma liga.

Segundo iamos dizendo, foram entrando successivamente n'ella as cidades maritimas do Baltico, muitas do interior da Allemanha, e ainda outras dos Paizes-Baixos, como, por exemplo, Amsterdam, Arnheim, Dordrecht, Elburg, Enkuisen, Gröninguen, Nimegue, Roermonde, Staven ou Stavoren, Zwolle, Utrecht, Bolswand [2]; a ponto que no seu periodo aureo, meado do seculo XV, contava no seu gremio oitenta e sete cidades, e tinha, além d'isso, regiões inteiras debaixo da sua protecção, como a Prussia inteira, o Holstein e a Livonia.

A principio, os associados estavam divididos em tres secções ou terços; e depois em quatro secções ou quarteirões, a saber: o dos Venedos, com Lubeck por capital; o de Westphalia, capi-

---

[1] Emile Worms, *obr. cit*, pag. 448 e seguintes. — Helen Zimmern, *obr. cit.*, pag. 126 e seguintes.

[2] Scherer, *obr. cit.*, vol. I, pag. 428. — Emile Worms, *obr. cit.*, pag. 318.

tal Colonia; o Saxonio, capital Brunswick; e o Prussiano, capital Dantzick.

Cada secção reunia uma vez por anno, na sua assembleia particular; e, de tres em tres annos, reuniam todos os deputados da confederação, ordinariamente, em Lubeck.

A Ordem Teutonica, bem como a dos *Irmãos da Espada*, tinham prestado grandes serviços a esta liga, contribuindo para a segurança dos caminhos e defeza do commercio terrestre, e desembaraçando, com a pacificação das regiões de Esthonia, a avenida mercantil de Novogorod. Por isso, o gran-mestre dos Teutões tinha logar na dieta, com voto deliberativo. Os principes do imperio a ella concorriam tambem, algumas vezes, ou pessoalmente, ou representados por embaixadores, a fim de sustentarem os seus interesses particulares, mas não assistiam ás deliberações.

Nem todas as cidades tinham eguaes direitos. Algumas nem mesmo tinham voto no congresso, ou por serem consideradas como simples alliadas ou protegidas da Hansa, ou por serem subditas de outras cidades. Podiam tambem ser excluidas, em casos determinados, por exemplo, se não concorressem ao congresso ou reagissem contra os respectivos magistrados; e a cidade que fosse *deshansisada*, soffria um profundo golpe no seu commercio. Por exemplo, Bremen, pelo facto d'um dos seus burguezes ter commerciado com Flandres, quando esse commercio era prohibido, e a cidade tomar o partido d'elle, foi excluida da liga, por trinta annos, e tornou-se por isso mise-

ravel, a ponto da herva crescer nas ruas. Aconteceu a mesma coisa com Brunswick [1].

Cada membro fornecia o seu contingente militar de homens, e, sendo cidade maritima, de navios, bem como a respectiva contribuição para as despezas geraes [2].

A liga cobrava, além d'isso, os direitos fiscaes lançados ás respectivas mercadorias. Os lucros da corporação eram repartidos por todos os membros.

Havia quatro grandes succursaes no estrangeiro: uma em Londres, conhecida pelo nome de *Steel-yard;* outra em Bergen; outra em Bruges; e outra em Novogorod.

Havia tambem direito commercial privativo para as relações mercantis da liga, que vinha a ser o dos *Estatutos* de Hamburgo e dos *Estatutos* de Lubeck, ambos elles quasi uniformes, e de que mais tarde, em 1614, se fez uma consolidação completa.

Os imperadores não chegaram a auctorisar officialmente a organisação d'esta associação; mas nem por isso deixaram de a proteger e de lhe conceder auxilio e apoio n'algumas das guerras que teve a sustentar, e de que saiu victoriosa.

Foi assim que, já em 1246 (1227 a 1249), Hamburgo e Lubeck atacaram Eurico II, rei da

---

1 Helen Zimmern, *obr. cit.*

2 Scherer, *obr. cit.* — E. Worms, *obr. cit.*

Dinamarca, que protegia os corsarios, cujas prezas constituiam grande parte dos rendimentos d'esse monarca; e, depois de o terem reduzido á impotencia, saquearam aquelle paiz. Obrigaram o rei da Noruega, tambem chamado Eurico, o *Prestahataré* (Inimigo dos padres), a assegurar a paz de Calmar (1289), e a restituir-lhe os navios que lhes tomou, além do pagamento d'uma forte indemnisação de guerra. Em 1369, cento e dezesete cidades, reunidas no congresso de Colonia, declararam a guerra a Waldemar III, outro rei da Dinamarca; e ficaram egualmente victoriosas; obtendo com isso não só a conservação e augmento dos seus privilegios, mas tambem a clausula de que nenhum rei poderia subir ao throno dinamarquez, sem o consentimento da liga [1]. E, em 1471, os Hanseaticos apoiaram, embora inutilmente, a cidade de Novogorod, que, se tinha erigido em republica, na lucta contra Ivan Vassilievitch, e que foi por elle incorporada no imperio russo.

A Liga Hanseatica, pois, obedecendo, na sua creação, principalmente aos intuitos da tranquillidade e segurança dos seus membros, desinvolveu-se, depois, enormemente, pelo seu proprio impulso commercial e pela sua força e riqueza, a par do atrazo dos outros povos.

Por isso mesmo, desde que a ordem social se foi regularisando na Allemanha, e os imperadores

[1] E. Worms, *obr. cit.*

foram policiando o imperio; desde que os outros paizes se lançaram ousadamente no caminho do progresso, restabelecendo-se, pouco e pouco, da sua pobreza economica; e, desde que os monarcas da Europa começaram a perseguir os corsarios, a Liga Hanseatica perdeu as razões principaes da sua existencia.

De mais a mais, a sua organisação interna creava-lhe a rivalidade das cidades menos favorecidas e de muitas outras que não pertenciam á corporação.

Na Allemanha do Sul, por exemplo, com o pretexto de defender os seus membros, tinha ella chegado a monopolisar quasi toda a industria e commercio, levantando contra si os outros negociantes. E tanto ahi, como em toda a area do seu predominio, tinha tambem auxiliado privilegiadamente muitas companhias, creando por esse facto a irritação das não privilegiadas.

A estas causas de decadencia no interior, correspondeu a reacção da Inglaterra, Hollanda, Suecia, Noruega, Dinamarca, Russia, que pugnavam pelo seu proprio levantamento, reacção que, por vezes, se manifestou em luctas sangrentas, como já vimos. E as vistas largas de alguns monarcas estrangeiros, mais fecunda tornaram esta reacção, levantando a industria e o commercio dos respectivos paizes.

Por tudo isto, já no fim d'este periodo, a Liga Hanseatica se achava em decadencia, até que se dissolveu, em 1614.

*
* *

Como vimos, já no tempo de Henrique I começaram a explorar-se as minas de Harz, região que então comprehendia a antiga floresta Hercinia, a qual, por seu lado, abarcava os montes da Allemanha central.

Os jazigos argentiferos de Rammelsberg foram descobertos no seculo X; e os seus productos, já no seculo seguinte, enriqueciam as cidades d'essa região. Desde o seculo XIII, a prata, ouro e cobre do Harz, de Rossemberg, de Goslar, da Misnia, de Salzeburgo, de Wurtemberg e da Moravia, eram largamente explorados. E as outras regiões mineraes da Allemanha começaram tambem a ser exploradas n'esta data; sendo logo notavel a colheita do sal nas collinas de Weser e nas salinas da Baviera e Hall.

O proprio ambar retomou a sua procura desde então.

Os trigos de Dantzick eram tambem já conhecidos n'este periodo, e as terras fundas do Vistula eram já dotadas de grande fertilidade; da mesma fórma que os terrenos de Holstein e Mecklemburgo se distinguiam pelo adiantamento da cultura.

Tinham grande fama os vinhos do Rheno e Mozella, os linhos de Westphalia e Silesia, e o canhamo da Polonia. E a Allemanha produzia tanto linho que, no fim da edade media, se dizia

*

que o resto do mundo não produzia tanto como ella [1].

O açafrão e o pastel constituiram um artigo importante de exportação. Havia tambem grande abundancia de lupullo, na Allemanha do Norte, que dava logar a uma grande industria de cerveja [2]; muito aniz, coriandro, cardo e legumes; e muitos productos da cultura jardineira.

Da mesma forma, era abundante a creação do gado domestico.

*
* *

Em todo este periodo, o commercio é que tomou a preponderancia sobre as outras industrias; porque a Liga Hanseatica tirava os recursos da sua grandeza, principalmente, do papel de intermediaria mercantil entre os povos do norte e d'oeste.

Ainda assim, a industria mineira teve muito cedo grande desinvolvimento, sobretudo em Saxe, na Bohemia, no Harz e na Misnia; a ponto de que uma grande parte das importações era paga com metaes preciosos d'essas regiões. Os mineiros de Harz foram até os mestres dos outros mineiros da Europa [3].

---

[1] Jean Janssen, *L'Allemagne à la fin du moyen âge*, pag. 290.

[2] Helen Zimmern, *obr. cit.*

[3] E. Reclus, *Géographie Universelle — L'Allemagne*, pag. 699.

E, além d'essas regiões, havia muitas outras minas em exploração, algumas d'ellas tambem de metaes preciosos, como as de Freiberg e Erzegebirge.

As guerras incessantes favoreceram as applicações metallurgicas. Os estabelecimentos mais celebres estavam nas cidades de Worms, Augsburgo e Nuremberg, que fabricaram tambem, muito cedo e com successo, peças de ouro e engenhosas peças de mecanica.

A vidraria de Bohemia tinha uma reputação universal; e Praga era o centro principal d'essa industria, que por isso lhe fornecia um grande elemento de commercio.

O desinvolvimento mercantil dos Hanseaticos devia produzir grande incremento na industria naval; e, de facto, assim foi. Conscios da sua superioridade, elles prohibiram até que nos seus portos se construisse qualquer navio de estrangeiros, para que estes não aprendessem os segredos da arte nacional.

A industria agricola estava, em geral, atrazada, excepto no Holstein, Mecklemburgo e arredores de Magdeburgo. Mas, como fica dito, os vinhos do Rheno eram já afamados, e Ulm tirava do commercio d'elles uma grande riqueza.

A tecelagem, de origem hollandeza, já no seculo XII, tinha certa importancia em Saxe e nas margens do Rheno e Danubio, por fórma que os seus productos foram collocados sob a fiscalisação das auctoridades; e cada vez se foi desinvolvendo mais, no decurso da edade me-

dia. Tinha a sua especialidade nas teias de linho de Westphalia, que, já n'esta época, gosaram de reputação superior.

Os Allemães só fabricavam pannos grosseiros, que, ainda assim, por serem de preço accessivel, tinham grande extracção nas regiões do norte; mas applicaram-se com certo successo e habilidade á tosadura, preparo e tintura dos pannos ordinarios d'outros paizes, especialmente de Inglaterra, que, juntamente com os finos, comprados nos Paizes-Baixos, formavam artigos importantes da sua exportação e consumo.

Em geral, n'esta industria, distinguia-se Augsburgo, que, no seculo XIV, alimentava sete mil teares para a fabricação de pannos e de teias de linho [1]. E, na Silesia, Breslau era egualmente notavel, tambem pela preparação das teias de linho e dos estofos de lã.

Lubeck, Hamburgo e algumas outras cidades, já no seculo XIV, tinham um desinvolvimento enorme de cervejaria.

A conserva de peixe e de carne, por meio de um processo especial dos Hanseaticos, bem como a curtimenta, davam grande somma de productos para a exportação.

Os Allemães eram tambem muito peritos na sapataria, que exerciam com profusão.

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 36. — Scherer, *obr. cit.*

*
* *

Em todo o caso, á parte as especialidades que ficam apontadas, em geral, a industria nacional, caminhou com vagar, até o meado do seculo XV; já pelo pequeno desinvolvimento dos Allemães, n'esse genero; e já porque a Liga Hanseatica tirava principalmente do commercio os elementos da sua riqueza. Desde o meado do seculo XV, porém, o progresso foi grande, e contribuiu muito para isso a imprensa, espalhando a instrucção pelo povo.

A propria impressão constituiu uma das artes mais importantes, devido, em grande parte, á egreja, que a protegeu e auxiliou.

Por exemplo, em Mayença, contavam-se cinco typographias, seis em Ulm, seis em Bale, vinte em Augsburgo, e vinte e uma em Colonia. Em Nuremberg, só um dos impressores, Anthoni Koburgo, tinha mais de vinte e quatro. E, ao mesmo tempo, os impressores allemães, em geral muito instruidos, levavam a grande descoberta a Subiaco, Roma, Sienna, Veneza, Foligno, Perusa, Modena, Arcoli, Urbino, Napoles, Messina e Palermo; de modo que, antes do fim da edade media, contavam-se na Italia mais de cem impressores allemães.

Os progressos da imprensa foram tão rapidos na Hespanha e na França, como na Italia, devido tambem aos Allemães. Em 1500, havia já trinta typographias, fundadas por elles, em Valencia,

Saragoça, Sevilha, Barcellona, Tolosa, Salamanca, Burgos, Granada e outras cidades.

Da mesma fórma, Valentim Ferdinand, impressor allemão, estabeleceu-se em Portugal, no tempo de D. João II, que lhe concedeu, bem como aos seus confrades, a honra de gentishomens da casa real [1].

E tambem os Allemães foram exercer esta industria em Londres (1477), Oxford (1478), Dinamarca (1482), Stockolmo (1483), Moravia (1486), Constantinopla (1490).

Como consequencia do progresso da imprensa, tambem no fim da edade media, foi grande o commercio de livros. O proprio Pedro Schöffer, companheiro de Guttemberg, foi estabelecer uma livraria em Paris.

O centro principal d'esse commercio era Francfort, cuja feira reunia cada anno os livreiros de todas as nações.

As obras em metal, especialmente ouro, prata, cobre, bronze e joalheria, adquiriram egualmente, na segunda metade do seculo XV, extraordinario desinvolvimento. Havia até verdadeiras obras primas d'ouro e prata, comparaveis ás da Grecia e Oriente; assim como havia trabalhos admiraveis na classe de joias, ornados de perolas e pedras preciosas. Augsburgo, Ratisbonna, Mayença e Landshurt especialisavam n'esse genero [2].

---

[1] Jean Janssen, *L'Allemagne à la fin du moyen âge.*

[2] Worms, *obr. cit.*

Os fundidores de bronze de Nuremberg rivalisavam tambem com os ourives. Na fundição de sinos, ainda nenhum outro paiz excedeu a Allemanha d'esses tempos; e tanto que a maior parte dos sinos do norte foram fundidos pelos Allemães.

Era tambem muito notavel a arte de fabricar tumulos de cobre, muito frequentes, que se embutiam no lageamento ou paredes das egrejas.

A agricultura acompanhou o progresso d'essas outras industrias.

Tratava-se muito dos hortos e jardins, do linho e do canhamo. O vinho continuou a ser objecto de grande cuidado, nas regiões que lhe eram propicias, especialmente nas regiões do Rheno; e concorreu para isso o facto do consumo d'este producto na Allemanha ser então maior que actualmente, e ser elle tambem muito mais apreciado nos paizes septentrionaes.

As fructas do Rheno eram muito appetecidas, e davam logar a uma grande exploração agricola.

Adquiriu grande augmento a cultura dos cereaes, especialmente na Pomerania.

As proprias florestas, n'esta segunda metade do seculo xv, foram objecto de um cuidado particular, assim como a creação do gado domestico, inclusivamente a das abelhas, que era muito grande.

Finalmente, as artes liberaes tiveram egual desinvolvimento.

Assim, na architectura, cujo estylo era o go-

thico (germano-christão), os mestres e constructores allemães não sómente encheram o paiz de muitas egrejas e cathedraes, que são outros tantos monumentos grandiosos, mas tambem dirigiram ou trabalharam nas egrejas ou cathedraes de differentes cidades estrangeiras: como, na Italia, em Orvieto, Milão, Florença, Assise, Sienna; na Inglaterra, em Salisbury, Ely, Lincoln, Worcester, Winchester, Glocester, Exeter, Beverly, Bristol e York; e, na Hespanha, em Barcellona, Leon, Oviedo, Toledo e Sevilha.

Da mesma fórma, a esculptura em metal e madeira, a pintura, especialmente a religiosa, a miniatura, a gravura e a musica, attingiram grande progresso. Os Allemães passavam até por ser os melhores fabricantes de orgãos, que eram muito empregados nas egrejas.

*

* *

Este desinvolvimento industrial do seculo XV, com especialidade nos objectos de ouro e prata e pedras preciosas, a par da riqueza proveniente do commercio e da importação dos productos estrangeiros, desinvolveu o luxo, que, por seu turno, influiu no desinvolvimento economico.

Tanto os simples burguezes, como os nobres e os altos dignitarios civis, traziam perolas nos chapeus, no calçado, nos gibões e nos mantos. Usavam anneis d'ouro, e tambem facas, espadas

e cintos d'ouro e de prata macissos. O proprio vestuario era bordado a ouro e prata.

Trajavam de velludo, damasco e setim; vestiam elegantes camisas de seda, egualmente agaloadas de ouro; e, além d'isso, as capas e gibões eram forrados e guarnecidos de zebelina, herminio ou martha.

As mulheres dos burguezes ou dos nobres misturavam fios de ouro nas tranças e nos anneis do cabello; cobriam-se de joias, e adornavam-se de perolas, corôas de ouro, e coifas, tambem bordadas a ouro e a perolas. Os estofos de seda, velludo, damasco ou setim, que ellas trajavam, ainda eram mais ricos do que os dos homens. E as camisas tecidas de ouro constituiam objecto indispensavel para todas as senhoras de posição [1].

O mais bello adorno masculino era então uma longa cabelleira, annellada e penteada com muito cuidado. As mulheres usavam de tranças enroladas aos lados da cabeça. As que não tinham muito cabello, traziam-nas tambem postiças; e as donzellas prendiam-nas em redes douradas, entremeadas com fios d'ouro e perolas, ou recamadas de pedras preciosas, com pequenas placas d'ouro pendentes.

De resto, os vestidos femininos eram muito variados: ora estreitos, ora largos, ora modestos, ora inconvenientes.

---

[1] Janssen, *obr. cit.*, pag. 363.

*
* *

Se, apezar de tudo, o desinvolvimento industrial era limitado, o commercio foi enorme. Estava principalmente nas mãos da Liga Hanseatica, embora outras cidades a acompanhassem em grão muito inferior. Por isso, dando uma noticia succinta do commercio da mesma liga, teremos apresentado como em *vitrine* o quadro mercantil da Allemanha.

Começando pelo norte, um dos paizes onde ella mais preponderou, foi a Noruega.

Já em 1376, o rei d'este paiz, Haguin, permittiu aos mercadores allemães poderem commerciar em todas as cidades, aldeias e portos do reino. Mas elles preferiram restringir-se á cidade de Bergen, pelas condições favoraveis em que esta se encontrava. Possuia um porto magnifico, até para os navios de maior lotação. Era defendida por um amphitheatro de montanhas, pouco elevadas. E, supposto o seu clima não fosse dos melhores, porque chovia lá mais vezes que n'outra qualquer parte da Noruega, esta cidade tinha sido, desde tempos remotos, o mercado de todos os productos do paiz e das regiões arcticas; já porque a situação a tornava accessivel para os negociantes do norte e do sul, e já porque tambem, desde tempos remotos, os seus habitantes se tinham entregado ao commercio.

Em 1393, foram elles gravemente saqueados

pelos Vitalianos. Mal se tinham recobrado d'esse desastre, um outro pirata, chamado Bartholomeu Voet (1428), favorecido pela propria Hansa, os atacou e saqueou novamente; e ainda os piratas voltaram no anno seguinte, a completar o despôjo.

Então, Bergen empobreceu de tal modo que os moradores tiveram de empenhar todos os bens á propria Liga Hanseatica; e a cidade foi assim caindo, pouco a pouco, nas mãos da mesma liga. Por causa d'isso, trataram elles de fundar uma nova Bergen, na enseada oriental; os Hanseaticos, porém, vieram a apropriar-se egualmente d'essa parte, de forma que, por fim, tanto a velha como a nova cidade, lhes pertenceram.

O numero dos Allemães cresceu então cada vez mais; e a liga teve de facto uma verdadeira soberania.

Reclamou das auctoridades nacionaes o privilegio dos seus membros ficarem isentos de quaesquer encargos; recusou-se a pagar os impostos; e, não contente com isto, os Hanseaticos exploraram as florestas, introduziram-se arbitrariamente na casa dos outros estrangeiros, e commetteram toda a casta de offensas e desordens, impunemente [1].

Como dissemos, todo o trafico da Noruega vinha bater áquella cidade, d'onde a liga dominava absolutamente o commercio do paiz. E concor-

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 183.

reu para isso o systema de que ella costumava servir-se, para radicar o seu predominio, que vinha a ser: a obtenção de privilegios e monopolios; a força das armas com que, de ordinario, apoiava as suas pretensões; e o facto da Dinamarca e Suecia, pelas dissensões interiores e pela rivalidade dos tres estados scandinavos, olharem mais para si do que para a Noruega, mesmo quando todos elles estiveram debaixo de uma só corôa.

A Hansa exportava para a Noruega cerveja, farinha, trigo, cevada, hydromel, artigos de producção allemã ou hanseatica, teias de linho e estofos delicados, de proveniencia hollandeza, tambem estofos e teias de linho nacionaes, de preço abordavel, pannos grossos, sal, cera da Russia, e especies do oriente, que eram principalmente levadas para a Noruega, pelas cidades hanseaticas do Zuiderzee. E, como as costas meridionaes do paiz se achavam mais adiantadas que as do norte, os Hanseaticos levavam tambem para lá moedas de ouro e prata, utensilios de estanho, velludos, sedas, artigos de mercearia, e substancias aromaticas.

A Noruega, por seu lado, fornecia aos Allemães, ou para as necessidades proprias ou para os supprimentos do seu commercio, peixes, carnes salgadas, resinas, cinza, taboas, traves, mastros, pelles e pelliças.

O negocio dos Hanseaticos na Suecia não era tão vasto como o da Noruega; mas era quasi da mesma especie. Tambem obtiveram lá

grandes privilegios, e tambem o seu dominio commercial foi absoluto, por fórma que todos os productos do trafico sueco passavam pelas suas mãos. Além das causas já apontadas—a intriga, a preponderancia commercial nos outros paizes, e a força das armas—concorreu poderosamente para isso o facto da Suecia ter pequeno commercio interior. Os Hanseaticos não tinham ahi nenhum estabelecimento preponderante, como em Bergen; achavam-se espalhados por toda a parte; mas, ainda assim, Stockolmo e Wisby sobresaíam entre as demais feitorias [1].

A liga trazia de lá o cobre e o ferro, e até conseguiu a adjudicação exclusiva do commercio d'esses dois artigos. Trazia tambem pelles, peixe, carne e trigo, e differentes productos florestaes, como potassa, alcatrão e madeiras. Além d'isso importava de Blekingen, granito; de Gothland e Bornholm, pedra de cal, tão precisa para as construcções d'Allemanha, em muitas das partes, onde o material nativo e o tijolo escasseavam. E, em troca de tudo isso, levava para a Suecia os artigos necessarios á vida, tanto em generos agricolas de que ella carecia, como em productos industriaes, por esse paiz não possuir, n'este periodo, nem manufacturas, nem desinvolvimento proprio para se estabelecerem [2].

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 179.

[2] Helen Zimmern, *The Hansa Towns.* — Worms, *obr. cit.*, pag. 87.

Mencionaremos entre esses productos exportados, como dos mais importantes, os estofos de seda e algodão, pannos de lã e linho, especies, vinhos, principalmente do Rheno, objectos de metal, e mesmo peixes desconhecidos do norte.

A Dinamarca e a Scania, que lhe pertencia [1], foram do maior interesse para as cidades allemãs. A Scania possuia, ao longo do mar, costas cheias de bancos de arenques, os mais consideraveis, desde o principio do seculo XIV, até quasi ao fim d'esta epoca. Só nos ultimos tempos, é que esses peixes foram em maior numero para as costas de Hollanda levar a Amsterdam a riqueza de que já fallámos; assim como, até o principio do seculo XIV, tinham visitado principalmente as costas da Noruega.

Por isso, apezar da esterilidade do terreno, a Scania era disputada, palmo a palmo. Ao lado dos Allemães, ahi se encontravam Inglezes, Brabanções, Flamengos e Dinamarquezes. Mas os Hanseaticos acabaram por vencel-os, em consequencia dos privilegios que obtiveram [2].

Com effeito, para se explorar essa fonte de riqueza, era necessario obter o direito exclusivo sobre as costas, a fim de seccar os arenques, defumal-os, preparal-os e mettel-os nos respecti-

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 172.

[2] A Scania, situada na grande peninsula scandinava, e fazendo hoje parte integrante da Suecia, a cujo territorio se acha naturalmente ligada, pertencia então á Dinamarca.

vos *toneis* da sua expedição. E os Hanseaticos souberam conseguil-o, em parte, por meio de tratados pacificos, e, n'outra parte, luctando com os reis da Dinamarca.

O exercicio d'esta industria fazia-se em barracas, espalhadas ao longo das costas, chamadas *vittens*. E muitas outras industrias foram arrastadas e impulsionadas por ella; de modo que essas praias se converteram n'um grande laboratorio de trabalhos manuaes [1].

Emquanto á Dinamarca, apezar das guerras que a Hansa teve de sustentar contra ella, graças á exploração habil das dissensões interiores e do descontentamento contra os demais concorrentes estrangeiros, a cadeia das boas relações, facilmente se restabelecia, pela confirmação das prerogativas da corporação, e entre essas, a passagem livre dos estreitos dinamarquezes.

Os Hanseaticos ligavam grande importancia ao commercio com esse paiz; sobretudo pelo seu trigo e pelos gados, a cuja creação elle se dedicava com esmero, e pelos seus peixes, especialmente os das costas da Scania, que, segundo já dissemos, fizeram a riqueza da Dinamarca, antes de fazerem a riqueza dos Hollandezes.

Por seu lado, os Hanseaticos levavam para lá productos da industria nacional, taes como cerveja, teias de linho, e artigos estrangeiros, que

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 89. — Helen Zimmern, *obr. cit.*

iam procurar, principalmente, nos seus estabelecimentos de Novogorod, Londres e Bruges.

Ignora-se, quando os Hanseaticos se estabeleceram, pela primeira vez, na Russia; mas sabe-se que, já no fim do seculo XIII, tinham uma feitoria em Novogorod, cidade essa que, juntamente com a provincia que a cerca, se constituira em republica; e d'ahi foram estabelecendo filiaes em Pleskow e Moskou.

Segundo o costume, ahi conseguiram o monopolio mercantil, com exclusão dos estrangeiros; e, tendo tambem conseguido, na mesma cidade de Novogorod, um bairro especial, edificaram a egreja de S. Pedro, em volta da qual estabeleceram as suas lojas, armazens e depositos de mercadorias.

Gozaram d'uma liberdade commercial, quasi illimitada, salvas algumas ligeiras desavenças, e fizeram, por isso, grande commercio com os Russos, até 1471. N'esse anno, porém, Ivan Vassilievitch tomou Novogorod, acabando com a preponderancia dos Hanseaticos; e, em 1494, mandou até fechar os seus estabelecimentos [1].

As pelliças obtidas em grande quantidade dos districtos interiores da Russia; os couros, pelles, cebo e toda a especie de gorduras; a cera, que, na edade media, tinha grande consumo, por causa das muitas festas religiosas, e que existia

---

[1] Worm, *obr. cit.*, pag. 202. — Helen Zimmern, *obr. cit.* — Scherer, *obr. cit.*

em grande quantidade n'aquelle imperio, pela abundancia de arvores e plantas melifluas das suas florestas: constituiam os principaes artigos que a Hansa ia buscar. Em troca, exportava para lá os tecidos da Hollanda, Inglaterra e Germania, e tanto os pannos finos de Flandres, como os pannos grosseiros inglezes e allemães; e artefactos de seda e linho.

A cerveja constituia tambem outro objecto de grande exportação.

Emquanto aos Paizes-Baixos, os Hanseaticos, desde muito cedo, trataram de obter privilegios commerciaes em Flandres, para poderem trocar, vantajosamente, os productos do norte pelos das regiões occidentaes e meridionaes; bem como pelas mercadorias vindas do oriente, principalmente as especies, tecidos de seda, velludos e vasos de ouro, de que os Italianos proviam o mercado de Bruges.

Mas as circumstancias variavam; porque, em Flandres e Bravante, preponderava tambem um espirito liberal para com os estrangeiros, e havia grande movimento industrial e mercantil. De modo que, se os Hanseaticos ahi podiam exercer livremente o commercio, da mesma fórma que os outros povos, não era facil conseguirem privilegios ou monopolios que lhes dessem vantagens decididas.

Ainda assim, tal era a força da liga, o predominio que ella tinha tambem no Baltico, a primazia que lhe davam as franquias obtidas nos outros paizes, e a necessidade que os Flamengos e

Bravanções tinham dos productos septentrionaes, que alguns privilegios importantes obteve; embora, depois de obtidos, fossem novamente cassados, e que, por algumas vezes, se abalasse a boa harmonia entre os dois povos.

A feitoria principal dos Hanseaticos foi primeiramente em Bruges. Mas, durante aquellas dissensões passageiras, foi transferida para outras cidades da Hollanda [1], como Ardémburgo e Dordecht, até que, nos fins do seculo XV, quando se açoriou o porto de Ecluse, foi definitivamente collocada em Anvers, onde já havia uma filial, assim como havia uma outra em Malines.

O que se dava em Flandres e Bravante, a respeito da concorrencia dos Hanseaticos, dava-se tambem com as cidades da Hollanda septentrional. Tanto mais que, segundo já dissemos, havia algumas que faziam parte da liga. E se, apezar d'isso, n'ellas surgia por vezes a reacção contra o predominio da mesma liga, a necessidade commum e o desinvolvimento commercial dos

---

[1] Por exemplo, em 1358, tendo os Francezes capturado no porto d'Ecluse um navio da cidade de Greifswald, os Hanseaticos exigiram o castigo do commandante, que era inglez. A cidade d'Ecluse fel-o, por isso, matar. Os Inglezes, em desforra, apprehenderam todos os bens que os Allemães tinham na Inglaterra, sem que Bruges quizesse intervir a favor dos Allemães. Por esse motivo, a liga interrompeu as relações com Bruges; mudou a sua feitoria para Dordrecht; e, só dois annos depois, voltou para aquella cidade, e, ainda assim, tendo esta de pagar uma indemnisação importante. — Worms, *obr. cit.*, pag. 101.

Hanseaticos e dos Paizes-Baixos, produzindo a transfusão dos respectivos productos, tornava enorme o commercio entre as duas potencias [1].

Os principaes artigos que a liga tirava dos Paizes-Baixos eram os productos da industria nacional; os pannos e as lãs, e as mercadorias do oriente e da Italia, como sedas, estofos d'algodão, especies, arroz e fructos do sul. E levavam para lá os productos da pesca e da industria mineira e agricola do norte, e varios artigos allemães, como vinho, cerveja, cereaes, teias de linho, obras de metal, ouro, e prata das minas da Bohemia e da Hungria [2].

As relações com a França eram menores. Por um lado, o sul d'este paiz era muito commercial, e fornecia-lhe os productos da Italia e do oriente. E, por outro lado, embora as regiões do norte fossem menos commerciantes e pouco industriosas, podiam surtir-se no mercado accessivel de Flandres, independentemente dos Hanseaticos. Accrescia ainda que estes, pela sua parte, não cubiçavam o vinho francez, que era pouco apreciado nas regiões septentrionaes, e os outros productos do paiz iam compral-os tambem no mercado de Bruges. Finalmente, a unificação da França não estava completa; e a segurança das provincias era pequena. E tudo isso concorria, para que os Allemães preferissem frequentar aquelle mercado flamengo.

---

[1] Pag. 22 d'este volume.

[2] Worms, *obr. cit.*, pag. 320 e 321.

Ainda assim, obtiveram de Carlos VI, Luiz XI e Carlos VIII differentes privilegios que os habilitaram a commerciar com certa vantagem no territorio francez.

Emquanto á Hespanha e Portugal, a concorrencia das cidades italianas impedia o commercio da Liga Hanseatica; e, em 1383, D. João I de Castella, para vingar offensas praticadas pela mesma liga em subditos seus, prohibiu-lhe o accesso do reino, confiscando até oitenta e quatro navios hanseaticos, que não tinham ainda noticia da prohibição. E em revindicta, a liga deu ordem ao seu escriptorio de Bruges, para embaraçar o mais possivel o commercio de Hespanha [1].

Esse estado de coisas acabou, em 1472, por uma reconciliação. Mas, ainda assim, no resto da edade media, os navios hanseaticos não passaram de Bayona e Bilbao, onde vinham dar os productos do sul, subindo o curso do Ebro atravez d'Aragão.

Mais felizes em Portugal, os Hanseaticos fundaram em Lisboa um estabelecimento, sob os auspicios de D. Affonso V, cujas concessões foram mantidas, mais tarde, pelo rei D. Manoel. E esse estabelecimento serviu por muito tempo ás relações da Hansa com a Hespanha, e foi o precursor do commercio directo que, depois, no seculo XVI, ella entabolou com as provincias hespanholas do sul.

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 228. — Helen Zimmern, *obr. cit.*, pag. 174.

Com respeito á Inglaterra, desde 1176, que os Allemães obtiveram differentes privilegios commerciaes; de modo que, já no meado do seculo XIII, estabeleceram em Londres a sociedade *Guld-Hall,* mais tarde chamada *Steelyard* pelos Inglezes, que se tornou o estabelecimento principal dos Hanseaticos nas ilhas Britannicas [1].

Os governantes precisavam da liga, porque ella lhes emprestava dinheiro, para acudirem ás guerras com a França e ás differentes crises financeiras; e por isso a cobriram de favores.

Por outro lado, os nobres vendiam aos Hanseaticos, melhor e mais seguramente, a lã dos seus rebanhos, que era a sua principal riqueza, e por esse motivo egualmente a protegiam. Accrescia que, pela guerra com a França, a Inglaterra só tinha accessiveis os portos de Flandres e dos paizes septentrionaes, onde a liga preponderava. Não entretinha commercio activo com o Mediterraneo; recebia apenas as carregações dos navios lombardos; e as suas expedições ao mar do Norte e ao mar Baltico eram raras. De modo que ou tinha de ir munir-se aos mercados de Flandres ou de aproveitar o intermedio dos Hanseaticos.

Todas estas circumstancias tendiam a firmar e augmentar o predominio da Hansa; e por tal maneira o firmaram, que o trafico na Inglaterra constituiu, em todo este periodo, uma das fontes mais abundantes da riqueza hanseatica. Mas

---

[1] A liga teve tambem estabelecimentos secundarios em Boston e Lynn. — Worms, *obr. cit.*, pag. 115.

o povo e as communas é que, pelo odio ao commercio de todos os estrangeiros e pela inveja d'aquelles favores, lhe creava continuos embaraços; d'onde resultou que os Inglezes foram tambem os primeiros de todos os povos que tentaram sacudir o jugo d'aquella corporação.

E, com effeito, já no seculo XIV, se creou a sociedade chamada de *Thomaz Becket*, pouco temivel então, mas que, depois, com o nome de *Sociedade dos Mercadores Aventureiros*, luctou fortemente contra o predominio hanseatico. E, no ultimo quartel do seculo XV, as relações da liga com os Inglezes tiveram, por vezes, profundas perturbações, prenuncio do seu termo no seculo XVI.

Deu ella causa a isso, protegendo os piratas Vitalianos, que tanto damno fizeram aos navios inglezes, e occasionando assim as represalias da Inglaterra nos proprios navios hanseaticos e nos membros da mesma sociedade, estabelecidos no reino.

Mas a competencia e desinvolvimento commercial d'aquelles *Mercadores Aventureiros*, que se estabeleceram tambem em Flandres e até na propria Allemanha; a inveja sempre crescente das communas; e o despertar do espirito industrial e commercial da Inglaterra: é que, principalmente, foram minando o predominio da liga, até que, mais tarde, o quebraram totalmente, como veremos no IV volume d'esta obra [1].

---

[1] Worms, *obr. cit.* — Helen Zimmern, *obr. cit.* — James E. Thorold Rogers, *The industrial and commercial his-*

Os principaes artigos que a liga introduzia na Inglaterra, eram bacalhau, couros, pelles, pelliças, azeite francez, arenques, pedras mós, cinzas, productos da Allemanha e das regiões do norte, como pês, alcatrão, potassa e diversos artigos de madeira proprios para a preparação dos arcos e navios; teias de linho e linhas; gorduras, peixes de Bergen, trigo, vinhos do Rheno e mesmo vinhos francezes, quando os Inglezes perderam todas as suas possessões da França, excepto Calais; finalmente, mercadorias italianas e orientaes, que os Hanseaticos procuravam no mercado de Bruges, com destino aos mesmos Inglezes, quando estes não vinham lá prover-se directamente.

As lãs foram, no principio, o artigo dominante da exportação ingleza, que os Hanseaticos destinavam a Flandres, e outras provincias dos Paizes-Baixos. Mas, quando a industria dos lanificios se foi aperfeiçoando na Inglaterra, essa exportação diminuiu, em proveito dos pannos grosseiros e por tingir, manufacturados no paiz, que a Hansa levava para a Allemanha e para os povos do norte e da Russia, depois de os tingir e lhes dar a ultima demão.

Os Hanseaticos traziam tambem da Inglaterra estanho e chumbo. As minas de estanho de De-

---

tory of England. — W. I. Ashley, *An Introduction to English economic history and theory.* — W. Cunningham, *The Growth of English Industry and Commerce, during the early and middle age.*

vonshire e Cornuailles eram até exploradas, em parte, com os seus capitaes [1].

A Escossia, em consequencia das continuadas guerras com a Inglaterra, recebia muito poucas visitas dos Hanseaticos. Era nos mercados de Flandres que se trocavam os respectivos productos.

E, pelo que toca á Irlanda, os Hanseaticos iam muitas vezes lá fazer carregações de lã; mas era tambem nos mercados de Flandres que principalmente se effectuava a venda das mercadorias irlandezas e a acquisição das estrangeiras.

O commercio dos Allemães com Veneza e com a Italia tinha uma importancia muito grande. Em Veneza fundaram elles um estabelecimento comparavel á feitoria d'Anvers, e que, além das lojas e entrepostos de mercadorias, comprehendia os alojamentos dos mercadores allemães, e servia de albergue aos peregrinos e viajantes. E muitas cidades allemães tinham tambem lá escriptorios privativos.

As cidades que maior commercio faziam com a Italia eram Ratisbonna, Augsburg, Ulm, Nuremberg e Lubeck. E Bale e Zurich eram duas grandes estações d'esse commercio; porque a primeira d'estas cidades era um ponto da chegada de mercadorias allemães, e na segunda havia o cruzamento dos caminhos d'éste para oeste e do norte para o sul [2].

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 114 e 243.

[2] H. Vulliety, *La Suisse à travers les âges.*

Os principaes artigos importados de Veneza e de Italia eram especies, figos e outras fructas; do sul, pimenta, pannos, cobertas de seda, estofos preciosos, tecidos de fio de seda e ouro, assucar e vidros. Os Allemães, por seu lado, exportavam para a Italia os seus mineraes, ferro, cobre, chumbo, estanho, ouro, prata, productos fabricados de couro, chifres, lanificios nacionaes, linho e pelliças de toda a ordem [1].

*

* *

Já n'esta época a Allemanha possuia grande numero de importantes centros economicos. Mas, não podendo aprecial-os todos, vamos notar os principaes [2].

Começaremos pela capital da liga, Lubeck, situada no estuario do Trava.

---

[1] Janssen, *obr. cit.*, pag. 356.

[2] É notavel que foi nos seculos XII e XIII que uma grande parte das cidades da Allemanha se crearam, ou adquiriram os seus fóros de cidade. Assim, na primeira metade do seculo XII, foram elevadas a cidades Dingelfingen, Halle, Landau, Landshut, Neumark, Oggersheim, Schardingen, Straubingen, Trosberg, Wismar e outras. Na segunda metade do mesmo seculo nasceram Angermunde, Bärwalde, Gardelege, Stendal, Verben, Seehausen, Colonia sobre o Spree, e Bernau. O anno de 1160 viu nascer Munich e Kellheim. Os fundamentos de Friburgo foram lançados em 1179. A cidade de Berne foi construida em 1191. E, na mesma época, os logares de Eisemberg, Freiberg, Leipzick, Auclam, Demmin Cholnow, Camin e Angermunde foram tambem elevadas a cidades. — Worms, *obr. cit.*, pag. 33.

Já no seculo XII, existia uma cidade com este nome, que foi destruida pelos ataques dos piratas e pagãos; e, em 1143, Adolpho de Shauenburgo lançou os fundamentos da nova cidade. Henrique, o Leão, a tomou em seguida, como logar de recreio, debaixo da sua protecção; e, desde logo, ella adquiriu um commercio tão importante que, tendo o principe dos Vendes, Niklot, tentado tomal-a de surpreza, e não o podendo conseguir, pela resistencia dos seus habitantes, em revindicta, capturou e incendiou grande quantidade de navios mercantes que estavam no porto.

Restabelecida d'esse desastre, o seu commercio continuou a prosperar; e, quando, em 1158, aquelle conde Adolpho a cedeu a Henrique, o Leão, este enviou mensageiros ao norte, para fazerem saber aos Russos, Norueguezes, Suecos e Dinamarquezes, que admittia o commercio livre na sua cidade favorita.

Ahi estabeleceu portagens, regulou a cunhagem e circulação da moeda, e concedeu grandes franquias liberaes, como a d'um consul independente.

É desde então que provem a actividade de Lubeck no Baltico e as suas relações com Wisby, Sleswig, costas de Livonia, Esthonia, e mesmo Novogorod.

Tendo a cidade de Vineta caido, em 1177, sob os golpes dos Dinamarquezes, foi principalmente Wisby que herdou o seu commercio; mas Lubeck tomou tambem grande quinhão. Depois,

o imperador Frederico I, a quem ella se entregou em 1181, lançou a base da sua grande fortuna posterior, pela carta que lhe concedeu em 1188. Esta carta concedia aos habitantes de Lubeck isenção completa de portagens em toda a Saxonia; isenção d'impostos para os estrangeiros que a visitassem; direito de cunhar moeda; governo local independente, cujos membros a propria cidade nomearia; libertação de serviço militar; faculdade para cada habitante de se purificar da suspeita da servidão, por um simples juramento; e prescripção da mesma servidão ou escravidão, pelo facto d'elle habitar um anno dentro dos seus muros.

Além d'isso, Lubeck tinha um porto admiravel; e fôra escolhida como logar de reunião pelos cruzados que se dirigiam ás regiões idolatras do Baltico.

Quando, em 1203, passou para o poder da Dinamarca, o seu commercio não soffreu com a mudança, antes adquiriu novos privilegios, e até jurisdicção privativa em Skanoër e na Suecia. Mas, apezar d'isso, lembrando-se dos laços que a tinham prendido á Allemanha, aboliu o dominio dinamarquez, em 1226, e, n'esse mesmo anno, foi proclamada pelo imperador Frederico II como cidade livre do imperio. Pôde então proseguir tambem livremente no caminho d'uma larga prosperidade [1], a ponto que, segundo o testemu-

---

[1] Worms, *obr. cit.,* pag. 37 e seguintes.

nho d'um esciiptor coevo, excedeu a outras cidades da Allemanha em riqueza e magnificencia.

Ao lado de Lubeck, figurava, entre as cidades mais preponderantes da liga, a de Bremen.

Já antes de Carlos Magno, ella tinha certa importancia, e Othon, o Grande, lhe concedeu muitos privilegios. Como os Saxões emigrados na Inglaterra e os que não tinham deixado a sua patria, conservaram entre si relações permanentes, esse facto familiarisou com o mar os habitantes d'esta cidade. Já em 1099 figuraram dezeseis d'elles nas cruzadas de Godofredo de Bouillon. Muitos outros bremenses tomaram tambem parte na segunda cruzada, sob Conrado III. Foram tres cavalleiros de Bremen e dois de Lubeck que, em 1119, fundaram a Ordem Teutonica, em S. João d'Acre; e foi tambem em Bremen que nasceu o segundo mestre d'essa ordem, Othon Largen. Em 1158, desembarcaram pela primeira vez alguns navegadores da mesma cidade na embocadura do Duina e apertaram relações commerciaes com os Russos. Finalmente, pelo concurso de Bremen, é que o bispo Barthold emprehendeu a construcção da cidade de Riga.

Tinha ella soffrido muito com as luctas de Henrique, o Leão, e do conde de Oldemburgo; mas pôde obter, depois d'isso, importantes garantias municipaes e engrandecer o seu commercio. E, quando Frederico I, em 1189, lhe outorgou uma carta liberal, esta cidade marchou rapidamente no caminho economico, especialmente na industria de pannos e movimento mercantil.

Tanto mais que a queda de Bardowick, n'esse mesmo anno, veiu desembaraçal-a d'uma rival importante.

Em 1210, já Bremen concluiu um tratado com Lubeck, para proteger o commercio terrestre, que se estabelecera entre as duas cidades. Desde 1224, entreteve relações directas com a Inglaterra; e fez sempre com os Paizes-Baixos um trafico muito consideravel [1].

Na região rhenana, Colonia, a capital do quarteirão hanseatico de Westphalia, foi, n'este periodo, o entreposto de todas as trocas entre a mesma região e a Allemanha do Norte, Paizes-Baixos e mesmo Inglaterra. Era favorecida pela sua posição, que poucas rivaes tinha antes dos caminhos de ferro.

Precedentemente á Liga Hanseatica, já os negociantes d'esta cidade tinham celebrado tratados de commercio com algumas potencias estrangeiras; e, já desde o seculo x, expediam directamente os seus navios para Londres, onde fundaram um estabelecimento, conhecido por *Guilda de Colonia*. O seu dinheiro era muito apreciado. Os seus pesos e medidas eram admittidos mesmo ao longe. Os seus burguezes e commerciantes eram muito ricos. Dizia-se até, para exprimir a ideia da opulencia, «é tão rico como um negociante de pannos da Colonia», da mesma fórma que, em Florença, se dizia «é tão rico como um es-

---

[1] Worms, *obr. cit.*

pecieiro.» Os seus habitantes possuiam grande espirito liberal, a ponto de que, em lucta com o clero, adquiriram o direito de eleger os proprios bispos. Possuia grande numero de navios, que iam a Bruges e Anvers, prover-se de mercadorias neerlandezas, que dirigiam em seguida para Mayença, Bale e Strasburgo; da mesma forma que iam buscar as lãs inglezas, para as levarem para a Hollanda. E tal era o seu commercio, no fim da edade media, que Francisco I a considerava como a cidade mais commercial do mundo inteiro [1].

Ainda no seculo XV, Colonia disputava a Francfort a honra de ser a metropole da Allemanha; mas a descoberta da America, fazendo abandonar as antigas vias do commercio, e prejudicando, portanto, as communicações pelo Rheno, tiroulhe muito da sua importancia.

Concorreram, tambem, para essa decadencia, as luctas religiosas, que, trazendo a expulsão dos protestantes, afastaram a maior parte dos cidadãos mais uteis e mais trabalhadores.

Tambem Spira, a *Noviomagus* dos Gaulezes, e depois a *colonia de Nemetum* dos Romanos, foi preferida muitas vezes para a residencia imperial; e era egualmente um grande centro de commercio.

Estava no mesmo caso Mayença, a *Moguntianum* dos Romanos. Como satellite d'esta, figu-

---

[1] Jean Janssen, *obr. cit.*, pag. 357.

rava Aschaffenburg, que os seus bispos escolhiam muitas vezes para residencia de verão.

Estas tres cidades, Colonia, Spira e Mayença, tiraram grande proveito do commercio que se fazia pelo Rheno com os Paizes-Baixos, especialmente com Bruges. Pretendiam até o direito de entreposto. Por isso, quando alguma barca, transportava pelo Rheno quaesquer mercadorias, era obrigada a parar diante d'ellas, descarregar essas mercadorias e depositat-as na alfandega. E, só depois do pagamento dos respectivos direitos, é que estas podiam ser repostas a bordo ou enviadas por terra para o interior do paiz.

Unicamente as destinadas ás feiras eram dispensadas do entreposto. E, se algumas outras cidades conseguiram livrar-se d'essa obrigação, ella era, geralmente, cumprida com todo o rigor.

Aix-la-Chapelle, a *Aquigranum* dos Romanos, deveu a sua importancia a ser escolhida por Carlos Magno para capital do imperio. E foram as suas aguas thermaes que lhe deram a primazia; porque, de resto, ella não tinha, como Colonia, por exemplo, a vantagem de ficar ao pé de um grande rio e no cruzamento de caminhos commerciaes.

Por isto, a superioridade da sua importancia foi mais politica do que mercantil, e decaiu com a morte de Carlos Magno.

Ainda assim, foi tal o prestigio d'este imperador, que ella se tornou uma cidade onde os peregrinos corriam ás centenas de milhares, cada anno, para visitarem o seu tumulo, e beijarem as

suas reliquias. E foi escolhida para as cerimonias da coroação imperial; de modo que, depois de Frederico Barbaroxa, trinta e sete imperadores ahi foram investidos da dignidade imperial. Por isso mesmo, tambem os seus burguezes gosavam de maiores garantias.

Francfort sobre o Mena, que dispunha de bella posição sobre esse rio, e que portanto communicava facilmente com o Rheno e Danubio, foi, por muitas vezes, a residencia de Carlos Magno; e sob Luiz, o Germanico, tornou-se a cidade principal da Allemanha. As suas feiras tomaram enorme incremento. Concorreu tambem para a sua grandeza, desde o seculo XV, o ser então escolhida para a coroação dos imperadores.

Treves, collocada a juzante dos dois affluentes de Mozella, o Sura e o Sarre, estava muito bem situada, para servir de intermediaria entre os Gallos-Romanos, já civilisados, e a população inculta dos bosques, landes e pantanos do norte. Como centro de actividade politica e administração militar, tomou enorme importancia, a ponto de Ausonio a appellidar a segunda capital do imperio romano. Por outro lado, á imitação de Roma, tornou-se tambem capital religiosa da Allemanha.

Na região danubiana tinha a preponderancia Ratisbonna, a *Castro-Regina* dos Romanos. Foi já escolhida por elles para centro do seu poder no alto Danubio. Carlos Magno fez d'ella um *boulevard* do seu imperio, e foi ahi que os seus successores residiram por mais tempo. Em 887, era

um ponto de reunião para os negociantes e fabricantes, um entreposto de ouro e prata, e um porto onde os navios entravam e saíam continuadamente.

No tempo das cruzadas, os banqueiros de Ratisbonna eram os principaes agentes dos transportes para o oriente, e representavam no Danubio o mesmo papel que os marinheiros da Italia e da Grecia no Mediterraneo. Os seus negociantes mantinham relações directas com todos os mercados prineipaes da Europa, inclusivamente Gand e Moskou. Os seus commerciantes serviam de intermediarios do commercio da parte occidental e oriental do mesmo continente. Mas, além d'isso, esta cidade tornou-se o principal entreposto das mercadorias provindas do mar Negro, e mantinha relações continuadas com Magdeburgo e Erfurt, que, pela concentração dos cursos do Elba, Oden e Weser, representavam por sua vez, e muito dignamente, o mar Baltico e o do Norte.

Um consul *itinerante* acompanhava as suas flotilhas, ao longo do Danubio, vigiando a manutenção dos tratados de commercio e a rigorosa observancia das transacções ajustadas.

O ciume de Vienna, que servia egualmente de intermediaria do commercio da Europa occidental com as outras cidades costeiras do Danubio, e as invasões dos Musulmanos, que fecharam o Oriente e o mar Negro á avenida danubiana, acabaram por tirar a Ratisbonna esse monopolio. Coincidiram, de mais a mais, estas causas de ruina com o progresso das republicas italianas, que,

*

segundo vimos, concentravam em si o commercio oriental. Por isso Ratisbonna perdeu então o seu esplendor economico; e a sua vida activa extinguiu-se quasi totalmente.

Vienna, a antiga *Vindobona,* deveu sempre á sua admiravel situação grande influencia commercial e politica.

Já, no tempo dos Romanos, era occupada por uma legião, e, no fim do imperio, por uma esquadra da frota danubiana.

Quando o golfo de Veneza se tornou o grande caminho de Italia para o Danubio, Vienna tomou tambem, desde logo, um logar notavel entre as cidades poderosas.

A via natural que se dirige do Adriatico ao mesmo rio, passando a leste dos Grandes Alpes pelo valle do Mur, vem encontrar-se ahi com os caminhos do mar do Baltico e da Allemanha, que descem da Bohemia e Silesia; pelas margens do March ou Morava; e por isso ahi se depara um dos pontos principaes, senão o principal, dos cruzamentos de todo o continente europeu. A esta vantagem, puramente geographica, juntava-se outr'ora a de estar situada á porta mesmo do oriente, que principiava nos primeiros campos dos Turcos, e se adiantava muitas vezes sobre o territorio hungaro. Vienna era, pois, d'este lado o posto mais adiantado da Allemanha e de toda a Europa occidental.

Certamente que, durante as incursões e as luctas, os mercados intermediarios do commercio com o oriente se desviavam a montante para

Enns, Passau e sobretudo Ratisbonna; mas, com a volta da paz, o trafico tornava a descer para Vienna. E, se os perigos que esta cidade tinha de correr com os Turcos, a ameaçavam frequentemente da perda das suas vantagens, por outro lado, augmentavam a sua gloria no mundo occidental. Vienna tornou-se como um logar sagrado, que era o principal campo de christandade contra os Musulmanos [1].

Passau era tambem centro de commercio; mas, debaixo do dominio estreito dos bispos, nunca pôde attingir a importancia economica de Nuremberg e Ratisbona. Além d'isso, as montanhas que se elevam de toda a parte em redor d'ella, não lhe deixavam um circulo de população sufficiente.

Entre as duas bacias do Rheno e Danubio, encontrava-se, já n'este periodo, Nuremberg, cujo nome apparece pela primeira vez na historia, em 1050, e que, logo depois d'isso, gosou de notavel importancia. A sua posição favorecia a sua grandeza. Estava no coração da Allemanha e sobre as duas margens do Pegnitz, que, pelo Regnitz, vae juntar o Mena, e portanto no cruzamento das duas grandes arterias commerciaes — o Rheno e o Danubio. Era por isso, ao norte do Danubio, a cidade irmã de Augsburgo.

Juntava a isto, como determinante de uma

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle — Europe Central,* pag. 202.

grande concorrencia de romeiros, e portanto de um grande elemento commercial, o possuir o tumulo de S. Sibaldo, que attraía, todos os annos, grande multidão de peregrinos. E era, já então, o grande centro da industria de objectos de arte e de gosto, a par dos objectos de metal. Foi Nuremberg que teve primeiramente escolas industriaes.

Era um centro importante para o peixe da Hollanda, e, em troca, enviava-lhe, em grande abundancia, as suas obras artisticas e os seus outros productos industriaes. Dotada pelos imperadores de magnificos privilegios, fez tratados até com nações estrangeiras, como a França e Hollanda, para assegurar ao seu commercio vantagens de todo o genero.

Augsburgo, a antiga *Augusta Vindelicorum*, possuia o commercio de expedição e de commissão mais vasto, em mercadorias importadas da Italia ou exportadas para essa peninsula.

Partia dos seus muros o caminho principal de Veneza por Kempten, Fussen, Innsbruch, e pelo Brenner e Tyrol, cuja conservação e reparação estava a cargo da cidade; e, para satisfazer as despezas correspondentes, obteve ella dos imperadores o direito de estabelecer alfandegas proprias.

Mais tarde, no fim do seculo XV, os negociantes de Augsburgo fizeram tambem importação e exportação directa, associados aos mercadores de Veneza e Genova, e estabeleceram differentes succursaes nos portos de Italia e dos Paizes-Baixos.

Mas não foi só no commercio da commissão e expedição que se distinguiram os habitantes d'esta cidade. A industria linheira, que tinha um grande desinvolvimento na alta Allemanha, e a fabricação de estofos preciosos, occupavam tambem muitos braços em Augsburgo.

Dantzick, a capital do quarteirão prussiano da Liga Hanseatica, tinha tambem moeda privativa, costumes e leis proprias. Era a Veneza do norte, tanto pelos canaes que a atravessavam e pelas construcções sustentadas sobre estacaria, como pela influencia consideravel que exercia nas povoações visinhas; e era já o grande desembocadouro do trafico de cereaes. Deveu quasi todo o seu esplendor ao commercio com Inglaterra [1]; mas commerciava tambem largamente com os productos da Austria e Hungria, que saíam do seu porto.

Bromberg tornou-se tambem grande centro de cereaes, no seculo XIV, o que lhe deu grande importancia economica. Era ahi que se iam abastecer os mercadores de Dantzick.

Mariemburgo era a capital dos cavalleiros Teutões; e, para se vêr a importancia que d'ahi lhe devia provir, basta ponderar que esta ordem, em 1400, época da sua maior prosperidade, comprehendia mais de tres mil cavalleiros e mais de seis mil creados, sem contar os exercitos de pai-

---

[1] Até os besteiros inglezes recebiam por via d'esta cidade, toda a madeira para os seus arcos. — Helen Zimmern, *obr. cit.*, pag. 100.

sanos; e possuia cincoenta e cinco cidades, quarenta e oito castellos e dezoito mil trezentas sessenta e oito aldeias.

Bardowick era, nos primeiros tempos da edade media, o centro das trocas entre os Allemães e Slavos. Situada a alguns kilometros adiante de Lüneburgo sobre o Ilmenau, teve outr'ora, na Allemanha do Norte, a preponderancia que pertence hoje a Hamburgo. Foi, porém, arrazada em 1189, por Henrique, o Leao, e Laneburgo herdou o seu commercio.

Hamburgo, fundada por Carlos Magno sobre o Alster, affluente do Elba, embora já fosse cidade commercial n'este periodo, não tinha então a importancia correspondente á grandeza actual. É que ella estava separada do Elba por uma série de pantanos — os pantanos de Brook. Só no seculo XVI, por trabalhos hydraulicos, o leito d'este rio foi prolongado até junto da cidade; e só, desde então, é que Hamburgo se tornou a principal cidade do Hannover, primazia que antes d'isso competia a Stade.

Sleswig, hoje, pelo açoriamento do seu golfo, o Schlei, perdeu a importancia maritima; porém tinha então muito commercio.

Brunswick, a capital do quarteirão saxonio da Liga Hanseatica, tornou-se, durante a edade media, um dos mercados principaes da mesma liga e um grande centro de expedição. Existia já no tempo de Carlos Magno, e differentes tribus germanicas ahi adoravam um idolo que elle destruiu.

Os seus burguezes tornaram-se tão ricos e tão importantes, que poderam conquistar a sua autonomia municipal, pelas ameaças e pelo dinheiro.

Magdeburgo, a juzante de todos os affluentes consideraveis do Elba e no caminho de transito de Berlim e Dantzick, não podia deixar de ser um logar de grande passagem, e portanto de grande commercio.

Erfurt era logar fortificado, já quando o Christianismo foi introduzido na Allemanha; e tornou-se a capital de Flessing, bem como o principal entreposto entre Nuremberg e os portos da Hansa, e um dos principaes mercados do norte da Allemanha. Mas essa mesma posição e essas fortificações a prejudicavam, expondo-a a repetidos ataques e á necessidade bellicosa da defeza.

*

* *

Os Germanos herdaram de Carlos Magno o systema monetario já por nós indicado no segundo volume d'esta obra [1], a saber: a libra dividida em vinte soldos ou *schillingen,* e o *schilling* dividido em doze dinheiros ou *pfeninge;* vindo tambem essa libra a tornar-se n'uma moeda ideal ou só de conta.

Depois, quando, na segunda metade do se-

---

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 91 e seguintes.

culo XIII, começaram a espalhar-se na Europa os florins da Italia, tambem os Allemães os cunharam, com o valor correspondente a 3$704 reis da nossa moeda.

Gradualmente, a libra foi sendo substituida pelos marcos, e os que mais acceitação tiveram foram os de Colonia, que valiam 256 pfeninge ou *kreutzer*.

Veiu depois o *gulden d'ouro,* que substituiu o florim.

No fim do seculo XIII, introduziu-se o *groschen,* moeda de prata, imitação dos *grossos tornezes* de França, que, em 1484, recebeu tambem o nome de *gulden groschen*; e, no seculo XV, o *thaler* que, na sua primeira fórma, equivalia em prata ao gulden de ouro.

A principio, o direito de fazer moeda constituia um privilegio do imperador; mas, pouco a pouco, foi revindicado pelos chefes dos pequenos principados e pelas cidades independentes.

Desde então, innumeraveis dinheiros de principados, condados, cidades imperiaes, foram postos em circulação; e todo o esforço dos imperadores, para estabelecerem uma lei geral, se tornou infructifero.

As assembleias, tantas vezes convocadas para esse fim, não poderam remediar a desordem. Mudava-se continuamente de dinheiro; retiravam-se ou prohibiam-se as moedas velhas; cunhavam-se outras novas; e introduziam-se muitas estrangeiras.

A confusão tornou-se tal que o dinheiro, em

vez de ser um padrão fixo, converteu-se tambem n'uma simples mercadoria. Sob a mesma designação e valor nominal, qualquer moeda tinha, por exemplo, em Vienna um outro valor que em Ratisbonna; e em Ratisbonna, outro que nos ducados da Baviera e Augsburgo, Nuremberg, Francfort.

Além d'isto, as cidades hanseaticas, que tinham o direito de cunhar moeda, e dispunham quasi a seu capricho do predominio financeiro, pelo menos na epoca florescente da sua historia, davam logar a que muitas vezes os principes, no intuito de favorecerem a circulação das suas moedas, lhes applicassem as armas de qualquer d'essas cidades, cujo credito era maior que o d'elles. E havia, com effeito, algumas que deram o tom e fizeram acceitar o titulo do seu dinheiro, n'um raio muito maior, por exemplo Lubeck e Colonia.

Accrescia ainda que a arte da amoedação estava atrazada, e de tal sorte que a refundição tornou-se muitas vezes necessaria, especialmente para as moedas chamadas *Bracteatas*, que só eram estampadas, d'um lado, e se consumiam por isso em muito pouco tempo [1].

O dinheiro mais usualmente fabricado consistia em pequenas peças, chamadas, segundo o seu valor crescente, *dinheiros, witen, schillingen*.

Nos negocios mais importantes empregavam-

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 261.

se moedas de ouro e prata, mas, além dos dinheiros nacionaes, circulavam em grande quantidade os dinheiros estrangeiros, como as *corôas* de França e os *nobres* da Inglaterra [1].

*

* *

O que fica exposto mostra bem que os Allemães não podiam passar sem cambistas. Estes faziam o officio de verdadeiros mercadores, trocando os *grossos* de Praga contra os *pfeninge* de Ratisbonna, os *gulden* allemães contra os *florins* de Florença, a moeda d'um paiz pela do outro, em summa, o dinheiro que tinha maior acceitação n'uma cidade, pelo dinheiro de outra região.

O mercador tinha assim necessidade absoluta do officio de cambistas, nas differentes praças que elle visitava, tanto no estrangeiro como no paiz; porque lhe era impossivel ter sempre á sua disposição o dinheiro que lá corria. E, na volta, era-lhe preciso tambem trocar de novo as moedas que trazia de lá pelas da cidade que habitava ou atravessava.

Por isso, o cambio tornou-se uma industria muito extensa e lucrativa.

Esteve a principio quasi exclusivamente nas mãos dos Lombardos, cujo numero foi muito importante no seculo XIV; e, por essa razão, tambem

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 261. — Saw, *obr. cit.*

o commercio entre a Italia e Allemanha se tornou muito activo n'esse tempo.

Nas grandes cidades do Danubio, do Rheno e do Baltico, sobretudo em Lubeck e Dantzick, os cambistas lombardos fundaram estabelecimentos permanentes. Mas, nos fins da edade media, foram sendo vencidos e preteridos pelos Judeus, que chegaram a monopolisar o commercio do cambio, propriamente dito, e que exerciam tambem em larga escala o emprestimo a juros e sobre penhor, d'onde tiravam lucros fabulosos. Tanto mais que os emprestimos ao proprio imperador, principes e grandes senhores contribuiam, para conquistarem a protecção d'esses potentados e augmentarem a influencia que o seu commercio e dinheiro lhes dava.

O excesso da usura, a dureza e crueldade que os Judeus praticavam contra os devedores desprotegidos, a par da inveja que provinha da sua riqueza e commercio, fizeram que fossem expulsos de quasi todas as cidades e regiões da Allemanha [1]. Por isso, desde 1435 em diante, e para os substituir, os Allemães estabeleceram diversos bancos nas principaes cidades do imperio. Não obstou isso á usura, porque surgiram tambem os usurarios christãos; mas esse estudo já não pertence a este livro, por ser posterior á edade media [2].

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 102.

[2] Jean Janssen, *obr., cit.* — Saw, *obr. cit.*

*

* *

As communas ignoravam ainda n'esta epoca o beneficio das boas estradas. Limitavam-se a reparar os caminhos da sua circumscripção e a recommendar um cuidado analogo aos principes negligentes. É facil de vêr que, n'estas circumstancias, as relações deviam ser interrompidas, ou pelo menos embaraçadas, nas estações humidas, que tornavam impraticaveis os caminhos assim imperfeitos.

Tornou-se por isso preciso cuidar de outros meios de communicação. As cidades collocadas á borda do mar gosavam de todas as vantagens que essa visinhança lhes proporcionava. Mas essas mesmas vantagens eram temporarias; pois que os estatutos hanseaticos e a propria natureza prohibiam a navegação maritima, no tempo dos gelos e tempestades.

Houve differentes communas que, sem o menor subsidio da Liga Hanseatica, trataram com uma persistencia admiravel da abertura de canaes e vias navegaveis, que, em parte, já desappareceram, e para os quaes os Paizes-Baixos e Veneza forneceram os modelos, emprezarios e trabalhadores. Com especialidade, as cidades hanseaticas da Saxonia interior foram maravilhosas n'esses trabalhos [1].

---

[1] Worms, *obr. cit.*, pag. 257.

A instituição dos correios só foi creada mais tarde, no tempo de Maximiliano I. Mas a liga os suppriu durante muito tempo, por mensageiros que iam onde os interesses d'ella o exigiam, ou, então, pelos proprios mercadores ou seus encarregados, que emprehendiam as viagens necessarias. E essa falta de correios não se fazia então sentir demasiadamente: porque os Hanseaticos tinham por systema tratarem os negocios, ou directamente de per si, ou por aquelles seus encarregados.

Emquanto ao commercio externo, uma linha que partia de Constantinopla, seguindo o Danubio e passando por Vienna, ia dar á Allemanha central e meridional.

Outra, passando pelos portos maritimos da Istria, vinha, pela Italia e Tyrol, ganhar o interior da Allemanha, do lado de Augsburgo e Nuremberg. A communicar tambem com a Italia, havia um caminho que ladeava o lago Como, atravessava o Bregaglia e o collo de Septimer, passava em Coire (Chur), e ia dar ao lago Constança, aproveitando afinal o curso do Rheno. E por isso, como dissemos no segundo volume, as cidades do mesmo lago de Constança entretinham activas relações com as do medio e alto Rheno [1].

E, finalmente, uma outra via, seguindo o curso do Rheno, ia precipitar-se nas cidades de Flandres e dos Paizes-Baixos [2].

---

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 103.

[2] Worms, *obr. cit.* — Scherer, *obr. cit.*

*

* *

Como fica exposto, precisamente da desordem surgiu a instituição da Hansa, que movimentou o commercio da Allemanha; desinvolveu a sua industria; e, varrendo os piratas e os ladrões, se impoz á consideração dos estrangeiros e nacionaes, constituindo um outro estado na Allemanha, uma outra potencia maritima na Europa.

Estabeleceu um laço d'união entre o norte e o sul, o este e oeste do mesmo continente; e, ampliando os raios da sua esphera pela Scandinavia, Russia, Hollanda e Inglaterra, e levando a sua actividade ás peninsulas da Iberia e da Italia, abraçou com os seus tentaculos o commercio do mundo.

A Hollanda servia-lhe de entreposto cosmopolita; a Italia fazia-lhe de recoveira dos productos orientaes; a Suecia e a Noruega constituiam patrimonios do seu trafico; a Russia, desviada dos outros povos, abria-lhe o repositorio dos seus productos; a Inglaterra explorava, por intermedio da mesma liga, a maior parte da sua riqueza; e os demais paizes, ou directamente ou no grande mercado da Hollanda, participavam tambem do commercio allemão. Mesmo na metropole, as cidades que não entravam na confederação hanseatica, iam a reboque do movimento geral.

Por isso e pela iniciativa d'essa corporação, foi enorme o progresso mercantil dos Allemães, na edade media; e o movimento da propria industria foi tambem consideravel, na segunda meação do seculo XV, como já notámos.

Havemos de vêr a Liga Hanseatica descer tão fundamente como altamente subiu; mas esse estudo pertence a outro volume.

CAPITULO III

Os Francezes

Historia politica dos Francezes na edade media. — Influencia economica dos Phenicios, Gregos e Romanos. — Estado de ruina a que a França desceu nos ultimos tempos da dominação romana e com as primeiras invasões dos barbaros. — Condições admiraveis da situação e territorio da França para o seu levantamento e progresso economico. — Não obstante isso, pequeno desinvolvimento relativo d'este paiz, em toda a edade media, e causas d'esse phenomeno. — Divisão da historia economica da França em tres epocas. — Apreciação geral de cada uma d'ellas. — Exame especial das differentes regiões da França na edade media. — Aquitania. — Região do sul. — Região do nordeste e norte. — Região do nordoeste. — Deficiencia de commercio externo nacional em toda a edade media. — Quaes os intermediarios que faziam esse commercio externo. — Preparação nacional do mesmo commercio. — N'este sentido, empreza de Jacques Cœur, nos ultimos tempos d'este periodo. — Influencia economica de Luiz XI no progresso da França. — Synthese final: productos, industria, centros, moeda e communicações. — Conclusão.

A França, antes de Cesar, foi habitada pelos povos que os Romanos chamavam Galli (Gaulezes), e que a si proprios se appellidavam Keltas ou Celtas.

Depois da conquista, estabeleceram-se lá colonias romanas, e o regimen municipal e a agricultura dos conquistadores tornaram essa região

florescente. O commercio e a industria desinvolveram-se. As letras e as artes adquiriram tambem grande incremento.

Mas, em breve, o despotismo dos imperadores espoliou o paiz, durante quatro seculos, no fim dos quaes o povo gaulez chegou ao extremo da miseria. Por isso mesmo, é que o christianismo, a religião dos opprimidos, se espalhou rapidamente na Gallia.

Com a invasão dos barbaros, uma tribu dos Salios, que faziam parte dos Francos da Germania, veiu estabelecer-se na Belgica; e Moroveu, rei d'essa tribu, escolheu Tournai para capital. Um dos seus successores, Clovis, casou com Clotilde, filha dos reis borguinhões, que era christã; e adoptou por isso o christianismo.

Este rei organisou a *lei salica*, o primeiro codigo politico dos Francezes. Estendeu depois o seu poder pelo territorio gaulez. Venceu os Allemães em Tolbiac. Venceu tambem os Borguinhões, ou Borgundos, que se tinham fixado a este da França, e os Wisigodos, que se tinham estabelecido no sul e na Hespanha; e fixou, a final, a residencia em Paris, chamada então Lutecia. Por fim, tendo mandado matar os chefes de varias tribus francezas, concentrou em si o poder de que elles dispunham.

Por morte de Clovis (511), foi o reino dividido pelos quatro filhos, seguindo-se uma serie de crimes, guerras e subdivisões, até que toda a monarchia veiu parar ás mãos de um d'elles, Clothero (558). Os filhos d'este partilharam nova-

mente o reino, mas guardaram Paris em commum; e então as rainhas Fredegonda e Brunealta [1] moveram entre si guerras continuadas, que motivaram grande desordem e ruina. Por tudo isso, esta epoca da historia franceza, depois de Clovis, tem pouca importancia. Os ultimos reis da raça merovingiana perderam até por completo a sua auctoridade. Foram os chamados *reis preguiçosos* (*fainéants*). Estavam encerrados nos seus aposentos, e os seus domesticos, *maires do palacio* ou mordomos, é que mandavam.

Então (687) Pepino Heristral, que governava a Austrasia, pequeno reino visinho do Rheno, pôde reunir toda a França debaixo do seu poder. Seu filho Carlos Martello (715-741) foi um dos maiores reis da França. Venceu os Sarracenos em Poitiers (732) [2]. Apoderou-se dos bens da egreja, que possuia o paiz quasi inteiro, e os distribuiu pelos seus militares, d'onde proveiu uma outra origem do feudalismo.

Falleceu em 741, tendo repartido pelos dois filhos todos os seus estados, que, depois, vieram tambem a parar nas mãos d'um só — Pepino, o Breve (751), tronco da raça carlovingiana, ao qual succedeu Carlos Magno (768).

Este ampliou, por meio das suas conquistas,

---

[1] Pinheiro Chagas, na traducção da *Historia de França*, de Henri Martin e Delfim d'Almeida, na traducção da *Historia Universal*, de Jorge Weber, escrevem *Brunhilda*.

[2] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 21.

o imperio franco, até o Elba, Theis e Bosnia, pelo nascente; pelo sul, até o Carigliano, na Italia, comprehendendo tambem o valle do Pó; e até o Ebro na Hespanha, pelo oeste.

Creou os dizimos em favor do clero; promulgou sabias leis, que compendiou nas suas *Capitulares;* e fez desinvolver muito o commercio e a industria [1].

Foi no tempo de Carlos Magno que principiaram a apparecer os Normandos nas costas da França.

Succedeu-lhe seu filho Luiz Débonnaire, ou Luiz, o Piedoso (814), bom, mas fraco, e por isso incapaz de sustentar a grandeza do imperio. Por essa fraqueza, chegou a ser deposto pelo filho Lothario ou Lothero; mas a sua humildade produziu uma reacção, que lhe restituiu o poder (834).

Carlos Magno servira-se do clero como d'arma politica. Luiz Débonnaire, porém, submetteu-se completamente á egreja, e d'ahi provieram as pretensões da thiara sobre as corôas.

A decadencia continuou com os seus successores; por fórma que, se ainda, no tempo d'elle, o reino, embora fraco e rasgado por dissensões intestinas, conservava, perante as nações externas, uma certa apparencia de grandeza, já com seu filho Carlos Calvo, e com os successores d'este principe, se foi desmembrando, pouco e pouco.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 19 e 20.

Para essa fraqueza e dissolução contribuiram tambem as invasões dos Normandos, que se repetiram com frequencia, até que, em 912, elles se estabeleceram no territorio da Neustria, a qual tomou por isso o nome de Normandia.

Continuando esta decadencia, em 987, Hugo Capeto, duque da França, usurpou a corôa, por morte de Luiz V, e começou a dynastia capeta. Esse rei favoreceu os guerreiros e os padres, ao passo que desprezou o povo, sem contribuir para o progresso da nação.

Succedeu-lhe o filho Roberto II (996); a este Henrique I (1031); e a Henrique I succedeu Filippe I (1060). Foi no seu tempo que se deu a primeira cruzada (1096). E foi tambem então que Guilherme, o Conquistador, passou á Inglaterra: facto de uma importancia enorme, tanto para a historia particular de qualquer dos dois paizes, como para a historia universal; porque, unindo, durante quatro seculos, a Inglaterra a provincias da França, taes como a Normandia, Anjou e Guyenna, por um lado, introduziu nos negocios da Europa aquella ilha, anteriormente separada do mundo pelo Oceano; e, por outro lado, levando-lhe o genio politico dos Normandos, com o gosto aventureiro do commercio, creou o caracter dos Inglezes, o primeiro dos povos industriaes e commerciantes da Europa moderna.

A Filippe I succedeu seu filho Luiz VI, chamado o Gordo (1108). No seu reinado, começou a fortificar-se a auctoridade real, pelo estabelecimento das communas.

O poder dos reis da França não se estendia então além de setenta e cinco ou oitenta kilometros em redor de Paris. Luiz VI, porém, empregou toda a sua actividade contra a Inglaterra, que occupava uma grande parte da França, e tambem contra os feudaes, que occupavam o resto; e pôde com isso ampliar os dominios da monarchia.

Succedeu-lhe Luiz VII, o Moço (1137). Houve no seu tempo a segunda cruzada, prégada por S. Bernardo, de que o rei fez parte.

Na sua volta, repudiou a rainha Leonor, que era a herdeira da Aquitania, Poitou e Guyenna; e ella foi casar com Henrique Plantagenet (Henrique II, rei da Inglaterra), que já era duque d'Anjou, levando-lhe em dote aquellas provincias. De modo que a antipathia dos dois conjuges trouxe nova desmembração da monarchia, e foi o germen de novas desordens e novas luctas com aquella nação.

Succedeu-lhe Filippe II, chamado Filippe Augusto (1180), que principiou por expulsar os Judeus, senhores do pequeno commercio que então se fazia. Venceu o rei de Inglaterra, que possuia a metade da França; e, juntamente com Ricardo, Coração de Leão, e com Frederico Barbaroxa, tomou parte na terceira cruzada. Na volta, e na ausencia de Ricardo, tirou-lhe a Normandia.

Depois, tendo outro rei de Inglaterra, João sem Terra, matado o joven Arthur, seu competidor, Filippe Augusto fel-o julgar pela camara de Pares, como seu vassallo, e declarou

que a Normandia, Anjou e a Touraine voltavam á corôa de França.

Por outro lado, abateu o poder feudal e a nobreza; e a monarchia principiou assim a recompôr-se. Foi o primeiro rei francez que teve exercito permanente e assoldadado, facto esse que representou outro golpe dado no feudalismo.

Houve tambem no seu tempo a cruzada contra os Albigenses, do sul da França, que foram exterminados aos milhares.

Succedeu-lhe Luiz VIII (1223); e a este, em 1226, Luiz IX (S. Luiz), que, na quinta cruzada, ficou prisioneiro dos Egypcios. Voltando ao reino, administrou com prudencia e justiça. Aboliu o duello judiciario; graduou as penas; acabou com os tribunaes feudaes, no territorio que lhe obedecia directamente; e estabeleceu o recurso no julgamento dos pleitos, ficando a ultima instancia reservada para o rei.

Succedeu-lhe Filippe III, o Atrevido (1270), cujo reinado teve pequena importancia; e a este, Filippe IV, o Bello (1285) [1].

Filippe IV teve de sustentar guerra contra a Inglaterra, e uma lucta prolongada contra o papa Bonifacio IV, que chegou a excommungar todo o reino. Expulsou tambem os Judeus. Para sustentar as suas luctas, acabrunhou o povo de impos-

---

[1] Foi no tempo d'este rei (1282), que tiveram logar as Vesperas Sicilianas, em que foram massacrados todos os francezes residentes na Sicilia.

tos. Foi no seu tempo que houve o processo dos Templarios.

Succedeu-lhe Luiz x (1314), que readmittiu os Judeus, para os despojar.

A este succedeu seu filho Filippe v, o Comprido (1316), que, com o mesmo proposito, mandou tambem queimar centenas d'esses infelizes.

Este rei quiz estabelecer a unidade da moeda, pesos e medidas; e promulgou sobre finanças, regimen das aguas e florestas, e sobre outros assumptos economicos, medidas de valor.

Succedeu-lhe Carlos iv (1322), que egualmente favoreceu o commercio. Tendo fallecido, em 1328, o rei de Inglaterra, Eduardo iii, como sobrinho materno d'elle, pretendeu o throno de França; mas os Pares declararam (1328) que Filippe de Valois (Filippe vi), primo do rei fallecido, era o preferido.

Seguiu-se d'ahi a guerra com a Inglaterra. Esta guerra continuou sob o seu successor, João i (1350), que foi feito prisioneiro pelo filho de Eduardo iii de Inglaterra, o principe de Galles.

Durante o seu captiveiro, governou seu filho Carlos. A desordem do reino tomou então proporções enormes; e a guerra, chamada *Jacquerie*, entre o povo, que se designava por *Jacques* (*bom homem*), e os nobres, augmentou a ruina.

As desordens e perturbações de Paris reduziram a capital á miseria.

Por fim, convencionou-se o resgate do rei por tres milhões de escudos e a terça parte da França; mas, tendo elle vindo ao reino, para ajuntar

esta somma, e não a tendo conseguido, voltou de novo para Inglaterra, onde morreu.

Tinha esse rei adquirido a Borgonha, pela herança de Filippe de Rouvres, e deu-a em apanagio a um dos seus filhos; fazendo assim recomeçar o desmembramento da corôa, que acabava de ser recomposta, e que tinha de o ser outra vez, duzentos annos mais tarde.

Succedeu-lhe Carlos v (1364), que continuou a guerra com os Inglezes. N'esse tempo, a guerra era uma necessidade. Quando se licenceavam as companhias, parecia que se tinham desencadeiado bestas ferozes; e ficava uma grande malta de ladrões e libertinos, de modo que era preciso recomeçar a lucta, para os entreter.

Mas, no meio d'essas guerras, Carlos v impulsionou fortemente o movimento economico da França.

Succedeu-lhe Carlos vi (1380). O seu reinado foi um dos mais desgraçados da França; porque, tendo elle endoudecido, o duque de Borgonha, João sem Medo, e o duque de Orleans disputaram o poder.

Este ultimo foi traiçoeiramente morto por aquelle; mas o filho juntou-se com seu tio, o conde d'Armagnac, para vingar a morte do pae. Surgiram d'ahi os dois partidos d'*Armagnacs* e *Borguinhões;* e, a par d'elles, tambem os *Cabochianos,* facção de carniceiros, espalharam o sangue e o terror em Paris, em favor do seu alliado, João sem Medo.

Henrique v d'Inglaterra aproveitou essa occa-

são, para conquistar a França; e, tendo derrotado os Francezes, em Azincourt (1415), tomou Paris.

Foi no tempo de Carlos VI, em 1395, que Genova se collocou sob o protectorado da França.

A Carlos VI succedeu Carlos VII (1422), sob cujo reinado figurou Joanna d'Arc, que, tendo vencido os Inglezes em muitas batalhas, foi por fim queimada por elles, em Rouen. Apesar d'isto, os Inglezes foram expulsos da França, em 1451.

Começou n'este reinado a organisação regular do exercito e a concentração do poder real.

Succedeu-lhe Luiz XI (1461), o rei que, da mesma forma que D. João II em Portugal e Henrique VIII em Inglaterra, personalisou a iniciação de completa centralisação monarchica. Opprimiu o povo e abateu os nobres; mas, a par do seu extremo despotismo, recompoz territorialmente a monarchia, e levantou a nação.

Foi assim que uniu á França o Anjou, a Provença, o Maine, o Russilhão e a Cerdanha. Pela derrota e morte de Carlos, o Temerario, duque de Borgonha, conquistou este ducado, excepto a região de Flandres, que ficou pertencendo a Maximiliano da Austria, pelo seu casamento com a filha d'aquelle duque. Tomou a Picardia com o Artois e com o condado de Bolonha; o ducado e condado de Borgonha com o Charolais e Auxerre: o ducado de Alençon e de Perche; e a Guyenna. E acabou tambem com os senhorios das casas de Armagnac, Nemours e Saint-Paul.

Foi o primeiro rei que introduziu a ordem na

administração publica. Estabeleceu correios, para ter communicações promptas e seguras, na revolução, chamada *Liga do bem publico,* tramada contra elle pela nobreza e pelo clero. Estabeleceu a unidade de pesos e medidas. E desinvolveu muito o commercio e a industria. Entre as suas principaes medidas economicas, figura o regulamento das artes e officios.

Succedeu-lhe Carlos VIII, seu filho, que era ainda menor (1483), e que, pelo seu casamento com Anna, herdeira da Bretanha, reuniu esta provincia á França. A regencia do reino trouxe grandes perturbações. Logo depois da morte de Luiz XI, houve uma reacção contra muitas das suas medidas, d'onde resultou uma agitação no reino; e essa reacção deu em resultado a convocação dos estados geraes (1484), que foi a primeira assembleia nacional da França.

Carlos VIII lembrou-se de fazer reviver as pretensões que os seus antecessores julgavam ter, pela casa d'Anjou, sobre o reino de Napoles; e, por esse motivo, tendo alguns nobres italianos pedido o seu auxilio contra o rei napolitano, que os queria despojar, aproveitou o ensejo, para conquistar esse reino. Isso trouxe a guerra na Italia, chegando Carlos VIII a tomar parte da peninsula italiana.

A França, porém, com as acquisições de Luiz XI e a reunião da Bretanha, tomara um tal incremento que, em face d'essa tentativa da conquista de Napoles, Henrique VII de Inglaterra, Fernando e Izabel de Hespanha e Maximiliano da

Austria, levados do temor e ciume, fizeram uma colligação contra Carlos VIII. Este, para os accommodar, prometteu pagar em quinze annos uma grande somma de dinheiro ao cubiçoso Henrique VII; deu a Cerdanha e o Russilhão á Hespanha, apezar dos protestos de Perpinhão, que queria ficar francez; e deu ao filho de Maximiliano o Franche-Conté, Artois e Charolais, conquistas que foram de Luiz XI.

Falleceu em 1498. Não tendo filhos, succedeu-lhe seu primo Luiz XII, neto de um irmão de Carlos VI. Era duque de Orleans, e por isso foi o tronco de uma nova dynastia — a Valois-Orleans [1].

*

* *

Pertence propriamente á edade antiga a historia dos estabelecimentos phenicios e gregos, bem como da colonisação romana, que, durante essa epoca, absorveram o commercio da França; e, n'este sentido, já fallámos d'essas colonias, quando tratámos d'aquelles povos. Mas, os factos é que pertencem especialmente á França, e constituem

---

[1] Henri Martin, *Historia de França*, traduzida por Pinheiro Chagas. — V. Duruy, *Histoire de France*. — Felix Bodin, *Resumé de l'Histoire de France*. — Antequil, *Histoire de France*. — Guizot, *Civilisation en France*. — Théodore Juste, *Précis de l'Histoire du Moyen Age, considéré particulièrement dans ses rapports avec la Belgique*. — Michelet, *Histoire de France*.

os precedentes do seu movimento economico. Seja-nos, por isso, permittido consignar ainda agora, em quadro retrospectivo, os principaes accidentes mercantis d'aquelles estabelecimentos e d'esta colonisação.

*
* *

Os Phenicios, no anno 1000 antes de Christo, vieram fundar Cadiz, na Hespanha; exploraram as costas gaulezas entre os Alpes e Pyrineus, estabelecendo colonias desde Monaco (*Porto d'Hercules Monœcum*) até Port-Vendres (*Portus Veneris*). Tambem se lhes attribue a fundação de Nimes e de Heraclea do Rhodano (*cidade d'Hercules*), hoje Saint Gilles, e suppõe-se até que elles occuparam, antes dos Gregos, o local de Marselha. Exploraram as minas d'ouro, prata, ferro e cobre d'essa região, muito abundantes n'esse tempo, e quasi á flôr da terra; e iam buscar de lá o estanho ás ilhas Cassiterides [1].

*
* *

Depois dos Phenicios, os Gregos, expulsos da Phocéa, vieram fundar Marselha; e, principal-

[1] *A Historia Economica*, vol. I, pag. 217 e seguintes. — Perigot, *Histoire du Commerce Français.*

mente, á expansão d'essa colonia foi devido o desinvolvimento do commercio francez, que irradiou do sul pelas outras regiões do paiz.

Já, no primeiro volume, fizemos vêr a admiravel situação d'esta cidade, e como ella cresceu e prosperou, estabelecendo tambem colonias suas na propria Gallia [1], ao mesmo tempo que entabolava e estreitava relações commerciaes com as colonias gregas da Hespanha, e que, atravessando as columnas de Hercules, affrontava os mares septentrionaes, chegando á propria Islandia.

Da parte meridional, os Marselhezes foram subindo para o interior. Pelo curso do Aude e pela garganta de Narouze, penetraram na bacia de Garonna, e d'ahi na bacia do Adur; explorando o ferro do Ariége, das Landes e Perigord, e recolhendo tambem as palhetas d'ouro, arrastadas pelas correntes do Ariége e Adur, que elles transformavam em ornamentos de toda a especie, como anneis, collares e braceletes.

Extraíam o cobre dos Pyrineos occidentaes, onde então era muito abundante; e exploraram as minas de prata e chumbo dos Cevennes.

Para o norte, adiantaram-se até o Saona. Pelas gargantas dos Cevennes, desceram ao valle do Loire, explorando egualmente os seus mineraes; e proseguiram d'ahi até o antigo porto do Corbilo, perto de Saint Nazaire, onde os povos da

[1] *A Historia Economica,* vol. I, pag. 377 e seguinte e 321.

Bretanha vinham trocar as suas mercadorias. Pelos valles do Alto Saona e Marne, entraram na bacia do Sena, que lhes forneceu novas producções.

Foram tambem ás montanhas do Jura e dos Vosgos commerciar com a madeira e com os presuntos e carne salgada de porco d'essas regiões: productos esses que representavam uma parte consideravel do alimento dos Gaulezes, e que Marselha exportava em grande quantidade para Roma.

Da mesma forma, estenderam o seu commercio á parte mais septentrional da França e á Belgica, explorando o linho, os carneiros, o gado suino e cavallar d'essas regiões, e o ferro da Borgonha e Champagne. Do trigo da Gallia, cuja farinha até na Italia era muito procurada, por causa da brancura, faziam tambem, misturado com mel, uma especie de cerveja, que fabricavam em grande quantidade.

Tratavam com muito cuidado do vinho e azeite. E, ao mesmo tempo que desembarcavam as mercadorias, ensinavam os Gaulezes a plantar as oliveiras e as vides.

Exploravam tambem o coral das ilhas de Hyeres; as ostras da lagoa de Vendres, perto de Narbonna, e da lagoa Estomac, a oeste de Berre, actualmente fechada, mas que, então, communicava livremente com o mar; os mugens de todas as lagoas da costa de Languedoc; e o ruivo e atum do Mediterraneo.

Creavam muitos carneiros, então, de lã gres-

seira, e muitas cabras, cujas pelles forneciam òdres para o transporte de liquidos [1].

Por tudo isso, era, então, muito grande o commercio no sul da França. Mas, fóra d'essa região, o commercio francez, antes da conquista romana, como diz Pigeonneau, devia ser egual ao de hoje, no Sudão e Asia Central. Algumas grandes cidades, ás vezes santuarios e fortalezas, como *Nemausus* (Nimes), *Tolosa* (Toulouse), *Vienna, Cabillonum* (Chalons-sur-Saone), *Alesia, Avaricum* (Bourges), *Genabum* (Orleans), onde havia feiras, em certas epocas, determinadas por festas religiosas; numerosos burgos, onde os habitantes dos campos se reuniam em dias fixos, para fazerem as suas compras e vender os seus productos, principalmente o vinho, que os barbaros cubiçavam muito: mercadores, circulando com seus pacotes de mercadorias, sob a protecção dos chefes de *clans* [2], que faziam pagar caro essa protecção; maus caminhos; pesados carros de duas e quatro rodas, geralmente arrastados por bois; associações de barqueiros, collocadas sob o patronato de algumas pessoas poderosas e sob a garantia das convenções commerciaes, concluidas entre as nações visinhas, transportando

---

[1] Perigot, *Histoire du Commerce Français,* pag. 8 e seguintes.

[2] O *clan* era a agglomeração de familias que descendiam d'um mesmo tronco, e eram governadas por um unico chefe.

os viajantes e mercadorias: tal era o espectaculo geral da Gallia antes dos Romanos [1].

Com o progresso dos Carthaginezes, Marselha veiu a topar-se com elles no Mediterraneo. Não podendo resistir-lhes, sem o auxilio d'um alliado poderoso, uniu-se com os Romanos. E estes, que tinham necessidade de Marselha, para passarem mais facilmente á sua provincia de Hespanha, tanto por mar, como pela via Herculiana, que ia de Nice a Marselha, e pela via Domitiana, que ia de Marselha aos Pyrineus [2], apressaram-se a corresponder ao appêllo dos Marselhezes, começando por combater as povoações gaulezas que infestavam esses caminhos.

Então, o consul Sextius, victorioso, fundou ao norte de Marselha, n'um sitio afamado por suas aguas thermaes, uma fortaleza, que, do seu nome, se chamou *Aguas Sextiennes,* hoje a cidade de Aix-en-Provence (123). Foi o periodo mais brilhante da grandeza de Marselha.

Aberta a Gallia aos Romanos, em breve a influencia d'elles se alongou pela Provença, preponderando tambem sobre o commercio d'esta região.

Para centro do seu dominio, e para fazerem concorrencia a Marselha, escolheram Narbonna.

---

[1] Pigeonneau, *Histoire du Commerce de la France,* pag. 20.

[2] Nicolas Bergier, *Histoire des Grands Chemins de l'Empire Romain.* — *A Historia Economica,* vol. I, pag. 395 e seguintes.

*

Esta cidade, collocada ao pé dos Pyrineus, como aquella outra se achava ao pé dos Alpes, sobre uma lagoa maritima e um braço navegavel do rio Aude, ligada ao Garonna por um caminho facil e curto, se hoje está separada do mar, pelas deslocações e alluviões do mesmo rio, estava então rodeada pelos seus braços, e era accessivel aos maiores navios do commercio, graças ás lagunas que faziam d'ella a Veneza da Gallia. Não tardou por isso a tornar-se capital da provincia, que lhe deveu o nome de *Narbonnensis Gallia*.

As conquistas de Cesar, estendendo-se no interior do paiz, proporcionaram um vasto campo ás explorações commerciaes de Narbonna. Marselha, ciosa da superioridade da sua rival, e descontente por se vêr desprezada, lançou-se no partido de Pompeu; e d'ahi proveiu a sua ruina. Foi tomada por Cesar, e como que encerrada em tres cidades maritimas, povoadas de cidadãos romanos — Frejus, Arles e Narbonna.

Frejus tornou-se um dos portos de guerra, onde Augusto estabeleceu uma frota para segurança das communicações entre a Italia, a Gallia e a Hespanha. Arles, collocada no cume do delta do Rhodano, offerecia tambem ao commercio um duplo porto maritimo: a este, pelo canal de Marius, que desembocava em Foz; a oeste, pelo braço hespanhol do Rhodano, que ia dar ás lagunas da costa occidental, mais largas e profundas então do que hoje, e que estavam unidas ao mar por differentes passagens praticaveis. E Narbonna, como já dissemos, era

tambem accessivel aos maiores navios do commercio.

Mas a submissão da Gallia até o Rheno e Atlantico deslocou o centro da vida politica e mercantil. Narbonna devia ficar, e ficou, o grande porto do golfo de Lyão; mas nem ella, nem qualquer das outras cidades, tinha já condições, para ficar sendo a capital ou servir de mercado central do paiz.

Uma outra cidade, de origem recente [1], recolheu essa dupla herança — Lyão (*Lugdunum*), que, graças á sua posição, na margem direita do Saona, e á protecção dos imperadores romanos, se tornou, em pouco tempo, um dos grandes centros do imperio.

Partiam de lá quatro vias militares e commerciaes, construidas, ou, pelo menos, traçadas por Agrippa. Uma ia dar a Saintes e Bordeus; outra, ao Rheno; a terceira, á Mancha, pelo paiz de Remes (Reims), dos Bellovaques (Beauvaisis), e dos Ambianos (Amiennois); a ultima, emfim, a Arles, onde se bifurcava, para tocar Narbonna e Marselha.

Esta ultima via costeava o littoral; cortava o Rhodano, na ponte de Arles; atravessava os Pyrineus, no collo de Pertus; e era o grande caminho terrestre da Italia para a Hespanha [2].

---

[1] Lyão foi fundada, quarenta e tres annos antes de Christo.

[2] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 27. — Nicolas Bergier, *obr. cit.*

Terminada a conquista, os Romanos trataram de organisar a Gallia e de explorar as suas riquezas; e esta empreza foi coroada do melhor resultado, porque toda a região se tornou prospera e feliz.

N'este sentido, introduziram o systema dos municipios romanos; augmentaram o numero das estradas, desinvolvendo ao mesmo tempo a viação fluvial e as communicações maritimas, por forma que regiões inteiras, até então pouco accessiveis ao commercio, como os valles do Rheno e do Sena, foram cortadas de caminhos e munidas de portos; e descobriram e aproveitaram muitas riquezas, ignoradas ou desprezadas até ahi pelos Gaulezes. Tão fecundas se tornaram as consequencias dos seus esforços, que até se foram creando as corporações industriaes e mercantis, a par da industria e commercio isolado e das officinas por conta do estado.

Por exemplo, os barqueiros do Rhodano, Saona, Durance, Sena e Loire formaram corporações, reconhecidas pelo estado e organisadas pelo modèlo das cidades, tendo os seus regulamentos, as suas propriedades e os seus patrões. Aconteceu a mesma coisa com as outras industrias. E essas corporações foram já uma especie de contrapeso á influencia crescente dos grandes proprietarios.

Foram abolidas muitas alfandegas interiores e muitas portagens, embora ficassem de pé muitas outras, em proveito do estado. Foram construidas muitas fortalezas e farolados muitos por-

tos; estabeleceram-se correios imperiaes; introduziu-se a ordem e policiamento na administração publica; adoçou-se a dureza com que, primeiramente, eram tratados os Gaulezes. E de tal maneira se desinvolveu toda a provincia que, no segundo seculo da nossa era, a França constituia um dos paizes mais bem cultivados do mundo romano e uma grande praça commercial. Os proprios negociantes da Italia ahi concorriam, para se proverem de cavallos, gados e vinhos.

A exploração das minas era livre; e, embora uma grande parte d'ellas pertencesse ao estado, como acontecia nas salinas mais importantes, a producção mineral era muito grande.

Assim, o ferro, o cobre, o estanho, o chumbo e ouro eram explorados e preparados com tanta habilidade, que punha a industria gauleza entre as primeiras do imperio.

Cunhava-se moeda em Lyão, Arles e Treves.

As industrias textis não eram menos florescentes que as metallurgicas. Por exemplo, a fabricação do linho para as embarcações estava espalhada por toda a parte; e as teias brancas de Cahors, os tapetes de Narbonna, e os saiaes de varias côres, eram conhecidos na Italia e até na Asia Menor. As tecelagens e tinturarias eram analogas ás dos actuaes productos dos Gobelinos, de Sevres e de Saint-Gobain [1].

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 22. — Strabão, liv. IV, cap. III. — Lavasseur, *Histoire des classes ouvrières en France.*

Longres e Saintes faziam capuzes de pelliças grosseiras, muito usados mais tarde pelos monges. Fabricavam-se muitos artigos de calçado, chamados *caracolles*.

Os centros principaes, além dos que já ficam mencionados, eram Tournai, Metz, Toulon, Nantes (*Portus Namnetum*), já então centro de commercio de vinhos, Bordeus, Tarascon, Avinhão (*Avenio*), Orange (*Arausio*), Vienna, Besançon (*Vesuntio*), Paris (*Lutecia*), Rouen (*Rotomagus*), Harfleur (*Caracotinum*), que ficou, até á fundação do Havre (1517), o principal entreposto de commercio com a Bretanha [1].

Mas, no seculo III, a administração dos Romanos na Gallia seguiu a corrupção da metropole. O pêso excessivo dos impostos, junto ás extorsões e abusos fiscaes, reduzindo o povo á miseria; o roubo e a pilhagem proveniente d'essa miseria; a corrupção e incapacidade dos governadores; e anarchia militar, resultante da ambição do poder, que differentes imperadores disputavam, ao mesmo tempo; e, no fim do seculo, as invasões e devastamento dos barbaros: foram atrophiando, pouco e pouco, o desinvolvimento economico.

E, no IV e V seculos, as mesmas causas predominaram com maior força; de modo que, no fim da edade antiga, a Gallia encontrava-se em pleno estado de desolação e ruina.

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 35.

*
* *

Os accidentes politicos e sociaes da França, na edade media, não eram tambem de molde a levantal-a á altura economica da sua admiravel situação e dos seus enormes recursos. E, por isso, como já dissemos no segundo volume d'esta obra [1], ella occupou, em todo este periodo, um logar secundario na historia commercial do mundo.

Differentes causas geraes produziram esse resultado, independentemente mesmo das causas especiaes que preponderaram, mais ou menos, n'uma ou n'outra epoca, n'uma ou n'outra região.

Logo nos primeiros tempos, a preoccupação de constituir a monarchia absorveu a actividade e iniciativa dos reis mais competentes, como Clovis e Carlos Martello. O proprio Carlos Magno, determinado tambem por essa preoccupação, teve de repartir a acção impulsiva do seu espirito economico pela Allemanha e pela Italia, e distrahir a sua força e os enormes recursos da sua actividade pela guerra e pela conquista. E a essa preoccupação dos primeiros reis, veiu logo juntar-se, a par da ruina proveniente dos barbaros, a inquietação da invasão dos Arabes, até Carlos Martello terminar definitivamente com ella, pela victoria de Poitiers.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 61.

Por outro lado, o estabelecimento do systema feudal, embora derivado, como vimos, da propria constituição da monarchia e dos accidentes da guerra e da conquista, contribuiu depois para o retardamento economico; porque, em nenhuma parte, a feudalidade preponderou tão prejudicialmente como na França, pela incapacidade dos reis e pequena reacção do povo [1].

Não havia, com effeito, no povo nenhuma grande aggremiação que podesse contrabalançar o poder feudal, como houve, por exemplo, na Allemanha as ligas rhenana, suabia e hanseatica.

E, pelo que toca á acção da realeza, só no seculo XII, é que principiaram a apparecer as primeiras medidas a favor do libertamento das classes populares; porque, n'essa epoca (1108 e 1137), Luiz VI, o Gordo, não só permittiu aos homens livres o adquirirem terras em certas condições, mas tambem, como já dissemos, fortificou a auctoridade real, pelo estabelecimento das communas e pela reducção dos dominios feudaes. Depois, Filippe IV, o Bello, para desprestigiar os membros da antiga nobreza, creou novos Pares, á imitação do que fizera em Roma o imperador Augusto, com a creação de novos senadores. Mas, só no fim d'este periodo, é que os nobres, pelo braço potente de Luiz XI, foram submettidos ao poder real, deixando de cevar

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 21. — Henri Martin, *obr. cit.*, vol. I. — Scherer, *obr. cit.*, vol. I.

as suas iras sobre a plebe. Esta ficou, certamente, amarrada ao carro da realeza; mas, em todo o caso, trocou um bando de despotas, inconsequentes e caprichosos, pelo absolutismo, um pouco mais regrado, da monarchia.

As successivas invasões dos Normandos nas costas da França, desde o seculo VIII até o principio do seculo X, em que definitivamente se fixaram na região da Normandia, contribuiram tambem para a desordem de uma grande parte do paiz, e, por consequencia, para o retardamento do seu progresso economico.

As guerras com a Inglaterra, desde 1351 a 1451, e, ainda no fim do periodo, as guerras com a Hespanha e com a Italia; bem como as decomposições e recomposições successivas do territorio nacional, por causa d'essas guerras e por causa dos apanagios: não podiam tambem deixar de produzir effeitos prejudiciaes.

Além d'isso, como já fizemos sentir, os feudaes governavam a maior parte do territorio; de modo que, ainda no tempo de Luiz, o Gordo (1137), o rei apenas administrava uns setenta e cinco a oitenta kilometros, em redor de Paris.

A Normandia, por exemplo, que era possuida pelo rei d'Inglaterra, foi reunida á corôa por Filippe Augusto, em 1205. Perdeu-se novamente em 1346, por ser tomada então por Eduardo III, rei d'Inglaterra. Foi retomada por Carlos V. Passou novamente para a Inglaterra, no reinado de Carlos VI; e, só foi definitivamente adquirida por Carlos VII, em 1449.

O littoral do Atlantico, que estava egualmente na mão dos Inglezes, só foi tambem desoccupado, sob Carlos VII, quando terminou a guerra entre os dois povos.

O condado de Amiens, de Vermandois e de Valois foram obtidos, em 1185, por Fillippe Augusto.

O condado de Tolosa foi reunido á França por Filippe, o Atrevido, em 1271.

Os condados de Marche, Angoumois, Champagne, Franche-Conté e Lectoure, o Quercy, a grande cidade de Lyão, e uma parte de Montpellier, foram adquiridos por Filippe, o Bello, que obrigou tambem o conde de Bar a prestar-lhe homenagem de todas as suas terras, situadas ao oeste do Mosa.

A Picardia, o Artois com o condado de Bolonha, o ducado e condado de Borgonha, com o Charolais e Auxerre, o Anjou, Maine, Provença, ducado d'Alençon e de Perche e a Guyenna, foram adquiridos por Luiz XI.

A Bretanha só foi adquirida por Carlos VIII, em 1491.

Parte da ilha de França foi obtida por Luiz XII, em 1498.

E a acquisição de muitas outras regiões, taes como Nivernais, Bourbonnais, Artois, a outra parte da Flandres franceza, Auvergne, Bearn, Foix, Saboia e Nice foi ainda posterior á edade media.

Mesmo os portos do Mediterraneo deixaram de pertencer á França, durante muito tempo.

Montpellier foi o primeiro que se adquiriu, e já dissemos que foi adquirido sob Filippe, o Bello.

Lyão foi por muito tempo capital de um dos desmembramentos do reino de Borgonha; e só foi reunida á França, como tambem já dissemos, por Filippe, o Bello, em 1307.

Marselha, que primeiramente constituiu uma republica, reconheceu no seculo XII o poder dos duques de Provença, e foi encorporada na França, em 1481, sob Luiz XI. Mas, ainda depois da edade media, recuperou uma certa autonomia, e, só em 1596, se submetteu definitivamente a Henrique IV.

Avinhão foi tambem por muito tempo uma especie de republica, sob a protecção dos papas; e, só em 1790, foi definitivamente incorporada no reino, quando os habitantes acolheram com enthusiasmo a revolução franceza [1].

A visinhança da Italia e Hollanda embaraçavam tambem o movimento economico da nação.

O primeiro d'esses paizes dispunha da sua bella situação no Mediterraneo, intermediaria entre o oriente e occidente, e foi o primeiro a entabolar relações commerciaes com o resto da Europa. E a Hollanda tinha, egualmente, uma posição intermediaria entre o norte e sul, e constituiu,

---

[1] V. Duruy, *Histoire de France*. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Théodore Juste, *Précis d'Histoire du moyen âge, considéré particulièrement dans ses rapports avec la Belgique*, vol. I. — Grosselin Delamarche, *Atlas de Géographie*, pag. 83.

desde logo, o mercado central dos productos do Levante e dos productos da propria Europa. Eram por isso dois concorrentes poderosos, para abafarem, ou pelo menos retardarem, o desinvolvimento commercial da França, emquanto qualquer circumstancia extraordinaria, como foi a descoberta da America, modificando a situação economica dos povos, não viesse favorecer a iniciativa da nação.

Por isso, a propria Marselha decaiu, depois das cruzadas, e o seu commercio passou, em grande parte, para os Genovezes, pela visinhança em que ella estava de Genova; e Aigues-Mortes e Montpellier, que faziam bastante commercio com os cruzados, não poderam tambem luctar com esses rivaes.

Da mesma fórma, ao norte da França, S. Luiz e Troyes, que tinham trafico internacional, só conservaram uma importancia local, desde que o trajecto do commercio começou a fazer-se directamente de Veneza e Genova para a Hollanda.

Finalmente, ás causas retardatarias que ficam apontadas accresceu ainda a incapacidade de muitos monarcas e as luctas internas de muitos reinados.

Por tudo isto, pois, a França não adquiriu, nem podia adquirir, n'este periodo, o desinvolvimento economico correspondente á sua importancia politica e ás admiraveis condições da sua situação, da qual já Strabão dizia no tempo de Augusto: «os rios d'este paiz correspondem tão bem entre si que as mercadorias podem ser facil-

mente transportadas de um mar para outro, descendo ou subindo esses rios, sem necessidade de se percorrer longos caminhos de terra, parecendo isto não effeito do acaso, mas intenção da Providencia.» E Perigot accrescenta: «A Gallia, communicando com a Hespanha e Italia, pelos collos dos Pyrineus e dos Alpes, unida á Europa Central pelo valle do Rheno, separada apenas por um estreito de 34 kilometros da Gran-Bretanha, é realmente o laço de toda a Europa occidental.» [1]

Ora, apezar de tão feliz situação, os Francezes deixaram, durante longos seculos, a exploração do grande commercio aos estrangeiros — Phenicios, Gregos, Romanos, e mais tarde Judeus e Lombardos. O periodo nacional da historia verdadeiramente economica da França só começa no fim da edade media [2].

Acabamos de apontar as causas que determinaram esse phenomeno.

Houve, comtudo, epocas de maior ou menor movimento economico, e cidades e mesmo regiões interiores que se destacaram notavelmente. Para isso, e para mais facilmente se poder assimilar o nosso estudo, convem dividil-o em tres epocas distinctas, segundo as importantes differenças sociaes que as demarcam.

---

[1] Perigot, *Histoire du Commerce Français*, pag. 7. — Sobre a admiravel situação da França, veja-se tambem E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle: La France*, pag. 3 e seguintes.

[2] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 2.

A primeira vae desde a invasão dos barbaros até ás cruzadas; a segunda, desde as cruzadas até o fim do seculo XIII; e a terceira comprehende o seculo XIV e o seculo XV.

*

* *

A invasão dos barbaros produziu na França a mesma desolação que no resto da Europa. Não, porque elles devastassem propositadamente o paiz, ou propositadamente aniquilassem a industria e commercio; antes, depois de estabelecidos, trataram de conservar as proprias instituições romanas [1] e de aproveitar os recursos naturaes.

Mas o choque entre os mesmos barbaros e os Gallos Romanos, o assolamento, os massacres, os incendios e a desordem proveniente da conquista selvagem, é que tinha apagado, quasi de todo, o movimento economico; e a propria organisação social não era azada, para reparar os destroços.

Assim, primeiramente, os invasores consignaram na lei salica notaveis differenças entre os Francos e os Gallos Romanos [2]. E, em segundo logar, como aconteceu, geralmente, por toda a parte, e como já fizemos sentir, os poderes pre-

---

[1] Fustel de Coulanges, *Histoire des Institutions Politiques de l'ancienne France.*

[2] Augustin Thierry, *Lettres sur l'histoire de France.*

dominantes da sociedade eram o feudalismo e a egreja.

Ora os feudaes, embora correspondessem a uma evolução progressiva, por terem contribuido para a estabilidade social [1], tinham de se armar e fortificar nos seus castellos ou dominios e de se defender pela propria força. E os seus vassallos, sem lei que os garantisse, nem auctoridade real que os protegesse, simples servos da gleba, colonos, domesticos ou rendeiros, não passavam de escravos, mais ou menos disfarçados [2].

Por outro lado, se cada feudo precisava de crear productos e industria propria, para viver independentemente, a vida sujeita aos azares da guerra, e por isso rude e grosseira, sómente exigia as occupações simples e domesticas, exercidas pelos vassallos; e esse exercicio era olhado com desprezo. As artes de guerra e de defeza ou ataque dos castellos, além de serem as mais urgentes, eram tambem as mais apreciadas. E por consequencia a liberdade do povo, e com ella o estimulo do trabalho e do progresso industrial, desapparecia.

E, além de tudo isto, o senhor sobrecarregava de impostos os vassallos, e impunha nos caminhos, nos portos e nos rios, numerosas e caprichosas portagens.

A par do dominio feudal, subsistia o dominio

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 27.

[2] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 69 e seguintes.

da egreja; ao pé do representante do poder senhorial, havia o bispo, representante do poder ecclesiastico. E, se, muitas vezes, estes dois poderes se gladiavam mutuamente, o povo era, afinal, o joguete das suas ambições e das suas rivalidades.

Accrescia, de mais a mais, a falta de segurança para o transito do commercio.

E tantas circumstancias conjugadas, e unidas ainda á falta de capacidade dos primeiros reis, fizeram com que, até o fim do seculo VI, desapparecesse, como dissemos, quasi de todo, o commercio e industria dos Romanos.

Se não desappareceu totalmente, é que os grandes recursos proprios da França e a velocidade adquirida anteriormente reagiram contra a avalanche deleteria.

Foi assim que, apezar de tudo, os portos do Atlantico e os da Mancha mantiveram as relações com os Wisigodos e Suevos de Hespanha, Irlandezes e Frizões; exportando vinhos, mel, garança, trigo, teias de linho, em troca de azeite e chumbo de Hespanha, dos metaes e escravos da Gran-Bretanha, dos pannos grosseiros da Irlanda e dos pannos mais finos que a Friza começava a fabricar. E Marselha, Arles e Narbonna, os grandes portos do Mediterraneo, continuavam a ser entrepostos do commercio do oriente, onde os seus navios iam buscar as especies, as sedas, o papyrus da Alexandria, os pannos e tapetes da Antiochia e Laodicea: productos esses que os negociantes francezes trocavam, em parte, pelos metaes, mel, açafrão, amendoas e teias da Gallia, e pelo

coral importado da Italia e ambar trazido por terra das costas do Baltico.

Havia ainda mudas de posta. Sobre as estradas romanas, conservadas e reparadas pelos Merovingianos, circulavam, com suas parelhas de bois ou cavallos, pesados carros, que serviam para o transporte das mercadorias e dos passageiros. Os rios constituiam ainda as vias do commercio interior; e as corporações de barqueiros tinham sobrevivido á queda da dominação romana [1].

*

* *

Os elementos de ruina que acima expozemos, aggravaram-se, ainda mais, até o fim do seculo VII, pelas dissensões entre os successores de Clovis, pelas guerras de Fredegonda e Brunealta, e pela incapacidade dos reis preguiçosos; de tal modo que, no fim d'esse seculo, a desolação economica era extrema, e assim continuou até os Carlovingianos. As estradas estavam em completo abandono, e andavam infestadas de ladrões; os rios, obstruidos por moinhos e barragens, não eram navegaveis; os caes e as pontes caíam em ruinas; os caminhos de alagem tinham sido usurpados pelos particulares; os piratas normandos e saxonios dos mares do Norte e da Mancha, e os corsarios musulmanos do Mediterraneo, assalta-

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 60.

vam as costas, e roubavam os navios; as portagens arbitrarias multiplicavam-se; e a auctoridade central era impotente, para conter semelhantes desordens.

Por isso, o pequeno commercio dos Francos era feito, ordinariamente, pelo systema de feiras, e a conducção dos productos, por meio de caravanas, escoltadas de gente armada, para segurança dos negociantes. E, geralmente, os intermediarios d'esse commercio eram os Syrios e os Judeus.

Debaixo do nome de Syrios, comprehendiam-se os negociantes originarios do Egypto e da Asia Menor. Estavam espalhados por todo o territorio; constituiam communidades importantes em Marselha, em Narbonna, em Bordeus e em Paris.

Quanto aos Judeus, um grande numero estava já estabelecido na Gallia, mas a sua prosperidade data da desorganisação do imperio, pela invasão dos barbaros. Unidos pela fé e pela tradição commum, em relações permanentes com seus irmãos da Allemanha, Italia, Hespanha, e oriente, poderam exercer proveitosamente a sua industria commercial. A propria egreja, prohibindo a usura dos christãos, favorecia a especulação dos Judeus, por fórma que estes fizeram do commercio de capitaes, que era tambem a mercadoria mais facil de esconder, o principal objecto da sua labutação.

A par d'esse commercio, ainda no fim do seculo VI, partilhavam com os Syrios o trafico dos

productos orientaes, não tardando a monopolisal-o, quando os Musulmanos roubaram ao imperio grego as possessões do Egypto e da Asia Menor. E, apezar de estarem continuamente expostos aos caprichos dos seus protectores reaes, ao odio do clero, aos insultos da populaça, e de serem expulsos, differentes vezes, deixavam passar a tempestade, e reappareciam depois com a mesma influencia e riqueza.

O governo dos Carlovingianos poz um dique á dissolução. Já Pepino e Carlos Martello, com a sua energia e genio organisador e com a derrota dos Sarracenos, fizeram adiantar o paiz; mas a acção maravilhosa de Carlos Magno é que o transformou.

As conquistas d'esse imperador na Germania central e meridional abriram aos Francos dois novos caminhos de commercio: um, pelo Danubio, que se prolongava até ás fronteiras do oriente e Constantinopla, atravez dos paizes occupados pelas tribus ferozes dos Avaros e Bulgaros; outro, que ia dar por Thuringue ás regiões onde dominavam os Soravos (Mecklemburgo, Brandeburgo, Pomerania) e os Vendes (Bohemia, Moravia, Austria e Carinthia).

N'essas regiões incultas, cheias de florestas e pantanos, e rodeadas de populações barbaras e inhospitas, os negociantes só podiam tambem arriscar-se, armados e reunidos em caravanas. Muitas vezes, tinham de luctar com aquellas populações, e eram trucidados; mas trataram de as civilisar e adoçar pelo christianismo. E o alarga-

mento do commercio, resultante d'essa maior expansão territorial, foi sensivel.

No interior da Gallia, foram reparados os caminhos e restabelecida a navegação fluvial; supprimiram-se as paragens illegaes; e armaram-se flotilhas na embocadura dos rios, para conterem os piratas, assim como foram reprimidos os ataques dos Musulmanos. Bolonha, cujos faroes foram restaurados, tornou-se o primeiro estaleiro de construcção da Gallia septentrional.

Por meio das *Capitulares*, foi restabelecida a ordem publica e protegido o commercio e a industria [1]. Por meio da alliança com os emires da Africa e kalifa do Oriente, Haroum-el-Raschid, Marselha e Narbonna tornaram-se novamente emporios de productos orientaes, como, por exemplo, d'especies, aromas, perolas, pedrarias, crystaes, estofos de seda e de algodão, importados pelos Arabes.

A oeste e norte da França, travaram-se e apertavam-se tambem relações commerciaes com a Gran-Bretanha e Germania.

Carlos Magno tentou até, como vimos, estabelecer a unidade de pesos e medidas, embora o não podesse conseguir [2].

Cultivava-se por toda a parte o centeio, o trigo, a cevada e os legumes, que formavam a base da

---

[1] Guizot, *Civilisation en France*, lição 21.
[2] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 77.

alimentação. A propria cultura da vinha se tinha propagado, onde sómente podia dar medianos resultados; e tanto que foi abandonada n'esses sitios, quando as relações commerciaes se tornaram mais faceis, como na Picardia, Normandia e Bretanha. Cada paisano, servo ou rendeiro livre que fosse, tinha a sua capoeira, seu cortelho de porcos, seu curral, sufficiente para poder conter algumas cabras e uma ou duas vaccas. O gado pastava, mediante uma ligeira renda, nos prados, bouças ou mattos, que formavam, por assim dizer, a propriedade commum do feudo. O senhor alimentava ahi, de ordinario, muitos rebanhos de carneiros, cuja lã, fiada por mulheres, servia para tecer os vestidos. As florestas senhoriaes forneciam madeira e lenha [1].

Em todo o caso, a industria era muito reduzida; porque a frequencia das guerras e a necessidade de defeza, que constituiam os habitos feudaes, determinavam tambem grande simplicidade de vida e grande falta de luxo. A mobilia compunha-se, ordinariamente, de bancos de pau, caixas de guardar a roupa, cavalletes e taboas que serviam de meza. Os tapetes e muitas vezes os proprios leitos eram montes de folhas ou feixes de palha, estendidos sobre as lages de pedra. Os unicos objectos de luxo eram taças preciosas; vasos de ouro e prata, transmittidos de geração em geração; pelliças do norte; bellos cavallos de

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*

batalha, e armas de rija témpera, que eram, ás vezes, a segurança e a honra do senhor [1].

E, por outro lado, cada feudo queria ter as industrias de primeira necessidade, o seu carpinteiro, pedreiro, oleiro, ferreiro, armador, tecelão e alfaiate. Os servos da gleba convertiam-se por isso, muitas vezes, em artistas, ou livres ou ligados ao senhor; e, pelo trabalho d'esses servos ou dos artistas independentes, é que elle se fornecia dos objectos industriaes de que precisava.

*

* *

A influencia poderosa dos antecessores de Carlos Magno, e especialmente d'este imperador, apagou-se brevemente, pela dissensão e lucta dos seus herdeiros. Os seculos IX e X foram terriveis para a França; e nunca ella atravessou uma epoca tão dolorosa.

Transcrevemos as proprias palavras de Pigeonneau:

« Por toda a parte, a anarchia, por toda a parte, a guerra. Carencia absoluta de caminhos, de communicações, de commercio. Os piratas normandos estão senhores do Oceano; os corsarios sarracenos, do Mediterraneo; e occupam a emboca-

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 95. — Levasseur, *Histoire des classes ouvrières en France,* vol. I, pag. 167 e seguintes.

dura dos rios, saqueiam os portos, interceptam a navegação.

« Os postos normandos estão escalonados na Escalda, de Gand a Conté, no Somme, d'Abbeville e Amiens, no Sena, de Rouen e Melun. As ilhas de Noirmoutier e de Ré tornam-se estações permanentes onde se organisam flotilhas de piratas que sobem o Loire, o Charente, o Garonna, e saqueiam as costas da Aquitania. Os Sarracenos estão estabelecidos em Camargue, na Provença, no Delfinado, na Savoia e até no Valais. Por seus postos de Garde-Freynet (Var), de Sisteron, d'Embrun, de Briançon, de Melphe e de Saint-Maurice-en-Valais, fecham os caminhos dos Alpes; e os peregrinos já não podem ir á Italia, senão pagando-lhes tributo.

« O grande caminho do valle do Danubio está cortado pelos Hungaros. Cessam as relações entre os povos. Cada um d'elles encerra-se e guardase no seu paiz.

« As antigas *villas* dos grandes proprietarios, os mosteiros, as egrejas, tornam-se castellos fortes; os mais pequenos burgos rodeiam-se de muralhas.

« Concentra-se a vida, estreita-se o horisonte, enfraquece-se a auctoridade. Cada grupo se isola, cada castello, cada cidade murada, cada abbadia fortificada, tornam-se capitaes de outros tantos pequenos estados, de que o conde, o bispo, o abbade ou o senhor são os soberanos. Cada um d'estes estados tem as suas rivalidades, os seus alliados, os seus inimigos, as suas guerras internas

e externas. A estas luctas de castello para castello, de campanario para campanario, ás incursões dos ladrões, á carniceria dos lobos que percorrem a Gallia, em alcateas de trezentos e quatrocentos, vêm juntar-se epidemias e fomes, consequencia natural d'um tal estado social. A Gallia desespera de si mesma, parece-lhe que o mundo vai de novo entrar no cahos, e as superstições populares fixam no anno 1000 a data da suprema catastrophe. Era, com effeito, a morte d'um mundo, d'esse mundo romano, que Carlos Magno tinha tentado inutilmente resuscitar; mas era tambem o nascimento d'uma civilisação nova. A verdadeira edade media, a edade media feudal, ia começar, e a Gallia desapparecera, para dar logar á França.»[1]

*

* *

Differentes circumstancias vieram modificar, na corrente do seculo XI, as condições da França, taes como o regimen do poder feudal, as communas, as corporações d'artes e officios, a concentração real, as conquistas da Inglaterra pelos Normandos, o movimento das peregrinações e das cruzadas, e a acção da egreja a favor da paz e da segurança publica.

Emquanto ao feudalismo, até ahi não havia lei nem costume que lhe assignasse qualquer norma social. Os senhores guerreavam-se mutua-

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 88.

mente. Cada nobre cuidava especialmente da sua defeza ou alargamento dos seus dominios, estabelecendo principados inimigos, ou, pelo menos, rivaes, no meio da desordem geral. No seculo XI, porém, essa instituição entrou nos costumes, como direito constituido.

É certo que, tratando cada feudo de se organisar e solidificar, continuou cerceando os direitos do povo, monopolisando o patrimonio commum, e competindo com a auctoridade real. As portagens nas pontes e nos rios; os tributos chamados das *calçadas,* incidindo no transito dos caminhos; os direitos da rodagem dos carros; os direitos de passagem pelas portas da cidade; os de caes para o embarque e desembarque de mercadorias; em summa, impostos e direitos banaes e abusos de toda a ordem, opprimiam o povo e prejudicavam o commercio. E a auctoridade real, ainda então circumscripta a poucas leguas em volta de Paris, sentia-se desprestigiada e opprimida, no meio d'essa organisação.

Mas, debaixo d'estes abusos e d'esta oppressão, tinha-se aquietado a sociedade; havia pelo menos um regimen; iam-se adoçando os costumes; e voltava o sentimento da ordem e o estimulo do trabalho, com a aspiração da liberdade. E, pelo despertamento d'esses sentimentos do trabalho e liberdade, começaram a organisar-se, ou antes, a reorganisar-se, as communas ou cidades livres com o auxilio dos reis.

No sul da França, onde a invasão dos barbaros não tinha apagado as antigas instituições, foi

mais facil restabelecer ou crear de novo essas communas; mas ao norte, onde toda a liberdade tinha desapparecido, com as invasões e com a oppressão feudal, foi necessario reconquistal-as á força. E, a par das communas, crearam-se, como vimos, as associações de industriaes, — corporações de artes e officios, ou jurandas e mestrias, de que já fallamos [1].

Ora, como não havia ainda a segurança precisa para o transito das mercadorias e dos negociantes, nem as simples associações locaes eram bastantes, para obterem os recursos indispensaveis á defeza e manutenção de um commercio mais largo, essas associações particulares, a exemplo da Allemanha, alargaram-se, pela união de muitas d'ellas, ou sómente de muitos industriaes ou negociantes de differentes cidades, sob o nome de *hansas* ou *guildas*.

E essas associações tomaram a seu cargo a abolição das portagens, a navigabilidade dos rios e a liberdade e segurança de transito nos caminhos, arrendando ou comprando até, muitas vezes, aos proprios senhores feudaes os respectivos privilegios.

Os reis, como é natural, auxiliaram todas essas instituições, que tendiam a abater o poder dos nobres, e, por consequencia, a augmentar o prestigio real. E, n'esse proposito, concederam foraes ás cidades livres, regulamentaram as ju-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 31 e seguintes.

randas e mestrias, e outorgaram varios privilegios a differentes hansas.

Pelo que respeita á conquista de Inglaterra pelos Normandos, não teve ella sómente effeitos politicos; teve tambem effeitos economicos importantes, porque, desde então, se estabeleceram e apertaram as relações commerciaes entre os dois paizes. A guilda de Rouen, por exemplo, póde commerciar francamente nos portos inglezes e trazer, em troca dos vinhos francezes, estofos, armas, appetecidas pelos barões normandos, lãs e metaes d'Inglaterra.

Relativamente á influencia das cruzadas e peregrinações no commercio francez, nada precisamos accrescentar, ao que, a tal respeito, expozemos nos capitulos anteriores, e no segundo volume d'esta obra [1]. O progresso que d'ellas resultou, o alargamento dos mercados commerciaes, o abatimento do feudalismo, em summa, todos os effeitos geraes que temos apontado, haviam necessariamente de influir tambem no progresso da França.

Não foi ella que tirou a principal vantagem d'esse movimento; porque, além de estar menos preparada para o trafico maritimo do que a Italia e a Hollanda, e além de ficar excentrica ao mundo commercial, já não tinha portos no Mediterraneo, que podessem competir com os portos italianos.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 42 e seguintes.

Cette já não existia. Aigues Mortes, no seculo XII, não passava de uma aldeia. Agde e Maguelone estavam em decadencia. Montpellier não communicava com o mar, senão pelo curso de Lez, que, nos tempos das seccas, não passava de um regato, e durante as cheias se convertia em torrente. O porto de Narbonna estava em grande parte açoriado. Saint Gilles sobre o pequeno Rhodano, um dos principaes portos de embarque para os peregrinos do oriente, e um dos principaes entrepostos do commercio com a Italia, estava ameaçado, como Narbonna, de completo açoriamento. E Arles e Marselha, que era o unico porto que possuia uma marinha importante, para poder luctar com os d'Italia, eram republicas independentes dos reis da França, que apenas estavam na vassallagem nominal dos imperadores da Allemanha, herdeiros do reino de Arles [1].

Mas, se todas estas causas reduziram as vantagens que a França poderia tirar das cruzadas, é tambem certo que, apezar de tudo, o movimento d'essas expedições christãs exerceu no reino a influencia geral de que fallámos no segundo volume d'esta obra [2]; e actuou especial e fortemente n'algumas d'essas cidades do sul, como veremos.

Finalmente, para que o movimento economico da França principiasse a levantar-se n'este pe-

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 138.

[2] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 35 e seguintes.

riodo, contribuiram as chamadas *Tregoa e Paz de Deus*, prégadas pela egreja, de que tambem já fallámos, e que vieram concorrer para a estabilidade social.

E a fundação do reino ou condado de Portugal, por D. Henrique de Borgonha, a conquista das Duas Sicilias, por Roberto Guiscard e seu irmão Roger (1061-1089), as expedições aventurosas dos Normandos em Aragão e na Catalunha contra os Mouros de Hespanha, embora tivessem effeitos menos immediatos para o desinvolvimento do commercio francez, não deixaram de ter certa importancia; porque revelaram aos homens do norte a existencia de regiões meridionaes, antes d'isso mal conhecidas, e facilitaram as relações economicas entre ellas e a França. Tanto assim que, no segundo quartel do seculo XI, começaram a apparecer, mesmo nas regiões septentrionaes do paiz, as sedas d'Almeria e Carthagena, os cavallos *barbes* e *ginetes* de Hespanha, os limões, laranjas e vinhos da Sicilia e da Italia meridional. Os costumes simples dos primitivos feudaes foram-se transformando; foi-se introduzindo o luxo; e alguns objectos que o constituiam, como as sedas, especies, pelliças, tornaram-se indispensaveis.

*

* *

Ora todas essas causas que modificaram sensivelmente a situação do commercio francez, desde

o seculo XI até o fim do seculo XIII, não preponderaram por egual em todas as regiões, nem o commercio foi uniforme em todo o paiz. As provincias do sul, mais bem situadas e mais ricas de productos, e que já tinham obtido maior desinvolvimento, dedicaram-se principalmente ao commercio maritimo com os outros paizes. As do norte, em geral menos ferteis e menos bem situadas, dedicaram-se de preferencia á industria, e attrahiram o movimento commercial, pela instituição das suas feiras.

Convem por isso fazer em separado um rapido exame das differentes regiões.

*

* *

A antiga Aquitania formava, na edade media, os dois ducados de Guyenna e Gasconha, que, no seculo XI, foram reunidos n'um só feudo. Era o mais vasto principado da França, e um dos mais ferteis. O largo estuario do Gironda convidava o commercio; e a cidade de Bordeus, pelo seu vasto porto, aberto em semicirculo, estava destinada a ser a metropole commercial do sudoeste.

Já no tempo dos Romanos, era afamada pela sua posição e productos; e tanto que, segundo vimos, elles a communicaram por uma das suas grandes estradas com Saintes e Lyão. A cera; o pez; o sebo; as ostras de Medoc, que, pela sua excellente qualidade, abasteciam as mezas dos Cesares; e sobretudo os vinhos: constituiam

os principaes objectos do seu commercio, e deram-lhe tambem grande prosperidade. Essa prosperidade diminuiu com as invasões dos barbaros e dos Normandos, mas reviveu no seculo XII, pelas relações com Inglaterra e pelo desinvolvimento da exportação vinicola.

Como vimos a paginas 136 d'este volume, Leonor de Guyenna, repudiada por Luiz VII, desposou Henrique de Plantagenet, conde d'Anjou e duque da Normandia, depois rei da Inglaterra, levando-lhe em dote a provincia da Aquitania. Essa união foi a origem de guerras, que perturbaram por tres seculos ambos os paizes. Mas, com tudo isso, Bordeus augmentou consideravelmente; porque os monarcas inglezes, que tinham adquirido, assim pacificamente, pelo casamento e não pela conquista, essa provincia, tinham interesse em a conservar, tambem pela paz e pela amizade, e em fomentar o desinvolvimento d'uma região, que, na guerra com a França, tantos serviços podia prestar-lhes.

Concederam-lhe por isso os maiores favores, de modo que o trafico de Bordeus augmentou consideravelmente. E, quando, em 1205, Filippe Augusto arrancou a Normandia aos Inglezes, estes, que até ahi se forneciam tambem dos vinhos da Borgonha e do centro da França, vendo impedidas, ou, pelo menos, difficultadas as communicações d'esse fornecimento, vieram estabelecer mais estreitas relações com os Bordalezes; e o negocio dos vinhos augmentou extraordinariamente, desde então.

Nem foi sómente com a Inglaterra, propriamente dita, Escossia e Irlanda que a Aquitania estabeleceu tão grande commercio. Expedia egualmente os seus vinhos para a Normandia, pelo porto de Rouen, para a Bretanha, por Vannes e Redon, e para Flandres, por Bruges.

Na propria Hespanha, então submettida em grande parte aos Musulmanos, e que por isso produzia pouco vinho, os christãos forneciam-se de Bordeus, em troca das especies, drogas, materias tinturiaes, sedas e cavallos. Os trigos da Aquitania constituiam tambem um artigo importante de exportação.

A par d'isso, havia em Bordeus bastante desinvolvimento industrial, por exemplo, de pannos grosseiros, cordas, canhamo, aprestes de navios, ourivesaria, armas, especialmente espadas, adagas e louças muito afamadas.

E todo esse movimento influiu de tal modo na marinha, que os reis de Inglaterra, em tempo de guerra, afretavam os navios dos armadores bordalezes, e em tão grande numero, que chegavam a constituir frotas com elles.

O bom credito do dinheiro de Guyenna e o cuidado que os reis de Inglaterra tiveram sempre em o não depreciar, não foi tambem das menores causas d'esse progresso.

Entre as outras cidades importantes, citavamse Bayonna e S. João da Luz, cujos ousados marinheiros perseguiam as baleias até os mares septentrionaes; Royan, Marennes e Brouage, para

o trafico do sal; e sobretudo a ilha e a cidade de Oleron [1].

*

* *

Na região do sul, Marselha, que nós vimos decaída nos ultimos tempos dos Romanos, em beneficio de Narbonna e mais tarde de Lyão, elevou-se de novo, pelas cruzadas, ao seu antigo explendor. Era, como dissemos, o unico porto capaz de luctar com os portos italianos. Por isso, o embarque dos cruzados, e mesmo dos peregrinos, que iam por milhares á terra santa, era enorme; e tanto mais que era tambem de Marselha que partiam os navios equipados pelos Templarios e cavalleiros de S. João, para o transporte dos peregrinos á Palestina, bem como um navio pertencente ao conde de Ampurias, para o qual uma agencia especial (*tabula*) recrutava passageiros. A forma republicana da cidade, e portanto a liberdade das suas instituições, favorecia o seu desinvolvimento. E as suas relações com a Africa, Asia, Italia, Grecia e Egypto, ilhas do Mediterraneo, com o resto do paiz, e com a propria Hespanha, eram frequentes.

Já em 1117 Balduino, em reconhecimento dos serviços prestados pelos navios de Marselha a Godofredo de Bouillon, permittiu aos Marselhe-

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 41.

*

zes que traçassem os limites d'um bairro proprio em Jerusalem, onde nenhum estrangeiro podesse alojar-se ou ter lar privativo. Depois d'isso, por novos serviços de dinheiro ou combatentes, prestados ao reino de Jerusalem e ao condado de Tripoli, obtiveram a isenção de impostos aduaneiros e contribuições indirectas, bem como a faculdade de possuirem uma rua, tanto em Jerusalem como em Acre, e nas outras cidades maritimas da Syria. E o seu commercio no oriente cresceu de tal modo, que tiveram estabelecimentos proprios em S. João d'Acre, Syria, Armenia, Beirouth, Constantinopla, Trebizonda e Egypto. O seu *fundaco* n'Alexandria era até um dos mais notaveis. Faziam tambem grande negocio com Ceffa [1].

As lãs da França meridional, as teias de Borgonha e Franche-Conté, os metaes, vinhos, azeites, açafrão, o pastel de Languedoc e da Provença, os savões das fabricas proprias, os pannos escarlates de Montpellier, eram os principaes objectos d'exportação [2]. E os navios de Marselha voltavam carregados de sedas, tapetes, especies do oriente, assucar do Egypto, coiros e lãs de Marrocos, vinhos de Chypre e da Grecia, pannos finos de Milão, algodões d'Alexandria, cereaes da Catalunha e Sicilia. Como em Veneza, havia tam-

---

[1] W. Heyd, *Hist. du Commerce du Levant au Moyen Age.*

[2] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 144.

bem um consul que vigiava e acompanhava as mercadorias, e policiava o negocio marselhez no estrangeiro.

Montpellier, cidade relativamente moderna, porque foi fundada no tempo das invasões dos Sarracenos, não era um porto de mar, visto que estava e está situada n'um plató, a doze kilometros do Mediterraneo, perto do rio Lez. Mas, sendo os navios d'esta epoca de pequena lotação, os habitantes venceram os obstaculos da natureza, regularisando aquelle rio por um canal; de modo que, por meio de *écluses*, elle conduzia a Lattes, anteporto de Montpellier, e de lá communicava com o mar [1].

Esta cidade, organisada em communa, em 1141, pertenceu depois aos principes d'Aragão, que a adquiriram, em 1204, deixando-lhe a sua liberdade interna, com a maxima tolerancia religiosa. E d'ahi resultou que não sómente os mercadores estrangeiros, e entre esses os proprios sarracenos, ahi poderam fazer livremente o seu negocio, mas até os Judeus lá se estabeleceram, em grande quantidade.

O commercio maritimo foi tambem organisado, creando-se egualmente os consules mercantis, á imitação de Marselha.

O solo de Montpellier, menos fertil que o valle do Garonna, abundava apenas em vinho e azeite, que era exportado em grande quantidade. Por

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 48.

isso mesmo, os habitantes se entregavam muito á industria de pannos, curtimenta, ourivesaria, esmaltamento e louças de estanho. Tiveram tambem estabelecimentos proprios em Jerusalem e n'outras cidades da Syria, Constantinopla, S. João d'Acre, Tripoli, Rhodes, Chypre e Alexandria. E o seu commercio com os povos da Africa e Asia, e com o Mediterraneo e França era tão notavel, que Montpellier, n'esta segunda epoca da edade media, não constituiu um centro commercial menos importante que Bordeus [1].

*

* *

As outras cidades do sul da França, Narbonna, Aigues Mortes, S. Gilles e Frejus, n'esta epoca, ficaram muito abaixo de Marselha e mesmo de Montpellier; mas, ainda assim, faziam bastante commercio e visitavam e traficavam tambem os portos da Syria e do imperio grego. Sobretudo Narbonna, que teve tambem os seus estabelecimentos em S. João d'Acre, Rhodes, Chypre, Constantinopla, e até um consul privativo em Alexandria [2].

A cidade de Lyão é que não sustentou, n'esta

[1] A. Germain, *Histoire de la Commune de Montpellier* e *Histoire du Commerce de Montpellier*. — W. Heyd, *obr. cit.*

[2] W. Heyd, *obr. cit.*

epoca, a proeminencia que tivera no tempo dos Romanos; porque o movimento das cruzadas attraía o commercio para as cidades maritimas. As proprias feiras perderam grande parte do movimento, pela concorrencia das feiras genovezas, até que, mais tarde, em 1444, Luiz XI teve de as proteger fortemente, para poderem luctar contra essa concorrencia.

*

* *

A parte do nordeste e norte da França, Champagne, Troyes e Provins, tinha por capital Troyes. Menos fertil, em geral que as outras regiões, produzindo então apenas centeio e vinho, mas com muitos pastos, florestas e minas abundantes, e dotada de uma admiravel rede de communicações, era, por um lado, muito propria para a industria; e, por outro lado, muito accessivel á concorrencia dos mercadores, e portanto muito apropriada ás grandes feiras, onde se faziam importantes transacções de commercio terrestre.

Por isso, a industria d'essa região apparece já na edade media com vigor promettedor das riquezas contemporaneas; e as grandes feiras, onde affluiam densas e numerosas caravanas de mercadores, tomaram cada vez maior incremento.

Já fallámos na feira de S. Diniz, ou do Lendit, estabelecida, em 629, em Paris, por Dago-

berto[1]. Mas, desde o principio do seculo XII, funccionaram tambem as grandes feiras de Lagny, Bar-sur-Aube, Provins e Troyes, além de muitas outras menos importantes; e a ellas concorria grande numero de estrangeiros — Italianos, Inglezes, Allemães, Hespanhoes, Navarrinos e Aragonezes[2].

Ahi se ostentavam os productos das principaes industrias d'essa região — linhos, pannos, estofos, tapetes, cobertas, cabedaes e pelles, a par dos vinhos proprios e dos productos do commercio universal.

Concorreram tambem para esse desinvolvimento os esforços dos condes de Champagne. E, entre os beneficios que esta região lhes deveu, avulta a regularidade que elles mantiveram no systema monetario, não abusando do direito de britar moeda, como aliás se estava abusando no resto da França.

Depois que Champagne, em 1285, foi reunida á França, pelo casamento de Filippe, o Bello, com Joanna de Champagne, a elevação dos impostos, a alteração da moeda, as devastações dos Inglezes e Navarrinos, a guerra da Jacquerie; e, já no seculo XV, as luctas dos Armagnacs e Borguinhões, de que essa região foi um dos principaes theatros, pela sua posição intermediaria entre Paris e Borgonha, destruiram o seu

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 18.

[2] M. Bourquelet, *Histoire des foires de Champagne.*

progresso. Levantou-se ainda, como veremos, no seculo xv, mas nunca attingiu o seu antigo explendor.

*

* *

O territorio da Normandia é um dos mais notaveis de França. O Sena ahi desemboca por um vasto estreito no mar da Mancha. Cheio de portos commerciaes; tendo ao norte a defendel-o o plató de Caux, rico de pastos e cereaes; tendo ao sudoeste as collinas graniticas, cheias de florestas, que o protegem contra o Maine e Bretanha; e projectando em face da Inglaterra a fertil peninsula de Cotentin, com seus portos de guerra e de commercio, com differentes rios para a producção das pastagens e criação de gados: não podia deixar de attraír a cubiça dos Normandos, que ahi se estabeleceram no seculo x. E, sob o governo do duque de Normandia, os colonos e mercadores affluiram de toda a parte, de modo que a Normandia tornou-se brevemente uma das regiões mais povoadas da França; e a sua capital, Rouen, collocada n'uma admiravel situação, tornou-se tambem rapidamente centro d'um grande commercio.

A conquista de Inglaterra, sob Guilherme o Conquistador, estabelecendo as relações commerciaes entre os dois paizes, teve uma importancia capital, tanto para Rouen, como para toda a Normandia, que recolheram por inteiro os fructos da

conquista. Os mercados inglezes encheram-se, desde então, de negociantes da França, debaixo da protecção do proprio conquistador.

Por outro lado, as cruzadas abriram tambem aos povos d'essa região o commercio oriental; e tanto mais que estavam, desde ha muito, familiarisados com o mar; que dois aventureiros normandos, Roberto Guiscard e seu irmão Rogerio, tinham conquistado a Sicilia, a Apullia e a Calabria, cuja reunião formou, em 1127, o reino das duas Sicilias; e que dois outros chefes, tambem normandos da Sicilia, Bohemond e Tancredo, tinham adquirido, na primeira cruzada, os principados de Antiochia e Galilêa.

Assim, já no seculo XII, os mercadores normandos se encontravam em grande quantidade nos mercados orientaes, e até foram as suas armadas que, dirigindo-se para a Syria, ajudaram, em 1147, juntamente com a frota hollandeza, o rei Affonso Henriques, de Portugal, a conquistar Lisboa aos Arabes, e, em 1188, a conquistar tambem Cadiz aos mesmos Arabes.

Em 1204, esta provincia da Normandia foi tomada por Filippe Augusto. Rouen só se entregou, depois d'um apertado e demorado cerco, e toda a região teve de supportar os horrores da guerra. Feita a paz, Filippe Augusto, longe de proteger um paiz desolado, cerceou-lhe as franquias liberaes, em proveito da auctoridade real. E, além d'isso, começou uma longa lucta entre as duas *Hansas* ou *Companhias de mercadores d'agua:* a *Hansa Parisiense,* ou *Companhia Franceza,* que

pretendia descer livremente o Sena, de Mantes a Rouen, e passar sob a ponte d'esta cidade, sem pagar portagem, e a *Hansa Rouennense,* ou *Companhia Normanda,* que pretendia subir, tambem livremente, o Sena até Paris.

A consequencia d'essa lucta foi a perda do commercio maritimo de Rouen [1].

Mas, os Rouennenses indemnisaram-se, pelo desinvolvimento das suas industrias. A dos pannos, cujas lãs se importavam de Inglaterra e da Hespanha, tornou-se muito consideravel, e a fabricação das teias de linho e canhamo era tambem muito importante.

No meio de tudo isto, Paris, a antiga *Lutecia,* admiravelmente situada, fazia a sua evolução. Debaixo da inspecção immediata do rei, não podia estabelecer communas independentes, que lhe garantissem as liberdades locaes e individuaes; mas, em compensação, os seus burguezes gozaram muito cedo privilegios mercantis, outorgados pela realeza.

Já nos primeiros seculos do christianismo, se constituiram ahi as corporações industriaes; e, desde o seculo XI, succederam-se frequentemente as cartas regias, outorgando differentes concessões.

Ora, o estabelecimento e desinvolvimento d'essas corporações, suppriu, até certo ponto, a falta de communas independentes.

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 32.

Por outro lado, a situação d'esta cidade, e a sua qualidade de capital da França, não obstante a limitação do dominio real, foram augmentando successivamente a sua importancia. A feira de S. Diniz ou de Lendit, estabelecida, em 629, por Dagoberto, renovada, em 1109, por Luiz VI, chamava os productos de todo o mundo; e por fórma que, já no principio do seculo XIII, Paris era um grande centro commercial e industrial.

Entre as corporações preponderantes, figurava a *Hansa Parisiense,* de que já fallámos: associação de marinheiros e mercadores de vinho, que fazia o commercio do Sena; que já existia no primeiro seculo do christianismo, com o nome de *Nautas Parisienses;* e que, pelas successivas concessões dos reis da França, chegou a ter, no fim do seculo XII, o monopolio da navegação e das portagens do Sena até Mantes, d'onde resultou a ruina do commercio maritimo de Rouen.

Os portos de Cherbourg, Barfleur, Hougue, Honfleur, Pont-Audemer, Caudebec, Harfleur, Fécamp, Dieppe, já gozavam tambem de certa prosperidade.

*

* *

O nordoeste da França tinha egualmente progredido muito.

Nantes, o grande desembocadouro do commercio do Loire; o entreposto do sal dos pantanos de Guérande; dos trigos e vinhos de Anjou

e do Orleanez, das lãs de Berry e de Poitou, das fructas de Touraine, das teias de Laval e da Bretanha, dos peixes seccos ou defumados, que se exportavam sobretudo para Navarra e Portugal: estava em relações activas com a Dinamarca, Zelandia, Allemanha, Inglaterra e peninsula iberica. Os seus armadores aventuravam-se até o Mediterraneo.

Redon sobre o Vilaine, Vannes, Daoulas, Quimper, Brest, Tréguier, Saint-Malo, que substituiu Aleth, eram tambem afamados pela intrepidez dos seus marinheiros, habituados á perigosa navegação das costas da Bretanha [1].

*

* *

O commercio francez n'esta segunda epoca da edade media era, pela maior parte, interior. A França produzia e fabricava quasi todos os objectos de primeira necessidade. E as lãs, o chumbo, o cobre e o estanho que ella importava da Hespanha ou da Inglaterra, os peixes salgados, que importava de Flandres, em troca dos vinhos, representavam, além dos artigos de luxo, as unicas mercadorias procuradas pelos negociantes francezes nos paizes onde traficavam directamente. A França não tinha assim

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 158.

necessidade dos estrangeiros. Estes é que tinham necessidade d'ella.

Por isso, até o seculo XIII, os Francezes pouco se aventuravam além das fronteiras; e, quando saíam do paiz, era em Flandres e na Hespanha que procuravam os generos, que lhes faltavam, de primeira necessidade. Quanto aos objectos de luxo, especies, sedas, joias de ornato, pelliças, era aos armazens dos Judeus de Marselha, Montpellier, Tolosa, Besançon, Troyes, Paris, etc., que ia dar a torrente d'esse negocio.

Os Judeus eram já senhores do commercio do banco e do monopolio da usura; e, apezar das perseguições dos reis e do fanatismo popular, conservaram, até o seculo XII, a influencia proveniente da sua riqueza. Mas os Italianos [1], em contacto com os productos orientaes, e tendo nas mãos as communicações maritimas da Asia, começaram a exercer em França esse mesmo commercio. Especulavam tambem com o odio que o povo sentia pelos Judeus; e, tendo podido obter a protecção de alguns reis e de alguns papas, já no meio do seculo XIII, estavam espalhados por todo o paiz; fazendo não só o commercio de

[1] Os mercadores italianos provinham das differentes regiões da Italia. Mas, a principio, confundiram-se todos sob o nome de *Lombardos;* e, no seculo XII, designaram-se tambem por *Ultramontanos* ou *Transalpinos,* e mais tarde por *Cahorsinos,* em vista da importancia que os seus estabelecimentos e bancos de Cahors adquiriram.

cambio e de banco, e o de pannos, sedas, especies, drogas e ourivesaria, mas até o de usura, que lhe não era prohibido, com o mesmo rigor que aos outros christãos.

A essa concorrencia dos Italianos accresceu a contribuição que alguns reis se lembravam de impôr aos Judeus, quando as difficuldades financeiras da monarchia se tornaram maiores. Para obterem dinheiro das cidades, era necessario o seu consentimento; para o levantarem dos feudaes, seria precisa a annuencia d'estes; mas, para o extorquirem áquelles desgraçados, não tinham necessidade de os consultar.

Por isso, Filippe Augusto inaugurou semelhante systema, despojando os Judeus da sua riqueza, confiscando-lhes os bens, e obrigando-os a converterem-se ao christianismo, sob pena de expulsão.

Tudo convergia, assim, para que os Italianos fossem alargando o seu commercio.

Mas o paiz não estava ainda preparado, para prescindir do espirito commercial dos Judeus, e, por esse motivo, quando Filippe Augusto acabou de tirar todo o proveito d'aquella confiscação, tornou a chamal-os.

Novas medidas vexatorias se succederam, até que os Judeus, novamente expulsos e novamente chamados por S. Luiz; banidos outra vez por Filippe, o Bello, em 1306 e em 1311; auctorisados, em 1315, a reentrar em França por nove annos; queimados, enforcados e exilados por Filippe v, em 1321; roubados e massacrados pela popula-

ça; obtendo ás vezes, á custa do ouro, a sua repatriação: diminuiram successivamente. As suas escolas foram-se fechando, e o seu trafico foi passando para os Italianos, que, já no meio do seculo XIII, enchiam a França de companhias poderosas.

O commercio d'estes era o mesmo que o dos Judeus, mas prestaram um serviço maior ao reino; porque não constituiam sociedade á parte. Pelo contrario, admittiam os Francezes nos seus estabelecimentos; e tanto se identificaram com a vida nacional, que até muitos d'elles adoptaram a propria França por sua patria. Assim, foram fazendo, sem o saberem, a educação commercial e financeira dos seus hospedeiros.

*

* *

A terceira epoca da historia economica de França, na edade media, que, segundo vimos, comprehende os seculos XIV e XV, representa a preparação para a historia moderna; de modo que a França adquiriu já todos os elementos de um grande movimento economico.

Os seus productos agricolas e industriaes eram procurados na Europa, e até no oriente; a sua marinha era relativamente poderosa; a moeda e as letras de cambio circulavam n'uma larga escala; tinham-se multiplicado os instrumentos de credito, e os bancos eram numerosos; final-

mente, o commercio interior e exterior gosava de grande actividade.

Esse commercio, porém, estava na mão dos estrangeiros. As casas bancarias, as de commissão, d'importação e exportação, eram italianas; os transportes pelo Mediterraneo e o commercio com o oriente eram feitos pelos Venezianos; e o commercio e transportes para o norte, pelos Hanseaticos.

Só no correr do seculo XIV, é que a França foi começando a fazer directamente o seu commercio; e, só na edade moderna, é que semelhante empreza veiu a completar-se. Mas já o progresso economico do mesmo seculo XIV e do seculo XV annunciava esse resultado.

Differentes causas concorreram para isso, juntas á velocidade adquirida, taes foram: a decadencia do feudalismo, o augmento do poder real, e a progressiva auctoridade e desinvolvimento das communas e corporações industriaes.

Com effeito, a metade dos grandes feudos fôra incorporada na corôa, como já vimos. E, com respeito aos que ficaram subsistindo, a monarchia contestou-lhes o direito de guerra; subordinou as suas justiças ao poder central; aboliu o privilegio de amoedação; restringiu a circulação das moedas feudaes; creou uma nobreza nova, para oppôr á fidalguia antiga; e foi cerceando, pouco e pouco, as demais garantias senhoriaes, como portagens, alfandegas e estabelecimentos de mercados. Por identica forma, procedeu tambem para com os representantes da egreja. E,

ao passo que ia assim debellando os dois poderes rivaes, augmentava-se e fortificava-se, com o auxilio das communas e das classes trabalhadoras, concedendo-lhes tambem differentes garantias.

Foi logo o primeiro rei do seculo XIV, Filippe IV, o Bello, que inaugurou essa politica. E, ao mesmo tempo, cuidou da reparação dos caminhos e das vias navegaveis, regulou o direito maritimo, reprimiu a pirataria, organisou a administração aduaneira, e promulgou muitas outras medidas de proveito immediato.

Isso tudo devia impulsionar o movimento economico da França. Mas o progresso não se faz de um jacto; e nem todas as circumstancias foram tambem propicias, nos primeiros tempos d'essa terceira epoca.

Assim, o poder real alargara os seus dominios, e augmentara a sua auctoridade, sem estar prevenido para o crescimento das despezas; e não podia sobrecarregar de impostos o poder feudal, já descontente, nem as communas ou as classes trabalhadoras, de quem precisava na lucta contra os feudaes. Era forçoso, por isso, elevar os rendimentos publicos ao nivel das necessidades do thesouro, sem que o paiz se sentisse muito sobrecarregado, e assegurar a vida barata, para que o povo supportasse as demasias do fisco.

N'esse proposito, os primeiros reis, inspirando-se em falsos principios economicos, prohibiram a exportação do numerario, com o fundamento de que, abundando a moeda do reino, os generos

seriam mais baratos; promulgaram leis sumptuarias, prohibindo o luxo; fixaram o preço dos generos de consumo; tolheram a exportação de algumas das materias primas e de alguns dos artefactos communs. Os impostos foram disfarçados sob differentes fórmas; e os Judeus proporcionaram um dos grandes recursos do thesouro. Eram expulsos ou readmittidos, conforme o capricho real, e conforme a contribuição que offereciam. A par d'isso, a moeda foi britada por diversas vezes.

Mas, apesar de taes expedientes, a crise financeira não declinou; e, quando se preparou o resgate do rei João I, captivo dos Inglezes, e que, n'esse proposito, se fez contribuir o reino com pesados tributos, cuja somma, ainda assim, não chegou para aquelle resgate, mais critica se tornou a situação do estado.

A guerra, a par da rivalidade das grandes companhias e da insurreição dos trabalhadores, tinha suspendido e interrompido o commercio; os ladrões interceptavam as estradas e os rios, e massacravam os negociantes que iam para as feiras, ou os aprisionavam, para especularem com o seu resgate. Os Judeus, expulsos ou amedrontados, desappareciam de todo, ou se escondiam e retraíam; os Italianos emigravam, desanimados pela miseria publica; as alterações no valor da moeda tinham arruinado o credito.

Era preciso um braço forte, que, aproveitando a rotação que o progresso social tinha feito, no meio d'essa desordem, soubesse tirar partido dos

*

recursos que a França tinha dentro de si, e seguisse desaffrontadamente a carreira economica.

Tentou essa empreza Carlos v, por meio de differentes medidas de um alcance notavel; e, auxiliando-se da burguezia e das classes trabalhadoras, chamou os estrangeiros, attraindo-os por concessões e privilegios; readmittiu os Judeus, garantindo-lhes a segurança; e tratou da reparação dos portos, dos rios e caminhos.

Por morte de Carlos v (1381), as guerras com a Inglaterra, as questões dos Armagnacs e dos Borguinhões e a fraqueza do rei, fizeram renascer e augmentar a desordem. As proprias terras ficavam sem cultura, e os ladrões roubavam até o gado dos campos e das herdades [1].

Por isso, desde 1380 até 1422, em que subiu ao throno Carlos vii, a França supportou um dos estados mais calamitosos da sua historia.

E, supposto, no tempo de Carlos vi, Genova se collocasse debaixo do protectorado da França, e por isso, desde 1395 até 1411, a bandeira franceza fluctuasse nos estabelecimentos genovezes de Chio, da Crimeia, do Bosphoro, aquella republica era bastante ciosa dos seus privilegios commerciaes, para os não repartir com a França; de modo que esse protectorado mais aproveitou aos interesses do commercio genovez do que á sua protectora.

No seculo xv, porém, o fim da guerra da In-

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 329 e seguintes.

glaterra, a iniciativa commercial de Jacques Cœur, e a acção energica e centralisadora de Luiz XI, a par da maior tranquillidade publica, deram logar á reparação de todas essas ruinas, e fizeram despertar o commercio directo da França — o commercio verdadeiramente nacional.

Jacques Cœur, que nasceu no fim do seculo XIV, e morreu em 1456, era um rico negociante de pelles de Bourges. Pelo seu genio mercantil, adquiriu enorme fortuna, e dedicou-se, com alma e coração, ao desinvolvimento das relações commerciaes da França com os paizes estrangeiros. N'este sentido, armou á sua custa e como propriedade sua, marinha mercante, que empregou no trafico directo com a Hespanha e Inglaterra, e com as regiões do Mediterraneo, da Africa e Oriente.

A feitoria que estabeleceu em Montpellier, era uma empreza colossal, e estava em correspondencia activa com aquellas regiões.

Mas, como acontece com aquelles que excedem, pelo seu alto valor, a rotina dos contemporaneos, e que, pelo seu trabalho e talento, ultrapassam as raias da vulgaridade, essa fortuna colossal creou-lhe invejosos. Os proprios devedores prepararam a sua queda, para se verem livres d'elle; e mesmo o rei Carlos VII, que o tinha feito seu *argentario,* isto é, administrador do thesouro real, aproveitou a occasião, para enriquecer a corôa com os bens de tão prestante cidadão. Por isso, foi preso e condemnado com futeis pretextos; e, tendo-lhe sido confiscados os bens, conseguiu fugir

da prisão, para ir morrer em terra estrangeira. Achou um refugio em Roma, junto do papa Nicolau v, e póde recolher ahi os restos da sua fortuna. Depois, em 1456, tendo sido nomeado para dirigir uma expedição contra os Turcos, morreu, em Chio, das feridas que recebera [1].

Mas a semente da sua obra é que germinou com toda a força; o commercio directo e nacional estava fundado; e só faltava sustental-o e impulsional-o. Foi a tarefa de Luiz xi.

Começou este rei por se fortalecer com os municipios e com as classes trabalhadoras, fazendo-os auxiliares do seu poder, para abater os nobres.

Augmentou para isso os privilegios das cidades, armando até as corporações industriaes, inclusivamente as dos proprios carniceiros, sob a condição de uma absoluta obediencia e dedicação á pessoa real.

Tratando de se apoiar no auxilio d'essas corporações e municipios contra os nobres, contra os duques de Bourbon, d'Alençon, da Bretanha, contra Carlos o Temerario, contra seu proprio irmão, em summa, contra as casas principescas ou feudaes que teve de combater, dotou-as de differentes garantias, para lhes dar força, regulamentando-as, ao mesmo tempo, em beneficio da industria e do commercio.

Por outro lado, essa mesma politica, forte,

[1] Henri Martin, *obr. cit.* — Pigeonneau, *obr. cit.*

conquistadora e centralisadora, de Luiz XI, a par da sua iniciativa fomentadora do bem publico, acarretava despezas enormes para o thesouro. Como diz H. Hauser, Luiz XI tinha necessidade de dinheiro, de mais dinheiro, de muito dinheiro; e o systema das jurandas e mestrias serviu-lhe tambem de recurso financeiro. Por isso, elle augmentou as multas applicaveis aos transgressores dos respectivos regulamentos, e metade d'ellas era destinada ao thesouro real.

Mas, apezar d'esta preoccupação interesseira e politica, Luiz XI esmerou-se em fazer d'essas corporações orgãos productivos da industria e do commercio.

A fiscalisação do trabalho, o aperfeiçoamento dos productos, a aprendizagem, a nomeação dos mestres pelos *jurados,* isto é, pelas pessoas ajuramentadas para essa nomeação, a regulamentação dos salarios, em summa, as differentes materias relativas á engrenagem d'essas instituições, foram cuidadosamente estudadas e legisladas [1].

A par d'isso, restabeleceu a segurança das suas provincias, castigando severamente os malfeitores e ladrões, e fiscalisando a tranquillidade do transito publico. Estabeleceu correios por toda a parte; instituiu e restabeleceu grande numero de feiras em differentes cidades; desinvolveu o commercio no interior e no exterior, creando relações

---

[1] H. Hauser, *Ouvriers des Temps Passés.* — Etienne Martin-Saint-Léon, *Histoire des Corporations de Métiers.*

amigaveis com os paizes estrangeiros, e fazendo tratados commerciaes com alguns d'elles, como, por exemplo, Hollanda, Bravante, Liga Hanseatica, Veneza e Florença. Com o fim de crear a industria sericola, fez plantar amoreiras e levantar fabricas de seda nos arredores de Tours, prohibindo a importação dos productos similares da India. Estabeleceu até a unidade de pesos e medidas.

A morte de Luiz XI foi o signal de uma reacção contra as medidas do seu governo. Mas, cedo se voltou á politica do rei defunto, animando a producção nacional, permittindo o luxo, confirmando e ampliando os privilegios industriaes. E, por isso mesmo, apezar das aventuras exteriores, o reinado de Carlos VIII, desde que terminaram as perturbações que agitaram os primeiros annos da regencia de Anna de Beaujeu, foi uma epoca de socego e de tranquillidade.

A guerra não se fazia em França, mas na Italia. O lavrador tinha encontrado a segurança com a commodidade; os mercadores de Bordeus e Rochella tinham retomado as relações commerciaes com a Inglaterra, ha tanto tempo interrompidas; as feiras e mercados augmentavam de frequencia; os armadores de Rouen, Dieppe e Saint-Malo preludiavam, por suas excursões nos mares da Irlanda, as grandes navegações do seculo XVI [1];

---

[1] Pigeonneau, pag. 439.

os estrangeiros affluiam á França; e a piratari a fôra reprimida.

*

* *

Vejamos agora, em relação a esta epoca, da historia economica franceza — seculos XIV e XV — as modificações que se deram nas differentes regiões.

A Aquitania, que nós vimos florescente na epoca anterior, continuou n'essa mesma florescencia, até o fim do seculo XIV, debaixo do governo inglez. Mas o triumpho da independencia nacional foi tambem o signal da decadencia do commercio de Bordeus. A cidade rendeu-se, em 1451, a Carlos VII, estipulando a conservação das suas franquias.

As promessas do rei foram depressa esquecidas. Elle opprimiu essa região de impostos e vexames, e este procedimento promoveu uma conspiração, a favor da Inglaterra, em que os Bordalezes foram vencidos, e, como consequencia d'isso, carregados de impostos e vexados com restricções; de modo que o seu commercio decaiu totalmente. Os proprios Inglezes retomaram o antigo caminho de Rouen, para se fornecerem dos vinhos de Borgonha. E, embora, mais tarde, Luiz XI concedesse muitos privilegios á cidade de Bordeus, para vêr se a levantava do seu abatimento, ella só pôde rehaver a antiga prosperidade, um seculo depois.

*
* *

Na região do sul, Montpellier que até o fim do seculo XIII, pertencera aos Hespanhoes, foi então adquirida, em parte, por Filippe, o Bello, e n'outra parte por Filippe de Valois, em 1349.

Filippe, o Bello, protegeu e favoreceu muito esta cidade; mas, depois que toda ella, com todo o territorio da sua communa, passou em 1349 para os reis de França, teve de supportar pesados impostos e viu restringidos os seus favores mercantis, em proveito de Aigues Mortes; de modo que decaiu consideravelmente, desde então. Readquiriu a sua prosperidade no tempo de Jacques Cœur, que fez d'ella o centro das suas operações, para decaír de novo no fim do seculo XVI, em virtude das guerras da religião [1]. Mas essa outra parte da sua historia já não pertence a este livro.

Aigues Mortes, graças áquella protecção real, tornou-se uma grande praça de commercio.

Marselha, passado o periodo das cruzadas, foi muito prejudicada pela concorrencia das republicas italianas, que abateu egualmente o movimento economico das outras cidades do sul. Mas, ainda assim, conservou sempre uma grande primazia, a par d'um grande movimento commercial.

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 325.

Lyão, sobretudo, no tempo de Luiz XI, tomou tal incremento mercantil, graças á protecção d'esse rei, que os estados geraes se queixaram, em 1484, de que todo o dinheiro ia lá parar, e d'ahi se escoava para os paizes estrangeiros [1].

*
* *

A região de Champagne, Troyes e Provins não se indemnisou mais do abatimento a que descera no fim da epoca anterior. Levantou-se, é verdade, alguma coisa na segunda metade do seculo XV, mas não attingiu, nem mesmo depois d'isso, a importancia excepcional que, até o seculo XIV, deveu ás suas feiras, tão celebradas.

*
* *

A Normandia, perdendo como vimos, o commercio maritimo na epoca anterior, resarciu-se pelo seu grande movimento industrial. A dominação franceza do seculo XIV tinha apagado já a sympathia pelos Inglezes, e o sentimento nacional começou a acrisolar-se; de modo que, já na guerra com a Inglaterra, na primeira metade do seculo XV, esta região concorreu com os seus esforços e com o seu patriotismo. Este mesmo patriotismo lhe fez preparar os portos

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 127.

para a defeza e armar navios para o ataque, resultando d'ahi grande desinvolvimento da marinha e da navegação. Tanto assim que alguns marinheiros de Dieppe e de Rouen, associados entre si, abordaram ás costas d'Africa; e outros de Dieppe, ao serviço de Castella, abordaram tambem ás Canarias, que já tinham sido descobertas pelos Portuguezes [1].

Mas, no fim d'esse mesmo seculo XIV, tendo havido uma revolução de Rouen contra Carlos VI, esta cidade foi opprimida e vexada; foram-lhe retiradas as franquias commerciaes e industriaes, e ella caíu n'um abatimento desolador. As guerras dos Armagnacs e dos Borguinhões augmentaram a desolação, a ponto dos habitantes fugirem, e da cidade se tornar n'um campo de ruina, vasio e deshabitado. Caindo sob o jugo dos Inglezes, desde 1419 a 1449, foi libertada por Carlos VII, que lhe restabeleceu as antigas franquias e ainda lhe outorgou outras de novo. Os privilegios das companhias de Paris e de Rouen foram abolidos, para que ficasse livre a navegação do Sena. Renovaram-se então as antigas communicações com a Hespanha, e renasceu o antigo commercio e industria.

*

* *

Deixamos ao entrar no seculo XIV Paris já com bastante desinvolvimento industrial. N'esta

---

[1] Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal.*

cidade, a importancia da burguezia, isto é, dos grandes commerciantes e industriaes, suppria a falta de instituições mercantis; porque os reis, como já fizemos notar, não protegiam nem incitavam as communas livres, nas cidades que d'elles dependiam. E essa burguezia, pela sua riqueza, tornou-se a classe preponderante, no principio do seculo XIV, incitando o progresso economico.

Mas a dynastia de Valois nada fez, para sustentar este progresso; e, pelo contrario, a moeda foi britada por differentes vezes; foi taxado o preço dos generos e dos salarios; os Lombardos foram presos e perseguidos; e os privilegios das corporações foram cerceados.

Seguiu-se por isso uma decadencia rapida. E, depois, os desastres da guerra com os Inglezes; a peste negra que dizimou, segundo se diz, um terço dos habitantes da Europa [1], e que, em Paris, se fez sentir mais terrivelmente; a revolução que teve por chefe Estevão Marcel (1356-1358); o movimento dos *Maillotinos,* assim chamados, porque duzentos ou trezentos artistas furiosos se apoderaram de massos de chumbo depositados no *hotel de la ville,* e enforcaram os perceptores de impostos e os Judeus, saqueando as casas; a repressão sangrenta d'esse movimento por Carlos VI; as luctas dos Armagnacs e Borguinhões, mais activas e terriveis n'essa cidade do que n'ou-

---

[1] Henri Martin, *obr. cit.,* vol. I, pag. 302.

tra qualquer: levaram Paris a um estado de miseria completa.

Soffreu tanto que chegou a parecer deserta; os lobos erravam nas ruas, devorando centenas de pessoas; os mercados fecharam-se; e grande numero de casas abandonadas caíram em ruinas [1].

Foi d'esse abysmo que a tirou o governo de Carlos VII, o heroismo de Joanna d'Arc e dedicação de Jacques Cœur. E a politica habil, activa e economica de Luiz XI restituiu-lhe a passada grandeza.

*
* *

Na região do noroeste, os seus marinheiros continuaram, como no periodo anterior, frequentando assiduamente os mares.

*
* *

Temos percorrido assim as phases economicas da França n'este periodo da edade media, nas differentes regiões que caracterisaram o seu commercio, e nos differentes factores economicos que o determinaram.

Tratamos ás vezes conglobadamente de muitos d'esses factores, porque o synchronismo dos factos nos impediu de os separar. Mas, para com-

---

[1] Perigot, *obr. cit.*, pag. 114.

plemento da nossa exposição, vamos accrescentar ainda algumas noções particulares, quanto aos productos, industrias, moedas, centros e communicações.

Com respeito á situação commercial da França, nada precisamos de accrescentar, por termos já salientado as extraordinarias condições economicas d'essa situação.

*

* *

Emquanto aos productos, já vimos que um dos mais abundantes e que representava uma das principaes riquezas da França e um dos principaes generos de exportação, era o vinho, o qual, embora não tivesse então na Allemanha a acceitação actual, tinha grande procura na Inglaterra e nos Paizes-Baixos. Os cereaes, trigo, centeio, aveia, legumes, azeite do sul, linho do norte, garança, e pastel, sal, mineraes, lãs, gado, pelles, e peixe secco e salgado, eram tambem abundantes. Formavam o grande repositorio interior da França que a dispensou, no tempo da sua simplicidade de costumes, de recorrer ao estrangeiro; e forneciam ainda basto peculio para a exportação, especialmente o vinho, lãs, gados, trigos e garança.

*

* *

Até o seculo XIII, a industria teve pequeno desinvolvimento; porque a França produzia e fa-

bricava por si propria os objectos de primeira necessidade; e, as unicas mercadorias, que tirava do estrangeiro, consistiam no chumbo, cobre e estanho da Inglaterra e Hespanha, peixes salgados de Flandres, e artigos de luxo.

Os primeiros tempos do seculo XIV não eram tambem muito azados para o progresso da industria; mas, já no tempo de Carlos V, ella começou a levantar-se. Prejudicada novamente pelas perturbações do reinado de Carlos VI, póde dizer-se que renasceu, com força e vida nova, no tempo de Luiz XI.

Este rei não se contentou de reconstituir o antigo patrimonio industrial — lanificios, teias de linho, curtimenta, quinquilherias, tanoaria. Teve a ambição de crear industrias novas e fazer com que a França prescindisse do estrangeiro.

As minas de ferro, chumbo argentifero e cobre, e a exploração das areias auriferas e das hulheiras nacionaes não bastavam para o consumo. Foi preciso pedir ferro, chumbo, cobre e estanho á Inglaterra, Hespanha e Allemanha; e metaes preciosos tambem á mesma Allemanha, bem como á Hungria e Noruega.

Differentes ordenanças reaes imprimiram á exploração das minas uma actividade, até ahi desconhecida. As industrias do luxo, das sedas, tapeçarias, rendas, crystaes e faianças, que tinham sido aniquiladas pelos desastres anteriores, foram renovadas por elle. Para isso, fez plantar muitas amoreiras, e chamou do estrangeiro muitos artistas experimentados. E tudo isso, alliado ao des-

involvimento da marinha e navegação fluvial, a par do maior numero de feiras e dos privilegios de que foram dotadas, produziu uma grande expansão industrial.

Depois, o governo de Carlos VIII, após a reacção dos primeiros tempos contra a politica de Luiz XI, mudou de rumo; e promoveu tambem o desinvolvimento da industria, inspirando-se no mesmo pensamento do seu antecessor.

*

* *

Já fallámos dos principaes centros economicos da França, na edade media; vamos porém, accrescentar ainda algumas considerações, que nos parecem convenientes.

Começaremos pela capital. Paris tinha, na verdade, condições adequadas, para desempenhar essa funcção de capital e crescer rapidamente em população e commercio.

Estava perto da confluencia de dois rios consideraveis, cada um dos quaes tem muitos affluentes. Possuia por isso dois grandes caminhos, que se ramificavam em numerosas vias secundarias. E um grupo de ilhas, collocadas a juzante d'essa confluencia, facilitava a passagem, antes de construidas as pontes sobre aquelles rios.

Por outro lado, os habitantes que vinham estabelecer moradia n'essas ilhas, estavam defendidos por largos fossos, que os assaltantes não podiam transpor sem grandes perigos. Tanto mais

que, a norte e a pequena distancia, ficava a collina de Montmarte, d'onde podiam facilmente vigiar-se, ao longe, as planicies dos arredores e os longos meandros dos rios que se desenrolam a nordoeste.

Além d'isso, Paris estava no ponto onde vinham dar os caminhos da Aquitania e da Hespanha, pelo Poitou e valle do Loire; occupando assim o grande triangulo das vias historicas da França, e por consequencia o logar onde as forças de todo o paiz podiam ser mais bem centralisadas.

Accrescia ainda que, achando-se no meio geometrico d'um circulo, cujos raios são os valles do Yonne, do Maine, do Oise e do Sena inferior, era, naturalmente, a cidade em que os habitantes das bacias d'esses rios e das regiões limitrophes deviam procurar tambem o seu centro commercial e politico.

E tinha, de mais a mais, por si as condições naturaes do solo da ilha da França, que produz todos os generos necessarios á vida.

Por isso, Paris, já na edade media, teve grande importancia, desde que foi escolhido para capital da França por Clovis; e, no seculo XIII, era já uma cidade enorme, inferior a Constantinopla e Milão, mas superior a Roma [1].

Na bacia do Sena, Rouen (a antiga *Rotomagus* ou *Rotumacus*) era tambem centro importante,

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle: La France.*

porque tambem a sua situação geographica é das mais felizes. Está edificada no curso interior d'um rio consideravel, a juzante de todos os rios tributarios, e no logar onde a maré tem ainda força bastante, para conduzir os navios e sustentar muito tempo a corrente fluvial; e, sequentemente, achava-se n'uma situação natural para a troca entre os productos do reino e os de proveniencia estrangeira. A bacia em que a cidade está collocada, é um pouco estreita e dominada por cabeços muito rudes; mas os dois valles que se abrem na espessura do plató, permittiam subir ás alturas, por meio de rampas faceis, e desinvolver a cidade ao longe e ao longo dos ribeiros.

Além d'isso, os meandros do Sena, que se dobram com tanta facilidade a juzante, davam-lhe, na edade media, uma grande vantagem estrategica, protegendo-a por uma serie de obstaculos contra os invasores provindos do mar.

Orleans, edificada na curva do Loire que mais se adianta para o norte, no logar onde as communicações são mais faceis com a bacia central do Sena, tornou-se, por assim dizer, o complemento da capital.

Na costa occidental, Nantes occupa uma posição cujo valor era tambem, na edade media, de primeira categoria. Collocada no logar do Loire onde a maré póde levar navios d'um calado mediano, estava naturalmente indicada, para ser o entreposto do commercio maritimo e do trafico fluvial.

Além d'isso, o valle do Loire é precisamente

cruzado ahi por uma depressão transversal áquella onde correm e se cruzam ao norte o Esdre e ao sul o Sevre, — duas vias importantes, que as populações seguiam, antes da construcção dos grandes caminhos, e que vinham engrossar em Nantes a via principal, formada pelo grande rio; e, demais, a sua passagem, era facultada por um archipelago de ilhotas.

Bordeus, a antiga *Burdigala*, fundada pelos Celtas Bituriges, mas povoada em grande parte pelos descendentes dos Iberos, era já, sob a dominação romana, uma cidade consideravel, centro de commercio, entreposto do estanho das Cassiterides, séde de academias e *rendez-vous* d'oradores e artistas. A sua importancia não diminuiu durante a edade media, e o seu trafico de vinhos com a Inglaterra deu-lhe sempre grande riqueza.

Tolosa (Touluse), capital dos Wisigodos, desde 418 a 507, era tambem um centro economico notavel. A excellente posição que a favorecia, ao mesmo tempo estrategica e commercial, foi, desde logo, apreciada pelos habitantes da Gallia. Os valles do Garonna, Ariége, Hers e d'outros rios vinham reunir-se nas suas planicies. O alto valle do Torn, desde as suas fontes até o cimo de Gaillac, segue tambem uma direcção que tende a desembocar em Tolosa. E, para maior vantagem, esta cidade está no centro d'essa larga depressão que se estende até á base septentrional dos Pyrineus, e que põe em communicação as costas do Atlantico com o Mediterraneo.

Ao sul, figuraram especialmente Marselha, Narbonna, Montpellier, Avinhão e Lyão. Já fallámos de todos elles, e de tal modo que, relativamente á primeira, nada mais precisamos de accrescentar.

Emquanto a Narbonna, já no tempo dos Romanos, teve 80:000 habitantes; e a sua importancia commercial augmentou ainda mais na edade media, devido á sua posição, que era excellente para entreposto commercial, por occupar quasi o angulo do golfo de Lyão e a saída do valle do Aude.

Na epoca gallo-romana, quando os navios não precisavam d'um calado superior a tres metros, e que a lagoa e salinas se adiantavam até o logar chamado o *Porto das Galeras*, nenhuma cidade estava mais bem situada, para o grande movimento commercial. Mas as lagoas açoriaram-se, os canaes obstruiram-se, e o rio Aude affastou-se; de modo que, no seculo XIV, pouco faltou, para que a cidade, infeccionada pelos pantanos, não fosse completamente abandonada. De duzentos mil habitantes, a população desceu a tres mil. Tudo isso está modificado actualmente; mas esse estudo já não pertence ao presente volume.

Montpellier, na epoca gallo-romana, achava-se na margem esquerda do Lez, sob o nome de Sextantio, no logar onde actualmente se encontra a aldeia de Castellenan. Destruida por Carlos Martello, foi reedificada na margem direita no *Mons Pussulanus* (*Monte Fechado*); e foi crescendo gradualmente de importancia commercial, a par do renome da sua escola de medicina.

Avinhão, a *Avenio* dos Romanos, já no tempo d'elles, era uma cidade prospera; e essa prosperidade continuou por muito tempo, durante a edade media; tanto que, no seculo XIII, pôde conquistar uma autonomia completa com consules proprios, moedas e leis privativas, e tratar, de egual para egual, com as outras republicas da Provença e Italia.

Tendo tomado o partido de Raymundo, conde de Tolosa, protector dos Albigenses, foi cercada e tomada por Luiz VIII; e convertendo-se, por assim dizer, n'uma simples preza da conquista, passou de mão em mão, tornando-se a residencia dos papas, desde 1309 a 1376. Depois d'isso, continuando a pertencer aos papas, até á revolução franceza, encheu-se de conventos de toda a ordem, e tornou-se inerte e sem industria, a ponto de crescer a herva nas ruas.

A vantagem de situação geographica de Lyão era intuitiva. Dois rios, isto é, duas grandes vias naturaes que ahi se reunem, e duas zonas de climas, tendo cada uma differentes productos, proporcionavam n'este local um grande mercado. Além d'isso, as alturas que dominam a cidade, offereciam boa posição estrategica, para a sua defeza. Não admira, pois, que essa posição fosse apreciada pelos Romanos, para fazerem de Lyão a capital da Gallia.

Toulon e Hyers tiveram egualmente muita importancia; e a d'esta era ainda superior á de Toulon.

*

* *

No centro figurava Limoges, que, já na edade media, era apreciada pelos seus bellos esmaltes sobre metal.

Finalmente, ao norte, figuravam, principalmente, as cidades de Flandres, que já notámos, quando fallamos dos Paizes-Baixos; mas estas só tarde passaram para o dominio dos Francezes.

*

* *

Já vimos no segundo volume [1] como Carlos Magno reformou o systema monetario que vinha do tempo dos Romanos; mas, desde o desmembramento definitivo do seu imperio, até o principio do seculo XIV, o dinheiro só representou um papel secundario nas transacções. Era o resultado necessario da desordem monetaria.

Com effeito, desde que a feudalidade se tinha constituido, os barões, os bispos e os grandes feudatarios da corôa tinham-se arrogado o direito de fazer moeda, por forma que o monogramma do senhor se substituia ao do rei, e o peso e titulo legal se alteravam caprichosamente. E, quan-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 91 e seguintes.

do o dinheiro de um conde passava por ser de boa liga, os visinhos falsificavam-no sem escrupulo, o que nem sequer importava deshonra para o falsificador.

Era, assim, por centenas que se contavam os typos em circulação, e cada typo variava, segundo o capricho do senhor ou a seriedade do moedeiro, sem que alguma data ou qualquer signal externo fizesse distinguir o dinheiro verdadeiro. Cunhavam-se apenas moedas de prata ou de cobre; e o ouro não circulava senão em fórma de barras ou nas moedas estrangeiras. A propria libra carlovingiana, em logar de ser como outrora a unidade de peso para os metaes preciosos, tinha sido substituida pelo marco de 8 onças (244^{gr},7529), que pesava metade d'ella; e, como já expozemos no segundo volume [1], tinha-se tornado uma simples moeda de conta ou ideal, representando 240 dinheiros ou 20 soldos.

Accrescia ainda a contínua variabilidade do valor real do ouro e prata, pelas poucas minas que havia na Europa, cuja exploração nem ao menos cobria o *deficit* resultante da saída de numerario para o oriente.

No meio d'este cahos, acabaram por sobresaír um certo numero de typos, menos alterados, e por consequencia, mais appetecidos, que se impozeram como reguladores da fabricação feudal; a saber, no sul, o *dinheiro raymundino,* fabricado

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 91.

pelos condes de Tolosa, que valia approximadamente 316 reis, e o *dinheiro melgoriano* dos condes de Melgueil, que valia approximadamente um franco; ao norte, os *dinheiros provinezes* (Provins), *tournezes* (Tours), *angevinos* (Anjou), *rumoenses* [1] (Rouen), cujo valor era quasi identico; e, emfim, os *parisis*, fabricados em Paris, cujo valor excedia n'um quarto os dinheiros tournezes.

O seculo XIII viu realisar quatro grandes progressos, preparados pelo seculo XII: a moedagem d'ouro, a reforma e curso forçado do dinheiro real, a invenção da letra de cambio, e a creação dos primeiros bancos de deposito e descontos.

Assim, até o meio do seculo XIII, as raras peças de ouro que se tinham fabricado na França e Inglaterra eram antes medalhas que moedas. Cunhavam-se por occasião d'uma consagração real, d'um casamento, d'uma cerimonia d'investidura feudal, mas não entravam na circulação. Os bezantes orientaes e morabitinos da Hespanha, muito espalhados depois das cruzadas, suppriam amplamente essa falta. E quando a actividade commercial dos Italianos fez espalhar, depois do seculo XII, as suas moedas d'ouro pelo mundo, tambem ellas se diffundiram pela França, especialmente os florins de Florença e os ducados de Veneza.

Foi S. Luiz que fez cunhar as primeiras moedas d'ouro ou florins, com o titulo de 992 mille-

---

[1] Em francez *roumois*.

simas. Multiplicaram-se desde então as moedas d'esse typo; e houve *florins d'aignel* ou *carneiros d'ouro, reaes* pequenos e grandes, *parisis* d'ouro, *escudos* d'ouro, com a divisa *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat,* que se manteve até á revolução franceza. Mas o typo dominante foi o do *aignel* de S. Luiz.

Depois d'isso, este mesmo rei prestou um serviço mais importante, fixando, pela primeira vez, na ordenança de 2262, a legislação monetaria; estabelecendo que o dinheiro real tivesse curso forçado em todo o reino; que só elle fosse obrigatorio nos feudos em que o senhor não tivesse direito de moedagem; e que toda a contrafacção dos typos reaes fosse prohibido, sob a pena dos falsificadores.

Esses typos reaes foram reduzidos a dois, tambem divididos em 20 soldos, e cada soldo em 12 dinheiros: os *tournezes,* que valiam 190 reis, approximadamente, e os *parisis,* que valiam, tambem approximadamente, 238 reis. Ambos esses typos tiveram curso forçado em todo o reino; a sua boa fabricação era vigiada pelo rei, com todo o escrupulo; e continuaram preponderando com os successores de S. Luiz, que, por seu turno, trataram de reduzir cada vez mais os privilegios de amoedação [1].

Emquanto ás letras de cambio, começaram a

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.,* pag. 259 e seguintes. — Saw, *The History of Currency.*

ser usadas em França, no principio do seculo XIII; mas o seu uso estava já muito espalhado, no meio d'esse seculo.

A França da meia edade não teve, como a Italia em Genova, um banco do estado [1], nem, como os Paizes-Baixos e a Allemanha, bancos municipaes. Mas os bancos particulares, fundados pelas grandes casas de Italia, dentro do reino suppriram essa lacuna, e attrairam logo os capitaes da nação, inclusivamente os da Egreja.

*

* *

Os regulamentos, que datavam, em geral, da epoca romana, e que os Merovingianos e Carlovingianos se esforçaram por manter, determinavam a largura dos caminhos, os direitos e obrigações dos proprietarios marginaes dos rios: e policiavam a conservação e reparação das estradas, pontes e calçadas, fazendo contribuir para isso todas as classes sociaes, mesmo a egreja e as propriedades do estado. O senhor feudal, dentro da sua jurisdicção, era obrigado a fazer á sua custa os reparos ordinarios; e as grandes reparações eram cobertas pelas contribuições dos vassallos.

Mas tudo isto foi desapparecendo após os Carlovingianos. De modo que as estradas se tor-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 327.

naram intransitaveis para carros; as pontes de barcos ou de madeira foram substituindo por toda a parte as pontes de pedra dos Romanos, de que uma grande parte existia ainda, no tempo de Carlos Magno; e só havia estalagens nas grandes cidades.

Foram os simples particulares e os trabalhadores e monges que primeiramente cuidaram de supprir essas faltas. E, assim, por um lado, ao começar do seculo XI, os monges estabeléceram hospicios, na passagem dos Alpes e dos Pyrineus, para aposentadoria e soccorro dos viandantes. E, por outro lado, o enthusiasmo popular, sustentado pelo zelo dos bispos, dos papas e dos magistrados, dedicou-se á construcção de pontes sobre differentes rios.

A partir da segunda metade do seculo XIII, os representantes das cidades ou da feudalidade é que se encarregavam das pontes e das estradas; e a viação foi muito activa, tanto por terra como por agua.

No seculo XIV, porém, a melhoração das vias fluviaes e a construcção e conservação dos caminhos tornou-se tambem uma das preoccupações dominantes do poder central. Filippe, o Bello, e Carlos V empregaram n'esse ponto os seus esforços, promovendo, juntamente com os governos de Genova, Veneza e Aragão, a repressão da pirataria e a reparação dos damnos que ella tinha causado ao commercio francez.

Principalmente, Carlos V, apezar das difficuldades interiores e da guerra com os Inglezes, pôde

achar tempo e dinheiro, para se occupar activamente dos caminhos, rios e portos.

Fez grandes obras em Aigues-Mortes, para vêr se lhe restituia o antigo movimento maritimo, e tentou crear em Leucate um porto que substituisse o de Narbonna [1].

Finalmente, Luiz XI dedicou tambem para esse ponto a sua actividade.

*
* *

Temos concluido este ligeiro estudo da França, na edade media. Como vimos, o seu movimento economico, em quasi todo o percurso d'este periodo, desinvolveu-se vagarosamente, sendo perturbado por differentes accidentes internos e externos. Quasi que ficou limitado á vida interior, até o fim do seculo XIII, ao passo que a Italia, Hollanda e Allemanha já tinham commercio cosmopolita. Mas, nos seculos XIV e XV, foi-se preparando a evolução do reino, para, na edade moderna, assumir, como veremos, um dos logares mais notaveis no commercio do mundo.

Ainda a França não dispunha da singular unificação das suas raças, que lhe faz gosar actualmente da maior solidariedade nacional entre os paizes da Europa; ainda se achava atrophiada pela visinhança e concorrencia de estados mais des-

---

[1] Pigeonneau, *obr. cit.*, pag. 354.

involvidos; e a sua politica interna e externa trazia o reino continuadamente agitado. Mas o caracter nacional, a fertilidade do solo, a maravilha das suas communicações naturaes e a enorme riqueza economica da sua situação, lá estavam germinando, para virem ostentar, mais tarde, com toda a pujança, o enorme desinvolvimento economico da nação.

CAPITULO IV

Os Inglezes

Historia politica da Inglaterra na edade media. — Estado economico d'este paiz, no tempo dos Romanos. — Invasão dos povos do norte e suas consequencias. — Influencia do christianismo. — Effeitos politicos, sociaes e economicos da conquista da Inglaterra por Guilherme da Normandia. — O *Domes day-book*. — Como, apezar da iniciativa economica do conquistador, o reino pouco progrediu até Eduardo I. — Progresso da Inglaterra sob o reinado d'este rei, e como elle unificou as relações politicas e fiscaes dos cidadãos. — Limitação do poder da egreja. — Eduardo III. — Sua benefica acção no movimento economico do paiz. — Seus esforços, para crear o commercio internacional. — Seu procedimento para com os negociantes estrangeiros. — A chamada *etape* (*staple*). — Concorrencia dos artistas de outros paizes. — Decadencia economica da Inglaterra depois de Eduardo III, e causas que a produziram. — Situação commercial da Inglaterra. — Productos. — Industria. — Commercio. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

Quando os Romanos invadiram a Inglaterra, achavam-se as ilhas Britanicas occupadas pelos seguintes povos:

Os Bretões, compostos dos Kymris e Loegrys, que os Romanos chamaram Cambrianos e Logrianos, ao sul e centro da Inglaterra, propriamente dita, denominada então Bretanha; ao norte d'esta região, outros povos que os Roma-

nos chamaram Pictos, por causa das côres de que traziam pintado o corpo, e que eram da mesma origem dos Bretões; os Caledonios, na Escocia, então chamada Caledonia; e os Scotos, tambem na Escocia e na Irlanda.

Os Romanos chegaram, depois de varias tentativas, a dominar toda a Bretanha e a repellir as invasões dos Caledonios e dos Pictos, que se refugiaram na Escocia. Mais tarde, os Scotos da Irlanda (398) foram chamados pelos Scotos da Escocia em seu auxilio, nas luctas com os Caledonios; e d'ahi ficou essa região, tendo o nome geral d'Escocia.

Depois da queda do imperio romano, os pequenos chefes bretões, rivaes entre si, e ora triumphantes, ora vencidos, uniram-se debalde contra os Pictos e Scotos, quando, em 449, Vortigern, chefe do territorio de Kent, se lembrou de chamar em seu auxilio os Saxões, colonia celebre que habitava as costas septentrionaes da Germania e as costas dinamarquezas, e cujo poderio se estendia até o territorio que forma actualmente a Hollanda.

Os Saxões cumpriram por algum tempo o seu compromisso, repellindo os Scotos e os Pictos. Mas, por fim, elles mesmos se revoltaram contra os Bretões e os subjugaram; de modo que o seu chefe, Eurico, veiu a ser, em 437, o primeiro rei saxão do paiz de Kent, da ilha de Wight e da parte das costas de Hampshire, que ficam em frente da mesma ilha.

Este resultado animou novos invasores. Outra

leva de Saxões fundaram, em 500, o reino de Sussex (Saxe do Sul). Em 519, outra invasão fundou o reino de Wessex (Saxe do Oeste). E, em 530, uma outra fundou o reino de Essex (Saxe do Leste), cuja importancia era devida a Londres e ao Tamisa; porque o territorio d'esse reino era pequeno.

Mal tinham acabado as emigrações dos Saxões que os Anglos, da mesma origem, vindos até ahi em diminuto numero e confundidos com os Bretões, começaram, desde 527, a invadir, por sua conta, a costa occidental, até que, passados annos, fundaram o reino de Est-Anglie, que abrangia os condados de Norfolk e Suffolk, a ilha d'Ely, e provavelmente uma parte de Bedfordshire.

Em 547, desembarcaram na costa nordeste mais outros bandos, e fundaram o reino de Bernicia, o qual comprehendia o Northumberland e o sul da Escocia, entre o Tweed e o golfo de Forth. Alguns annos depois, em 560, novos Anglos fundaram o reino de Deira, ao sul da Bernicia, que abrangia o territorio dos condados de Lancaster, York, Westemoreland, Cumberland e Durham. E estas duas colonias reuniram-se, mais tarde (617), debaixo do mesmo sceptro, adoptando o nome de Northumbria.

Finalmente, em 586, outra leva d'Anglos fundou o estado de Mercie, comprehendendo todo o terreno limitado, ao norte, pelo rio Humber e pelo reino de Deira; ao oeste, pelo paiz de Galles, unico territorio que permanecia ainda nas

mãos dos Bretões; ao sul, pelos Saxões; ao sudoeste, pelo reino d'Est-Anglie; e, a nascente, pelo mar.

Tal foi a divisão da Bretanha pelos seus vencedores e a constituição dos reinos saxões. É o que se chama Heptarchia ou Octarchia, segundo a denominação se applica ao estado do paiz, anterior ou posterior á reunião dos reinos de Deira e Bernicia n'um só — o de Northumbria.

Os piratas chamados Dinamarquezes ou Jutas, e Normandos, segundo vinham das ilhas do Mar Baltico ou das costas da Noruega, que descendiam da raça primitiva dos Anglos, Saxões ou Francos, seguiram o exemplo dos outros invasores, e poderam tomar, quasi toda a Bretanha. Só restava o reino de Wessex, governado por Alfredo Grande, quando, em 878, egualmente o invadiram. Alfredo, cansado das successivas luctas que tinha sustentado, e vendo-se abandonado pelos subditos, desappareceu. Mas, depois de estar algum tempo escondido, póde organisar um exercito e com elle subjugar os Dinamarquezes.

Ficou, pois, Alfredo governando sobre toda a Bretanha, já cheia d'elles, e organisou o reino politica, militar e judicialmente, dando tambem ás letras muito desinvolvimento, e incitando assim o progresso do paiz. Morreu, em 901.

Seguiu-se depois um longo periodo de luctas entre os Anglos e os Dinamarquezes, já estabelecidos no reino, a par de novas invasões dos que ainda habitavam as regiões septentrionaes.

A principio, os reis de Inglaterra consegui-

ram contentar os invasores, pagando-lhes uma larga somma de dinheiro. O tributo lançado, para colligir esta somma, chamava-se *danegeld* (*dinheiro dinamarquez*), e os invasores, recebendo esse tributo, abandonavam o territorio; mas, brevemente, a cubiça os levava a faltar á palavra, e era preciso um novo *danegeld*. Por fim, resolveram-se a occupar definitivamente a Inglaterra; e, com effeito, o reino inteiro caiu nas mãos de seu rei Knuton ou Canuto, que morreu, em 1035.

A Inglaterra passou novamente para os Saxões, sob Eduardo, o Confessor, em 1042, tendo sido agitada por luctas successivas com os Dinamarquezes, desde a morte de Canuto.

A Eduardo, o Confessor, succedeu Harold; e este foi morto, em 1066, na batalha de Hastings, por Guilherme, o Conquistador, duque de Normandia, que invadiu a Inglaterra, e d'ella tomou conta.

Guilherme falleceu, em 1087, e seguiu-se, nos reinados de Guilherme II, Henrique I e Estevão I, uma longa serie de guerras civis e luctas politicas entre os Inglezes e os conquistadores normandos, que terminou, em 1154, pela subida ao throno de Henrique II, duque da Normandia, filho de Godofredo Plantagenet, conde de Anjou, e de Mathilde, filha de Henrique I.

Henrique II reuniu a Irlanda á Inglaterra. Houve, durante o seu reinado, alguns annos de paz; mas o fim passou-se tambem em contínuas luctas com os proprios filhos e o clero.

*

A classe sacerdotal tinha avocado a si o julgamento dos delictos ecclesiasticos, e estabelecera a venda das indulgencias. Henrique II, para combater esse abuso e reprimir o poder da egreja, nomeou arcebispo de Cantorbery a Thomaz Becket, seu favorito; e esse, logo que foi nomeado, defendeu, a todo o transe, as regalias do clero, e por isso foi assassinado, por instigação do rei.

A Henrique II succedeu, em 1189, Ricardo Coração de Leão. Já como principe, mostrou o seu genio revolto, guerreando o proprio pae; e, depois de rei, na phrase de Felix Bodin, não passou de um paladino no throno. Quiz ir ao oriente correr as aventuras d'um guerreiro; defraudou a Inglaterra, para se dar o divertimento de uma cruzada; e n'essa cruzada, ligou-se com Filippe Augusto, que só quiz a ligação, para tirar partido d'ella. Naufragando na volta, foi aprisionado pelo imperador da Allemanha, Henrique VI; e, conseguindo o seu resgate, veiu achar a Inglaterra em plena desordem, tendo ainda de se defender contra Filippe Augusto, que a invadira. O seu reinado foi uma serie de violencias e calamidades.

A Ricardo Coração de Leão succedeu, em 1199, o irmão João Sem Terra, que, depois de porfiadas luctas com o clero e nobreza, foi obrigado a assignar a *Grande Carta,* em 1214.

Succedeu-lhe, em 1216, seu filho Henrique III, que, tendo continuado as luctas com a nobreza, falleceu, em 1272.

O seu successor Eduardo I, o Martello da Es-

cocia, preoccupou-se principalmente com a conquista d'essa região. Effectivamente, chegou a dominal-a, depois de grande lucta; e reduziu tambem á obediencia o condado de Galles, que tinha até ahi, pelo menos, uma autonomia nominal. Mas, no meio d'essas preoccupações, não se esqueceu do movimento economico da Inglaterra, e concorreu muito para o progresso do paiz.

Succedeu-lhe, em 1307, Eduardo II. No seu tempo, emancipou-se novamente a Escocia, e continuaram as luctas civis. Por ellas, pela fraqueza pessoal do rei e pelas intrigas da mulher, foi, afinal, deposto, preso e assassinado na cadeia, em 1327.

Foi eleito em seu logar Eduardo III (1327-1377). Sob este rei começou a guerra com a França, chamada a guerra dos *Cem Annos,* que se prolongou, desde 1338 a 1453, atravez do reinado de cinco reis francezes, Filippe VI, João I, Carlos V, Carlos VI e Carlos VII; e de cinco reis de Inglaterra, Eduardo III, Ricardo II, Henrique IV, Henrique V e Henrique VI.

Mas, apezar d'essa guerra com a França, Eduardo III pugnou activamente pelo desinvolvimento economico do paiz.

Succedeu-lhe Ricardo II, seu neto, filho do Principe de Galles ou principe Negro.

O seu reinado (1377-1399) passou-se em contínuas luctas com a nobreza e em guerras com a França e Escocia. E foi tambem no seu tempo que appareceu a dupla fermentação religiosa e

social, promovida pelas prégações de João de Wycliffe, que tanto agitaram o povo inglez. Por ultimo, foi deposto por Henrique de Bolingbroke; e, tendo sido preso, foi tambem, segundo se diz, assassinado na prisão.

Henrique de Bolingbroke — Henrique IV (1399), teve egualmente um reinado agitado pelas conspirações dos partidarios e descendentes do rei deposto. Morreu em 1413.

Seu successor, Henrique V, para obstar ás luctas intestinas, continuou activamente a guerra com a França; e chegou a tomal-a quasi toda, a ponto de fazer a sua entrada em Paris e de ser acclamado tambem rei de França. Morreu, em 1422.

Succedeu-lhe o filho Henrique VI, fraco e pusilanime. A França recuperou então a sua liberdade, com o auxilio de Joanna d'Arc. Travou-se a lucta entre o partido da casa de York, representado pelo duque de York, e o da casa de Lancaster, representado pelo rei. E, por fim, o duque de York depoz Henrique VI, e subiu ao throno, em 1461, com o titulo de Eduardo IV. Começou então a guerra chamada das *Duas Rosas*: a saber a *Rosa Vermelha* (casa de Lancaster) e a *Rosa Branca* (casa de York).

No tempo d'este rei, fez-se a paz com a França, terminando a guerra dos *Cem Annos*; mas começou essa outra guerra das *Duas Rosas*.

Morreu, em 1483, e succedeu-lhe seu filho Eduardo V. Este, ainda menor, foi desthronado pelo tio, Ricardo III, que encheu os poucos an-

nos do seu reinado de crimes e atrocidades, abafando a iniciativa do povo, sob o terror das suas maldades.

Foi desthronado por Henrique Tudor, representante da casa de Lancaster, que subiu ao throno, com o nome de Henrique VII, em 1485, e que, tendo casado com a representante da casa de York, terminou a guerra das *Duas Rosas*. O governo d'este rei, durante os poucos annos que restaram da edade media, ou, mais rigorosamente, nos sete annos decorridos até á descoberta da America, prende-se economicamente e com tal intimidade á epoca moderna, que reservamos o seu estudo para o quarto volume d'esta obra [1].

*

* *

Para estudar e apreciar o movimento economico da Inglaterra, na edade media, convem apresentar um ligeiro esbôço retrospectivo, a fim de relacionar os antecedentes com os consequentes.

Quando Cesar conquistou as ilhas Britanicas,

---

[1] Guizot, *Historia d'Inglaterra*, traduzida por Maximiano de Lemos. — M. Emile de Bonnechose, *Histoire d'Angleterre*. — A. Thyerri, *Histoire de la Conquête de l'Angleterre par les Normands*. — P. Roland, *Precis d'Histoire d'Angleterre, d'Ecosse et d'Irlande*. — Felix Bodin, *Résumé de l'Histoire d'Angleterre*.

encontrou os seus habitantes quasi n'um estado nomada. Ligavam-se, unicamente, no perigo commum, e constituiam grupos isolados, cuidando uns do pastío e da agricultura, e entregando-se outros á rapina, sob a direcção de chefes escolhidos por elles.

Á proporção, porém, que os Romanos foram accentuando a conquista, dividiram as terras pelos seus expedicionarios, que as deram de colonato aos Bretões. Abriram estradas e canaes; desinvolveram a agricultura; introduziram differentes arvores de fructo e varios generos agricolas, por exemplo, as cerejas e vinho [1]; aclimataram muitas arvores florestaes e até differentes hervas de pastagem. Fundaram cidades, impozeram a sua vida municipal, adoçaram os costumes e civilisaram o paiz [2]. Nos intervallos d'essa dominação, (porque os conquistadores tiveram por muitas vezes de abandonar a Bretanha), recomeçavam as desordens e apagavam-se os effeitos d'aquella acção civilisadora, para renascerem pela reconquista. E por fim, com a queda do imperio do occidente, a Bretanha achou-se n'um es-

---

[1] O clima da Inglaterra prestava-se então, em parte, á cultura da vide.

[2] W. Cunningham, *The Growth of English Industries and Commerce, during the early and middle age*, pag. 55 e seguintes. — Victor Duruy, *Historia de Roma*, traduzida por Pinheiro Chagas, vol. II. — Emile de Bonnechose, *obr. cit.*, vol. I, pag. 47 e seguintes. — Guizot, *obr. cit.*, vol. I.

tado permanente de luctas, de rapinas e desordens, como já notámos, e mais fundamente se apagaram os traços da influencia romana.

A invasão dos Saxões, Anglos, Jutas ou Dinamarquezes e Normandos, modificou alguma coisa esse estado; porque possuiam já um certo desinvolvimento economico e um grande espirito navegador. Sobretudo os Normandos tinham já estabelecido relações commerciaes com o oriente, pelos rios do mar Caspio e do mar Negro, e colonisado e povoado a Islandia; e esse exemplo reflectira-se nos seus visinhos.

Por isto mesmo, todos esses povos, a par da assolação do territorio britanico, e da desordem resultante das invasões, trouxeram os elementos economicos de que já dispunham. Depois, Alfredo, o Grande, estendendo o seu dominio por todo o paiz, e aprendendo com elles, impulsionou tambem a sociedade; abriu communicações mercantis com as regiões septentrionaes, fazendo que os marinheiros inglezes demandassem o mar do Norte e o mar Baltico, onde elle os acompanhou; abriu tambem communicações, no sul, com Marselha e com as feiras de Rouen, S. Diniz, Troyes [1]; e contribuiu, pela sua iniciativa, para amaciar, algum tanto, a rudeza do povo.

Mas o que principalmente concorreu, para minorar a desordem e adoçar os costumes, foi o christianismo, cuja introducção na Inglaterra data

---

[1] W. Cunningham, *obr. cit.*, pag. 83, 84 e 85.

do anno 597. O papa S. Gregorio, o Grande, ainda simples diacono, tinha-se impressionado, pelo grande numero e belleza dos escravos inglezes que via nos mercados de Roma; e isso o levou, quando subiu á cadeira pontificia, a mandar um monge, chamado Agostinho, prior do convento de Santo André, da mesma cidade, acompanhado de quarenta frades, prégar o evangelho na Inglaterra [1].

Os missionarios, que se seguiram, protegidos pela realeza, começaram a fundar conventos, que os reis dotavam de grandes terrenos. E assim se foram espalhando os religiosos por todo o paiz; de modo que, ao passo que prégavam o christianismo e fulminavam a escravidão, adoçando os costumes e fazendo diminuir o trafico de escravos, agricultavam a terra dos mosteiros, olhavam pela reparação dos caminhos, e exerciam a industria, ensinando aos habitantes as artes pacificas do trabalho [2]. Sobretudo os Beneditinos, distinguiram-se pela agricultura; emquanto que os monges da ordem de Cister se assignalavam na creação dos carneiros e commercio das lãs.

Por morte de Alfredo Grande, seguiu-se, como vimos, uma longa agitação entre Anglos, Saxonios e Dinamarquezes, até que a Inglaterra caiu toda nas mãos de Canuto.

---

[1] Guizot, *obr. cit.*, vol. I, pag. 22. — Emile de Bonnechose, *obr. cit.*, vol. I, pag. 75 e seguintes.

[2] Thorold Rogers, *Interpretation Economique de l'Histoire*, traducção franceza, pag. 69.

Esse rei estabeleceu tambem frequentes relações com a Scandinavia, o que deu logar a que York, Grimsby, Lincoln, Norwich, Ipswich e muitos outros portos, ao longo da costa oriental, entrassem activamente em communicação commercial com as regiões do Baltico. Mas, apezar d'isso, o commercio com os estrangeiros era diminuto.

A importação consistia, quasi unicamente, nos artigos de luxo, cubiçados pelas altas classes, como seda e purpura, joias de valor, objectos de ouro, vestuarios e cosmeticos; e bem assim em vinho, azeite, marfim, latão, objectos de cobre, enxofre e vidro. A exportação compunha-se apenas de estanho, cobre em bruto, lãs, coiros e escravos [1].

Esta situação não tinha melhorado, antes havia peiorado, quando Guilherme da Normandia conquistou a Inglaterra; porque até o pequeno desinvolvimento devido aos invasores se tinha apagado, pouco e pouco, pelas desordens e luctas successivas. Principalmente, nas regiões do norte, a industria e commercio não tinham nenhum movimento.

Os productos que se exploravam por toda a parte, ainda eram sómente o chumbo, cobre, estanho, lãs e coiros. Havia muito poucas manufacturas; e exportavam-se apenas as materias primas. O reino estava dividido em feudos. Os

---

[1] W. J. Asley, *An Introduction to English Economic History and Theory*, vol. I, pag. 70.

principaes centros commerciaes eram Londres, York, Winchester, Bristol, Norwich e Lincoln. Havia pequenos mercados ou feiras, estabelecidas pelos senhores feudaes e pelos monges, onde se fazia tambem algum commercio com as regiões scandinavas e francezas; mas o *danegheld*, que se convertera n'um imposto annual, e os pesados tributos para a egreja, sugavam a nação, e consumiam os rendimentos publicos. Por isso, todo o paiz achava-se n'um estado rudimentar, economicamente fallando.

Ora, os Normandos, que iam tomar conta do paiz, possuiam maior desinvolvimento. Tinham aberto, pelos rios da Russia e pelo mar Caspio e mar Negro, um grande commercio com o oriente, para onde exportavam as pelliças e o ambar, em troca dos metaes preciosos. As moedas arabes, encontradas nas escavações da Suecia e na ilha de Gotland, ainda hoje dão testemunho d'essas relações mercantis. E Visby já era então uma cidade importante.

Tinham povoado e colonisado a Islandia; tinham percorrido os mares septentrionaes, e chegado até á Groenlandia; e, nas suas excursões pelas costas da Europa, tinham avigorado a sua audacia e genio aventureiro, augmentando o seu gosto pela riqueza e, portanto, pelo commercio [1].

---

[1] *A Historia Economica*, vol. I, pag. 22 e seguintes. — Cunningham, *obr. cit.*, pag. 87 e seguintes.

As suas armas tinham penetrado, muitas vezes, no proprio coração do imperio carlovingiano, e tinham ficado victoriosas sob os muros de Maestricht e de Paris. Um dos fracos descendentes de Carlos Magno, tinha acabado por lhes ceder uma provincia muito fertil, onde elles fundaram um poderoso estado, que se estendeu pelas regiões da Bretanha e do Maine; e, depois de terem estabelecido ahi a ordem e tranquillidade interior, adoptaram o christianismo, aprendendo do clero o que então se podia aprender. A sua propria lingua foi substituida pela franceza, onde preponderava o elemento latino. Renunciando á intemperança brutal dos outros povos do norte, fizeram, por seu luxo e comedimento, um contraste notavel com os seus visinhos dinamarquezes e saxões.

Possuiam em alto grau o espirito cavalheiroso, que tanta influencia tinha exercido nos costumes. O normando nobre distinguia-se logo por uma apresentação distincta e maneiras delicadas e por uma eloquencia natural.

Mas foi principalmente pelas suas expedições militares que elles brilharam. Do Oceano Atlantico ao mar Morto, todos os povos foram testemunhas dos prodigios do seu valor e da sua disciplina. Á frente d'um punhado de combatentes, um cavalleiro normando derrotou os Celtas de Connaught. Um outro fundou a monarchia das duas Sicilias, e viu fugir diante de si os imperadores do Oriente e Occidente. Um outro recebeu dos seus companheiros d'armas a soberania d'An-

tiochia. E, emfim, Tancredo, um outro Normando, que Tasso cantou no seu immortal poema, foi celebrado em toda a christandade, como sendo o mais valente e generoso dos campiões de Jerusalem [1].

Por isso, a acção d'esse povo nos destinos da Inglaterra não podia deixar de ser altamente civilisadora.

O conquistador principiou, por explorar a Inglaterra, em proveito d'elle e dos aventureiros de todos os paizes que o acompanhavam. Reteve para si o thesouro e propriedades dos antigos reis, as florestas do paiz e muitos outros bens; lançou mão do ouro e prata das egrejas, e de tudo o que appareceu de mais precioso nas lojas dos mercadores; deu grande parte d'essas riquezas ao papa e ás egrejas da Normandia, porque fòra tambem com o auxilio da curia romana, que obtivera a corôa da Inglaterra; e distribuiu as outras terras, dominios e castellos pelos seus barões e cavalleiros. Alguns d'elles tiveram cidades inteiras. As proprias mulheres saxonias, inclusivamente as viuvas dos mortos na guerra, foram dadas em casamento aos soldados e companheiros de Guilherme.

Essa distribuição de terras e dominios, e essas alterações provenientes da conquista, levaram,

[1] Cunningham, *obr. cit.* — Lord Macaulay, *Histoire d'Angleterre, depuis l'Avenement de Jacques II*, vol. I (traducção franceza). — Depping, *Histoire des Normands*.

mais tarde, este rei a ordenar uma inquirição geral sobre as propriedades do reino, sobre o seu rendimento, a sua capacidade productiva, as suas mutações e os seus possuidores; e a confeccionar uma especie de cadastro, que os Saxões denominaram *Domesday-book* (*livro do ultimo julgamento*), por isso que encerrava a ultima e irrevogavel sentença de espropriação. E essa medida, se foi principalmente determinada, com o fim de estabelecer uma certa ordem, no meio do cahos proveniente da conquista, e registar os proprios bens da corôa, revelou da parte de Guilherme um espirito economico e administrativo, que muito contribuiu para a estabilidade da propriedade e para o desinvolvimento da agricultura [1].

Não obstante isso, as perturbações e desordens da conquista, trazendo comsigo a ruina de metade das cidades e castellos; a espoliação dos Anglos-Saxonios, em favor dos Normandos, as medidas violentas de Guilherme, para sustentar o seu dominio, a par do estado fluctuante e retardatario em que a sociedade se achava: não podiam deixar de entropecer de momento o progresso economico.

E a tudo isso juntou-se ainda a perniciosa influencia de uma das ultimas leis relativas ao clero,

---

[1] A. Thierry, *Hist. de la Conquête de l'Angleterre par les Normands*, tomo I. — Emile de Bonnechose, *obr. cit.*, vol. I. — Cunningham, *obr. cit.*

em que Guilherme lhe concedeu, civil e criminalmente, uma jurisdicção ecclesiastica privativa, mesmo nas questões com os leigos. Os abusos, espoliações, soberba, orgulho e vexames da classe sacerdotal, tornaram-se, então, enormes, e foram outro elemento da degradação social.

É certo que o rei tentou reparar os terriveis effeitos de tão ruinosas causas, fomentando a industria e commercio, reconstruindo cidades e castellos, desinvolvendo as edificações. Muitas e muitas casas foram então construidas de pedra, abandonando-se a antiga construcção de madeira. Essa iniciativa economica, porém, não se fez sentir, desde logo, no interior do reino, atrophiado por tantos factores ruinosos, embora fosse produzindo lentamente a sua elaboração.

Exteriormente, é que a situação do paiz se modificou, desde logo, consideravelmente, pela abertura das relações commerciaes, permanentes e regulares com a Normandia, d'onde resultou a introducção da Inglaterra no convivio economico da Europa, a que tinha sido estranha até ahi. Porque, anteriormente, embora houvesse com o norte as relações de que já fallámos, não eram regulares e permanentes, nem tinham ou tiveram a importancia d'essas outras novas relações com o sul.

*

* *

O tempo decorrido até Eduardo I, á parte a influencia geral das cruzadas, pouco adiantou

para o commercio. As guerras civis entre os conquistados e conquistadores, até Henrique II; a lucta d'este principe com a egreja; o reinado aventureiro e a cruzada de Ricardo I; as contendas de João Sem Terra e Henrique III com a nobreza, alliadas á deficiencia do espirito economico d'estes reis: conservaram, sem differença notavel, o estado social dos tempos de Guilherme, o Conquistador; apezar de que a Grande Carta, promulgada em 1215, além de estabelecer a ordem legal do reino e a constituição politica da nação, já consignara muitos preceitos, relativos ao commercio, como, por exemplo, a uniformidade de pesos e medidas. Mas, sob Eduardo I, mudou a situação economica da Inglaterra.

Até ahi, a vida commercial das cidades, villas ou aldeias era isolada. Cada uma d'ellas contava só comsigo, e fazia, portanto, unicamente de per si, o commercio de que precisava. Os feudos, as communas, as guildas, os proprios estrangeiros residentes no paiz, constituiam agrupamentos politicos ou sociaes, distinctos e isolados, sem subordinação ou ligação reciproca, embora sujeitos ao poder real. E os proprios nacionaes eram olhados, nas cidades ou villas differentes das suas, com a mesma reserva que os estrangeiros. Não havendo, assim, entre esses grupos affinidades intimas ou communs, a vida economica devia resentir-se de semelhante isolamento; e, por isso, cada um trabalhava por conta propria, tendo costumes e regulamentos exclusivos, que afugentavam o commercio estranho.

Nem obsta que, antes de Eduardo I, tivesse havido aquella uniformidade de pesos e medidas, a taxa do preço do pão, azeite e pannos, e outras medidas economicas, extensivas a todo o paiz; porque essas medidas, determinadas, em grande parte, pelo interesse pessoal dos monarcas, constituiam raras excepções, e não quebravam a muralha dos regulamentos, privilegios e excentricidades commerciaes, que vedavam o livre accesso mercantil d'aquelles agrupamentos.

Para terminar com esta situação, Eduardo I instituiu a representação nacional, unificando as relações politicas dos cidadãos; organisou e unificou tambem o systema fiscal do reino; restringiu os privilegios particulares do commercio, abolindo uns e generalisando outros; e, determinando assim a rotação harmonica dos elementos economicos, abriu tambem o caminho para a ampla e uniforme rotação do commercio nacional [1].

Outro grande serviço que o mesmo rei prestou á Inglaterra, foi limitar as pretenções e rendimentos da egreja.

Vinha de longe o exaggerado poderio e enorme abuso da classe ecclesiastica.

Guilherme I, antes de tentar a conquista da

[1] Cunningham, *The Growth of English Industry and Commerce during the early and middle age* (*third edition*). — Ashey, *The Introduction to English Economic History and Theory* (*fifth impression*).

Inglaterra, obteve a protecção da curia romana. Essa protecção foi, como vimos, paga com grossas dadivas, e com pingues beneficios e bispados, distribuidos aos padres que o acompanharam; de modo que, por essa protecção, que os outros reis continuaram, pela jurisdicção ecclesiastica privativa de que já fallámos, e pelas doações pias dos particulares, os rendimentos e influencia da egreja tinham augmentado enormemente.

E, demais a mais, tendo João Sem Terra, depois d'isso, levantado contra si os nobres e o clero, e sendo excommungado pelo papa, viu-se obrigado, para conjurar a tempestade, a tornar o reino tributario da curia romana [1].

Tudo isso fizera elevar de tal modo a influencia do clero, que os seus membros possuiam grande parte das terras do paiz, e cobravam maior somma de tributos que o proprio rei. Tão alto se julgava a classe sacerdotal, que o papa Bonifacio VIII até reclamou o privilegio de se não lançar qualquer contribuição que a affectasse, sem a approvação da curia romana.

Ora Eduardo I não só desattendeu essa reclamação, impondo a pena de exilio aos clerigos que desobedecessem ás ordens reaes, mas até prohibiu a acquisição de terras pela egreja, sem o consentimento do respectivo senhor territorial; e, mesmo assim, ficando os bens adquiridos sujeitos aos encargos publicos.

---

[1] Guizot, *Hist. de l'Angleterre.*

*

Estas medidas, ao passo que reprimiram os abusos da classe sacerdotal, libertaram a propriedade, e fomentaram a agricultura.

No mesmo sentido, tambem Eduardo I permittiu que os rendeiros ou colonos podessem vender parte das terras, garantindo os direitos ou rendas dos senhores; e, concorrendo assim para a transmissão e parcellamento da propriedade, foi determinando a transfusão e desinvolvimento da riqueza agricola.

Mandou tambem desbravar muitas florestas, para haver maior abundancia de pastagens; porque o gado lanigero constituia então a maior riqueza da Inglaterra.

Com effeito, desde o seculo XIII ao seculo XVI, na Europa, sómente na Inglaterra e na Hespanha se produzia abundantemente a lã; porque nos outros paizes, pouca gente se occupava na creação dos carneiros ou ovelhas, que seriam a presa segura dos nobres e do rei.

Mas, na Inglaterra, além da vantagem do solo e clima, e da segurança que havia no reino, cada qual, desde o rei ao servo, foi, durante muito tempo, cultivador; e os proprietarios, mesmo depois de terem abandonado a lavoura, continuaram a dedicar-se á creação do gado ovino e á producção da lã. Pelo contrario, na Hespanha, além de não haver lã sufficiente para as necessidades industriaes dos Arabes e para os mercados de Flandres, pois só começou a havel-a em grande escala, depois do meado do

seculo XIV [1], o transporte era mais difficil, demorado e dispendioso.

Por isso, a Inglaterra tinha o monopolio d'esse producto, a ponto de que, segundo veremos, fazia d'elle um objecto diplomatico, elevando ou abaixando os direitos de exportação, conforme convinha á sua politica, e aos seus interesses: a creação dos carneiros constituia uma das principaes riquezas do paiz [2]; e foi por esse motivo que, segundo já dissemos, Eduardo I mandou desbravar muitas florestas, para augmentar as pastagens.

O commercio augmentou egualmente no tempo d'esse rei: porque, reduzidas as cidades e os demais agrupamentos politicos a um regimen commum, ampliadas as relações politicas e civis, quebrados os privilegios e excepções particulares, tornaram-se mais frequentes as relações mercantis.

Por outro lado, a industria, que anda conjugada aos outros ramos da actividade humana, resentiu-se favoravelmente com esses melhoramentos; de modo que a propria architectura, esculptura, pintura, e trabalhos em metal, adquiriram bastante desinvolvimento.

A par d'isso, foram reparadas muitas das pon-

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, pag. 314.

[2] Thorold Rogers, *Interpretation Economique de l'Histoire*, traducção franceza, pag. 20 e seguintes. — Rafael Altamira y Crevea, *Historia de España y de la Civilisacion Española*, vol. I, pag. 497 e seguintes.

tes e das estradas. Foram reedificadas algumas cidades, e preparados novos portos. Cuidou-se da ordem publica e da segurança pessoal. Foram policiados os naufragios, e punidos severamente os raptores ou receptadores de objectos naufragados.

Foi assim que o governo d'esse monarca assignalou uma epoca importante na historia economica da Inglaterra. E admira até que, dotado de tão elevado espirito, decretasse a expulsão dos Judeus, afugentando do paiz uma população activa, intelligente e rica. Mais tarde, porém, voltaremos a este assumpto.

*

* *

No reinado de Eduardo II, a emancipação da Escocia; as luctas civis; as contendas palacianas, resultantes das intrigas da mulher; a fraqueza do rei; as desordens e falta de segurança; os abusos dos lords; as pretenções do clero; e a fome de 1315 e 1316, a mais rigorosa que a Inglaterra experimentou, devida a um grande accesso de chuva e á falta de calor solar [1]: retardaram o movimento que seu pae Eduardo I, tinha transmittido á roda economica. Mas seguiu-se depois o

[1] Thorold Rogers, *obr. cit.* — *Interpretation Economique de l'Histoire*, pag. 63.

reinado de Eduardo III, o principe que mais trabalhou pelo progresso da Inglaterra, na edade media.

Eduardo I esforçara-se por crear o commercio nacional. A grande empreza de Eduardo III foi crear o trafico internacional, ao passo que tratou esmeradamente do desinvolvimento da industria e de reprimir as extravagancias e desperdicios, por meio de leis sumptuarias.

Para auxiliar o trafico internacional, começou por cortar as restricções a que estavam sujeitos os mercadores estrangeiros.

Vinham de longe essas restricções. Como já vimos, os negociantes inglezes tinham usos, garantias e privilegios proprios e locaes, segundo o agrupamento a que pertenciam; e por esse motivo, os estrangeiros eram vistos com maus olhos, com receio de que viessem prejudicar taes privilegios. Antes da promulgação da Grande Carta (1215), só podiam comprar ou vender aos burguezes; e, ainda assim, publicamente; em certos logares e dias. Não podiam vender a retalho. Não podiam tambem permanecer no reino, além de certos limites territoriaes, e mais de quarenta dias. E tinham de pagar fortes direitos aduaneiros.

Depois d'isso, consignou-se na Grande Carta que teriam livre entrada em todo o reino, e ficariam isentos dos exorbitantes direitos fiscaes.

Mas nem o rei nem os burguezes gostaram d'esta medida: tanto mais que os negociantes estrangeiros estavam promptos a pagar aquelles di-

reitos. E por isso não conseguiram estes a liberdade promettida, continuando sujeitos de facto a muitas restricções.

Comtudo, a Inglaterra achava-se então incapaz de fazer, de per si, o commercio externo, por falta de marinha e de iniciativa mercantil; e, por outro lado, a concorrencia de mercadores estrangeiros facilitava muito a venda das lãs inglezas, principal artigo de exportação. Por estes motivos, tanto os municipios, como os parlamentos, o rei e os nobres, continuaram a protegel-os de novo, mau grado a opposição dos mercadores nacionaes. E, embora subsistissem de facto algumas das restricções, e os estrangeiros ficassem obrigados a fortes direitos fiscaes, foi-se tornando mais livre e desafogada a sua posição, e augmentando o seu numero consideravelmente.

Não diminuiu, porém, a rivalidade e inveja dos nacionaes, antes foi sendo cada vez maior.

Já no tempo de Eduardo I, o povo reclamara do parlamento que fosse novamente prohibida aos mercadores estrangeiros a venda a retalho e lhes fossem impostas novas restricções. Eduardo I, no principio do seu reinado, teve de transigir com essa reclamação, mas publicou depois, em 1303, a *Carta Mercatoria,* pela qual, em troca do pagamento de uma contribuição addicional, aboliu todas as precedentes restricções, relativas ao tempo e logar de residencia e ás pessoas a quem os negociantes estrangeiros podiam comprar e vender. E, supposto ficasse ainda reservado aos Inglezes o monopolio de al-

guns artigos, o commercio das especies, objectos de mercearia e outros productos, era livre. Ao mesmo tempo, estabeleceu penalidades severas para quem offendesse os estrangeiros, e um jury mixto, para julgar as contendas que elles tivessem com os nacionaes [1].

Nos primeiros tempos de Eduardo III, levantou-se nova reclamação, e o rei teve de renovar as antigas restricções. Mas foi-as cortando, pouco a pouco, de modo que os negociantes estrangeiros tiveram liberdade, para commerciar no reino e permanecer livremente n'elle, mesmo além dos quarenta dias. E, embora, depois d'isso, o rei determinasse que nenhum d'elles podesse vender a retalho, em Londres, conservou-lhes ampla liberdade para as outras terras do reino.

Estas medidas de Eduardo III foram secundadas de energicas providencias para a sua execução, o que não tinha acontecido anteriormente; e por isso o commercio externo começou a adquirir maior importancia [2].

Convem notar que, a par d'estes accidentes, a Liga Hanseatica gozou sempre da maior protecção e dos maiores favores, como veremos.

Houve outra medida importante de Eduardo III,

---

[1] Ashley, *obr. cit.*, vol. I, pag. 107.

[2] Cunningham, *obr. cit.*, pag. 293. — Ashley, *obr. cit.*, pag. 104 e seguintes.

relativa á chamada *etape* (*staple*), que vinha a ser *um certo mercado, destinado ao commercio externo, onde os mercadores de Inglaterra tinham de levar as suas lãs e outras mercadorias, para que as podessem vender aos estrangeiros.* O pensamento d'essa instituição foi reunir os commerciantes nacionaes, por fórma que o seu trafico mais facilmente fosse vigiado e regulamentado, e mais facilmente se podessem cobrar os direitos reaes; visto que a venda da lã e d'algumas outras mercadorias estava regulamentada, com relação ao preço, qualidade e verificação do peso e medida. E, para o rei cobrar aquelles direitos e fiscalisar os regulamentos, havia exactores da fazenda, com poderes especiaes.

Já Eduardo I tinha destinado certos portos para a exportação da lã, afim de que mais facilmente podessem cobrar-se os direitos d'essa exportação. E Eduardo II foi mais longe, regulamentando o commercio dos Inglezes, nas regiões d'além mar, e, sequentemente, nos mercados de Flandres e Bravante, a que elles concorriam; fixando por isso a *etape* em Bruges, d'onde passou mais tarde para Anvers.

Era, porém, mais difficil a fiscalisação e cobrança n'um mercado externo do que interno; e, por outro lado, a *etape,* n'essas condições, affastava da Inglaterra os mercadores estrangeiros, que podiam fornecer-se, tambem directamente no estrangeiro, das lãs inglezas. Por esse motivo, Eduardo III prohibiu a *etape* externa, e removeu-a para dentro do reino, designando para isso dif-

ferentes cidades e portos [1], o que trouxe grande vantagem sobre o systema anterior. E mais tarde, pela conquista de Calais, foi ella fixada por Ricardo II, n'esta cidade, onde se conservou até 1558.

Eduardo III tinha casado com Filippa de Hainaut, e esse casamento, proporcionando-lhe a affinidade de relações com os Paizes-Baixos, facultou-lhe o conseguir que muitos industriaes de lá viessem estabelecer-se na Inglaterra. Por outro lado, as perturbações de Flandres levaram muitos tecelões e outros artistas, em 1328 e nos annos seguintes, a sairem de Gand, Bruges e Ypres [2]; e Eduardo III aproveitou o ensejo de os attraír, por meio de medidas especiaes, como prohibindo a exportação de certas lãs e prescrevendo o uso obrigatorio de vestidos nacionaes.

Ao mesmo tempo, difficultou a entrada, de certos objectos de luxo, taes como as pelliças; o que tambem contribuiu, para proteger a industria do paiz.

A ostentação e desperdicio dos nobres tinha, realmente, chegado a tal excesso que Eduardo III tentou prohibil-os, por differentes leis sumptuarias. N'esse sentido, não só restringiu o uso de alguns artigos de vestuario, que eram muito caros, mas tambem regulou o uso das equipagens, e mesmo alguns pontos da economia in-

---

[1] Cunningham, *obr. cit.* — Ashley, *obr. cit.*, pag. 112.
[2] Pag. 18 e seguintes d'este volume.

terna; e tudo isto, ao passo que fazia diminuir a exportação estrangeira, redundava em beneficio da economia nacional.

A agricultura mereceu-lhe, egualmente, especial cuidado. Em 1348, grassou na Inglaterra a grande peste, chamada *Morte* ou *Peste Negra*, que ceifou metade da população[1]. A falta de braços para a lavoura foi enorme; e, como consequencia, a ruina dos campos e a fome dos habitantes foi terrivel. Os poucos trabalhadores que havia, eram carissimos, explorando, em proveito proprio, a desgraça geral. Eduardo III convocou o parlamento, para providenciar sobre essa crise; e, com auxilio d'elle, proclamou, em 1349, o primeiro *Estatúto dos Lavradores*.

Por esse estatuto, qualquer pessoa que tivesse menos de sessenta annos, e que não exercesse alguma industria ou commercio, ou não tivesse recursos proprios, nem terras em que se occupasse, nem servisse algum patrão, poderia ser requisitado para a lavoura, qualquer que fosse o patrão que o requisitasse, pelos salarios que era de uso pagarem-se, em 1346, dois annos antes da peste. Os lords ou senhores que tivessem servos ou villãos, tinham o direito de preferencia aos seus serviços[2]. Os artistas deviam contentar-

---

[1] Emile de Bonnechose, *obr. cit.*, vol. II, pag. 24. — Cunningham, *obr. cit.*, pag. 330 e seguintes.

[2] Os servos inglezes, depois de terem pago a renda aos seus senhores, já gosavam, então, da liberdade de disporem

se tambem com os salarios de 1346. Os generos deviam ser vendidos por preços razoaveis. E era prohibido dar esmolas a mendicantes validos.

Essa lei foi acompanhada pela respectiva sancção penal, e a sua applicação foi confiada ás auctoridades. Mas, não tendo produzido grande effeito, por causa do processo que prescrevia para qualquer reclamação, e pela intervenção do jury, novos estatutos foram promulgados, tanto no tempo de Eduardo III, como no dos seus successores, Ricardo II, Henrique IV e Henrique V, tambem sem grande efficacia, dando logar á reacção da classe trabalhadora e á sua gradual emancipação, até que, sob Henrique VII, foi novamente restabelecida a liberdade dos salarios.

Em todo o caso, embora as medidas de Eduardo III não tivessem plena applicação, alguma coisa remediaram da miseria publica [1]. E dizemos alguma coisa, porque os effeitos d'essa calamidade, mais ou menos, se fizeram sentir até o fim do seculo XIV.

Como acontecera a Eduardo I, Eduardo III favoreceu tambem a importação de certos generos, por exemplo, do vinho.

---

do seu trabalho, o que mostra que a sua condição era menos onerosa que em muitas outras regiões da Europa.

[1] Cunningham, *obr. cit.*, pag. 330 e seguintes. — Thorold Rogers, *Interpretation Economique de l'Histoire*, pag. 37 e seguintes.

Por tantas e tão proveitosas medidas, e por outras de que ainda fallaremos, é que o reinado de Eduardo III representa, economicamente fallando, a epoca mais notavel da Inglaterra, na edade media.

*

* *

Por morte de Eduardo III (1377), o movimento economico diminuiu consideravelmente, e póde dizer-se que, até o fim do seculo XV, a Inglaterra caiu novamente n'uma completa desordem.

A falta de iniciativa mercantil dos reis que se seguiram; as luctas civis; a guerra com a França, cada vez mais accesa, que tornou impraticavel para a Inglaterra o caminho do Rheno, e lhe fez abandonar as grandes feiras de Borgonha e Normandia; as deposições de Ricardo II e Henrique VI, com as rivalidades e desordens que produziram; a fermentação religiosa e social, promovida pelas prégações de Wicliffe; e a lucta das *Duas Rosas*, ensanguentando tambem os ultimos tempos d'esse periodo: bastavam para explicar essa decadencia. Mas accresceram ainda as temiveis consequencias da *Peste Negra* de 1348, de que já fallámos, e a revolta dos camponezes, em 1381, cuja influencia na economia interna foi desastrosa.

Com effeito, aquella peste, destruindo metade da população, produzira o abandono de muitas terras. Os proprietarios viram-se, de repente, sem trabalhadores que cultivassem os seus dominios,

e sem pastores que tratassem dos seus rebanhos. Os lavradores que sobreviveram e que não cultivavam terras por sua conta ou por conta do senhor, exigiram salarios exagerados, que determinaram a intervenção do governo para os fixar; e foram-se emancipando da dependencia feudal, dispensando-se, ao mesmo tempo, dos serviços pessoaes, a que estavam sujeitos.

Pela sua parte, os senhores, em vista da crise proveniente d'essa calamidade, viam-se obrigados a exigir maiores sacrificios dos feudatarios e a não poupar nenhum dos direitos feudaes.

Finalmente, o proprio estado teve de lançar mais fortes contribuições, aggravando a situação do paiz.

Tudo isso produziu aquella revolta dos camponezes; e, embora fossem vencidos, a desordem proveniente d'essa revolução é que augmentou a decadencia economica.

O seculo XV foi, pois, terrivel para a Inglaterra. A agricultura enfraquecida; a industria e commercio deprimidos; as communicações interiores decaídas; as cidades, carecendo de vigor e iniciativa, para se poderem restabelecer dos effeitos da *Peste Negra;* e as costas e navios atacados pelos piratas, como no tempo dos Dinamarquezes.

Em todo o caso, o progresso ia fazendo, embora lenta e confusamente, a sua rotação. Alguns ramos da economia nacional assignalaram certo desinvolvimento, como por exemplo, o trafico exterior, a exportação da lã e a industria dos

lanificios; e, á proporção que as outras classes sociaes definhavam, os mercadores adquiriam maior importancia e riqueza, a par de uma notavel preponderancia, em todo o paiz.

Apreciemos agora, em especial, os differentes factores economicos, n'este periodo.

*

* *

Hoje a situação economica da Inglaterra, alliada á sua poderosa marinha, tem condições unicas e superiores. Acha-se rodeada de mares, que são outras tantas estradas, abertas e permanentes para todo o mundo; está em communicação rapida com a França, pelo estreito de Dover, e muito proxima da Belgica e da Hollanda; communica tambem facilmente pelo *gulf-stream* com o Canadá, Estados-Unidos, Mexico e Antilhas; é defendida das invasões, pelas suas aguas e pela sua marinha, dispensando por isso grandes exercitos permanentes; e, finalmente, para fazer valer tantos recursos, tem na mão as chaves de todos os mares.

Assim, domina o mar da Mancha pelas ilhas Anglo-normandas. Póde fechar o Mediterraneo, pelos estreitos de Gibraltar, de Malta e de Chypre; o mar Vermelho, por Perim, Aden, costas de Somalis e Socotorá. Domina tambem a entrada do mar da India pelo Cabo e Natal; a entrada do golfo Persico, pelas ilhas de Barhein; a passagem do Oceano Atlantico para o Pacifico, pelas ilhas

de Falkland e Tasmania e a d'este para o mar da India por Perak e Singapura.

Para poder embaraçar ou vigiar o transito do Atlantico para a India, tem as fortalezas de Santa Helena e Tristão da Cunha. No caminho do mar Indico, tem as ilhas Mauricia e Seychelles, no caminho do mar da China, Hong-Kong, e no das Antilhas, as suas possessões.

Mas, na edade media, não tinha ainda esses tentaculos a darem-lhe auctoridade. Faltava-lhe a marinha para a fazer communicar facilmente com todo o mundo, e para lhe dar a superioridade politica, de que tantas vezes depende a superioridade economica. Não estavam ainda conhecidas as correntes oceanicas. Não havia ainda vapores que dominassem os ventos e galgassem as distancias. E os navios eram muito mais arriscados e muito mais perigosos.

Por isto, a situação economica da Inglaterra, na edade media, era pouco favorecida; e tanto mais que a pobreza agricola do seu solo e o atrazo da sua industria a collocavam na dependencia dos estrangeiros.

*

* *

Quanto aos productos, a Inglaterra, n'este periodo, foi, sobretudo, um paiz agricola; de modo que a sua riqueza consistia, principalmente, nos generos da agricultura, entre os

quaes as lãs constituiam, como vimos, a força da sua exportação.

Dos productos mineraes, sómente se explorava o estanho, e algum ferro e cobre, tambem com destino á exportação.

Os jazigos da hulha foram muito pouco aproveitados, n'esta epoca; pois, segundo vimos, este combustivel só começou a sel-o, com certa actividade, depois da edade media [1].

*

* *

Para bem se apreciar o movimento industrial e commercial da Inglaterra, n'este periodo, convem notar qual era a organisação das classes trabalhadoras e os principaes agentes commerciaes.

Ora, a organisação das classes trabalhadoras foi a mesma que preponderou no resto da Europa: a saber, as *guildas* ou corporações d'artes e officios, a par do trabalho isolado dos nacionaes e dos estrangeiros.

As primeiras guildas foram as dos mercadores, estabelecidas, em 1093; seguiram-se, no principio do seculo XII, as dos tecelões; e começou, então, a longa serie de cartas ou concessões privilegiadas, conferidas pelos reis ou lords para o estabelecimento d'essas corporações [2].

As outras guildas vieram mais tarde, no se-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 66 e seguintes.

[2] Ashley, *obr. cit.*, pag. 192.

culo XIII, em que se organisou amplamente o systema de todas as corporações industriaes, tambem com privilegios outorgados pelos reis, pelos lords ou pelas cidades.

E nem admira que se constituissem tardiamente, porque a industria achava-se ainda no systema *familiar* ou *domestico*. Isto é, não havia classe industrial propriamente dita, e as necessidades industriaes da familia, dos mosteiros ou de quaesquer outros grupos, eram satisfeitas pelos seus membros [1].

Depois, é que se passou para o systema de guildas, n'aquelle seculo XIII, como posteriormente havia de passar-se para o systema individual e de companhias.

Quanto aos estrangeiros, já vimos as restricções que tiveram antes da promulgação da *Grande Carta*; como essa carta consignou certas garantias a favor d'elles; como, em seguida, pela inveja e pelo odio dos nacionaes, continuaram novamente sujeitos a certas restricções; e, como Eduardo I e Eduardo III os protegeram.

Precisamos apenas de accrescentar que, logo no reinado de Ricardo II, as cidades conseguiram novamente que os mesmos estrangeiros ficassem adstrictos ás seguintes restricções: só poderem commerciar por certos portos; não poderem comprar nem vender a outros estrangeiros; só pode-

---

[1] Ashley, *obr. cit.*, vol. I, pag. 69 e seguintes, e vol. II, pag. 192.

rem vender em certos mezes, dias, feiras e logares; e não venderem a retalho, salvo alguns generos que foram exceptuados d'essa medida. E estas restricções conservaram-se, mais ou menos, em vigor, até ao fim da edade media; de modo que, para fugirem a tão pesados embaraços, muitos estrangeiros se naturalisaram inglezes, e outros abandonaram os mercados de Inglaterra, com grave prejuizo d'esta nação [1].

Entre os estrangeiros, porém, a Liga Hanseatica, tambem denominada pelos Inglezes *Liga Teutonica,* gozou sempre de grande importancia; teve sempre grande liberdade; e fez sempre grande commercio.

Os Allemães já se tinham estabelecido em Londres, no tempo de Ethelred II (978-1013), que lhes concedeu muitos privilegios. Henrique II augmentou esses privilegios; e, sob João Sem Terra, no meado do seculo XIII, estabeleceu-se em Londres a sociedade *Guld Hall,* mais tarde chamada *Steelyard* pelos Inglezes [2], que se tornou a

---

[1] Ashley, *obr. cit.,* vol. I, pag. 14 e 56.

[2] Os escriptores francezes, traduzindo e confundindo a palavra *steel-yard* com *steelyard,* appellidam esse estabelecimento hanseatico pelo nome de *Cour d'acier* (Pateo d'aço). Mas a palavra *steelyard* significa uma certa especie de balança; e, sobre a origem d'essa denominação, diz James E. Thorold Rogers no seu livro — *The Industrial and Commercial History of England,* vol. II, pag. 300, o seguinte: *Under the name of the Aldermen and Merchants of the Steelyard,* (*a description which will suggest to you that they used measures which were different from those which Roman in-*

principal feitoria dos Hanseaticos na Inglaterra, e que os governantes encheram de privilegios. Mesmo Eduardo III, como vimos, concedeu-lhe uma situação excepcional, com relação aos proprios estrangeiros.

No tempo de Eduardo IV, a liga auxiliou-o na guerra com a França. Trabalhava em seu proveito, porque, se a influencia franceza dominasse em Londres ou na Inglaterra, ella perderia os seus privilegios; mas d'ahi resultou que o rei, como indemnisação das despezas que a mesma liga tinha feito, ainda lhe concedeu novas garantias, como a diminuição dos direitos fiscaes e a faculdade d'ella poder vender os vinhos do Rheno a retalho.

Esta mesma situação durou até o fim da edade media. E de Londres, onde a Liga Hanseatica se estabelecera primeiramente, ramificou-se por outras cidades, em que fundou varios escriptorios [1].

---

fluences had made familiar both in business and in currency), the Hanse towns, though comparatively speaking in their decline, were gladly accorded a settlement in London. Sob o nome de Vereadores e Mercadores do Steelyard, (designação que nos suggere a ideia de que elles usavam de medidas differentes d'aquellas que a influencia romana tornara familiares, tanto nas mercadorias, como no dinheiro), as cidades hanseaticas, embora já estivessem n'uma decadencia relativa, obtiveram de boa mente a faculdade de se estabelecerem em Londres.

[1] Cunningham, *obr. cit.*, pag. 194 e seguintes. — Helen Zimern, *The Hansa Towns.* — E. Worms, *Histoire Commerciale de la Ligue Hanséatique.*

A par d'essa corporação, houve mais duas, tambem estrangeiras, que tomaram para si uma grande parte do commercio inglez.

A primeira foi a dos *Mercadores de Londres,* tambem conhecida por *Hansa de Londres,* formada, no primeiro quartel do seculo XIII, pelos negociantes das principaes cidades de Flandres, associados com mercadores inglezes [1]. Durou até o seculo XV, mas foi declinando, á proporção que preponderava a *Liga Hanseatica* [2].

A segunda corporação foi a *Hansa de Colonia,* formada pelos negociantes da mesma cidade, onde tinha a sua séde, e que gosava tambem de certos privilegios. Ha já noticias d'ella, desde 1157. Ricardo I garantiu-lhe esses privilegios, n'um decreto publicado mesmo em Colonia, quando voltou do seu captiveiro, permittindo-lhe o commerciar em toda a Inglaterra. E os negociantes de todas as outras cidades allemãs, que negociavam com os Inglezes, entraram para essa corporação. Mas a *Liga Hanseatica* foi crescendo por tal fórma que a *Hansa de Colonia* teve de fundir-se n'ella.

E tambem, no meado do seculo XIV, uma outra companhia, que tomou o nome de *Thomaz Becket,* se encarregou de exportar directamente os pannos inglezes [3].

---

[1] Pag. 37 d'este volume.

[2] Ashley, *obr. cit.,* vol. I, pag. 109. — Noel, *obr. cit.,* vol. II. — *Histoire du Commerce du Monde,* vol. I, pag. 225.

[3] Depping, *Histoire du Commerce entre le Levant et l'Europe,* vol. I, pag. 339.

Entre os estrangeiros que representaram na Inglaterra um papel importante, figuraram tambem os Judeus. Gozaram ahi de mais liberdade que nos outros paizes, graças ao modo como o estado se tinha constituido, e á maior auctoridade da realeza e protecção que esta lhes dispensava; e monopolisaram, durante muito tempo, o negocio de banqueiros.

No tempo das cruzadas, porém, começou a indisposição contra elles; e, com o augmento de riqueza que então alcançaram, com os emprestimos que fizeram aos lords que iam á Palestina, e com a inveja que essa riqueza despertava, maior se tornou essa indisposição.

O primeiro ataque violento que soffreram, foi na coroação de Ricardo I, em que foram exterminados aos milhares. E seguiram-se outras perseguições e vexames contra esses desgraçados; especialmente no tempo de Eduardo I, que, só n'um dia, mandou enforcar em Londres duzentos e oitenta, expulsando por fim a quantos havia ainda no territorio inglez.

Com a expulsão dos Judeus, os Florentinos tomaram para si o negocio de banco; mas Eduardo III de tal modo os opprimiu, que tambem estes se viram obrigados a abandonar a Inglaterra, deixando esse negocio aos Inglezes [1].

O commercio externo na Inglaterra fazia-se, pois, quasi todo, por meio das corporações e ne-

---

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 371.

gociantes estrangeiros. E dizemos, quasi todo, porque havia uma associação nacional, que tambem cuidava d'elle: — a dos *Mercadores Aventureiros* (*Adventures Merchants*), organisada no seculo XV, em 1406, sob Henrique IV, e que tendo, primeiramente, a sua séde em Bruges, passou depois para Anvers, onde se conservou, até ao fim da edade media. Essa sociedade applicava-se á exportação dos pannos inglezes, em troca de vinhos, estofos do oriente e productos italianos [1].

E agora, que já conhecemos a organisação do trabalho e os agentes do commercio inglez, n'este periodo, examinemos especificadamente o quadro da sua industria.

*

* *

Como dissemos, n'esta epoca, a Inglaterra foi, principalmente, um paiz agricola. Mas nem por isso a agricultura estava muito desinvolvida.

Pelo contrario, as terras araveis e os pastos não egualavam metade do solo; e ainda Eduardo I mandou cortar muitas florestas, para que augmentasse em favor da pobreza o recurso das pastagens.

Para esse atrazo da agricultura contribuiu tambem a falta de segurança, pela abundancia de ladrões, que roubavam as habitações e rebanhos inteiros de gado. E, além d'isso, as terras de In-

---

[1] Pag. 37 d'este volume.

glaterra, propriamente dita, achavam-se todas no dominio dos lords, e as da Irlanda, quasi todas, no dominio do clero, sendo inalienaveis n'essas mãos. Só no tempo de Henrique VII, foi permittida a sua alienação, afim de que os paisanos as podessem comprar.

Mesmo na creação do gado, a não ser na especie ovina, que era explorada e tratada com todo o cuidado, escasseavam os productos animaes; e as raças ainda não tinham sido aperfeiçoadas, por forma a tornarem-se os modelos da Europa.

Os carneiros e os proprios bois eram pequenos. Os cavallos indigenas eram poucos, e tambem de talho pouco elevado. Não se conhecia ainda o cavallo inglez de carro, nem o cavallo de corrida; e só mais tarde se compraram, nos pantanos de Valcheren, os antepassados d'esses gigantescos quadrupedes, que são olhados por todos os estrangeiros, como constituindo uma das curiosidades de Londres [1].

*

* *

Quanto ás outras industrias, a Inglaterra ficou tambem, por muito tempo, n'um grande atrazo, contentando-se em tosquiar os carneiros, cuja lã vendia aos Flamengos, que se tinham tornado os tecelões da Europa.

---

[1] Macaulay, *obr. cit.* vol. I.

Só floresceram, n'este periodo, as industrias do papel e a dos vidros de janella; e, mesmo essas, implantadas e exercidas pelos estrangeiros.

Exploravam-se e exportavam-se para a Europa occidental apenas dois metaes: o chumbo de Derbyshire, e o estanho de Cornuailles, que pagava uma certa renda ao conde ou duque Cornuailles. Todo este districto mineiro estava sujeito a uma jurisdicção especial, (a dos *Stannary Courts*); e o metal era vendido em Bodmin, que era designada para este effeito como cidade de *etape*.

A preparação do ferro era insignificante; e por isso o preço d'elle era muito caro; o que difficultava a fabricação dos instrumentos agricolas e industriaes, e retardava, sob esse ponto de vista, o movimento geral da industria.

Não se conhecia a arte de refinar o sal, apezar d'elle representar uma figura importante na industria domestica; porque, por falta de forragens no inverno, tinha de se abater, metade do gado no meio do outono, e a maioria dos habitantes vivia de salgados, durante seis mezes. O sal era, por isso, muito empregado, tanto nos usos domesticos, como na salga da carne e do peixe; e esta ultima era muito importante, porque havia muitos dias de jejum. Os arenques, bacalhau, salmão, esturjões e enguias, forneciam uma grande parte da alimentação.

Os Inglezes não sabiam tambem utilisar os depositos de sal de rocha de Worcestershire e Chershire, que hoje fornecem a materia prima da fabricação de saes de soda, de que a Inglaterra

abastece o mundo civilisado. Extraíam-no, mas não chegaram a sabel-o refinar, tendo assim perdido essa industria, que os Romanos tinham exercido com vantagem no territorio inglez; e, só no seculo XVII, a descobriram novamente.

Estavam reduzidos a empregar o sal escuro e terroso das salinas do littoral, ou, de preferencia e em quantidade maior, o sal originario do sudoeste da França.

Tambem os Inglezes esqueceram outra arte que os Romanos tinham levado ao subido grau de perfeição — a de fazer tijolos.

Desde o seculo V ao seculo XV, não ha noticias de que fossem fabricados na Inglaterra. Era na Allemanha e nos Paizes-Baixos que esta industria se exercia.

E é curioso que os Inglezes fabricassem a telha, e não se lembrassem tambem de fabricar tijolos, quando os encontravam frequentemente nos paizes onde commerciavam, e, quando, no proprio solo, havia terra apropriada para essa fabricação, por toda a parte. Só do meado do seculo XV em deante, é que principiaram a fabrical-os [1].

A industria textil existiu desde muito cedo, mas no estado domestico, e muito reduzida; porque, além da necessidade dos braços para os

---

[1] Thorold Rogers, *The Industrial and Commercial History of England,* vol. I, pag. 10 e seguintes, e *Interpretation Economique de l'Histoire* (traducção franceza), pag. 239 e seguintes.

campos, os mercados eram restrictos, o atrazo dos industriaes era grande, e a concorrencia estrangeira abafava o movimento nacional. A maior porção da lã exportava-se em bruto. A parte que se tecia e tingia na Inglaterra, era muito pequena, e a fabricação, muito má, sobretudo até Eduardo III. Então, a vinda dos Flamengos deu certo desinvolvimento aos lanificios; mas, ainda assim, a grande porção da lã continuou a ser exportada.

A Hollanda é que tecia e tingia as lãs inglezas, e com o linho acontecia a mesma coisa; embora muitos pannos e teias fabricados na Inglaterra se vendessem, como sendo dos Paizes-Baixos: o que mostra que, entre os productos ordinarios, preparados no paiz, havia alguns de melhor qualidade.

E, comtudo, os reis de Inglaterra nem sempre descuidaram essa industria.

Eduardo I, no pensamento de a desinvolver e prevenir as fraudes, fiscalisou e regulamentou a fabricação dos pannos, quanto á qualidade, medição e tamanho das peças; e Eduardo II e Ricardo III secundaram essas providencias. Mas, como já dissemos, a Inglaterra tinha muito pouco adiantamento industrial, para que a iniciativa do governo podesse produzir grande resultado.

Norfolk era a séde da industria textil. Essa cidade estava em relações frequentes com os Paizes-Baixos; e, no seculo XIII, existia uma manufactura de pannos, florescente em Carlow.

Quanto á fabricação da seda, só foi esta-

belecida na Inglaterra, quando se fundou em Londres uma manufactura importante, protegida pelo acto de 1454 [1].

A marinha conservou-se egualmente n'um estado decadente. Ainda subiu alguma coisa com o desinvolvimento geral do paiz, no tempo de Eduardo I e Eduardo III; mas, já no tempo de Ricardo II, desceu de tal fórma, que o abandono a que esse rei a votou, contribuiu grandemente, para indispôr os mercadores contra elle. E, se a marinha estivesse mais adiantada, e Ricardo II tivesse uma pequena frota, poderia ter obstado ao desembarque de Henrique IV.

Effectivamente, depois de Eduardo III, a marinha chegou a tal abatimento, que os piratas infestavam os mares e costas da Inglaterra, como no tempo dos Dinamarquezes. Henrique IV, Henrique V e Henrique VI tentaram levantal-a, mas os seus recursos eram pequenos; e por isso, embora fizessem construir muitos e grandes navios do estado, e os particulares imitassem tal exemplo, ella só começou a desinvolver-se, depois da edade media, no tempo de Henrique VII.

A imprensa foi introduzida por estrangeiros [2]; e as bellas artes e sciencias tiveram tambem, n'este periodo, muito pouco desinvolvimento.

---

[1] Thorold Rogers, *Interpretation Economique de l'Histoire.* — Cunningham, *obr. cit.* — Macaulay, *obr. cit.*, vol. I.

[2] Pag. 88 d'este volume.

O grande desinvolvimento industrial da Inglaterra tinha de começar no periodo seguinte, sob a grande Isabel.

*
* *

Temos visto, no decorrer do nosso trabalho, as relações commerciaes que a Inglaterra foi tendo com os outros povos.

Até Guilherme I, quasi que foram sómente com os povos do norte da Europa, e mesmo com esses, muito limitadas. A visinhança da França punha tambem os Inglezes em contacto com os habitantes da Normandia e d'outras provincias francezas; mas, como já notámos, póde dizer-se que, antes d'aquelle tempo, elles estavam fóra do convivio europeu.

Guilherme I estabeleceu communicações permanentes e contínuas entre os seus estados; e, então, por intervenção da Normandia, a Inglaterra entrou egualmente em relações com outros paizes, embora fossem pouco activas, como era proprio do pequeno commercio inglez.

Depois, como tambem já notámos, os Hollandezes e Allemães tomaram conta da maior parte do trafico d'Inglaterra, e forneceram-lhe os principaes productos de que ella carecia; aquelles, como senhores do entreposto cosmopolita, e, estes, como principaes recoveiros d'esse entreposto.

Demais a mais, segundo egualmente fica dito, era nos Paizes-Baixos que incidia a exportação das lãs inglezas. E, como as não havia, no resto da Europa, ao menos, em quantidade sufficiente para as necessidades da industria flamenga, vinham elles a precisar essencialmente d'ellas: o que tambem concorria, para apertar as relações mercantis dos dois paizes.

Os Inglezes faziam até da abundancia e monopolio das suas lãs uma das armas diplomaticas, elevando ou abaixando os direitos de exportação, conforme as necessidades da sua politica. E foi por isso que, na guerra contra a França, os Paizes-Baixos se viram sempre obrigados a ajudar a Inglaterra.

Em todo o caso, se os Hollandezes e Allemães abarcavam a maior parte do commercio inglez, nem por isso alguns outros povos deixavam de tomar o seu quinhão.

Os Francezes, pela visinhança dos dois paizes, pelas relações provenientes dos Normandos, e pela dominação da Inglaterra em parte da França, durante a guerra dos *Cem Annos,* apezar das perturbações e hostilidades da mesma guerra, fizeram tambem commercio importante com os Inglezes, que frequentavam assiduamente as feiras da Normandia.

Já no tempo de Eduardo I e Eduardo III, a Inglaterra tinha tambem relações activas com os Borgonhezes, e com os Venezianos e Genovezes, que lhe forneciam os productos orientaes, em troca das lãs inglezas; e bem assim com Flo-

rença, que se apoderou, dentro da propria Inglaterra, do negocio do banco [1].

Em 1403, fez-se um tratado mercantil entre a Hespanha e Inglaterra, pelo qual os subditos de cada paiz podiam commerciar livremente em qualquer dos dois estados.

E, com Portugal, começaram as relações no tempo de Eduardo I, que fez um tratado commercial com o rei portuguez D. Diniz. Sob Eduardo III (1353), celebrou-se tambem um tratado de amizade entre os dois paizes. Depois d'isso, no tempo de Ricardo III (1386), ainda teve logar uma *liga de amizade e confederação*. E, embora as relações, provenientes d'esses accordos, fossem perturbadas, por vezes, houve sempre, desde Eduardo I, um certo commercio da Inglaterra com Portugal [2].

*
* *

Para se avaliar a grandeza relativa dos centros economicos, transcrevemos a relação das cidades que, em 1397, foram obrigadas a contribuir para o emprestimo levantado por Ricardo II, e das quotas que lhes foram distribuidas.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 370 e seguintes.

[2] José d'Arriaga, *A Inglaterra, Portugal e suas colonias.*

	L. s. d.		L. s. d.
Londres.	6666,13,4	Blakeney and Cley	40, 0,0
Bristol	800, 0,0	Dover	40, 0,0
Norwich	333, 6,8	Ely	40, 0,0
Boston	300, 0,0	Grimsby	40, 0,0
Lynn	266,13,4	Huntingdon . . .	40, 0,0
York	200, 0,0	Hadleigh.	40, 0,0
Gloucester . . .	200, 0,0	Horncastle	40, 0,0
Salisbury	200, 0,0	Ipswich	40, 0,0
Lincoln	133, 6,8	Louth	40, 0,0
Southampton . .	113, 6,8	Maldon.	40, 0,0
Bury	106,13,4	Sall and Reepham	40, 0,0
Cambridge . . .	100, 0,0	Lymington. . . .	33,13,4
Colchester. . . .	100, 0,0	Barnstaple	26,13,4
Hull	100, 0,0	Barton-on-Humber	26,13,4
Hereford	100, 0,0	Cromer.	26,13,4
Shrewsbury . . .	100, 0,0	Ludlow.	26,13,4
Winchester . . .	100, 0,0	Pontefract	26,13,4
Oxford	80, 0,0	Sudbury	26,13,4
Abingdon	66,13,4	Thetford	26,13,4
Canterbury . . .	66,13,4	Bath.	20, 0,0
Chichester . . .	66,13,4	Cawston	20, 0,0
Grantham and Harlaxton. . .	66,13,4	Derby	20, 0,0
Leicester	66,13,4	Lavenham	20, 0,0
Northampton . .	66,13,4	Whitby	20, 0,0
Nottingham . . .	66,13,4	Plymouth	20, 0,0
Sandwich	66,13,4	Lichfield.	20, 0,0
Stamford	66,13,4	Beccles	13, 6,8
Scarborough . .	66,13,4	Bildeston	13, 6,8
Worcester. . . .	66,13,4	Bodmin	13, 6,8
Yarmouth. . . .	66,13,4	Burton-on-Trent .	13, 6,8
Cirencester . . .	60, 0,0	Lostwithiel. . . .	13, 6,8
Wells.	53, 6,8	Harwich	10, 0,0
Berverley	45, 0,0	Braintree	6,13,4
Bedford.	40, 0,0	Liskeard.	6,13,4 [1]

[1] Cunningham, *obr. cit.*, pag. 385.

Esta lista mostra a importancia e riqueza relativa das cidades da Inglaterra, no fim do seculo XIV. Mas, já em 1453, por occasião da insurreição da Gasconha contra o rei da França, em que os Inglezes se lembraram de pôr novamente o pé n'aquelle paiz, e, em 1473, sob Eduardo IV, as principaes cidades chamadas a contribuir, foram collocadas por esta ordem: Londres, York, Norwich, Bristol, Coventry, Newcastle, Hull, Lincoln, Southampton e Nottingham [1].

Londres teve sempre grande importancia, desde os tempos mais remotos, o que se explica pelas condições naturaes da sua situação.

Occupava e occupa um logar geographico excellente, como entreposto de uma região agricola, como ponto de convergencia e passagem, e como porto fluvial e maritimo; e estava e está n'uma região muito salubre.

Assim, occupa a saída natural do valle do Tamisa, um dos mais vastos e mais ferteis da Inglaterra, e aquelle onde as communicações, desde todos os tempos, se fizeram com maior facilidade. Graças ao curso tranquillo das aguas profundas d'esse rio e seus affluentes, as embarcações poderam tambem, desde os primeiros seculos da historia conhecida, trazer de todas as partes da sua bacia os generos que iam depositar-se n'esse entreposto, onde começava a navegação maritima.

---

[1] Thorold Rogers, *Interpretation Economique de l'Histoire*, pag. 135.

É lá que se elevam as ultimas collinas costeiras, e que o rio apresenta o ultimo logar de uma passagem facil entre as duas margens; porque, mais abaixo, serpenteia em terrenos pantanosos e frequentemente inundados, alargando-se depois n'um vasto golfo de margens, outrora indecisas. De modo que as communicações entre uma e outra margem tornavam-se uma verdadeira travessia maritima; e por isso, muitas vezes, os habitantes do littoral preferiam subir até Londres, a fim de aproveitarem, n'esse ponto, a passagem do Tamisa, que, facilmente e sem perigo, podia praticar-se.

Além d'isso, esta cidade estava muito bem situada, para se defender, no caso de uma guerra externa. A largura do seu estuario era das mais felizes, para attraír o commercio; e a fórma d'elle, do feitio d'um funil, era das mais apropriadas para acolher os navios dos mares visinhos. Estava tambem perto do estreito que reune os dois mares da Mancha e do Norte.

Já importante na epoca romana, pois que já Tacito a chamava formosa, pelo seu commercio e affluencia de estrangeiros, engrandeceu lentamente, na edade media, embora, muitas vezes, as guerras e as longas crises commerciaes e epidemicas suspendessem o seu commercio, ou diminuissem a sua população.

Bristol, como vimos, no seculo XIV, só era inferior a Londres. Quando Eduardo III, no cerco de Calais, fez um appêllo geral a todas as cidades maritimas do paiz, coube-lhe fornecer vinte

e quatro navios, só menos um do que a Londres. Era tambem favorecida pela situação, porque o Avon, que a maré faz elevar seis a dez metros, leva os maiores navios até defronte d'ella.

Lincoln, a antiga cidade de *Lindum*, situada no logar onde o Whisthain principia a ser navegavel, e é cruzado pela antiga via romana do Tamisa á baixa Caledonia, era, no tempo de Guilherme I, a terceira cidade de Inglaterra, não tendo acima d'ella senão Londres e York; mas acabou, por se tornar uma cidade de monges e de egrejas [1].

Em todo o caso, a população de todas as cidades de Inglaterra, no tempo dos Normandos não excedia cento e quinze mil habitantes; e a do resto do reino, milhão e meio. As mais populosas eram Londres, New-Castle, Winchester, Bristol, Norwich, York e Lincoln; e, ainda assim, qualquer d'ellas não tinha mais de oito mil habitantes.

No seculo XV, Londres já tinha quarenta mil; mas nenhuma outra cidade possuia metade d'essa população. York e Bristol tinham doze mil; Norwich, Lincoln, Salisbury, Lyon e Manchester, cinco a sete mil; e as demais cidades regulavam de mil e quinhentos a cinco mil [2]. Mesmo a po-

---

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle — L'Europe du Nord-Ouest — Angleterre.*

[2] Macauley, *obr. cit.*

pulação de toda a Inglaterra, propriamente dita, n'este periodo, não passou de quatro milhões [1].

*

* *

Até 1257, a Inglaterra só cunhou moedas de prata, chamadas *esterlinas de prata,* correspondentes a 912 reis, approximadamente [2].

Em 1257, porém, Henrique III, pela primeira vez, mandou cunhar o *penny* d'ouro fino, do peso de dois *pence* de prata d'esse tempo, e ordenou que essa moeda corresse com o valor de vinte *pence*. A ideia de tal cunhagem proveiu mais da rivalidade com S. Luiz, de França, que da iniciativa economica do rei; e mesmo esses *pence* d'ouro foram em diminuto numero, e depressa desappareceram da circulação. Hoje, nem mesmo existe qualquer exemplar d'elles [3].

Nada mais se fez até Eduardo III. Entretanto, os differentes estados da Europa tinham ido cunhando moedas d'ouro, que se iam tambem usando na Inglaterra; taes como os florins de Florença, os escudos de Veneza, e os florins e

---

[1] Thorold Rogers, *The Industrial and Commercial History of England,* vol. I, pag. 48.

[2] Cibrario, *Economie Politique du Moyen Age,* vol. II, pag. 223 nota. — Balducci Pergoleto, *Pratica d'ella Mercatura.*

[3] Thorold Rogers, *Interprétation Economique de l Histoire.*

escudos de França. E, por outro lado, o dinheiro bom desapparecia, e circulava o falso.

Por isso, Eduardo III, em 1343, de harmonia com os Flamengos, resolveu cunhar dinheiro d'ouro, para correr não só na Inglaterra, mas tambem em Flandres; e, com effeito, em 1344, foram cunhadas tres especies de moeda d'esse metal, uma das quaes tinha o valor de seis schillings. A relação para com a prata era de 1 por 16,61.

Cunharam-se tambem, depois d'isso, os *nobres* d'ouro, com a mesma relação; mas, por esta ser muito elevada, trouxe a depreciação do dinheiro, e teve de ser alterada, por varias vezes, até o fim do periodo.

D'este modo, veiu a Inglaterra a cunhar moedas d'ouro, dezeseis annos apenas depois da Allemanha, e um anno ou dois depois de Flandres. De modo que o seculo XIV póde ser olhado como o ponto de partida para o bimetallismo; porque foi, então, que a cunhagem da moeda d'ouro entrou, real e definitivamente, na Inglaterra [1].

*

* *

As communicações eram muito más. As poucas estradas que restavam, ainda eram do tempo dos Romanos. Geralmente, a sua conservação es-

[1] W. A. Saw, *The History of Currency.*

tava a cargo das parochias, e, muitas vezes, a cargo dos proprietarios; e seguia-se d'ahi que, por falta de recursos, nem se abriam novas communicações, nem se reparavam as antigas.

*

* *

Temos concluido o nosso estudo, sobre a Inglaterra, na edade media. Como vimos, o seu movimento economico interno foi limitado, e o seu commercio externo, muito reduzido. Ninguem diria, certamente, só por isto, que esse paiz, no periodo seguinte, havia de conquistar e firmar em bases solidas o seu imperio colonial; que, vencendo, nos mares a França, a Hollanda e a Hespanha, empolgaria a preponderancia maritima, e lançaria, ao mesmo tempo, os fundamentos da sua preponderancia industrial e commercial. E que, depois, na velocidade accelerada do seu progresso, seria, na edade contemporanea, pela sua actividade e senso pratico, pela sua politica colonial, pelo genio trabalhador dos seus habitantes, pelas colossaes antenas do seu commercio e da sua industria, pela espantosa riqueza dos seus habitantes, pela assombrosa pertinacia da sua raça, e pela sancção internacional da sua marinha, o primeiro dos imperios.

Mas tudo isso fará parte dos seguintes volumes.

CAPITULO V

Os Hespanhoes

Historia politica da Hespanha, na edade media. — Iberos. — Celtas. — Phenicios. — Gregos. — Carthaginezes. — Romanos. — Invasão dos barbaros. — Predominio dos Wisigodos. — Conquista dos Arabes. — Como os christãos foram reconquistando novamente a peninsula iberica. — Reino de Castella e Leão. — Navarra. — Catalunha. — Aragão. — Dominio dos Arabes.

HISTORIA ECONOMICA:

Situação commercial da Hespanha. — Influencia economica dos Phenicios, Gregos, Carthaginezes e Romanos.

Wisigodos: Sua rudeza primitiva, e como se foram transformando. — Suas leis. — Productos. — Desinvolvimento que deram á agricultura. — Industria e commercio. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações.

Arabes: Espirito grandioso de alguns dos seus governantes. — Como esse espirito influiu no desinvolvimento economico. — Productos. — Grande progresso da agricultura, commercio e industria. — Luxo enorme. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações.

Catalunha: Tradição commercial. — Situação economica especial. — Productos. — Agricultura, industria e commercio. — Importancia da marinha e navegação. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações.

Aragão: Inferioridade economica, relativamente á Catalunha. — Como a união dos dois estados influiu nos Aragonezes. — Produ-

Os primeiros ou dos primeiros povoadores da peninsula iberica, foram os Iberos, que lhe deram o nome.

Vindos da Asia, occuparam a Hespanha. Os Celtas, vindos como elles do oriente, os seguiram; e, misturando-se em parte uns com os Iberos, formaram os Celtiberos. Existem ainda nos actuaes Biscainhos restos dos antigos Iberos, cujos costumes e lingua eram muito differentes dos povos visinhos [1].

---

[1] Pomos de parte a debatida questão sobre se os Iberos entraram na Hespanha, vindos da Aquitania ou de qualquer outra região do norte; ou se, pelo contrario, tendo vindo da Asia para a Africa septentrional, e estacionando ahi, passaram depois á peninsula; porque essa questão é indifferente para o nosso proposito. Póde vêr-se a tal respeito, além dos mais auctores que citaremos no fim da parte politica d'este capitulo, os seguintes: Theophilo Braga, *A Patria Por-*

No VII ou VIII seculo, antes de Christo [1], os Phenicios fundaram colonias maritimas, e estabeleceram feitorias commerciaes nas costas da peninsula, por exemplo, em Agadir (Cadis, Gades ou Cadiz), Erythia (Sancti Petri), Melkarteia (Algeciras), Malaka (Málaga), Sexi (Jate), Abdera (Adra), Hispalis (Sevilha), Hiza (Aibusos), e outras.

A expansão dos Gregos, que, desde tempos antiquissimos, se tinham estendido pelo Mediterraneo, levou-os tambem á peninsula Iberica. O seu primeiro estabelecimento, segundo se suppõe, foi Rodhe (Rosas?), a que se seguiu Emporion (Ampurias) e outros. Assentaram, sobretudo, desde o Douro até o cabo de Finisterra; e, pela extensão das suas colonias e emprezas mercantis, e pela superioridade da sua cultura intellectual, influiram muito nos habitantes da Hespanha.

Mais tarde, os Carthaginezes occuparam as mesmas estações dos Phenicios, e crearam outras

---

tugueza. — Oliveira Martins, *Historia da Civilisação Iberica.* — João Bonança, *Historia da Lusitania e da Iberia.* — Julio de Vilhena, *Raças historicas da peninsula iberica.* — J. M. Pereira de Lima, *Iberos e Bascos.* — Rafael Altamira y Crevea, *Historia de España y de la civilisacion Española.* — Alexandre Herculano, *Historia de Portugal.* — Gauzence de Latour, *L'Espagne Historique, Littéraire et Monumentale.* — Don José Amador de los Rios, *Historia Social, Politica y Religiosa de los Judios de España y Portugal.*

[1] Alguns escriptores aventam que, já no seculo XI, antes de Christo, os Phenicios conquistaram Cadiz.

novas em Barcellona, Port-Mahon, Gibraltar e Carthagena ou Nova Carthago.

A Iberia passou tambem, depois de uma lucta de quasi dois seculos, para o dominio dos Romanos, que a acharam dividida em diversos povos, derivados das invasões e da separação operada pelos tempos, como eram os Cantabrios, Asturianos, Gallegos, Lusitanos, Turdetanos, Euskaros ou Vasconsos e outros.

Vespaziano regulamentou a peninsula por leis adequadas. Estabeleceram-se colonias romanas em Saragoça, Cordova, Mérida, Badajoz; foram exploradas minas; abertas estradas; construidas pontes e aqueductos; e levantados outros monumentos.

Ainda hoje, muitas ruinas attestam a civilisação d'esse tempo. A Hespanha romanisada forneceu a Roma consules como Balbus, escriptores como os dois Senecas, Floro, Lucano, Quintiliano, Marcial e Collumela; e imperadores, como Trajano, Adriano e Theodosio II.

Quando o imperio romano desappareceu, a peninsula foi invadida pelos Alanos, Suevos, Vandalos e Wisigodos.

Dentro em pouco tempo, romperam uns com os outros. Os Alanos, já no anno de 420, haviam desapparecido, ou estavam confundidos com os Suevos.

Os Vandalos, em 429, passaram para a Africa, e os Suevos estabeleceram-se na Galliza; mas, esmagados pelo numero e valor dos Wisigodos, que da Gallia, onde primeiramente se tinham esta-

belecido, dilataram o seu poder áquem dos Pyrineus, perderam de todo a independencia, em 585.

Os Wisigodos, pelo seu lado, fundaram um grande estado.

Um dos seus reis, Leovigildo (572-586), depois de extincto o poder dos Suevos, dominou toda a peninsula. Estabeleceu a côrte em Toledo, e fundou um imperio forte e perduravel. Seu filho Recaredo adoptou o catholicismo; e a Hespanha começou então a ser dotada de leis e instituições novas, que foram, mais tarde, refundidas e compiladas no codigo wisigothico, collecção essa revista, confirmada e publicada no decimo sexto concilio de Toledo, em 693.

Este codigo, segundo os costumes do tempo, consagrava a desegualdade das classes, dando a primazia ao clero, e, em seguida, aos nobres; e graduando os direitos civis do povo, conforme a sua distribuição em *leudes* ou vassallos, ingenuos, libertos e servos. Os principios do direito civil privado eram tirados, em grande parte, do direito romano, accommodados, porém, aos usos da nação.

O direito penal era severo e rigoroso, tendendo a conseguir a regeneração do delinquente. E, supposto essa legislação se resentisse da barbaridade da epoca, em todo o caso, constituiu um grande elemento de ordem, no meio da perturbação geral.

Os defeitos do governo dos Wisigodos, as conspirações palacianas, as luctas dos nobres entre si

e com os reis, e a corrupção dos costumes, conduziam surdamente o reino para a sua dissolução, quando as desordens do governo dos ultimos reis — Witiza, seu filho Achila e Rodrigo, que o desthronou, vieram apressal-a, afastando-lhe alguns subditos poderosos, que se tornaram traidores.

Então, Muza que tinha sido nomeado emir d'Africa pelo califa de Damasco, tentou invadir a Hespanha com um exercito de Sarracenos [1]. E, depois de duas tentativas infructiferas, Tarik, logar tenente de Muza, no governo de Moghreb (Mauritania), pôde atravessar o estreito, com doze mil homens, e desembarcar na peninsula. Rodrigo foi obrigado a acceitar uma batalha geral, que perdeu, em Janda [2], junto a Medina Sidonia, no anno de 711; e o general musulmano de tal modo soube aproveitar a victoria, que, em pouco

---

[1] Em geral, os Arabes eram tambem designados por Mahometanos, Musulmanos, Sarracenos e Mouros; mas a denominação de Sarracenos applicava-se especialmente a todas as populações da Africa septentrional, e a de Mouros só ás da Berberia, depois de umas e outras serem conquistadas pelos mesmos Arabes e terem acceitado a sua religião. Foi do norte africano, e, principalmente, da Berberia, que proveiu aquella invasão da peninsula.

[2] Janda fica entre a cidade de Medina Sidonia e a villa de Vejer de la Frontera; e, porque desemboca ahi o rio Barbato, (em Arabe Guadabeca) muitos auctores têm errado, acreditando que a batalha se deu nas areias do rio Guadalete. — Rafael Altamira y Crevea, *obr. cit.* — Oliveira Martins, *obr. cit.*

tempo, conseguiu sujeitar ao seu poder quasi toda a Hespanha.

Os restos dos Wisigodos, que poderam escapar á derrota geral, refugiaram-se em parte nas serras de Navarra, e em parte nas das Asturias, onde trataram de se defender. Estes ultimos escolheram para seu capitão a Pelagio, filho de um conde da Cantabria, do sangue real dos Wisigodos, e o acclamaram rei em Cangas de Onis, por occasião da importante batalha que elle venceu contra Alahar, general dos Arabes. Foi o fundador do pequeno reino das Asturias.

Sob o poder dos Arabes, a peninsula hispanica tornou-se uma provincia do califado de Damasco. Sob Abderrahman I, em 756, constituiu-se em imperio independente, com a capital em Cordova. Em 912, o emir Abderrahman III tomou o titulo de califa; e este califado subsistiu até 1031, desmembrando-se então em muitos principados independentes, como Cordova, Sevilha, Jaen, Carmona, Niebia, Algarve, Murcia, Valencia, Toledo, Badajoz, Lisboa, Maiorca e outros.

Mas, não obstante a grandeza do imperio arabe, o reino wisigothico ia-se alargando.

Como diz Herculano, a batalha de Cangas de Onis foi o primeiro annel de uma cadeia contínua de combates, que, no fim do seculo XV, veiu soldar-se na campa dos derradeiros defensores de Granada, quando Fernando e Isabel, Os Catholicos, conquistaram a capital do ultimo reino mourisco da peninsula.

Assim, embora Fafila, successor de Pelagio,

nada fizesse n'este sentido, já Affonso I, genro de Pelagio, e que foi acclamado rei, pela morte de Fafila (739-756), alargou as fronteiras, desde o Oceano occidental até os Pyrineus, e desde o Cantabrio ás serras de Guadarrama.

Seguiu-se, por morte de D. Affonso I, até o fim do seculo VIII, um periodo de paz entre os Sarracenos e os Wisigodos. Apezar d'isso, a eleição dos successores de Affonso I, Fruela ou Froila I, Aurelio, Silo, Mauregato, Bermudo I e Affonso II, o Casto, produziu differentes discordias civis.

No tempo d'este ultimo rei, que subiu ao throno, em 791, começaram as correrias dos christãos em terras de Mouros. Mudou elle a capital para Oviedo, que engrandeceu e adornou de egrejas e de praças. Trabalhou por avivar as instituições do imperio wisigothico, que, no meio de uma existencia de combates e de perigos, tinham caído em desuso; e restaurou, ao mesmo tempo, o esplendor da ordem ecclesiastica. Contemporaneo de Alhakem I e Abderrahman II, ora victorioso e ora vencido pelos Sarracenos, com quem teve mais de uma guerra, falleceu em 842.

No tempo de D. Affonso II, foi descoberto o corpo e sepulchro de S. Thiago, n'um campo visinho da cidade de Iria. O descobrimento causou grande regosijo nos christãos, e o rei mandou edificar no mesmo sitio uma egreja, com residencia episcopal. Em volta d'essa egreja, foram-se construindo habitações, que formaram por fim uma povoação, chamada Compostella. E, para visitar o

sepulchro, organisaram-se numerosas peregrinações de outros territorios hespanhoes e do estrangeiro, produzindo-se com isso uma grande corrente de visitantes, que muito influiu nos costumes, commercio e litteratura da Galliza.

Entretanto, Pepino e Carlos Magno tinham tomado a Septimania e todo o paiz, comprehendido entre os Pyrineus e o Ebro.

Mas, por um lado, a Navarra e Barcellona foram-se logo tornando, mais ou menos, independentes; e, por outro lado, apezar da permanencia dos Francos ao norte da peninsula, continuaram os esforços da reconquista. Os reinados de Ramiro I (842-850) e Ordonho I (850-866) foram estereis n'este sentido; mas já Affonso III, um dos mais gloriosos successores de Pelagio (866-909), em doze annos de batalhas successivas, dilatou o reino wisigothico por uma grande parte da Lusitania.

Tratou, então, de organisar interiormente o paiz. Mas não o pôde conseguir; porque o seu governo foi tambem agitado por luctas internas e por uma conspiração do proprio filho e mulher, que, tornando revoltos e atormentados os ultimos tempos da sua vida, obrigaram-no a abdicar (866-909).

Aquelle seu filho, Garcia, que lhe succedeu (909-914), estabeleceu a côrte em Leão, ficando a governar com certa independencia nas Asturias, seu irmão Fruela, e na Galliza outro irmão, Ordonho. Notamos este facto, porque essa divisão, quebrando a unidade politica, influiu na re-

tardação do progresso economico. Deu-se então a mudança do titulo de reis das Asturias ou de Oviedo para reis de Leão.

Foi pouco duradouro o reino de Garcia. Consumiu os primeiros tempos a guerrear os Sarracenos, e os ultimos a reedificar algumas povoações dos seus dilatados dominios, como Osma, Corunha do Conde e Gormaz.

Por sua morte, foi acclamado o irmão, Ordonho II (914-924), que entrou em lucta desabrida com os Arabes, talando-lhes os estados, espalhando ruinas e mortes, e deixando impresso em todo o reino o terror do seu nome. Os ultimos tempos do seu governo foram tambem assignalados por graves discordias, que teve com os condes e governadores de varios districtos.

Os dois reinados que se seguiram, Froila II (924-925) e Affonso IV (925-930), não tiveram grande importancia. Ramiro II (930-950), porém, continuou com toda a actividade a guerra contra os Sarracenos; e o seu reinado foi preenchido pelos incidentes d'essa guerra e pelas rebelliões dos condes de Castella, que elle reprimiu. Tambem o reinado de Ordonho III (950-955) se passou nos incidentes da guerra civil com seu irmão Sancho, e em correrias violentas pelas terras dos Sarracenos, até á foz do Tejo.

Succedeu-lhe esse irmão, Sancho I (955-967). Um primo, chamado Ordonho, quiz disputar-lhe a corôa; mas foi vencido, na guerra civil que d'ahi se originou.

A par d'estas desordens, não cessaram no rei-

nado de Sancho I as luctas com os Sarracenos. E, por fim, tendo-se revoltado contra elle varios condes da Galliza, teve de entrar á mão armada n'essa provincia, onde falleceu de veneno.

Succedeu-lhe Ramiro III (967-982). Tambem esse teve o seu tempo agitado pelas discordias civis entre Castella e Galliza; mas a guerra dos Sarracenos é que reduziu então os Wisigodos a criticas circumstancias, porque o celebre Almanzor tomou quasi todo o reino de Leão. E, no tempo de Bermudo II (982-999), successor de Ramiro III, ainda a situação foi mais perigosa; porque os christãos ficaram de novo quasi que reduzidos aos primitivos limites das Asturias.

O seculo XI começava com terriveis auspicios para os christãos: destruidas as cidades, talados os campos, perdido em grande parte o territorio do reino, e tendo caído em desuso o systema electivo dos Wisigodos, succedia no throno, para cumulo de desesperança, o filho do rei fallecido, Affonso V, de menor edade (994-1027). Ainda assim, os governadores do reino, durante essa menoridade, e o proprio rei, depois de maior, alcançaram brilhantes victorias contra os Musulmanos, adiantando muito a obra da reconquista.

Só isto era bastante para trazer revolto o governo d'este monarca; mas accresceram tambem as contendas do rei com seu tio, o conde de Castella, Sancho Garcez, que tinha sido um dos seus tutores.

Bermudo III, que lhe succedeu (1027-1037), ao cabo de dez annos de governo, foi desthro-

nado pelo rei de Navarra, Sancho III, o Maior. Este falleceu em 1035, tendo reunido tambem debaixo do seu poder Aragão, Castella e Leão; e, por sua morte, dividiu os seus vastos estados pelos filhos, de modo que a Hespanha christã tornou-se de novo a desmembrar. Navarra ficou para Garcia Sancho, o filho mais velho; Aragão, para Ramiro; e Castella e parte de Leão, para Fernando I (1037-1065). Dizemos parte de Leão, porque, embora Sancho III tivesse disposto de tudo, em favor do mesmo Fernando, o rei desthronado, Bermudo III, occupou logo uma parte; e, não contente com isso, quiz desapossar Fernando do resto de Leão e de toda a Castella. Sendo, porém vencido n'essa lucta, Fernando I fez-se, então, acclamar rei de Castella e Leão.

O novo monarca era digno das duas corôas, e tanto que os seus dotes de politico e de guerreiro justamente lhe grangearam o epitheto de *Magno*.

Os primeiros annos do seu reinado passaramse na repressão dos abusos e rebelliões dos nobres e no restabelecimento da ordem publica. Foram postas em vigor muitas das leis antigas, e promulgadas outras de novo, para manter a segurança individual, garantir a propriedade e os contractos, e punir os delinquentes.

Até 1050, a monarchia de Castella e Leão disfructou paz interna e externa. Mas, depois d'isso, teve Fernando de sustentar uma lucta contra seu irmão Garcia, rei de Navarra, em que ficou victorioso; e, apezar de estar já senhor da maior e

melhor porção da Hespanha christã, resolveu alargar os seus dominios, á custa dos Mouros, como, effectivamente, alargou, na Lusitania, até Coimbra, e, na parte meridional da conquista musulmana até Valencia.

Por sua morte (1065), dividiu tambem o reino pelos filhos. Sancho II, o primogenito, herdou a Castella, com o titulo de rei; Affonso VI, o reino de Leão e Asturias; e Garcia, a Galliza. Urraca ficou soberana em Zamora, e Geloira ou Elvira, em Touro; ficando tambem, cada uma d'estas filhas com muitas terras, situadas nos dominios dos irmãos e com muitos mosteiros. Esta divisão, porém, trouxe luctas sangrentas entre os herdeiros.

N'essas luctas, Affonso foi privado dos seus estados por Sancho; mas, á morte d'este, pôde apoderar-se de Castella e Leão, e conseguiu reunir debaixo do seu poder toda a herança de Fernando Magno, e ainda Rioja e Biscaia. Estas ultimas provincias cedeu-lh'as D. Sancho I, rei de Aragão, para que elle lhe consentisse a posse pacifica de Navarra, de cuja maior parte o mesmo Sancho se havia apoderado, e que, em 1076, uniu por inteiro aos seus estados, união essa que durou até 1134.

Investido, assim, D. Affonso VI na realeza de Castella e Leão, ainda augmentou o seu poder, tomando, em 1086, Toledo, que era o centro do dominio sarraceno.

Desde então, a independencia da Hespanha ficou segura em bases solidas; e as nacionalida-

des christãs alcançaram uma preponderancia que nunca mais se desmentiu, até o fim da reconquista.

Para mais se facilitar essa reconquista, concorria tambem a tendencia unitaria que principiava a manifestar-se.

Já Fernando Magno reunira Castella a Leão. D. Affonso VI, juntou-lhe a Galliza. E, se D. Urraca, sua filha e successora, (1109-1126) não dilatava o territorio, apezar de passar o tempo de seu governo em continuas luctas, já seu filho e successor, Affonso VII (1126-1157), adquiriu tambem a suzerania de Navarra, que mais tarde se tornou de novo independente. E, por outro lado, pelo casamento do Conde de Barcellona com a princeza de Aragão, fundiram-se n'um só estes dois estados. Portugal é que em 1140 se constituiu reino independente, depois da guerra com o rei de Castella.

Mas, no meio d'esta consolidação da Hespanha christã, a lucta com os Mouros continuava sempre aguerrida; e, tendo Affonso VII, repartido á sua morte (1157), os seus estados pelos filhos, desmembrando novamente a corôa de Leão e Castella, rebentaram discordias civis entre os herdeiros, ao mesmo tempo que se originava uma guerra entre Castelhanos e Navarrinos. Tudo isto enfraquecia o poder dos christãos, esterilisava o solo, prejudicava o movimento economico, e alentava os Musulmanos. Por isso estes prepararam uma grande expedição contra os Hespanhoes, contando destruir de vez o seu poder.

Reinava então em Castella Affonso VIII (1158-1214). Juntando-se com os outros reis christãos de Hespanha, pedindo tambem o auxilio do rei de Portugal, e attraindo cruzados de outras regiões, pôde reunir um exercito respeitavel; de modo que os Arabes foram completamente derrotados na celebre batalha das Navas de Tolosa (1212). Mas nem por isso foi restabelecida a segurança e tranquillidade da peninsula; porque, de um lado, continuou sem treguas a lucta contra os Mouros, e, do outro lado, introduziu-se a discordia entre os principes christãos.

Os reinados que se seguiram a Affonso VIII, foram insignificantes e cheios de discordias, até que dois grandes reis, Fernando III, de Castella, o Santo (1230-1252), e Jayme I, de Aragão (1213-1276) tomaram de novo as armas contra os Mouros; e, conquistando-lhes Cordova, as Baleares, Jaen, Valencia, Sevilha, e muitas outras terras importantes, reduziram-nos ao emirato de Granada, que foi ainda, por bastantes annos, a ultima e disputada estancia dos Musulmanos na peninsula. Fernando III, em 1230, uniu tambem definitivamente Leão a Castella.

Após estas conquistas, a Hespanha, de quem Portugal, se tinha separado, como já dissemos, ficou dividida em tres estados: Castella, que annexara Galliza, Leão, Toledo, Cordova, Murcia, Jaen, Sevilha; Aragão, em que já estava encorporado o condado de Barcellona, e que reunira então o resto da Catalunha e Valencia; e o reino de Navarra.

Desafogados das oppressões musulmanas, entraram esses estados n'um periodo laborioso de organisação interna, que encerrava o germen da futura grandeza da nacionalidade hespanhola.

Em Castella, succederam, então, grandes transformações. Melhorou-se o systema da propriedade, desinvolveu-se a agricultura, fomentou-se e regulamentou-se a industria. E D. Affonso x, o Sabio (1252-1284), que succedeu a D. Fernando III, a par das luctas com os Mouros, em que lhes tomou varias praças importantes, como Cadiz e Cartagena, e a par das perturbações internas e das suas pretensões á corôa imperial da Allemanha, que agitaram o ultimo periodo do seu reinado, promulgou sabias leis sobre os differentes ramos administrativos, cuja compilação se chamou das *Sete Partidas,* e que muito concorreram para o adiantamento do paiz.

Comtudo este rei serviu-se de um expediente financeiro, que produziu grande desordem economica. Foi britar moeda, isto é, mandal-a cunhar de liga mais baixa, mas com o mesmo valor official.

Essa alteração fez subir muito o preço das mercadorias. Os povos reclamaram contra essa subida. O rei decretou por esse motivo a taxação dos preços. E, augmentando com isso o abalo do commercio, teve de revogar essa medida e decretar nova alteração de moeda, que mais aggravou a desordem economica e o descontentamento da população.

Para cumulo do mal, accresceram as cons-

pirações do filho D. Sancho IV, e a lucta armada que d'ahi se seguiu.

Em todo o caso, a promulgação e execução das *Sete Partidas,* estabelecendo o imperio da lei nas contendas particulares, a par dos esforços do rei pela organisação politica e administrativa do reino, concorreram para o adiantamento do paiz.

Mas já o filho, D. Sancho IV (1284-1295), o qual principiou por lhe arrancar a corôa, não obstante as suas façanhas militares na guerra com os Mouros e com Aragão e Biscaia, que lhe deram o cognome de *Bravo,* deixou caír no abuso o cumprimento das *Sete Partidas;* e, apezar da sua crueldade, deixou tambem desencadear perennemente a desordem no reino. Os ladrões e assassinos campeavam impunemente; e a tanto extremo subiu a falta de segurança e tranquillidade para o povo, que as communas pactuaram a mutua defeza e a mutua vingança dos aggravos, organisando, com esse proposito, a celebre associação chamada *Santa Hermandade.*

Esse estado não melhorou no tempo do seu successor, Fernando IV, o Emprazado, cujo reinado não foi mais do que uma serie contínua de intrigas e discordias. Quando seu pae morreu, tinha elle nove annos de edade. A mãe, D. Maria Molina, ficou regente, mas teve de arrostar com a rivalidade do tio do rei, D. João, que, por fim, lhe arrancou a regencia. E mesmo, para ella conservar a corôa ao filho, teve de empregar toda a actividade, prudencia e astucia do seu grande es-

pirito. Por estas perturbações da regencia, e tambem pelas desordens que houve, depois que D. Fernando assumiu o governo, póde dizer-se que o seu reinado foi uma serie de agitações entremeadas com a guerra dos Mouros.

Não cessava, com effeito, a lucta com os Sarracenos. Já D. Fernando IV lhes tomara differentes praças. Depois Affonso XI, que governou desde 1310 a 1350, tendo-os desbaratado, com o auxilio dos Portuguezes, na celebre batalha do Salado (1340), esteve a ponto de conseguir expulsal-os de todo, pela tomada de Granada, se a morte não viesse impedir-lhe o complemento d'essa empreza.

E, ao passo que assim reduzia o poder musulmano, logo que saíu da menoridade, durante a qual os seus tutores se gladiaram mutuamente, perturbando todo o paiz, trabalhou proveitosamente na organisação politica e administrativa do reino.

Seu filho Pedro I, o Cruel (1350-1369), é que, pelas suas más qualidades, tratou sómente de afogar o paiz em sangue; e collocou-o, por isso, a principio, n'um tal estado de terror, e, por fim, de reacção e conjuração contra elle, que se apagaram totalmente os effeitos salutares do governo paterno.

Foi assassinado por seu irmão Henrique de Trastamara — Henrique II — que lhe succedeu (1369-1379). Este rei soube reprimir internamente as desordens do reino; mas, externamente, involveu-se em luctas successivas com

Portugal, Navarra, Aragão e com a propria Inglaterra, que trouxeram revolto o seu governo.

Succedeu-lhe D. João I (1379-1390). Rei disciplinador, esmerou-se por manter a ordem e reprimir a vadiagem e mendicidade. Corrigiu os frequentes abusos das auctoridades, e governou com justiça e prudencia. Mas, tendo casado com a filha do rei D. Fernando de Portugal, que fallecera em 1383, sem herdeiros varões, pretendeu com esse fundamento a corôa portugueza. Nasceu d'ahi a guerra entre os dois paizes, em que o exercito hespanhol foi completamente derrotado, na celebre batalha de Aljubarrota. Esse desastre foi uma grande desgraça para o reino de Castella e Leão; já porque a formação do exercito hespanhol e a preparação da campanha tinham causado grande dispendio; já porque morreu n'essa batalha a flôr da fidalguia castelhana; e ainda porque o desastre encheu de luto milhares e milhares de familias, e pesou, durante muito tempo, como espectro de abatimento e desesperança, no coração hespanhol.

A D. João I succedeu seu filho Henrique III (1390-1406), ainda menor. E foi-lhe nomeado um conselho de regencia, composto de prelados e grandes do reino, renovando-se as fastidiosas questões de regencia e tutella, que tanto agitaram o governo de alguns reis anteriores.

Principes orgulhosos e avaros, magnates poderosos e soberbos, e prelados turbulentos e tenazes, disputavam a preferencia do mando, debaixo

do titulo de tutores e regentes; e o povo soffria as consequencias das suas odiosas rivalidades.

D'ahi resultou a desordem e a anarchia do reino, e a sua divisão em differentes bandos ou parcialidades. As rendas da corôa, em vez de serem aproveitadas no fomento do estado, serviam para cada tutor ou regente alcançar mais partidarios; e o povo era cada vez mais onerado de impostos. Tudo isso atrofiara a economia da nação, durante a menoridade de Henrique III.

Este rei, chegando aos quatorze annos, empolgou as redeas do governo, acabando com todas as tutellas, e governou com tino, prudencia e justiça; mas a desordem geral não podia acabar em poucos annos. Demais, levantou-se a perseguição contra os Judeus, que foram exterminados aos milhares; reaccendeu-se a guerra de Portugal; e surgiram perturbações civis, que prejudicaram os esforços do soberano pela reconstituição do estado.

Falleceu, em 1406, e, sendo ainda menor seu filho e successor, D. João II, foi nomeado regente o infante D. Fernando, seu tio, que fez uma regencia brilhante. Mas, sendo chamado a occupar o throno de Aragão, levantaram-se em Castella as intrigas palacianas; a desordem insinuou-se na administração publica; e a rainha mãe, que substituiu D. Fernando na regencia, inaugurou o systema de favoritos, com grande escandalo publico e enorme prejuizo do estado.

Quando D. João II attingiu a maior edade, seguiu esse mesmo systema de favoritos; e, falle-

cendo, em 1454, o seu successor Henrique IV procedeu por egual fórma.

Então a desordem e a devassidão tocaram o zenith. As humilhações que o proprio rei soffreu, as suas bacchanaes, e as suas vergonhas, foram o que ha de mais degradante. A miseria publica, a pobreza do erario real, e a desordem nacional, foram assombrosas.

Tinha este casado com a princeza D. Joanna, irmã de D. Affonso V, de Portugal. Essa princeza teve uma filha, tambem chamada D. Joanna, cuja paternidade a voz publica attribuia ao fidalgo da côrte Beltrão de la Cueva, e que depois casou com D. Affonso V, rei de Portugal. Em consequencia d'essa nota adulterina, já em vida de D. Henrique, houve differentes discordias, relativas á futura successão do reino; e, por morte d'elle, dividiu-se Castella em dois partidos: o de *Beltraneja*, como aquella D. Joanna era conhecida, e o de Isabel, irmã do rei, casada com Fernando, de Aragão (1469). A contenda terminou, nos campos de batalha, pela derrota de D. Affonso V, na batalha de Toro. E foi assim que, no fim da edade media, vieram a reinar em Castella e Leão, Isabel, a Catholica, e Fernando de Aragão, que mais tarde (1512), reuniu tambem aos seus estados o reino de Navarra.

Os dois reis catholicos expulsaram de vez os Mouros, tomando Granada. Para manterem a ordem e garantirem a segurança individual, reorganisaram a *Santa Irmandade*. E, coincidindo em ambos elles o grande pensamento do progresso

interno e externo do seu reino, desinvolveram a agricultura, a industria, o commercio, a navegação, as descobertas do novo mundo e a colonisação.

A Hespanha tornou-se, no reinado d'estes dois monarchas (1474-1504), florescente e rica. Mas uma parte da sua historia já não pertence á edade media.

*

* *

Ha poucas noticias sobre Navarra, nos primeiros tempos da edade media. Mas sabe-se, em todo o caso, que quando os Arabes invadiram a peninsula e levaram os Wisigodos de vencida até ás montanhas do norte, parte d'estes refugiou-se nas Asturias, constituindo o reino de Pelagio; e outra parte refugiou-se em Navarra e nos Pyrineus, onde se conservou, por muito tempo, sem governo determinado. Umas vezes, os reis das Asturias é que exerciam preponderancia sobre elles; e outras vezes, os chefes ou condes escolhidos.

Governava um d'estes condes, Garcia Garcez no tempo de D. Affonso III, de Leão; e este, para obter o seu auxilio, na guerra contra os Mouros, casou com a filha d'elle.

O conde foi então acclamado tambem rei pelos habitantes de Navarra. Por sua morte, foi egualmente acclamado rei, em 905, seu filho Sancho Garcia ou Sancho I, o *Abarca;* e, porque

este começou a usar mais abertamente d'esse titulo, d'ahi se deduziu, segundo Lafuente, a origem da monarchia navarrina.

Sancho Garcia foi digno de a constituir. Combateu os Sarracenos, obrigou-os a levantar o cerco de Pamplona, acabrunhando-os em muitas outras occasiões, e administrou com justiça e prudencia. Falleceu, em 926, com a estima e respeito dos seus subditos, tendo, um anno antes, abdicado em seu filho, Garcia Sancho (925-970) ou Sancho II, que teve um governo agitado, interna e externamente.

Succedeu-lhe Sancho Garcia ou Sancho III, o Maior (970-1035), que continuou com varios incidentes a guerra contra os Sarracenos, e que uniu tambem debaixo do seu poder Castella, Galliza, Asturias e Aragão. Por sua morte, dividiu os seus estados pelos filhos, o que foi motivo de novas luctas civis; deixou a Castella a Fernando, o Aragão a Ramiro, o senhorio de Sobrarve e Ribagosa a Gonçalo. A Navarra tocou a Garcia Sancho (1035-1054), cujo reinado foi preoccupado pela guerra contra seu irmão D. Fernando I de Castella e Leão, ficando Garcia morto na batalha de Atapuerca (1054). Na Galliza, ficou reinando Bermudo III.

Succedeu-lhe Sancho Garcez ou Sancho IV (1054-1076). Foi morto por seu irmão Ramon, que assim contava herdar a corôa. Mas os Navarrinos, por odio ao assassino, elegeram Sancho Ramiro, já rei de Aragão com o nome de Ramiro I, que vem a ser o Sancho V de Navarra.

Reinou desde 1076 a 1094, e d'este modo se uniram de novo os dois estados.

D. Pedro I, de Aragão, que succedeu a Ramiro I (1094-1104) e Affonso I, o Batalhador, dos quaes fallaremos na historia de Aragão, conservaram unidas as duas corôas; mas este ultimo, por sua morte (1134), deixou os seus vastos dominios ás duas ordens dos Templarios e dos Hospitalarios de S. João de Jerusalem. Os subditos não respeitaram essa disposição; e, por isso, os Aragonezes elegeram, como rei, a Ramiro II, o Monge, e os Navarrinos, a Garcia Ramires, neto de Sancho IV.

Surgiu d'ahi a guerra entre os dois estados. Além d'esta guerra, que agitou os dois paizes, Garcia Ramires teve outra com Affonso VII de Castella, em que foi obrigado a prestar-lhe vassallagem.

A Garcia Ramires succedeu Sancho VI, o Sabio, (1150-1194), cujo reinado foi tambem agitado por luctas contra os Castelhanos.

Sancho VII [1], o Forte (1194-1234), querendo

---

[1] Seguimos Rafael Altamira y Crevea, na denominação e successão numerica d'estes reis. Mas nem todos os escriptores os denominam e numeram por esta ordem. Por exemplo, Carlos Lisboa, na sua *Historia Resumida de Hespanha*, enumera-os e denomina-os da seguinte maneira:

Garcia Garcés.
Sancho Garcia Abarca (905-925).
Garcia Sanchez I (925-970).
Sancho Garcia II (970-1035).
Garcia Sanchez II (1035-1054).
Sancho III Garcés (1054-1076).
Sancho IV Ramirez (1076).

alargar o seu reino á custa dos estados christãos, foi á Africa, procurar a alliança do imperador Yacub-Ben-Yussuf (1199), que não obteve. Então os reis de Castella e Aragão tomaram-lhe parte do reino. Quando elle voltou, depois de ter feito no exercito de Yacub prodigios de valor, que lhe mereceram o cognome de *Forte,* combinou a paz com aquelles soberanos, sem comtudo recuperar tudo o que perdera dos seus estados. Este rei assignalou-se tambem contra os Sarracenos, na afamada batalha das Navas de Tolosa (1212).

Tinha elle disposto da corôa em favor do rei de Aragão, D. Jayme. Os Navarrinos, porém, não respeitaram essa disposição; e, por seu lado, D. Jayme tambem se não oppoz a que elles nomeassem monarca proprio. De modo que elegeram um sobrinho de D. Sancho, por nome Teobaldo, que era Conde de Champagne, e por isso vassallo do rei da França (1234).

Desde então, começa a historia de Navarra a perder interesse para a Hespanha, alheada como esteve por muitos annos da politica peninsular e das suas questões principaes.

A casa de Champagne reinou até 1285, sob

N'este reinado uniu-se a Aragão, tornando-se a separar. Teve por soberanos :

Garcia Ramirez (1134-1158). Sancho VI o Forte (1194-1234).
Sancho V o Sabio (1150-1194).

Teobaldo I, Teobaldo II, Henrique I e Joanna I.

Teobaldo I, desconhecendo as instituições e caracter do povo navarrino, promoveu muitos conflictos politicos e terminou seus dias, na Palestina, formando parte da sexta cruzada. Seu filho Teobaldo II (1253), casado com uma filha de S. Luiz, rei da França, acompanhou o sôgro nas suas cruzadas, morrendo tambem longe da patria. Henrique I, regente do reino, durante a ausencia de Teobaldo II, cingiu a corôa, só durante quatro annos, deixando, por sua morte, (1274) uma menina, chamada Joanna I, que foi reconhecida herdeira do throno.

A menoridade de D. Joanna foi turbulenta, como, então, eram quasi todas as menoridades reaes, até que sua mãe a poz debaixo da tutella do rei da França, Filippe III, que logo a casou com seu filho e successor Filippe IV (1285). D'este modo até 1328, desappareceu Navarra, como reino independente.

Recuperou, então, sua independencia politica, á morte sem successão do rei francez Carlos IV, por ser nomeada rainha de Navarra uma sua sobrinha Joanna II, casada com Filippe de Evreux. Deu esta dynastia mais dois reis, Carlos II e Carlos III.

Carlos II é conhecido na historia pelo epitheto de *Mau*, por sua tirannia no interior, e sua deslealdade nas relações externas, como digno contemporaneo de D. Pedro I de Castella e Pedro IV de Aragão. Não obstante isso, era, como aquelles

seus contemporaneos, homem de iniciativa e de ideias, quanto á governação do reino. A elle se deve a organisação administrativa de Navarra e a instituição d'um tribunal de contas, encarregado de dirigir a fazenda publica.

Seu filho Carlos III, chamado o Nobre, appellido com que se caracterisa a differença que fazia do pae, manteve-se em paz com os monarcas visinhos, e tratou de melhorar a situação interior do reino.

A Carlos III succedeu a filha D. Branca I, casada em segundas nupcias com o infante de Aragão, D. João I, filho que foi de D. Fernando I.

Tomou D. João o titulo de rei, juntamente com a esposa; porém, durante os primeiros annos, em vez de attender ao reino, tratou de intervir nas guerras civis de Castella, favorecendo os inimigos de Alvaro de Luna, e de acompanhar seu irmão, D. Affonso V, de Aragão, na guerra de Italia.

Tendo a rainha D. Branca fallecido, em 1441, deixou em testamento por herdeiro a seu filho D. Carlos, principe de Vianna, com a condição de que não tomasse o titulo de rei, emquanto vivesse seu pae. E D. Carlos ficou, por isso, governando com o titulo de *logar tenente,* emquanto D. João I andava fóra de Navarra, desattendendo os interesses d'esta região.

D. João, contraíndo segundas nupcias, sem o participar ao filho, aggravou a frieza das relações que já havia entre elles; e, depois d'isso, tendo

D. Carlos feito com os Castelhanos uma paz, que D. João e sua mulher desapprovaram, seguiu-se o rompimento completo de relações entre o pae e o filho.

Accresce ainda que D. João enviou sua mulher a Navarra, para governar juntamente com D. Carlos; e esse facto, junto ao caracter altivo da rainha, e ao seu procedimento inconveniente para com D. Carlos, mais aggravou aquella indisposição. D'ahi se derivaram dois partidos que trouxeram revolto o reino inteiro.

Morto D. Carlos, devia occupar o seu logar a irmã D. Branca, nomeada não só no testamento da mãe, para o caso em que D. Carlos fallecesse, como falleceu, sem filhos, mas tambem no testamento do proprio D. Carlos. Porém, D. João inutilisou a nomeação testamentaria, mandando prender D. Branca; e esta, pouco depois, morreu envenenada, segundo se crê, pela madrasta D. Leonor.

Á morte de D. João, herdou o throno de Navarra D. Leonor, casada com o conde Francisco de Foix, começando assim uma nova dynastia estrangeira, de pequena importancia; porque Francisco de Foix e sua irmã Catalina (1481) foram os unicos reis d'essa dynastia. Em 1512, foi conquistada a parte hespanhola de Navarra pelo rei de Aragão, Fernando II, e terminou assim a historia independente d'esta região.

Do lado septentrional dos Pyrineus, ficou outra parte de Navarra, (a chamada franceza), na qual ainda reinou por algum tempo a casa de

Foix, até que foi definitivamente unida á França pela ascensão de Henrique IV ao throno [1].

*

* *

A historia politica do condado da Catalunha começa em 802, quando Luiz, o Piedoso, filho de Carlos Magno, arrancando Barcellona e outras povoações circumvisinhas aos Arabes, fez d'ella o centro de Marca Gothica ou Hispanica, que vinha a ser uma provincia do imperio carlovingiano, e que se compunha da Septimania e da Gothalandia ou Catalunha [2]. Estabelecida essa Marca Gothica, principiaram a affluir colonos, que fizeram progredir a agricultura. Os condes locaes opprimiram-nos; e elles queixaram-se por isso a Carlos Magno, que, para cohibir os abusos, promulgou umas *cartas* ou preceitos legislativos.

Por morte de Carlos Magno, ficou Luiz, o Piedoso, senhor de Marca Hispanica, tendo por capital Barcellona. Carlos Calvo separou a Septima-

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. I, pag. 619 e seguintes.

[2] A Septimania correspondia quasi á parte da antiga Narbonnense, comprehendida entre os Pyrineus e o Rhodano, menos a parte collocada entre as bacias do Garona e do Loire, e abraçava todo o Languedoc, excepto as dioceses de Toulouse, Albi, Uzès e Viviers. E a Catalunha constava então de Barcellona, Gerona, Ausonia (Vich), Solsona, Maureza, Berga, Lérida, Tarragona e Tortosa.

nia, propriamente dita, da Gothalandia ou Catalunha, estabelecendo n'esta governadores nomeados por elle, cujo governo se passou em successivas conspirações. Mas, em 874, os Catalães elegeram um conde proprio, Wilfredo I, que governou, por espaço de vinte e quatro annos, com tino e prudencia.

Os condes que se seguiram, até o fim do seculo X, passaram o reinado em luctas aguerridas com os Sarracenos, sem descuidarem a organisação interna do reino.

Berenguer Ramon I (1018-1035), apezar das luctas civis e da guerra com os Sarracenos, continuou tenazmente a organisação interna do condado. Foi muito liberal; de modo que, não só confirmou as franquias liberaes, concedidas pelos seus antecessores, mas estabeleceu tambem outras novas, para segurança dos individuos e das propriedades. Á sua morte, porém, praticou um grande erro politico, dividindo os seus estados pelos filhos e segunda mulher.

Ramon Berenguer I (1035-1076) continuou a lucta com os Arabes. Cuidou egualmente da administração interna do reino, e pôde reunir de novo todos os condados e cidades que tinham sido de seu pae. Foi bom politico e bom legislador; e governou com tanto tino que, apezar de joven, alcançou logo o epitheto de *Velho*.

Á sua morte, deixou o governo *pro indiviso* aos dois filhos Ramon Berenguer II e Berenguer Ramon II, e d'ahi resultaram, desde logo, graves dissensões entre elles; por fórma que, apezar do

pae lhes deixar a herança em commum, elles a dividiram, ficando cada um com metade dos territorios, e pertencendo Barcellona ao primeiro.

Estes disturbios de familia terminaram com o assassinato de Ramon Berenguer II, que governára desde 1076 a 1082, assassinato esse attribuido ao irmão, que subiu ao throno, e por isso é conhecido por Berenguer Ramon II, o *Fratricida*. Em todo o caso, foi eleito só para governar durante a menoridade do sobrinho, filho do irmão assassinado.

Tomou Tarragona aos Mouros, mas não chegou a governar durante toda a menoridade do sobrinho; porque, antes d'isso, os nobres expulsaram-no do throno, para que principiasse a reinar o mesmo sobrinho, Ramon Berenguer III, o Grande (1096-1131).

Este juntou ao condado de Barcellona os de Besalu e Cerdanha[1], e tambem a Provença. Conquistou as Baleares. Organisou uma grande armada, e fez desinvolver muito o commercio e a marinha.

Succedeu-lhe Ramon IV (1131). Ao cabo de sete annos de reinado, pelo seu casamento com a princeza de Aragão, uniu a Catalunha a esse outro paiz.

A nota predominante de toda a historia da Ca-

---

[1] Territorio dos Pyrineus orientaes ao norte da Catalunha.

talunha, é que os seus condes, a par da guerra com os Sarracenos e das luctas civis, não descuidaram nunca a organisação politica e liberal do condado, e souberam sempre fomentar o seu desinvolvimento economico. Esta nota nos basta para o objecto do nosso estudo.

*

* *

O Aragão constituiu-se em monarchia no anno de 1035, pelo facto do rei de Navarra, Sancho III, o Maior, o deixar em testamento ao filho Ramiro I, que governou até 1063, e cujo reinado se passou na preoccupação de alargar o reino, á custa dos Sarracenos.

Succedeu-lhe Sancho Ramiro (1063-1094). Já vimos que, no seu tempo, se tornou a juntar Navarra a Aragão. O seu reinado passou-se em continuadas luctas com os Sarracenos, alargando-se muito o reino á custa d'elles.

Succedeu-lhe D. Pedro I (1094-1104). Continuou a guerra contra os Mouros, tomando-lhes Huesca.

Succedeu-lhe Affonso I, o Batalhador. Este casou com D. Urraca de Castella, mas taes foram as desintelligencias entre ambos, que os dois estados, andaram involvidos em contínuas guerras. A par d'isso, tambem este rei sustentou accesa lucta contra os Mouros.

Por morte d'elle, a Navarra separou-se de novo de Aragão, como já vimos.

Ramiro II, o Monge (1134-1137), passou o curto reinado, luctando com Garcia Ramires de Navarra, para manter a independencia de Aragão, até que resolveu entrar n'um convento.

Succedeu-lhe Ramon Berenguer, quarto conde de Barcellona (1138-1162), de quem já fallámos.

Como vimos, esse rei governou com justiça, continuou a guerra com os Mouros, e organisou a administração interna do reino.

O seu successor D. Affonso II (1162-1196), para guerrear Navarra, alliou-se com Affonso VIII de Castella, casando-lhe com a tia. N'essa alliança, continuaram ambos a guerra contra os Sarracenos, em que o rei de Castella tomou Cuenca. O reinado de D. Affonso II, passou-se n'essas luctas, e em desavenças com o proprio rei de Castella e com differentes condes dos seus estados.

Succedeu-lhe Pedro II (1196-1213). Foi um grande monarca. Uniu á corôa o condado de Montpellier, pelo casamento com a herdeira d'elle, a condessa Maria (1204); e, um anno depois, tomou tambem posse do condado de Urgel, cedido pela condessa Elvira. Reformou a legislação; concedeu garantias liberaes; fiscalisou a justiça; organisou o reino; combateu os Sarracenos; assistiu tambem á batalha das Navas de Tolosa. Mas, a par d'isso, declarou o reino feudatario da curia romana, descontentando com isso os Aragonezes que o obrigaram a retractar-se da enfeudação; e d'ahi resultaram differentes dissensões civis.

D. Jayme I, o Conquistador (1213-1276), foi um dos maiores reis da edade media. Começou por estabelecer a ordem e a tranquillidade interna do reino. Depois guerreou accesamente os Mouros, tomando-lhes as Baleares, o reino de Valencia e o de Murcia.

D. Pedro III, o Grande (1276-1285), foi tambem um dos maiores homens da edade media e da Hespanha. Começou por dominar os rebeldes de Valencia. Casou com Constança, filha de Manfredo, rei da Sicilia. Tendo este rei sido excommungado pelo papa, por ser filho natural de Frederico de Suabia e pela lucta que a egreja trazia com esse imperador, o mesmo papa obteve que Carlos d'Anjou invadisse a Sicilia, e vencendo Manfredo (1266) fosse acclamado rei. Carlos d'Anjou, porém, governou tão cruel e barbaramente, e foram taes as suas atrocidades, que os Sicilianos chamaram em seu auxilio D. Pedro III de Aragão, e exterminaram todos os francezes nas celebres Vesperas Sicilianas.

D. Pedro III, accedendo a essa chamada, venceu por sua vez Carlos d'Anjou; e tambem, por sua vez foi acclamado rei da Sicilia, que, por isso mesmo, ficou unida a Aragão.

Por sua morte, deixou a Sicilia ao filho Jayme, e o Aragão, Catalunha, Valencia, Russilhão e Cerdanha, ao filho Affonso.

Este Affonso III (1285-1291) teve differentes contendas com o clero e nobreza, que o forçaram a promulgar os *Privilegios de União,* especie de carta aristocratica, onde se garantia a indepen-

dencia e segurança pessoal d'aquellas classes e a convocação annual das côrtes.

Teve questões com Castella, com a França e com a curia romana, por causa da Sicilia: questões que agitaram o seu governo e o levaram a declarar o reino de Aragão vassallo da Santa Sé e restituir a Sicilia ao patrimonio da curia romana.

Succedeu-lhe o irmão D. Jayme II. Este não se importando com os actos de D. Affonso, proclamou-se rei da Sicilia e de Aragão. Por isso mesmo, os primeiros annos do seu reinado se passaram luctando contra os Francezes e curia romana. O pontifice Bonifacio VIII, em 1295, pôde conseguir a paz, comprommettendo-se D. Jayme II a renunciar á Sicilia em favor dos papas. Os Sicilianos, porém, não estiveram por isso, e elegeram por seu rei, em 1296, ao proprio irmão de D. Jayme, Fradique ou Frederico III. Seguiu-se uma guerra violenta entre os Aragonezes, auxiliados pelos Francezes e Napolitanos, e protegidos pelo papa, contra os Sicilianos, que terminou pela paz de 1302, em que D. Fradique foi reconhecido como rei da Sicilia, e esta definitivamente separada de Aragão.

Ao passo que Jayme II se via involvido nas questões da Sicilia, era obrigado a aplacar discordias internas e a sustentar uma lucta porfiada com Fernando IV, rei de Castella, que terminou, em 1308, pelo casamento d'elle com a infanta D. Leonor de Castella e do infante D. Pedro, irmão de Fernando IV, com Maria, filha de Jayme II.

Terminada assim a guerra da Sicilia e da Hespanha, o monarca aragonez tratou de conquistar as ilhas da Corsega e Sardenha, que estavam na posse dos Pisanos, depois d'uma lucta aguerrida e naval com elles.

Os ultimos tempos d'este rei foram applicados a conter as pretensões da nobreza, e na organisação interna do reino e reforma da legislação. Foi chamado *Justiceiro,* porque era amante sincero da justiça, e assiduamente velou pela sua applicação.

Seu filho Affonso IV, o Benigno (1327-1336), para manter o dominio da Sardenha, que se revoltara, apoiada pelos Pisanos e Genovezes, teve de sustentar contra elles uma guerra maritima, que trouxe revolto o seu reinado e muito prejudicou o commercio.

Os seus ultimos tempos foram tambem agitados pelas contendas civis, resultantes da divisão que elle pretendeu fazer do reino em favor de seus filhos. Os Aragonezes e Catalães oppozeramse, manifestando os mais energicos sentimentos liberaes e o mais arreigado amor pela integridade da patria.

D. Pedro IV, que lhe succedeu (1335-1387), foi assassino e perseguidor da familia, inimigo do proprio filho, flagello do rei da Maiorca, terror da nação; e afogou o reino em sangue das suas crueldades.

Provocou pelo seu procedimento a lucta civil mais terrivel e sangrenta que houve em Aragão (1347-1349), em que a nobreza foi vencida e lhe

foram cassados os celebres *Privilegios da União,* arrancados outrora a Affonso III.

Depois, teve guerra com os Genovezes, ainda por causa de Corsega e Sardenha, e dissensões com Castella, e com a propria familia.

Mas, apezar das suas crueldades e no meio de tão agitadas luctas e dissensões, soube engrandecer o reino e imprimir-lhe um caracter de força e de centralisação, que muito podia concorrer, por sua morte, para o progresso economico, se fosse aproveitado.

O seu successor, João I (1387-1395) efeminado e entregue aos prazeres, é que não aproveitou esses elementos, deixando campear a desordem e enfraquecer o paiz.

Tendo fallecido sem filhos, succedeu-lhe o irmão Martinho (1395-1410), que se achava na Sicilia, reduzindo esse estado á obediencia real.

Sem as grandes qualidades, mas tambem sem os grandes vicios de seu pae, este rei teve o merito de ganhar, á força de valor e de constancia, a corôa da Sicilia, emquanto seu irmão D. João vivia entre saraus e festins. Não houve no seu reinado acontecimentos nem brilhantes, nem ruidosos; mas o reino poderia recobrar-se do seu abatimento, se não fossem as differentes luctas civis, promovidas por differentes bandos revolucionarios.

Tendo fallecido sem descendencia, appareceram varios pretendentes ao throno, d'onde resultou a guerra civil. Triumphou Fernando I, infante e regente de Castella, que foi acclamado rei, dei-

xando aquella regencia (1410-1416). Apaziguadas as contendas, resultantes da sua eleição, tratou activamente da organisação do estado, do restabelecimento das finanças, da manutenção da justiça e da ordem publica.

Succedeu-lhe seu filho Affonso v, o Magnanimo (1416-1458). Sob este rei, os successos de Aragão, que então comprehendia Valencia, Maiorca, Sicilia, Sardenha e Barcellona, continuaram, fazendo, por sua importancia e grandeza exterior, verdadeiro contraste com as miserias interiores de Castella.

Questões internas dos seus vassallos, ao mesmo tempo que a rebellião de Corsega e Sardenha, o levaram a retirar-se da Hespanha, para combater os rebeldes. E, submettidos elles, a rainha de Napoles, Joanna II, que se via ameaçada no throno pelos Napolitanos, pediu o auxilio de Affonso v, promettendo nomeal-o seu successor. Isso o levou a combater tambem em Napoles pelos sequazes da rainha. Mas, tendo ella retractado depois a palavra, seguiu-se uma guerra demorada entre Napolitanos e Aragonezes, que se estendeu por toda a Italia, e na qual Affonso v pôde tomar Napoles e apossar-se do Milanez. D'ahi por diante, apaixonado pela Italia, residiu mais tempo lá, e cuidou mais d'ella que da sua patria.

Succedeu-lhe em Aragão e Sicilia seu filho D. João II (1458-1476).

Dotado de elevadas qualidades de governo, teve, comtudo, o seu reino agitado por differentes

guerras e rebelliões. Assim teve já como infante questões com o rei de Castella. Tendo cingido a corôa de Navarra, teve tambem, pelo casamento com D. Branca, de sustentar uma lucta civil com seu proprio filho, Carlos de Vianna. Teve egualmente de combater contra a Catalunha, n'uma guerra de dez annos. E teve ainda de luctar com Luiz XI no campo da diplomacia e no campo da batalha. Em todo o caso, foi um grande monarca politica e militarmente, e não tinha tido outro egual, desde D. João I, o Conquistador.

Após um longo reinado, deixou a corôa de Aragão a seu filho D. Fernando, que ajuntou a Navarra aos seus estados, e casou com D. Isabel, rainha de Castella, vindo assim este reino a reunir-se com aquelle de Aragão.

*

* *

O espaço d'este livro não comporta um longo desinvolvimento da historia dos Arabes, na Hespanha. Demais, o nosso plano, emquanto á parte politica, tem sido apresentar um ligeirissimo esbôço dos factos principaes de cada estado, que influiram ou deviam influir na historia economica, para servirem de pontos de referencia; e tambem, quanto aos Sarracenos, uma synthese muito geral basta para esse proposito.

Realisada a conquista da peninsula por Tarik, e Musa, este nomeou por emir a seu filho Abde-

laziz, e estabeleceu-lhe por capital Sevilha (713). Já as discordias dos Sarracenos tinham começado com Tarik e Musa, e continuaram no tempo de Abdelaziz; porque, embora este olhasse pela administração do estado, só por ter casado com a viuva do rei godo Rodrigo [1], e por ser tolerante para com os christãos, tornou-se suspeito aos seus correligionarios; e por isso foi assassinado, por ordem do califa de Damasco.

Succedeu-lhe o emir Ayub, que mudou a capital para Cordova.

Depois d'esse, os emires Elsamah e Abderrahman, repousados da lucta com os christãos, penetraram em França, intentando prolongar a conquista além dos Pyrineus. Mas o primeiro foi derrotado e morto na batalha de Tolosa (727), e o segundo, na batalha de Poitier (732).

Entretanto, recrudesciam as desordens internas dos Musulmanos. Como diz Herculano, as diversas raças que tinham vindo successivamente colonisar a Hespanha, estanceavam, separadas cada uma em seus districtos; e as emulações entre ellas eram a causa principal d'estas guerras civis. Toda a peninsula estava dividida em varias parcialidades — a dos Arabes do Yemen, a dos Modharistas, a dos Egypcios, a dos Berberes. Por

[1] Os Arabes podiam casar-se com christans ou judias, sem que ellas renegassem: e, na realidade, foram frequentes os casamentos de caudilhos arabes com hespanholas christans.

isso, os principaes influentes, unindo-se pela necessidade da concentração contra os christãos, fizeram eleger por emir a Yussuf, que gosava de grande auctoridade, na esperança de que elle acabasse com as dissensões. Mas nem assim conseguiram o seu proposito; porque alguns descontentes chamaram á Hespanha Abderrahman el Beni-Umeyya, ultima vergontea da raça dos Beni-Umeyyas, que governara em Damasco e fôra exterminada por outra familia rival, tambem de Damasco — a dos Abassidas (758).

Abderrahman passou o seu reinado em contínuas luctas. Apezar d'isso, conseguiu não só vencer os inimigos interiores, mas tambem conter os Bascos em respeito e fazer tributario o conde da Cerdanha, que era independente. Desinvolveu muito a marinha, e fomentou o progresso economico. Falleceu em 788.

Em consequencia d'uma conspiração, tramada contra esse emir, entrou na Hespanha, como auxiliar dos conspiradores, o imperador Carlos Magno. E, falhando a conspiração, este imperador teve de se retirar para França, depois de conquistar varias cidades hespanholas. A retaguarda do seu exercito, porém, foi completamente derrotada, nos desfiladeiros de Roncesvalles, pelos indomitos Bascos, e aquellas cidades foram logo retomadas por Abderrahman.

Por morte de Abderrahmân I, seu filho Hixam teve de sustentar uma guerra civil com os irmãos e outra guerra religiosa com os christãos; mas governou com prudencia e fez progredir o

paiz. O filho Alhakem I teve egualmente o seu reinado revolto com guerras internas e externas; e não governou com a mesma rectidão do pae, antes ensopou o reino em sangue, provocando, pelas suas crueldades, a desordem do estado e a rebellião dos subditos. Morreu em 822.

O califa que se seguiu, Abderrahman II, o Victorioso, teve tambem o tempo do seu governo agitado por luctas civis e guerras contra os christãos da Hespanha e os Francos da Septimania, e foi, por vezes, d'uma intolerancia religiosa cruel. Em todo o caso, amou as artes e as letras, e levantou muito o movimento economico do seu estado.

N'esse tempo, é que se deu a primeira invasão dos Normandos, cujos guerreiros, saltando em terra, saqueavam as cidades e os campos, sempre que podiam. As suas expedições, feitas em barcos grandes de vela e remo, e em numero que permittia o transporte de alguns milhares de homens, começaram nas costas da Galliza, passando logo a Lisboa, (844) Cadiz e Sevilha. As tropas do emir poderam vencel-os e expulsal-os de Guadalquivir, mas os Normandos permaneceram algum tempo na ilha Christina, na embocadura do Guadiana, d'onde faziam frequentes correrias pelas terras visinhas.

Para prevenir novos ataques, mandou o emir construir navios de guerra, fundando arsenaes no Guadalquivir. Mas, apezar d'isso, os Normandos voltaram, em 858 ou 859; assaltaram e saquearam a cidade de Algeciras; e proseguiram

nas suas correrias por toda a costa oriental, até o Rhodano. Então, a esquadra musulmana pôde atacal-os, na volta, e apresar-lhes os navios. Depois d'isso, não fizeram elles outras excursões pelo sul; mas, por espaço de cincoenta annos, constituiram um verdadeiro perigo, especialmente, para a região andaluza.

As luctas internas e externas continuaram com Mohammed (852-886), com Almundhir (886-888), grande guerreiro, com Abdallah (888-912), e com Abderrahman III (912-961). Este foi o primeiro emir de Cordova, que tomou o titulo de califa, á imitação dos de Bagdad; e o seu reinado foi uma serie ininterrupta de luctas civis, misturadas, muitas vezes, com as guerras dos christãos.

Para se tornar mais revolta a vida dos Sarracenos, aconteceu que, tendo o partido dos Beni-Idrisitas, no Moghreb, entrado em lucta com os Fatimistas, pediu auxilio a Abderrahman III. Este califa, tirando partido d'esse mesmo auxilio, conseguiu ser reconhecido soberano de toda aquella região, deixando assim burlados os que lhe haviam aberto as portas com outro proposito. Mas nem todos os habitantes de Moghreb o reconheceram como tal, antes ficaram subsistindo tres partidos: o dos representantes da antiga dynastia de Idris, o dos Fatimistas, e o d'elle Abderrahman, que se viu, por isso, obrigado a sustentar tambem differentes luctas na Africa.

Pôde conservar alli o seu poder, e guerrear e vencer os christãos na Hespanha; mas, os ul-

timos tempos do seu governo foram tambem agitados pelas dissensões de familia.

Falleceu em 961, tendo engrandecido muito o reino e estendido a reputação de grande principe a toda a Europa.

O reinado de seu successor Alhakem (961-976) marcou um dos periodos mais brilhantes da historia musulmana. Se não foi isento de luctas na Africa e na Hespanha, teve um largo periodo de paz. Pôde organisar a administração interna do estado; e desinvolveu muito as letras e sciencias, a agricultura e pecuaria, e, em geral, todas as mais industrias. De modo que os primeiros annos do seu reinado foram o apice da gloria e poder da dynastia dos Beni-Umeyyas.

Seguiu-se depois o longo periodo de vinte e seis annos, até 1002, em que governou, como primeiro ministro do califa Hixam II, mas, no fundo, como verdadeiro califa, Mohammed ben Abdallah ben Abi Ahmer el Moafevi, conhecido geralmente por Almansor (El-Mansur, *o Victorioso, o defensor ajudado por Deus*). Foi tambem um dos periodos mais notaveis dos Musulmanos.

Almansor alargou o imperio dos califas até ás antigas fronteiras das Asturias; dominou as resistencias dos Africanos; e desinvolveu muito as letras, o commercio, e todo o movimento economico.

Desde o seu fallecimento (1002), até 1031, é que não houve senão desordens. Então, falleceu Hixam III, ultimo califa da dynastia dos Umeyyas, que já fôra vencido pelo Idrisita Aly em 1016.

A desmembração da Hespanha musulmana, até o fim do seculo XI, tornou-se completa, formando-se vinte e tres pequenos estados, conhecidos pelo nome de *Taifas,* entre os quaes citaremos Cordova, Toledo, Saragoça, Sevilha, Malaga, Granada, Badajoz, Almeria, Murcia, Valencia, Albarracin, Denia, Baleares e Algeciras.

Essas dissensões civis levaram os Sarracenos a chamar os Almoravides, da Africa [1]. Yussuf, o fundador de Marrocos, invadiu por isso a peninsula (1086), e retomou e unificou novamente a Hespanha musulmana. Falleceu em 1106.

Por seu turno, os Almoravides foram vencidos, em 1146, pelos Almohades, vindos das montanhas do Atlas marroquino, e de origem puramente africana, como já tinham sido vencidos na Africa, em 1125.

Um dos almohades, Mahomed, fez prégar a guerra santa contra os christãos. Então, a Mauritania enviou para Hespanha todas as suas forças. Como diz Carlos Lisboa, acudiram os de Mequenez, de Fez e de Marrocos. Das serras de Zahara desceram os ferozes montanhezes, que abandonavam os rebanhos, á voz do combate. Vieram combatentes até das longinquas planicies da Ethiopia. Por seu lado, os christãos congregaram todas as

[1] Os Almoravides vinham a ser os Berberes do Sahara, que, depois de convertidos á religião de Mahomet, tinham fundado um vasto imperio, que se estendia desde o Senegal até Argel.

suas forças. Os reis de Hespanha pediram auxilio aos outros monarcas. O papa interveiu tambem, proclamando a defeza da peninsula; e feriu-se afinal, em 1212, a memoravel batalha das Navas de Tolosa, em que os Sarracenos foram completamente esmagados.

D'ahi por diante, ainda a decadencia dos Mussulmanos foi mais accentuada. Na primeira metade do seculo XIII, Jayme de Aragão tomou-lhes o reino de Valencia, e Fernando III de Castella, o Santo, o reino da Andaluzia. Em 1309, perderam Gibraltar, e assim successivamente; de modo que só ficou subsistindo o reino de Granada.

Tentaram ainda os Mouros outra grande empreza, em 1340, congregando todos os elementos sarracenos da Africa e peninsula, para destruirem os christãos; mas foram novamente esmagados, na batalha do Salado, que foi a reproducção das Navas de Tolosa.

O proprio reino de Granada foi perturbado, frequentes vezes, por contendas civis e ataques dos christãos, até que Isabel e Fernando, em 1492, acabaram com elle, terminando assim definitivamente o dominio dos Mouros na peninsula [1].

---

[1] Rafael Altamira y Crevea, *Historia de España*. — Don Modesto Lafuente, *Historia de España*. — Carlos Romey, *Historia de España* (traducção hespanhola). — Sedillot, *Histoire des Arabes*. — G. B. Depping, *Histoire Générale de l'Espagne, depuis les temps les plus reculés jusqu'au règne des rois Maures*. — Don José Antonio Conde, *Histoire de la domination de los Arabes en España*. — Don José Quadrado,

HISTORIA ECONOMICA [1]

A topographia geral da peninsula iberica póde ser comparada a um tronco de pyramide quadrangular: Compõe-se, com effeito, de um vasto plató central e de quatro terraços, inclinados para

---

Asturias y Leão. — Gaurence de Latour, *L'Espagne Historique, Littéraire et Monumentale*. — Don José Amador de los Rios, *Historia Social, Politica y Religiosa de los Judios de España e Portugal*. — Don Francisco Fernandez y Gonçalez, *Estado Social y Politico de los Mudejares de Castella*. — Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*. — Theophilo Braga, *A Patria Portugueza*. — Oliveira Martins, *Historia da Civilisação Iberica*. — Carlos Lisboa, *Historia Resumida de Hespanha*. — Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal*.

[1] Na parte politica, desde que o reino de Castella e Leão foi o successor ou continuador do reino wisigothico, e destacadamente da influencia politica dos outros estados da peninsula, pareceu-nos mais conveniente, para um simples esbôço historico d'esse reino, traçal-o sem interrupção cronologica, em seguida á historia dos mesmos Wisigodos. Talvez não procedessemos assim, se tivessemos de escrever uma historia politica desinvolvida, porque, então, seguiriamos talvez o systema do grande historiador hespanhol Raphael Altamira y Crevea. Pela mesma razão, esboçámos depois a historia de Navarra, que foi tambem a continuação da historia dos Wisigodos. Posteriormente, e attendendo ainda á ordem cronologica da conquista dos Arabes e da reconquista dos christãos, fizemos o resumo da historia dos mesmos Arabes e dos Catalães e Aragonezes, para assim poder abarcar-se, d'um lance geral, a vida politica d'esses estados.

Na parte economica, porém, vamos alterar esta ordem,

os quatro pontos cardeaes. O plató central, que se eleva de 500 a 700 metros, é um quadrilatero irregular, cuja inclinação pende sobretudo para oeste; e, por isso, é tambem para ahi a principal direcção dos rios.

Este plató é dividido em duas grandes partes, separadas pela serra de Guadarrama, que se continúa para oeste, sob o nome de Gredos e de Gata. A parte do norte é formada pelo taboleiro de Castella-Velha e pelo taboleiro de Leão, que é mais baixo e mais inclinado que o outro. Ao

---

para seguirmos a influencia social que o desinvolvimento d'uns estados foi exercendo nos outros, e a concentração que d'elles se foi operando.

Por isso, n'essa parte, depois dos Wisigodos estudaremos os Arabes, que os conquistaram, e dos quaes irradiou, principalmente, a civilisação da peninsula. Como a Catalunha foi a primeira região que expulsou o dominio dos Arabes, seguiremos com a historia economica dos Catalães; e tanto mais que tambem essa região serviu de forte incentivo ao desinvolvimento economico dos outros povos christãos. Depois, como a Catalunha se uniu a Aragão, impõe-se naturalmente o examinar a historia economica d'este reino. Após isso, tem logar privativo a apreciação economica de Navarra, que, pelas condições especiaes do seu territorio e pela indole dos seus habitantes, não passou d'um quadro reduzido no movimento geral. E, por fim, a historia economica do reino de Castella e Leão, que recolheu todas as civilisações e se foi completando pelos fragmentos dos outros estados, até que totalmente os absorveu, para continuar indiviso na edade moderna, tem, logicamente, o seu cabimento opportuno.

É esta a ordem que vamos seguir.

sul, estão os taboleiros de Castella-Nova e Extremadura; sendo que o taboleiro de Castella-Nova é o mais alto de todos, e o da Extremadura, mais baixo que o de Castella-Velha e de Leão, e mais inclinado para oeste.

Vêm, portanto, a ser quatro taboleiros, de differente elevação, separados pelas mencionadas serras.

O plató central tem como rebordo, ao norte, os montes Cantabricos e uma parte dos montes das Asturias; a oeste, os contrafortes dos montes Carpetanianos e Lusitanos; ao sul, a serra Morena; e a leste, a cadeia confusa dos montes ibericos.

Os quatro taboleiros são accidentados, na visinhança do plató, terminando uns por planicies baixas, e outros, por meio de terraços; de modo que, ao norte, ficam as planicies da Galliza, das Asturias e da provincia de Santander. Ao nordoeste, as de Aragão; a leste, as de Valencia e Murcia; ao sul, os terraços de Andaluzia e Granada; e o terraço de Portugal, ao oeste.

Finalmente, ao norte e sul da peninsula, ha ainda duas grandes cadeias de montanhas — os Pyrineus e a serra Nevada, que fecham a Hespanha á França e parte da Andaluzia ao Mediterraneo [1].

Hoje, que os caminhos de ferro equivalem a

---

[1] L. Grégoire, *Géographie Générale*. — Marcel Dubois, *Géographie Économique de l'Europe*.

grandes arterias da circulação economica, transpondo as distancias e cortando as montanhas, não ha paiz que não esteja, ou não possa estar, aberto ás correntes commerciaes. Mas, quando não havia communicações rapidas; quando as proprias estradas eram poucas, e, na maior parte, improprias para a rodagem; quando o transito no interior de um paiz, pelas demoras e difficuldades do trajecto, fazia encarecer desegualmente as mercadorias: é facil de vêr que uma grande parte da Hespanha não tinha condições favoraveis para o desinvolvimento commercial.

As costas do sul e do leste, que se abrem para o Mediterraneo, e as costas do norte, que, estando em communicação com o golfo de Biscaia, podem tambem communicar facilmente com a França e Inglaterra, tinham por si uma excellente situação. Na região do occidente, não havia barreiras que fechassem a Galliza ao Oceano Atlantico; mas, além d'essa região estar afastada dos centros economicos da edade media, o Oceano Atlantico era ainda o *Mar Tenebroso*, que afugentava a navegação longinqua. Só com a descoberta do caminho maritimo da India e do Novo Mundo, é que elle adquiriu a sua importancia. Por isso, tambem essa região occidental carecia de condições proprias para o commercio.

Em todo o caso, a costa era livre; tinha o mar que favorecia a navegação; tinha productos agricolas abundantes; e, sequentemente, algum trafico se fazia e devia fazer, mesmo n'essa parte.

O interior da Hespanha é que estava, como dissemos, em pessimas condições. E, pelo contrario, a região mediterranea e a região atlantica do sul, possuiam dotes economicos os mais apropriados.

Havia um rio navegavel, mesmo para grandes navios, o Guadalquivir. O Ebro, se, na maior parte, era improprio á navegação, pelos embaraços e violencia da corrente, ainda gozava de intervallos aproveitaveis, que favoreciam as communicações de Aragão com o mar. Havia tambem alguns outros rios aproveitaveis para a navegação interior, e muitos outros fecundantes para a irrigação. O Mediterraneo approximava d'essa região as provincias mercantis da França e as republicas da Italia, e dava-lhe azos a estender o commercio até o oriente. E, além d'isso, o terreno era propicio para a agricultura, e tinha sido povoado e habitado pelos Phenicios, Carthaginezes, Gregos e Romanos, que ahi depositaram a semente fecunda da sua actividade. Em summa, clima propicio, terreno fertil, situação admiravel, tradição e educação economica, tudo convergia, para fazer do leste e sul da peninsula uma região industrial e commercial.

Havia tambem, ao norte, a mesma tradição, porque os Bascos, já desde tempos antigos, eram afamados na pesca, mesmo na longinqua; sendo certo que, se esta industria faz navegadores, a navegação faz commerciantes. E essa tradição, a par do grande repositorio de mineraes e de madeiras, devia contribuir para o desinvolvimento

economico, embora muito inferiormente ao do leste e do sul.

Quaesquer, porém, que fossem as condições naturaes economicas da Hespanha, todas essas regiões tinham de ser, mais ou menos, prejudicadas, pelas guerras successivas que a assolaram; porque a invasão dos barbaros e as suas luctas civis; a conquista dos Arabes; os esforços dos christãos pela reconquista; as dissensões internas d'uns e d'outros; a desmembração da peninsula em differentes reinos, ora divididos, ora unidos e recompostos; e as guerras exteriores: tudo isso, produzindo uma agitação quasi contínua, haviam de arruinar a propriedade e embaraçar a industria e o commercio.

Assim, naturalmente, e de um modo geral, o desinvolvimento economico da Hespanha, n'este periodo, tinha de luctar com grandes embaraços, embora o progresso fizesse a rotação peculiar, mesmo nas regiões menos favorecidas pelas condições da natureza.

*

* *

Façamos, agora, um ligeiro quadro retrospectivo.

Como já vimos na historia dos Phenicios, estenderam elles as suas colonias até á peninsula iberica [1]. Estabeleceram-se, primeiramente, na

[1] *A Historia Economica*, vol. I, pag. 216.

ilha Erytria ou Eritrea, (Sancti Petri), hoje, em parte, coberta pelas ondas, e de lá passaram ao sul da Hespanha, onde fundaram Cadiz (Gades), e onde levantaram um templo a Hercules, o Deus nacional. D'ahi se alargaram pelos pontos meridionaes, que julgaram mais apropriados, fundando Malaga, Sevilha, Cordova, Martos, Abdera (Adra), Melkarteia (Algeciras), Sexi (Jate), Ibiça (Aibuzus), Ituci, Olontigi, Alba e outras povoações, e estabelecendo feitorias em differentes partes. Depois, atravessaram o estreito, entraram no Oceano, e foram até ás Casseterides (Sorlingas), onde exploraram o commercio do estanho.

Trouxeram comsigo o desinvolvimento economico que já tinham na metropole — a sua industria, o seu commercio, a sua illustração; e um dos ramos que mais aproveitaram, foi o das minas [1].

*

* *

Mas a civilisação phenicia tinha-se feito sentir egualmente na Grecia, e onde a sua influencia mais radicou, foi na ilha de Rhodes. Por isso, os Rhodios eram muito navegadores; e, levados pelo espirito da navegação e attraidos pela affinidade

---

[1] G. B. Depping, *Histoire Générale de l'Espagne, depuis les temps les plus reculés jusqu'au règne des rois Maures*, vol. I. — Rafael Altamira y Crevea, *ob. cit.*, vol. I. — D. Modesto Lafuente, *obr. cit.*, vol. I. — Carlos Romey, *obr. cit.*

de origem, vieram tambem á Hespanha, depois dos Phenicios. Fundaram a cidade de Rhodes (Rosas?) entre Gerona e os Pyrineus; e povoaram as Baleares, lançando egualmente na peninsula a semente do seu progresso.

*

* *

Atraz d'elles, outra colonia grega — a dos Phocenses, que já fundara Marselha, veiu tambem fundar Ampurias, cujos colonos alargaram o seu dominio pelas costas da Catalunha e de Valencia; e, mais tarde, crearam Sagunto, hoje Murviedro.

Estas colonias gregas concorreram egualmente para o progresso da região meridional, e bem assim para o seu movimento economico. A ellas se deve a transformação da escripta da esquerda para a direita, em vez da direita para a esquerda, como era proprio dos Phenicios [1].

*

* *

A ambição e rivalidade entrou depressa com estes povos. Os Gregos atacaram os Phenicios de Cadiz; e estes chamaram em seu auxilio os Carthaginezes, que, sob o commando de Hamilcar

---

[1] Rafael Altamira y Crevea, *obr. cit.* — D. Modesto Lafuente, *obr. cit.* — Carlos Romey, *obr. cit.*

Barca, expulsaram, por sua vez, os Phenicios, e sujeitaram os Gregos, fazendo da Hespanha um dos baluartes do seu poder.

Hamilcar Barca tinha começado por conquistar o littoral do sul até o Ebro, para ter livres as communicações mercantis com Carthago. Depois, estendeu as conquistas ás fronteiras orientaes, e fundou Barcellona, a que chamou Barcina. Morto Hamilcar, em guerra com os habitantes, succedeu-lhe o general Hasdrubal, que fundou Carthagena (a Nova Carthago); e a este succedeu no commando o filho Annibal, que encetou o periodo das guerras punicas, d'onde resultou a dominação de Roma na peninsula.

Foi cruel o dominio carthaginez. Carregou de tributos a região conquistada, fez trabalhar os habitantes nas minas e arrastou-os á guerra com os Romanos. Não foi, por isso, tão notavel a influencia d'esse dominio como o dos Gregos e Phenicios. Mas, ainda assim, os Carthaginezes exploraram as minas como os seus antecessores, e desinvolveram a industria e commercio. Carthagena foi o seu principal centro commercial, constituindo um grande mercado, onde concorriam os barcos estrangeiros, para comprarem os productos hespanhoes, e os povos indigenas, para se proverem dos productos que vinham por mar. Era ahi que affluia a producção da prata, e ahi se estabeleceram fabricas de cunhagem de moeda, assim como fabricas de salga de peixes, sustentadas pelas pesqueiras do sul e oeste da Hespanha e da costa africana.

Os Barcidas fizeram de Carthagena uma cidade opulenta, rodeando-a de magnificas muralhas e construindo grandes edificios. Cadiz (Gades ou Agadir) e Ibiça (Aibuzus) foram tambem grandes centros commerciaes, n'esse tempo, e n'elles se cunhava muita moeda, por signal de typo carthaginez e legenda phenicia [1].

*

* *

Relativamente aos Romanos, expozemos summariamente, no principio d'este capitulo, quanto elles civilisaram a peninsula, fazendo desinvolver a agricultura, a industria e o commercio, cortando o paiz de estradas, dotando-o de caes, e levantando o seu nivel intellectual e moral.

Não, porque os Romanos fossem por indole industriaes ou commerciantes; mas porque a sua propria inercia n'esse ponto; a bocca enorme de Roma, sempre escancarada para os productos da peninsula; a distribuição de rações gratuitas á plebe; a corrupção immensa dos patricios e dos imperadores, desandando n'um luxo assombroso, com todos os requisitos d'effeminação; a vida molle dos principes, entre festas de meretrizes,

---

[1] Rafael Altamira y Crevea, *obr. cit.* — Lafuente, *obr. cit.* — Carlos Romey, *obr. cit.* — G. B. Depping, *obr. cit.* — Heeren, *De la politique et du commerce des peuples de l'antiquité*, vol. IV, (versão do allemão por W. Suckau). — Jean Yanoski, *Carthago.*

bailarinas, eunucos ou bufões; a loucura com que o povo se entregava aos espectaculos; o abandono em que estavam as ferteis campinas de Italia, incultas ou mal cultivadas: tudo isso demandava um consumo assombroso, e determinava a actividade dos povos conquistados, para o supprir [1].

Ora a Sicilia, Africa e Hespanha constituiam os tres grandes celleiros de Roma; e o trigo e a cevada eram os cereaes mais abundantes na Hespanha. O primeiro d'elles produzia-se em tal quantidade que, nas principaes moedas hespanholas d'aquelle tempo, se vèem como emblemas a espiga e a raiz.

Nem era sómente nos cereaes que a peninsula suppria o consumo dos Romanos. Os seus productos eram muito variados; e um dos mais importantes era o vinho. Nos primeiros seis seculos, não era usado pelos Romanos, mas depois constituiu um objecto de luxo nas refeições e nos banquetes. Por isso, havia grande importação de vinho em Roma; e o de Hespanha alternava com os da Grecia e da Sicilia. O vinho de Tarragona era até preferido aos vinhos de Italia. O chamado Gaditanum (provavelmente o Xerez), o Lacetanum (talvez o Priorato), e o das Baleares, tinham tambem grande estimação.

Apezar dos editos de alguns imperadores, mandando cortar as videiras, tinham-se ellas tornado communs na peninsula, e todo o littoral do

---

[1] *A Historia Economica*, vol. I, pag. 339 e seguintes.

leste e sul estava plantado de vinhedos, cujo fructo ia parar á meza dos nobres romanos.

O azeite era egualmente apreciado e muito bem fabricado, e havia grande abundancia d'elle. Os figos e outras fructas, o mel e a cera, tinham tambem grande voga.

Da mesma fórma, a creação do gado era muito importante. O da Betica, sobretudo, e, especialmente, o lanigero, tinha grande estimação.

As lãs de Hespanha eram já notaveis. O linho gosava egualmente de grande reputação, com especialidade, o da provincia Tarraconense, e o das Asturias e Galliza. Porém, o que levava a palma em todo o imperio, era o de Setabis (Jativa), que deu o nome aos lenços e guardanapos *sabatinos*. Havia tambem muito esparto, de que se fazia grande somma de artefactos.

Existiam tres materias tinturiaes muito apreciadas, a purpura, a cochenilha [1] e o kermes.

Os artigos de purpura, tinham-se tornado em Roma tão communs que, empregando-se, a principio, sómente para adorno dos deuses, templos e pontifices, foram-se applicando depois á toga, ao pretexto, á clamyde e até ás colchas das camas e fato dos soldados. E este genero de luxo constituia um grande recurso de Hespanha para a saída das suas lãs, de modo que

---

[1] Esta cochenilha era creada no carrasqueiro, emquanto que a cochenilha americana, que os Hespanhoes encontraram no Mexico, e que d'ahi se propagou por outras regiões, é creada no cato, chamado nopal.

no tempo do imperador Vespasiano, a materia purpurea encareceu de tal modo, que se comprava quasi pelo valor das perolas.

Na Betica, usava-se muito a cochenilha, e muitos habitantes achavam n'este producto um meio para pagar os seus tributos. Estava muito desinvolvida a pesca, e as fabricas de peixe salgado, que já havia no tempo dos Phenicios, mantiveram-se com egual prosperidade.

Mas um dos principaes ramos da riqueza da peninsula era o das minas. Nos primeiros tempos, os Romanos deixavam aos Hespanhoes o cuidado de as explorarem, seguros de que os productos iriam parar ás mãos d'elles. Depois, os imperadores reservavam algumas d'essas minas, para as fazerem explorar pelos criminosos, e arrendavam outras a publicanos, que as sublocavam aos habitantes do paiz.

Sendo a Hespanha a provincia mais abundante em mineraes, era tambem aquella onde mais dinheiro se cunhava. Havia muitas cidades que tinham o direito da amoedação; mas este direito só durou, desde Augusto a Caligula, que fez d'elle um privilegio exclusivo do estado.

*

*   *

Tão grande somma de productos implicava o desinvolvimento de muitos ramos industriaes. E, realmente, além das industrias, agricola, textil, pecuaria, mineira, correspondentes aos productos

de que já fallámos, havia muitos marmoristas, lapidarios, fundidores, prateiros, oleiros, tecelões e cinzeladores, que formavam corporações diversas. Muitos dos artistas vinham da Grecia, mas tambem os proprios indigenas tinham genio artistico e mercantil. Abundavam monumentos de toda a ordem, que incitavam tambem o desinvolvimento industrial, como columnas milliarias, estatuas, circos, amphitheatros, arcos de triumpho, pantheons e sarcophagos [1].

A industria dos copistas era tambem muito grande. Escrevia-se sobre taboletas de cèra, sobre o papyro e no pergaminho.

O commercio acompanhava esse desinvolvimento. As estradas andavam cobertas de mercadores. Saíam continuamente para Roma barcos de Cadiz, Malaga, Carthagena, Tarragona, Barcellona e outros pontos do littoral. De modo que o dinheiro dos tributos que a peninsula pagava aos Romanos, recebia-o novamente, pela venda dos seus productos [2].

*

*   *

Toda esta riqueza e actividade eram fecundadas pelas grandes estradas romanas, que partiam

---

[1] Pierre Paris, *Essai sur l'Art et l'Industrie de l'Espagne.* — Plinio, *Hist. Nat.* — G. B. Depping, *obr. cit.* — Altamira y Crevea, *obr. cit.* — Lafuente, *obr. cit.*

[2] Raphael Altamira y Crevea, *obr. cit.* — Goury du Roslan, *Essai sur l'Histoire Économique de l'Espagne.*

de Roma e costeavam a peninsula. Havia duas principaes. Uma d'ellas seguia por Toscana a Genova e Arles, pelos Alpes Maritimos, e d'ahi a Narbonna, Carthagena, Malaga e Cadiz. Outra partia de Milão e atravessava os Alpes Cothianos e a Galliza Narbonnense, continuando por Gerona, Barcellona, Tarragona, Lérida, Saragoça, Calahorra e Leão, e prolongando-se por Galliza e Lusitania até Merida.

Além d'essas, muitas outras estradas cruzavam a peninsula. Nove iam bater a Mérida, sete a Astorga, quatro a Lisboa, quatro a Braga, tres a Sevilha, cinco a Cordova. Calcula-se em tres mil oitocentas e cincoenta leguas a longitude das estradas que os Romanos construiram na peninsula. Algumas estavam cobertas d'uma capa de argamassa, muito consistente e dura. O caminho que atravessava Salamanca, estava calçado de uma pedra branca, e por isso tinha o nome de *Via Argentea*. Assignalavam-se as distancias, de cidade a cidade, com elegantes marcos ou columnas *milliarias* [1].

Alguns dos rios eram navegaveis; e o Betis (Guadalquivir), para grandes navios, até Hispalis (Sevilha), e, para pequenos navios e lanchas, até Cordova. O Ebro tinha tambem grandes espaços navegaveis. O Guadiana era egualmente aprovei-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. I, pag. 395 e seguintes. — Nicolas Bergier, *Histoire des Grands Chemins de l'Empire Romain*. — J. B. Depping, *obr. cit.*

tavel, embora só permittisse, então, a entrada de barcos de pequena lotação. Os portos principaes eram, ao sul, Gades, Carthagena, Malaca (Malaga), e ao nordoeste, Corunha.

Até o imperador Adriano, no seculo II, depois de Christo, não havia correios que servissem para as communicações particulares; porque, embora Augusto os houvesse estabelecido nos dominios romanos, deu-lhes um caracter puramente official. Serviam sómente para os imperadores e auctoridades, e para uma ou outra pessoa privilegiada. E, apezar d'isso, a respectiva despeza era paga pelo povo, especialmente, pelo povo das provincias, que subministrava os cavallos para os carteiros, e supportava ainda outros encargos.

Adriano, porém, organisou os correios como instituição publica, estendendo-os a todo o imperio, e obrigando tanto a Italia como as provincias a contribuirem para as despezas.

Como se vê de tudo o que fica exposto, a Hespanha adquiriu, sob os Romanos, grande desinvolvimento agricola, industrial e commercial.

*
* *

Depois da queda do imperio romano, até o fim da edade media, podemos dividir a historia economica de Hespanha, em quatro epocas, tambem correspondentes ás divisões da sua historia politica.

A primeira vai, desde a invasão dos barbaros,

até á invasão dos Arabes. A segunda vai, desde ahi, até o meado do seculo XI, em que se deu o desmembramento do califado de Cordova. A terceira vai, desde essa data, ao fim do seculo XIII, em que o poder musulmano se debilitou, e os estados christãos da peninsula tomaram a preponderancia, alargando consideravelmente as suas fronteiras, desinvolvendo a agricultura, o commercio e a industria, e estreitando mutuamente as suas relações. Finalmente, a quarta epoca vai, desde o principio do seculo XIV, até o fim da edade media; sendo caracterisada pela expansão mediterranea dos Aragonezes, pelas luctas civis e intrigas palacianas de Aragão e Castella, pela reducção das fronteiras musulmanas a Cadiz e Granada, e pela desordem economica do reino de Leão e Castella. E termina esta epoca pela unificação da Hespanha, sob Fernando e Isabel.

A logica d'esta divisão melhor se comprehenderá, tratando em separado dos differentes estados.

Wisigodos

Com respeito á primeira das epocas apontadas, a situação feliz de Hespanha, sob os Romanos, desappareceu de repente com a invasão dos barbaros. Mas, por um lado, como já dissemos na historia de França, os invasores não eram avessos por indole ao commercio. Por outro lado, acabado o impeto de lucta, e depois dos accidentes da conquista, os Wisigodos é que ficaram se-

nhores da situação, e eram tambem os mais civilisados dos barbaros. Tinham visto os povos cultos da Grecia e da Italia, tinham estado na Gallia em contacto com os Romanos, e cedo se acostumaram ao luxo que acharam na Hespanha; de modo que, segundo Lafuente, deixaram-se civilisar pelos povos vencidos, para depois serem os seus civilisadores. Amantes da familia, respeitadores da dignidade da mulher, deviam estimar naturalmente o paiz em que se estabeleceram, que era, por assim dizer, um oasis, no meio da agitação das luctas tradicionaes.

Pugnaram principalmente pelo desinvolvimento da agricultura, como testemunham differentes artigos do codigo wisigothico.

Este codigo, tambem chamado *Forum Judicium*, ou, na linguagem dos hespanhoes, *Fuero Juzgo* e *Libro de los Jueces*, é o transumpto de leis romanas, de leis que provieram da antiga sociedade gothica, e de leis inspiradas ou confeccionadas, sob a influencia theocratica, algumas d'ellas já proclamadas em differentes concilios [1].

---

[1] Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal.* — Theophilo Braga, *A Patria Portugueza.* — Oliveira Martins, *Historia da Civilisação Iberica.* — Julio de Vilhena, *As Raças Historicas da Peninsula Iberica e a sua influencia no Direito Portuguez.* — Carlos Romey, *obr. cit.*, vol. I. — Lafuente, *obr. cit.*, vol. I. — *Memorias de Litteratura Portugueza,* publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. VI, Memoria 3.ª

E favorecia os agricultores, porque favorecia as irrigações, punia os crimes contra a propriedade rustica ou pecuaria, e prescrevia outras medidas salutares.

Com essa protecção da agricultura, e com o estado de adiantamento que ella trouxera dos Romanos, os generos agricolas e os gados, mau grado o desbarato das guerras e das luctas, continuaram a abastecer a Hespanha.

Quanto á industria e commercio, é que, n'esse codigo, havia menos prevenções, o que mostra que os Wisigodos eram mais agricultores do que industriaes e commerciantes.

Ainda assim, embora a sua rudeza primitiva fosse grande, e tanto que se vestiam de pelles de animaes e usavam cabellos compridos e incultos, e que a sua industria fosse tambem rudimentar, com o tempo, abandonaram os habitos grosseiros; começaram a imitar o luxo e elegancia dos antigos patricios romanos, e a usar fatos de linho e mesmo de seda; por fórma que, já no seculo VII, a fabricação d'esses tecidos era importante. Conheciam tambem, já n'essa epoca, a arte da construcção, e sabiam dar aos edificios uma certa elegancia, como testemunham os monumentos que ainda restam d'esse tempo.

Fabricavam armas, e exerciam a industria metallurgica. E, emfim, os seus moveis e utensilios, os seus vehiculos magnificos, arreios, cavallos, joias, vasos e ornamentos sagrados das egrejas, denotavam já certos conhecimentos industriaes. Uma das industrias mais prosperas era a de

ourivesaria, e, sobretudo, em objectos religiosos [1].

O commercio era menor, pelas perturbações que affligiram a Hespanha, nos primeiros tempos, pela falta de communicações e de segurança pessoal, e pela carencia de marinha e prohibição da usura.

Mas, ainda assim, embora o commercio fôsse pequeno, tambem n'esta epoca, os navios hespanhoes visitaram os portos de França e de Italia e das ilhas do Mediterraneo, onde desembarcavam cereaes, minerios, sal e outros productos naturaes, em troca de sedas e purpura de Chypre, marfim, lã de camello do oriente e pedras preciosas de diversos paizes [2].

No desinvolvimento scientifico e litterario, é que os Wisigodos estavam muito rudes. Cultivavam pouco as letras, a não ser as sagradas e a jurisprudencia. Desprezavam a medicina. Tambem sobresaíam pouco nas bellas artes.

Nem obsta o nome de architectura gothica, por ser um anachronismo. Essa architectura data do seculo XIII, e foi importada do oriente pelos cruzados.

Comtudo, apezar do seu pequeno desinvolvimento litterario e scientifico, appareceu, no pri-

---

[1] Goury du Roslan, *obr. cit.*, pag. 123. — Juan y Riaño, *The Industrial Arts in Spain.* — Pierre Paris, *obr. cit.*

[2] Lafuente, *obr. cit.* — Goury du Roslan, *obr. cit.*

meiro quartel do seculo VII, um dos mais eminentes sabios da humanidade, Santo Isidoro.

*

* *

O principal centro economico dos Wisigodos foi Toledo. Esta cidade, no centro de Hespanha e no cruzadouro natural de todos os caminhos, já foi, no tempo dos Romanos, a praça de armas principal de Hespanha, e o emporio onde vinham dar os productos mineraes, antes de serem expedidos para a Italia. Ainda assim, n'essa epoca, a Hespanha não passava d'uma colonia, e a attracção de Roma imperial deslocava o centro da vida publica e economica para as margens do Mediterraneo; de modo que a importancia de Toledo era relativamente pequena. Desde, porém, que a peninsula se destacou definitivamente de Roma, procurou livremente o centro natural, e achou-o n'aquella cidade. Foi lá que se estabeleceram os concilios e o poder dirigente da egreja, e foi tambem lá que se installou a côrte dos reis wisigodos; de modo que, durante duzentos annos, esta cidade foi a capital politica e religiosa do reino christão.

Astorga foi por muito tempo a segunda cidade do reino wisigothico, e ainda gozava d'essa graduação no fim do seculo X [1].

---

[1] Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, 3.ª edição, vol. I, pag. 149.

Leão, fundada por Augusto, no logar da antiga Lancia, tornou-se a séde da legião *Septima Gemina*, uma das tres que guarnecia o norte da Hespanha, e que garantiu aos naturaes a tranquillidade e cultura do solo.

A cidade cresceu de improviso; e, poucos annos depois da sua fundação, começou a residir n'ella um *legado augustal*, ou presidente das Asturias e Galliza, que, apezar de não formarem provincias separadas da Tarraconense, embora desmembradas da sua jurisdicção, obtiveram como governo proprio uma auctoridade suprema, derivada directamente do mesmo imperador. Tomada pelos Wisigodos em 540, e pelos Mouros em 717, foi a primeira cidade de importancia que os christãos reconquistaram, porque Pelagio se apoderou d'ella, em 722; e por isso foi tambem a capital do primeiro reino christão da Hespanha. Affonso I mudou a capital para Oviedo; mas já Affonso III, dividiu a sua residencia entre Oviedo e Leão, em cuja visinhança tinha uma quinta de recreio; e alli reuniu muitas vezes o seu conselho. De modo que Leão se tornou muito florescente no reinado d'esse monarca. Sob Garcia, tornou-se tambem por sua vez, a séde da monarchia leoneza [1].

Oviedo está n'uma boa situação, porque está abrigada dos ventos do norte pela montanha de Naranco; goza de um clima dos mais sa-

---

[1] D. José Quadrado, *Asturias y Leon*.

lutares da Hespanha; e possue aguas thermaes efficazes; tendo, a oeste, os valles ferteis de Cangas de Tineo, e, a este, os de Cangas de Onis, que foi a primeira capital do reino das Asturias, sob Pelagio. Foi para Oviedo que Affonso II, o Casto, mudou, como vimos, a capital do reino; e tudo isto lhe deu grande importancia politica e um certo movimento economico.

As cidades do sul, pela sua posição maritima e pela sua tradição progressiva, tiveram tambem, no tempo dos Wisigodos, grande importancia mercantil; mas d'ellas fallaremos, quando tratarmos dos outros estados.

*

* *

Os Wisigodos fizeram, em geral, uso das moedas imperiaes, e portanto dos *aureos* romanos. Não havia a principio *aureos*, cunhados pelos mesmos Wisigodos; e as unicas moedas proprias, ou, pelo menos, aquellas que sómente se conhecem eram os *terços do soldo d'ouro*, tendo os mais antigos o talhe, titulo e typo do *triens* imperial d'essa epoca. Mas essa imitação cessou nos ultimos tempos de Leovogildo; e, desde então, os *triens* wisigothicos só tiveram das especies bysantinas o talhe e o titulo.

A reforma de Carlos Magno, como já dissemos no segundo volume [1], não foi adoptada pelos Wi-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 95.

sigodos; e, pelo contrario, a reforma monetaria d'estes, posterior a esse tempo, foi relacionada com a libra, dividida da seguinte fórma:

1 libra = 8 onças = 4608 grãos inglezes [1].

1 onça = 8 oitavos = 576 grãos inglezes.

1 oitavo = 6 tomins = 72 grãos inglezes.

1 tomim = 5 quilates ou siliquas = 12 grãos inglezes.

N'este sentido, a unidade do ouro era o *soldo*, egual a $^1/_6$ da onça, da finura de 23 quilates e tres quartos de quilate, correspondendo ao valor de 3$424 reis.

A unidade de prata era dupla, a saber: o *soldo*, egual tambem á sexta parte de uma onça como o soldo d'ouro, e o *dinnario*, egual ao *dinnar*, oitavo da onça. E havia muitas moedas falsificadas de prata dourada.

Os Wisigodos não cunhavam moedas de cobre, e mesmo as moedas de prata eram raras [2].

A variedade tornou-se enorme; pois quasi todas as cidades importantes da Hespanha wisigothica tinham o privilegio da amoedação, e gravavam no dinheiro o proprio nome e os respectivos emblemas [3].

---

[1] O grão inglez é egual a $0^{gr},0647$, e o portuguez, a $0^{gr},498047$.

[2] Aloïs Heiss, na *Description Générale des Monnaies des Rois Wisigoths d'Espagne,* duvída até de que os Wisigodos tivessem moedas de prata; mas não póde duvidar-se d'isso, desde que S. Izidoro e o *Fuero Juzgo* mencionam soldos d'este metal.

[3] Saw, *History of Currency.* — Aloïs Heiss, *Descri-*

*
* *

As communicações eram as dos antigos romanos, já pauperadas ou destruidas pelas invasões ou conquistas e pelas deteriorações do tempo. N'essa parte, os Wisigodos nada fizeram. A propria navegação fluvial foi descurada; e uma prova d'isso é que uma lei do codigo wisigothico permittia aos proprietarios marginaes dos rios, occupar o seu leito, uma vez que deixassem metade livre para os barcos e redes [1].

Os Arabes

Tomada a peninsula pelos Arabes e recalcados os Wisigodos para as montanhas das Asturias, uma nova civilisação alumiou a Hespanha, com especialidade, no littoral do sul e do leste, onde principalmente assentaram os conquistadores, e que já tinha por si a tradição mercantil d'outros povos, como temos dito.

As luctas da reconquista prejudicavam a completa expansão economica. Mas, a par d'isso, havia a tolerancia religiosa e civil para com os christãos, que acceitaram o poder musulmano, e

---

ption Générale des Monnaies des Rois Wisigoths d'Espagne. — Lafuente, *obr. cit.*

[1] G. B. Depping, *obr. cit.*

se ficaram chamando *mosárabes* [1]; havia a tolerancia e protecção tambem para com os Judeus, que já representavam uma classe muito activa, illustrada e industrial, e que, nos concilios anteriores, tinham sido sujeitos a muitas restricções [2]; e houve o espirito grandioso de muitos emires e califas, impulsionando o progresso. Citaremos entre elles Abderrahman III, seu filho Alhakem e o governo de Almansor, o celebre ministro de Hixam II.

Assim, Abderrahman III, fomentando os differentes ramos economicos, deu tanto lustre e tão maravilhosa ostentação aos seus estados, que muito incitou com isso o desinvolvimento das industrias e do commercio.

Só a fundação da cidade Medina — Zahará ou Zarah, ao pé de Cordova, cinco milhas, rio abaixo, de que hoje não restam vestigios, com a sua mesquita maravilhosa (935-937), trouxe uma extraordinaria exaltação das artes.

---

[1] Essa tolerancia ia a ponto dos Arabes deixarem funccionar, livre e abertamente, os templos e sacerdotes christãos. Por excepção, é que ás vezes prohibiram que alguns templos estivessem abertos. — D. Francisco Fernandez y Gonçalez, *Estado Social y Politico de los Mudejares de Castella*.

[2] Dos serviços que os Arabes prestaram á civilisação peninsular, não foi dos mais pequenos essa tolerancia e protecção dada aos Judeus. — D. José Amador de los Rios, *Historia Social, Politica y Religiosa de los Judios de España y Portugal*. — Dr. J. Mendes dos Remedios, *Os Judeus em Portugal*.

Seu filho Alhakem, continuando a grandeza e explendor do reinado anterior, esmerou-se, principalmente, no desinvolvimento das letras e da civilisação. Mas, ao passo que tanto impulsionava o progresso moral do paiz, não descurou a agricultura e as demais industrias, que prosperaram grandemente, á sombra da longa paz do seu reinado.

No seu tempo, construiram-se canaes de irrigação. Enxugaram-se pantanos. Aclimataram-se muitas plantas, accommodadas á natureza de cada terreno. E os cidadàos mais distinctos honravam-se em cultivar pelas proprias mãos as suas hortas e jardins, de modo que a habitação de campo era tão apreciada como a das cidades.

Finalmente, o governo d'Almansor, mau grado as guerras incessantes, foi tambem muito distincto no desinvolvimento economico. A gloria militar d'esse ministro, a fama das suas victorias, o deslumbramento do seu poder, attraindo as embaixadas de differentes côrtes, a par do luxo e da riqueza do estado musulmano, não podiam deixar de se fazer sentir fortemente na vida economica do estado.

A Hespanha retomou, no tempo dos Arabes, a abundancia de productos da epoca romana. E ainda elles introduziram, desde o seculo X, mui-

tos productos novos, como o arroz, a cana sacharina, o algodão, a romã, o açafrão, a alfarrobeira, a amendoeira, a cidreira, a larangeira, que veiu da India, a palmeira, que veiu de Medina, e muitas plantas odoriferas [1]. Introduziram tambem o sirgo, cuja creação se propagou, desde logo, enormemente. Na Andaluzia, só em volta de Jaen, contavam-se nada menos de tres mil localidades, cuja população se entregava á producção da seda [2]. Continuaram explorando a abundancia do ouro, da prata e d'outros mineraes, pertencendo umas das minas ao califa, e outras a particulares. As mais celebres eram as de Jaen, Bulche e Aroche, e montanhas do Tejo, e a dos rubis de Beja e Malaga. As pedreiras d'esta cidade forneciam tambem grande quantidade de marmore.

Abundavam egualmente os coraes nas costas da Andaluzia e as perolas nas de Tarragona.

*

* *

Quanto á industria, póde dizer-se que a Hespanha arabe se converteu n'um vasto laboratorio de todos os generos.

A exploração mineira era muito grande. Alme-

---

[1] Goury du Roslan, *obr. cit.* — D. Modesto Lafuente, *obr. cit.* — Blasco Ibañes, *A Cathedral* (traducção portugueza). — D. Joze Antonio Conde, *Historia de la dominacion de los arabes en España.*

[2] Heyd, *obr. cit.*, vol. II, pag. 670.

ria, Murcia, Sevilha, Toledo, Granada e Cordova constituiam grandes centros de producção de armas offensivas e defensivas; sendo especialmente notaveis as armaduras, bem como as espadas, cujos punhos e bainhas se adornavam de lavores delicadissimos.

Ainda hoje, dura a tradição das laminas de Toledo, que foi, durante a dominação musulmana, o centro principal da sua fabricação [1].

Existe ahi um vasto jazigo de ferro, de que os Arabes tiravam um grande partido, e que, actualmente, se encontra inexplorado; porque, attendendo ás despezas e difficuldades da exploração e do transporte, fica mais barato o ferro d'outras proveniencias.

Em varias localidades, como, por exemplo, Paterna (provincia de Valencia), trabalhava-se na ceramica, porcellana e vidraria [2], com grande perfeição. Em Almeria, fabricavam-se tambem differentes vasos de vidro, ferro e bronze, com esmaltes e debuxos muito apreciados.

Eram caracteristicos os pratos e jarros de reflexos metallicos, fabricados em varios pontos, especialmente em Valencia e na ilha de Maiorca, d'onde vem o nome de *majolicas,* dado a taes productos, assim como eram caracteristicos os ladrilhos esmaltados. Havia nas mesquitas lampadas d'ouro de muito valor artistico.

---

[1] Juan y Riaño, *The Industrial Arts in Spain.*

[2] Juan y Riaño, *obr. cit.*

Quanto á agricultura, os Arabes começaram por dividir as terras conquistadas pelos seus soldados, creando, assim, grande numero de pequenos proprietarios. E, depois, applicando os conhecimentos agricolas que tinham adquirido ou assimilado nos paizes conquistados, e introduzindo na Hespanha os novos productos, de que já fallámos, elevaram essa industria a um grande esplendor. O facto dos impostos serem diminutos e a cultura não ser feita por mãos servis, ajudava tambem semelhante desinvolvimento. E, demais a mais, os Arabes faziam dos vegetaes a base da sua alimentação, d'onde provinha maior estimulo no trabalho e maior segurança no beneficio.

A tal ponto levaram o seu enthusiasmo, n'esse ponto, que até desinvolveram a plantação da vinha, apezar do vinho ser prohibido pelo alcorão [1]. E completaram ou fizeram de novo as canalisações para a rega das *huertas* [2], aproveitando a agua dos rios, albufeiras e de muitos pantanos que enxugavam, especialmente nas regiões de Granada, Murcia e Valencia, cujas veigas ainda hoje se admiram, e cuja cultura aperfeiçoada vem d'esses tempos.

Com effeito, por meio de oito grandes canaes, que se subdividiam em numerosas valetas, trans-

---

[1] É de notar que nem sempre esta prohibição era observada, não obstante haver tambem alguns califas *piedosos* que mandaram arrancar as videiras.

[2] *Huerta* significa n'este caso toda a terra de regadio e producção que fica á roda d'uma cidade.

formaram elles n'um paraiso de verdura toda a região valenciana; e de modo que ahi se dão hastes de milho de cinco, seis e mesmo oito metros de altura. As amoreiras dão tres e quatro colheitas de folhas por anno. Ha plantas cuja ceifa se faz, annualmente, quatro e cinco vezes, no mesmo terreno. E a herva cortada á foucinha tambem se renova nove e dez vezes, no mesmo periodo.

Os Arabes dedicaram-se egualmente á creação do gado, em grande escala, mudando os rebanhos d'um ponto para outro, segundo as estações, para evitarem o frio ou calor excessivo.

Provém d'esse tempo os cavallos da Andaluzia e os carneiros da Serra Morena.

A fabricação da lã e da seda constituia uma outra industria importantissima [1]. Os principaes centros eram Cordova, Malaga e Almeria. Só em Cordova, existiram treze mil tecelões. Em Almeria, contavam-se oitocentos teares de seda; e, entre os differentes artigos d'esse genero, sobresaíam os estofos adamascados, conhecidos pelo nome de *Sickeati,* que se fabricavam em grande quantidade.

Em Murcia, preparavam-se esteiras de côres brilhantes, com que se cobria o soalho, e se forravam as paredes.

Em Cordova, trabalhava-se tambem em couro

[1] Foram elles que crearam a industria sericola, e de tal forma que, já no seculo XIII, as sedas de Granada rivalisavam com as da Syria. — Goury du Roslan, *obr. cit.*

para todos os usos, ainda os mais artisticos, estampando-o e dourando-o, para adorno dos salões; e d'ahi provém o nome de *cordavão,* celebre no commercio.

Trabalhava-se tambem com grande perfeição nos objectos de marfim.

Os Arabes não usavam de leitos. Dormiam sobre alfombras ou almofadões, que, durante o dia, se guardavam n'um armario. Mas, apezar d'isso, o grande luxo da mobilia dava logar a uma industria congenere, importante, por exemplo, tapetes, grandes candelabros, divans e coxins, cobertos de ricos pannos, cortinas de seda, vasos d'ouro e crystal.

Apreciavam-se tambem muito os banhos, e por isso os edificios destinados a esse uso multiplicaram-se ainda mais que no tempo dos Romanos [1].

As mulheres usavam muitas joias por todo o corpo; e o seu trajo consistia, geralmente, n'uma camisa comprida; por cima d'ella um manto de côres vivas, apertado na cinta; e por baixo, calças curtas e largas.

Os homens usavam tambem de calças curtas e largas e de camisa comprida, trazendo por cima um albornoz.

As construcções architectonicas dos Arabes eram sumptuosas. A musica era muito apreciada, e elles obtiveram, tambem n'esse ramo, um gran-

---

[1] Rafael Altamira y Crevea, vol. I, pag. 283.

de progresso. A esculptura e pintura é que foram menos cultivadas; porque, supposto o alcorão não prohibisse taxativamente a representação dos seres animados, alguns interpretes a consideravam como illicita. E, embora muitos Musulmanos se não importassem com esse modo de vêr, ora pintando figuras nos tectos, ora esculpindo representações de animaes e de pessoas, em todo o caso, aquella interpretação restringia a liberdade da pintura e esculptura, e tolhia o seu desinvolvimento.

As letras e sciencias, especialmente, a mathematica, medicina, pharmacia, botanica e zoologia, attingiram egualmente um grande progresso.

Suppõe-se até que foram os Arabes que introduziram o zero na contabilidade, applicando-o á direita de outros algarismos, para augmentar o valor da numeração, como hoje se faz. A elles se deve egualmente a poesia rimada.

Foi tambem um medico hespanhol, Aben-Firnás, que inventou no seculo IX a fabricação do crystal, e construiu diversos apparelhos, para medir o tempo, e para a navegação aerea, emquanto que um cordovez ou toledano, Aben Azzarquel, fabricava um magnifico relogio d'agua.

*

* *

Ora este desinvolvimento industrial não podia deixar de corresponder a um grande movimento maritimo e commercial.

Já no tempo de Abderrahman III, os direitos de importação e exportação representavam a parte maior das contribuições do estado. Sevilha constituia um dos portos principaes. Embarcavam-se n'elle algodão, azeitonas, figos, azeite e outros productos agricolas; e sempre se encontrava cheio de navios, que importavam tecidos do Egypto e da Asia. A par d'isso, a população d'essa cidade, composta de renegados, que ainda conservavam o typo e os costumes hispano-wisigodos, dedicava-se muito ao commercio, e tinha chegado a reunir grande riqueza.

O commercio de escravos tornou-se um dos mais fortes d'aquella epoca. Tanto mais que elles eram tambem empregados no serviço militar dos califas.

Almeria, onde havia um grande estaleiro de construcção, constituia outro porto, muito notavel, e muito frequentado pelos navios do Egypto e da Syria.

De Jaen e Malaga exportavam-se, além dos productos industriaes já mencionados, açafrão, figos, vinhos, madeiras aromaticas, marmores, pedras preciosas, e outras materias importantes, como seda crúa, assucar, cochonilha do carrasqueiro, ambar, pimenta, ferro em barra, antimonio.

Todos os productos de exportação eram transportados por mar, ou para a fronteira da Africa, d'onde seguiam em caravanas até o oriente; ou para o Egypto, Constantinopla e mar Negro, onde os Bysantinos faziam grande commercio, commu-

nicando pelo Dom e Volga com o interior da Russia, e pelos antigos caminhos tradicionaes, com a India e Asia Central. Porque os musulmanos hespanhoes tiveram sempre estreitas relações com os Bysantinos, e mantiveram tambem frequentes communicações, por meio de viagens e peregrinações, com o oriente, sobretudo com Meca, Bagdad e Damasco: da mesma fórma que sustentaram relações continuadas, tanto por mar, como por meio de caravanas, com o norte da Africa.

Os proprios habitantes d'Almeria, Denia e Malaga construiram navios muito navegaveis, para tocarem, em trinta e seis dias, as costas da Syria, onde iam procurar os productos do solo ou da industria asiatica, de que a Hespanha carecia.

E, mesmo depois das cruzadas, continuaram n'esse commercio oriental, mantendo estreitas relações economicas com os Italianos, especialmente os Genovezes e Pisanos.

A destruição do califado e o seu fraccionamento em differentes estados, as invasões dos Almoravides e Almohades, e a reconquista dos christãos, influiram desfavoravelmente no movimento economico dos Musulmanos. E, logo que elles decaíram sensivelmente, desde o seculo XI ao seculo XIII, á proporção que se estreitava o seu territorio e se reduzia o seu poder politico, reduzia-se egualmente o seu movimento economico.

No meio, porém, d'essa decadencia gradual, havia, por vezes, n'uma ou n'outra cidade ou região, conforme as circumstancias especiaes que

lá se davam, resplendores, mais ou menos duradouros, d'um grande movimento commercial. Por exemplo, Cordova, Sevilha, Granada e Almeria.

Malaga, e do mesmo modo os portos de Jaen e Denia, conservaram, até o seculo XIII, a sua importancia.

*

* *

Differentes cidades serviram, por sua vez, de capitaes do imperio musulmano da peninsula, como foram Cordova, Sevilha e Granada. Mas a primeira é que attingiu maior esplendor.

Foi fundada ou engrandecida pelos Romanos, quinze annos antes de Christo.

Os Wisigodos se apossaram d'ella, em 572, e os Mouros, no seculo VII. Ayub mudou a capital de Sevilha para lá; e, em 756, Abderham I, vice-rei dos califas do oriente, na Hespanha, declarando-se independente, fez tambem d'essa cidade a capital dos seus estados.

Quando o califado de Hespanha se desmembrou em muitos pequenos estados (1031), Cordova tornou-se egualmente a capital do reino de Toledo.

Sob Abderrahmam III e seus successores, até o fim do seculo XII, essa cidade chegou ao mais alto grau de esplendor. Contribuiu tambem para isso a bella situação de que gosava, pois estava no centro geographico da Andaluzia. Tinha quasi um milhão de habitantes, e vinte e dois bairros,

que se prolongavam ao longo da planicie e dos valles lateraes. A riqueza das suas mesquitas, dos seus palacios e casas particulares, era prodigiosa; mas a sua maior gloria provinha-lhe da cultura das sciencias.

Era a principal cidade de estudo no mundo inteiro, por suas escolas, collegios e universidades livres. Conservava e desinvolvia as tradições scientificas de Athenas e de Alexandria. Sem ella, a noite da edade media teria sido ainda mais espessa. As bibliothecas de Cordova não tinham rivaes. Uma, fundada por um dos filhos de Abderham I, continha mais de seiscentos mil volumes, cujo catalogo enchia quarenta e quatro tomos. Mas as guerras civis, a invasão estrangeira e o fanatismo fizeram desapparecer todos esses thesouros [1].

O movimento commercial e industrial de Cordova era tambem enorme.

Sevilha, a *Hispalis* dos Romanos, a *Isbalia* dos Mouros, foi, na queda do imperio almohade, o centro do poder momentaneo de Mota-Wakkel-ben-Houd (1225). Em 1236, erigiu-se em republica mourisca. Emfim, em 1248, Fernando III de Castella tirou-a aos Mouros, e fez d'ella a sua capital.

Sevilha luctou, porém, heroicamente contra os exercitos do rei de Castella; e, tendo suc-

---

[1] Abu-Abd-Alla-Mohamed-All-Edrisi (obra do seculo XII), traducção hespanhola. — E. Reclus, *obr. cit.* — *L'Europe Méridionale*, pag. 751.

cumbido, trezentos mil habitantes, isto é, a população quasi inteira, tiveram de procurar um refugio na Berberia e na parte ainda musulmana da Hespanha; e a cidade foi-se repovoando de immigrados christãos [1]. Em 1480, ahi foi estabelecida a inquisição para toda a Hespanha, e ahi foi quasi sempre a residencia dos reis de Hespanha até Filippe II.

O movimento commercial de Sevilha era tambem muito grande, tanto na epoca musulmana, como christã [2].

Cadiz, a *Gadir* dos Phenicios, a *Gadira* dos Gregos e a *Gadés* dos Romanos, dispõe de uma admiravel bahia, protegida dos ventos e das maretas do largo, pela flecha alongada que principia a ilha de Leon, e que está situada na saída d'um largo e fecundo valle fluvial, o do Guadalete. Está ao lado da porta que faz communicar as aguas do Oceano com as do Mediterraneo, e perto da ponta que termina o continente; e tinha, como tem, por si, uma situação invejavel, que necessariamente lhe devia dar grandes vantagens economicas.

Effectivamente, nos primeiros tempos da historia iberica, esta cidade gozava da proeminencia

---

[1] Don Francisco Fernandez y Gonçalez, *Estado Social y Politico dos Mudejares de Castilla*, pag. 17. — E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 756.

[2] Abu-Abd-Alla-Mohamed-All-Edrisi, *obr. cit.* — Reclus, *obr. cit.*

que mais tarde pertenceu a Tarragona, Mérida, Toledo e Cordova; e, mesmo no tempo da superioridade d'essas outras cidades, foi sempre, graças á sua situação privilegiada, um grande centro commercial.

Almeria foi outrora uma outra Cadiz para a actividade do commercio. Quando as duas costas oppostas do mar eram cheias de povos da mesma lingua e religião, nenhum outro porto se achava mais bem situado que o d'ella, para a facilidade de relações d'uma margem para a outra; porque é lá que principia o estreito do Mediterraneo, de modo que os viajantes podiam mudar de continente, sem arrostar grandes perigos de mar, e sem fazerem um longo desvio, pelo estreito de Gibraltar.

A tradição da antiga grandeza de Almeria conserva-se ainda hoje n'este dictado [1]:

> Quando Almeria era Almeria
> Granada era sua alquería
>
> (Quando Almería era Almería.
> Granada de granja lhe servia).

Mas os Hespanhoes pozeram termo a essa prosperidade, quando se apoderaram da cidade, em 1143, com auxilio dos Genovezes e Pisanos.

Ainda que vencida, ella ficou sempre mourisca,

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 760. — Abu-Abd-Alla-Mohamed-All-Edrisi, *obr. cit.*, nota especialmente o grande commercio de azeite d'Almeria, no seculo XII.

da mesma forma que ainda o são, pela origem, os seus habitantes. Mas, apezar d'isso, foi necessario defendel-a contra as invasões barbarescas, e isso augmentou egualmente a sua decadencia [1].

Malaga, que dispõe tambem d'um bello porto, de um clima admiravel e de campos fertilissimos, tinha egualmente por si condições economicas favoraveis, que ella soube aproveitar. Tomada pelos Arabes, em 714, só foi reconquistada pelos Hespanhoes, em 1487 [2].

Granada, situada perto da confluencia do Xenil e do Darro, no meio d'uma vasta e rica planicie, chamada a veiga de Granada, e dispondo egualmente d'uma boa situação, foi fundada pelos Mouros no seculo X; e, desde ahi até 1235, fez parte do reino de Cordova, tornando-se então a capital do reino de Granada. Resistiu muito tempo aos reis christãos, e só, em 1492, succumbiu aos golpes de Fernando e Isabel.

Chegou a contar quatrocentos mil habitantes. Depois dos bellos dias de Cordova, foi a cidade mais industrial e mais rica da peninsula; e muito poucas da Europa se podiam comparar com ella.

Carthagena (a *Nova Carthago*), fundada pelos Carthaginezes, era destinada, no pensamento dos fundadores, a tornar-se egual a Carthago.

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.*, pag. 760.

[2] Edrisi, na obra citada, fallando da importancia de Malaga, no seculo XII, menciona tambem a grande producção de figos dos seus arredores.

Quando o grande foco do commercio maritimo se achava na costa septentrional do continente africano, o logar mais proprio para um grande mercado da Iberia era a costa sudoeste; e nenhum porto apresentava mais vantagens para isso que o pequeno mar interior, tão admiravelmente abrigado, pelas montanhas nuas e escuras de Carthagena.

Esta situação tão vantajosa devia ainda augmentar, quando as ricas minas de prata dos arredores começaram a fornecer os seus thesouros [1].

No tempo dos Romanos, já a posição militar de Carthagena lhe valeu ser uma das grandes cidades da Iberia; e, no tempo dos Arabes, por todas essas condições, tambem ella constituiu um grande centro economico.

Valencia, a *Valencia Edetanorum* dos Romanos, passou dos conquistadores para os Godos, e d'estes para os Mouros, em 715. O Cid a reconquistou, em 1094, e por signal que a porta por onde elle entrou, ainda conserva o seu nome. Retomada pelos Arabes, em 1110, foi conquistada definitivamente por Jayme I, rei d'Aragão, em 1238.

Occupava uma bella situação, por estar no meio de uma região agricola importante, regada pelo Guadalaviar, que os Mouros aproveitaram,

---

[1] Eram os riquissimos jazigos de prata da serra de Almagrera, que estiveram por muito tempo perdidos, e estão novamente em exploração.

pela forma que já vimos; e, tornando-a por isso um grande centro de productos agricolas, fizeram tambem d'ella um grande centro commercial.

Murcia teve egualmente grande importancia, e era um dos maiores centros da fabricação da seda.

*

* *

Os Arabes, tomando conta da Hespanha, cunharam moeda propria d'ouro, copiada do soldo ou aureo dos Bysantinos, primeiramente, na forma e nos emblemas, e, depois, só no peso, dando-lhe o nome de *dinnar* (*dinarius*), que se manteve, com pequena differença, até o periodo revolto dos Taifas. Então, os regulos de tão pequenos estados imitaram á porfia moedas de liga muito variada e baixa, e de tamanho diverso e reduzido, produzindo uma verdadeira anarchia no systema monetario, apezar de que algumas cidades se esmeravam por fabricar moeda boa.

Os Almoravides pozeram cobro á desordem, estabelecendo um *dinnar* uniforme, de cerca de quatro grammas de peso, que, sob o nome de *dinnar, maravedi* ou *morabitino* ou *dinnar almoravide*, teve quasi universal acceitação.

Com a expulsão dos Almoravides, os Almohades mudaram o feitio da moeda d'ouro, e começaram por cunhar peças de 2^{gr},35, tambem subdivididas n'outras menores. E, como Yacub cunhou logo outras peças com o dobro d'esse

peso, os christãos as receberam com o nome de *doblas* (dobras). Este systema durou até á queda do reino granadino.

Emquanto á prata, os Arabes, longe de seguirem os typos bysantinos, adoptaram o drachma sasanida, cujo nome corromperam em *dirhem*, e que, desde o peso primitivo de 3gr,70, já tinha baixado, quando chegou á Hespanha, a 2gr,70, descendo, ainda depois d'isso, até 1gr,50 [1].

Os Taifas, porém, augmentaram successivamente a liga, a ponto de deixarem o dinheiro reduzido a uma simples moeda de cobre; e essa total desapparição da prata durou, até que os Almoravides restabeleceram a cunhagem d'este metal, adoptando um novo e particular systema. Depois, os Almohades abandonaram esse mesmo systema, e cunharam moeda quadrada, a qual só teve precedente no dinheiro dos reis gregos da Bactriana [2].

Havia casas de moeda, chamadas *zecas*, em differentes cidades; mas onde primeiramente começou a cunhar-se o dinheiro, foi em Cordova, que tambem ficou sendo o principal centro da fabricação, em toda a Hespanha musulmana.

Os Arabes tiveram tambem moedas de cobre — *feluces* ou *felous*, que eram pouco usadas.

---

[1] O valor mais geral do *dirhem* foi de 180 reis.

[2] D. Antonio Vives, *La Moneda Castillana*. — *A Historia Economica*, vol. II, pag. 92 e 93.

*
* *

Os Arabes augmentaram muito as communicações, nem outra coisa podia deixar de acontecer com o seu espirito emprehendedor e commercial. Os califas organisaram até correios, que, embora fossem destinados ao serviço do estado e não do publico, eram, muitas vezes, aproveitados para o movimento economico.

Os Catalães

A primeira região littoral que sacudiu o dominio dos Arabes, foi, como já dissemos, a Catalunha; porque foi reconquistada por Luiz, o Piedoso, em 802.

Vinha-lhe de tempos remotos a tradição mercantil. O seu desinvolvimento economico fôra impulsionado pelos Phenicios, Gregos, Carthaginezes, Romanos, e pelos proprios Arabes. Era visinha do sul da França, onde houve sempre um commercio importante. Estava mais proxima da Italia e do oriente que outra qualquer região; e teve, como já vimos no esbôço da sua historia politica, tanto separada, como depois de unida a Aragão (1138), principes que muito fomentaram o seu desinvolvimento. Por isso, é que essas duas regiões, Aragão e Catalunha, mas, especialmente, a Catalunha, tiveram grande importancia economica, durante a edade media. Barcellona foi até, de-

pois da queda de S. João d'Acre (1291), uma das quatro maiores cidades commerciaes d'essa epoca. Só tinha superiores Veneza, Marselha e Genova.

O caracter emprehendedor dos Catalães, a sua condição de povo littoral, e as relações com os povos da Italia, mais adiantados na marinha (Pisanos e Genovezes), fizeram que, já no seculo IX, elles tivessem tambem marinha mercante e de guerra, que pelejou contra os Musulmanos. Ambas essas marinhas augmentaram muito no tempo de Ramon Berenguer III (1096-1131), que lhes deu especial impulso, pela suppressão dos tributos, que, antes d'isso, pesavam sobre os navios mercantes, pela celebração dos tratados com os Genovezes, e por outras medidas legislativas [1].

O progresso continuou no tempo de Ramon Berenguer IV, que estabeleceu uma esquadra permanente, para frequentar os mares de Italia. E tal era o desinvolvimento da marinha que, além dos navios que dependiam directamente do estado, havia-os tambem pertencentes a senhores feudaes e a municipios.

Este desinvolvimento devia influir no commercio, da mesma fórma que o commercio influia na marinha.

---

[1] Este conde prestou ao valli mouro de Cordova vinte galeras e outras tantas embarcações menores, o que mostra que já existia uma poderosa armada.

*

Realmente, os Catalães, já no seculo IX, tinham commercio importante, a julgar pelo rendimento das alfandegas; e, já no seculo X, havia um pharol no porto de Barcellona, porto esse que estava aberto para todas as nações, e que já era muito visitado, especialmente de Gregos, Pisanos, Genovezes e Sicilianos.

Por outro lado, supposto os Catalães tomassem uma parte muito insignificante nas expedições militares das cruzadas, porque não precisavam de saír do paiz, para combaterem os infieis, correram, desde logo, atraz dos outros povos, no commercio do oriente.

Mas toda esta iniciativa e expansão mercantil foram no principio embaraçadas pela rivalidade dos industriaes e mercadores musulmanos, estabelecidos em Tortosa, Valencia, Almeria e nas Baleares. rivalidade, acendrada, demais a mais, pelos odios religiosos. Esses Musulmanos faziam aos Catalães uma opposição terrivel, e até as Baleares se tinham tornado um ninho de piratas. Por isso, em 1147 e 1148, os Catalães e Aragonezes alliaram-se com Genova, e, organisando uma especie de cruzadas, apoderaram-se primeiro de Almeria, e depois de Tortosa. Foi grande allivio para Barcellona, mas o auxilio mais importante do seu commercio resultou dos esforços de D. Jayme I.

Este principe, n'uma serie de batalhas victoriosas, reconquistou aos Sarracenos, Maiorca (1229), Minorca (1231), e, no continente, o reino de Valencia (1235). Barcellona viu-se então des-

afogada de visinhos perigosos, e adquiriu, juntamente com os Aragonezes, importantes regiões, o que fez augmentar consideravelmente o seu commercio.

Desde então, os seus mercadores lançaram-se ousadamente no mundo commercial, de forma que a marinha mercante de Barcellona corria sem cessar o Mediterraneo e os mares do oriente.

Muitos navios catalães, armados em corso, sustentaram pelejas continuadas contra os piratas provençaes, genovezes, venezianos e mouros. Muitas vezes, abusando da sua missão, apprehenderam os navios regulares dos outros paizes; e isso deu logar a represalias violentas, que prejudicavam temporariamente o commercio. Mas o movimento economico da Catalunha era tal, que já não podia ser travado por semelhantes revezes parciaes.

Os Catalães obtiveram a concessão de se estabelecerem n'um bairro de Constantinopla, em commum com os Provençaes. Deu-se esta communhão, porque, tendo-se extinguido a raça dos antigos senhores de Montpellier, succederam-lhe, por herança directa, em 1204, os reis de Aragão. D'esse modo, não só ficaram communs os destinos politicos das duas cidades; mas tambem se tornou mais frequente o commercio entre a Catalunha e o sul da França.

Juntamente com os mesmos Provençaes, tiveram outro bairro em Tyro. Fizeram grande negocio com o Egypto, onde iam buscar os productos da India; e conseguiram dos sultões diffe-

rentes privilegios. Da mesma forma, fizeram grande negocio com a Pequena Armenia, Rhodes, Chypre e Damasco. E estabeleceram os seus *fundacos* e os seus consules em todas essas regiões.

O consulado da Alexandria data do anno de 1272. E o commercio que os Catalães faziam com essa cidade, mau grado os interdictos da egreja, de que já fallámos [1], foi sempre um dos maiores recursos economicos de Barcellona, e durou até o fim da edade media.

Jayme II, como tambem já dissemos, se, a principio, (1274) sanccionou e coadjuvou as excommunhões que a curia romana impoz ao commercio com os Egypcios, logo fez vista grossa tratando, pelo contrario, de animar esse commercio [2].

Seu filho D. Pedro III auxiliou, ainda mais que seu pae, as boas relações mercantis com os sultões. Affonso III, de accordo com seu irmão D. Jayme II, rei da Sicilia, chegou a fazer, em 1290, um tratado offensivo e defensivo com o sultão do Cairo; e até prohibiu que as mercadorias da Catalunha fossem transportadas para o Egypto ou Syria, em navios estrangeiros, emquanto houvesse disponiveis navios nacionaes.

Uma das provas do desinvolvimento commercial de Barcellona foi tambem a publicação do *Consulado do mar*, que teve logar n'esta cidade.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 479 e seguintes.

[2] Heyd, *obr. cit.*, vol. I. — *A Historia Economica*, vol. II, pag. 481.

Ora este movimento commercial suppõe evidentemente uma grande marinha.

O mesmo desinvolvimento se dava na agricultura, concorrendo muito para isso a união da Catalunha com Aragão.

Logo no seculo XI, os Catalães desopprimidos dos Mouros, pela decadencia e divisão do poder musulmano; estimulados e auxiliados pelos progressos de Castella; favorecidos pela protecção esclarecida do governo, que deu até differentes garantias aos lavradores; arrastados pelo desinvolvimento do commercio e marinha, e incitados pelo seu proprio genio e actividade: começaram a adiantar muito a agricultura.

E, embora na Catalunha, cuja situação maritima impellia os habitantes, de preferencia, para a navegação e commercio, e cujo solo se prestava pouco a certos productos, como, por exemplo, o trigo, a agricultura fosse menos importante que as demais industrias, é certo que, já no seculo XIII, a propagação da vide se estendia por todo o paiz, eram muito abundantes, a fructa e o azeite, e havia tambem muito arroz, e mesmo bastante trigo.

Aquellas mesmas causas sociaes, juntas á visinhança das republicas italianas, que serviam de modêlo, e despertavam a rivalidade, contribuiram egualmente para o grande desinvolvimento que as outras industrias obtiveram muito cedo.

E, com effeito, já no seculo XIII, os Catalães fabricavam artigos de ferro lavrado e de outros

metaes, artefactos de madeira, *inclusive* toneis para vinho, objectos de vidro, aprestes maritimos, cordas de canhamo e esparto, alimentos salgados, e artigos de ourivesaria e ceramica [1].

A fabricação dos seus pannos tinha grande reputação em toda a Europa. Os seus campos não desmentiram as lições dos Mouros. Explorava-se em grande quantidade o sal e a pesca. Em Rosas e Castello colhia-se muito coral.

No seculo XV, até 1479, é que esse movimento economico decaiu bastante, por causa das luctas que assolaram a Catalunha e Aragão.

De facto, as guerras de D. Affonso V despovoaram as fronteiras, até o ponto de não haver quem trabalhasse nos campos; e gastou-se um dinheiro enorme com o resgate dos prisioneiros, desfalcando-se o thesouro e os particulares, e prejudicando-se a agricultura, o commercio e a industria.

Esta mesma pobreza continuou no tempo de D. João II; de modo que, apezar da respeitabilidade externa do reino, e apezar d'elle ter debaixo do seu dominio Aragão, Navarra, Catalunha, Valencia, Sardenha e Sicilia, para custear as despezas do seu enterro, foi preciso vender as poucas joias que restavam, e até o tosão d'ouro, que elle tinha levado ao peito.

Em todo o caso, repetimos de novo que Barcellona chegara muito alto, para que o seu mo-

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. I, pag. 546.

vimento economico deixasse de ser muito grande; e os seus navios continuaram frequentando o commercio do oriente, e os seus industriaes exercendo activamente as respectivas industrias, entre as quaes predominavam a dos pannos e a das sedas, a par dos fustões ou teias d'algodão, e dos objectos preciosos, tanoaria, cordoaria e vinhos.

Em 1422, até se prohibiu a introducção de tecidos de lã, seda, ouro, prata e de alguns outros artigos, para mais se animar a industria nacional.

Não fallamos do tempo que decorreu desde 1479 até o fim do seculo, porque, embora pertença cronologicamente á edade media, prende-se no reinado de Isabel, de que fallaremos no seguinte volume.

*

* *

Como Veneza, Genova, Pisa e Florença concentraram em si todo o movimento dos respectivos estados, Barcellona concentrava tambem toda a industria e commercio da Catalunha, porque as outras cidades importantes, que lhe pertenceram na constituição do condado, como, por exemplo Tarragona, Tortosa e Mérida, sendo tomadas pelos Arabes, só passaram depois para o poder dos christãos, quando os Catalães já estavam unidos aos Aragonezes; e d'ellas fallaremos n'outro logar.

Ora Barcellona, fundada por Amilcar Barca,

pertenceu successivamente aos Carthaginezes, Romanos e Godos, e, depois d'estes, a Carlos Magno: tornando-se, afinal, como já vimos, a capital da Catalunha. Desde então, concentrou o commercio dos Catalães, constituindo um emporio mercantil enorme, sobretudo, desde que se viu desafogada dos Mouros, pela conquista d'Almeria e Tortosa, em 1147 e 1148, e dos piratas, pela conquista das Baleares, feita por D. Jayme I em 1238, de que já fallámos.

No principio do seculo XIII, só tinha acima d'ella Veneza, Genova, Pisa e Marselha [1]. E, como já dissemos, o *Consulado do mar* ahi foi impresso, pela primeira vez [2].

*

* *

Embora, a principio, escaceasse a moeda, porque muitas compras se faziam, por meio da simples troca, não faltaram, comtudo, cunhagens, desde o seculo X. Fizeram-nas os reis francos de Barcellona, Gerona e Ampurias, e os condes Wilfredo I, Borrell e outros. As moedas d'estes ultimos receberam o nome de *dinarios moravidinos* e *solidos*.

Tambem algumas egrejas tiveram e utilisaram o privilegio da cunhagem.

Como moedas de trafico, são conhecidas os

---

[1] Heyd, *obr. cit.*

[2] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 85.

solidos Melgurenses, moeda franceza, as *onças,* os *mancusos* e as libras de ouro [1].

*
* *

Era, principalmente, por mar que se fazia o commercio da Catalunha. Mas, em todo o caso, os habitantes das regiões do norte e nordeste da Hespanha ahi vinham dar pelo rio Ebro, na parte navegavel, e pelos valles que davam accesso para o sul, a fim de comprarem ou venderem as mercadorias.

Aragão

Como já vimos, por mais de uma vez, Barcellona uniu-se a Aragão, em 1137, sob o governo de Ramon Berenguer III, e ambos estes estados adquiriram o reino de Valencia, em 1238, pela conquista que d'elle fez D. Jayme I.

Antes d'essa união, a historia economica dos Valencianos pertence á historia dos Arabes, de que já tratámos; e a dos Aragonezes é pouco notavel, porque esse estado não possuia littoral, nem por consequencia podia ter marinha propria. A sua importação e exportação fazia-se, então, pelos portos da Catalunha e de Navarra ou das Vascongadas.

A sua união com Catalunha é que lhe proporcionou o commercio maritimo directo. Desde essa epoca, todos os progressos dos Catalães foram tambem aproveitados pelos Aragonezes. E,

---

[1] Altamira, *obr. cit.,* vol. I, pag. 333.

quando houve aquella união dos tres estados, o movimento commercial de todos elles tornou-se commum, com as seguintes differenças.

Aragão era a mais pobre das tres regiões, tanto na agricultura, como na industria e commercio, em consequencia da inferioridade relativa do solo e situação. E os accidentes da sua historia politica, mais accentuaram esta inferioridade, porque maior prejuizo exerceram n'essa região.

Ainda assim, havia ahi grande producção de cereaes, especialmente, de trigo, arroz, assim como de açafrão: generos esses que se exportavam para Navarra, Barcellona, França e Flandres. A producção do trigo era até muito superior á da Catalunha. Havia muito azeite, e ainda se cuidou das oliveiras, primeiramente que no reino de Castella. Havia grande creação de gado, especialmente na serra de Albarracin; e os reis concederam aos creadores d'esse genero grandes privilegios, mesmo com prejuizo dos lavradores.

Exercia-se tambem fortemente a industria de pannos, sobretudo em Saragoça, Huesca, Jaca, Barbastro, Alcassiz, Montalban, Egea [1].

Da creação do gado derivou a industria da curtimenta e dos tecidos de lã, que já era importante, no seculo XII. O centro da primeira d'essas industrias era Segovia, onde havia até uma rua chamada *Peliceira;* e o da fabricação das lãs, Albarracin. Mas eram tambem notaveis, n'esse ge-

---

[1] Altamira, *obr. cit.*

nero, Jaca, Lérida e Huesca. Havia egualmente muitas fabricas de linho e de seda, em Barbastro, Alcassiz e Montalban.

No meado do seculo XIII, começaram a explorar-se as minas de prata do monte de Benasques; e a industria mineira tomou grande incremento.

No movimento maritimo tambem Aragão, mesmo depois de ter adquirido as costas do mar, ficou muito abaixo da Catalunha.

*

* *

Pelo que respeita ao reino de Valencia, ainda o desinvolvimento agricola foi maior que em Aragão e Catalunha; e o da industria e commercio rivalisou até com o d'esta ultima.

*

* *

Saragoça, a *Salduba* dos Celtas, e a *Cæsaraugusta* dos Romanos, foi o principal centro economico d'Aragão.

Os Godos se apoderaram d'ella, em 470, e os Sarracenos, em 712.

Em 1017, tornou-se capital d'um pequeno estado mourisco, mas, em 1118, foi reconquistada por Affonso, o Batalhador, que fez d'ella a sua capital, até que, em 1149, essa proeminencia passou para Lérida.

Occupa uma posição natural das mais felizes, porque se acha quasi no meio geometrico da planicie de Aragão, na confluencia do Ebro e dois dos seus tributarios, um dos quaes, o Gallego, é muito importante. E, a 20 kilometros a montante, o Ebro recebe ainda o Jalon, que é o mais abundante rio da vertente meridional, abrindo os grandes caminhos d'accesso para o plató das Castellas e bacia de Jucar e Gundalaviar.

Assim, Saragoça está no ponto do cruzamento de todos os caminhos naturaes da região; circumstancia essa, que, mesmo antes do cruzamento das vias artificiaes, lhe dava grande valor economico.

Huesca, a antiga Osca, tem uma vasta planicie, irrigada e rodeada de collinas, que, proporcionando-lhe grande abundancia de productos agricolas, já na edade media, augmentava a sua importancia.

D. Pedro I tirou-a aos Mouros, em 1096, e ahi fixou a sua côrte, que lá permaneceu, até que, em 1118, foi transferida para Saragoça.

Lérida constituia tambem um centro notavel. Esta cidade, ainda mais antiga que a historia de Hespanha, desempenhou sempre uma figura importante, como praça romana, arabe ou christã, por causa da sua posição militar sobre o Segre, á entrada da planicie de Aragão e no desembocadouro dos valles pyrenaicos e da passagem dos montes catalães. As planicies visinhas foram theatro frequente de sangrentas batalhas entre os exercitos que disputavam a posse da bacia do

Ebro: e os muros das suas fortalezas soffreram numerosos assaltos.

Conquistada aos Mouros por Raymundo Berenguer, tornou-se a residencia dos reis de Aragão, desde 1149.

A sua posição fez d'ella *etape* importante entre Saragoça e Barcellona.

Tortosa foi capital d'um reino arabe, d'onde lhe proveiu grande importancia commercial, e foi reconquistada pelos Aragonezes, em 1141. Era a ultima cidade banhada pelo Ebro, e era egualmente *etape* do commercio entre Barcellona e Valencia.

Da mesma forma que Marselha, no tempo dos Romanos, foi o grande desembocadouro do valle do Rhodano, Tarragona foi o grande mercado maritimo da bacia do Ebro.

Graças á sua situação, em frente de Roma, d'um outro lado do Mediterraneo, tornou-se tambem o principal ponto de apoio da dominação latina da peninsula. A sua população era então de muitas centenas de milhares, um milhão talvez; e a sua area, de mais de 60 kilometros de extensão. Destruida pelos Wisigodos, nunca se pôde levantar completamente da sua decadencia; tanto mais que a grandeza e visinhança de Barcellona a atrofiava. Ainda assim, no tempo dos Arabes, communicou do movimento economico d'esse povo; e, tendo sido reconquistada por Affonso, o Batalhador, continuou tendo certa importancia.

*

* *

Havia tambem em Aragão moedas de differentes emissões, como os *dinheiros,* cunhados por Sancho Ramires. Pedro I, Affonso II, Pedro II, Jayme I, e os *obulos,* cunhados tambem pelos mesmos reis Pedro I, Affonso II e Jayme I [1].

O dinheiro chamado *jaca,* nome da cidade onde era fabricado, era muito apreciado. As peças d'ouro nacionaes só appareceram sob Pedro IV.

Mas o dinheiro da Catalunha, e dos outros estados christãos e mesmo dos Arabes, corriam tambem no reino, a par dos nacionaes.

*

* *

Não havia estradas boas, a não ser as que restavam ainda em bom estado, desde o tempo dos Romanos. As communicações fluviaes limitavam-se ao Ebro, que, em muitas partes, é improprio para a navegação; e, só mais tarde, é que Aragão adquiriu os portos maritimos, que abriram as relações directas com o Mediterraneo. Mas, ainda assim, apezar das communicações

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

serem más, o espirito liberal dos Aragonezes obstou a muitos abusos dos nobres, e reagiu mesmo contra o poder dos reis, impedindo o estabelecimento de portagens arbitrarias e de outras restricções, que, por exemplo, em Castella, embaraçaram a circulação, como veremos.

Navarra

A politica de Navarra, até o seculo XIII, em que se constituiu vassalla da França, sob Teobaldo I, consistiu sobretudo em defender o seu territorio, primeiramente, dos Arabes, e, depois, das ambições dos reis de Castella e de Aragão, que ameaçavam dominal-a [1].

As terras mais disputadas foram as marginaes do Ebro, até que, em 1200, foram divididas com aquelles estados, tocando a maior parte aos Castelhanos, e ficando Navarra comprehendendo pouco mais que a actual provincia de Pamplona [2].

Claro está que estas luctas e preoccupações politicas deviam prejudicar o movimento economico de Navarra, no interior; mas, ainda assim, havia um commercio activo pelos portos cantabricos, exportando-se varios productos, como vinhos, sarjas, badanas, cordavões, lonas para velas de navios, e ferro: o que suppõe a existencia das industrias correspondentes [3].

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. I, pag. 390.

[2] Altamira, *obr. cit.*, vol. I, pag. 481. — Pag. 305 d'este volume.

[3] Altamira, *obr. cit.*, vol. I, pag. 561.

Depois do seculo XIII, o desinvolvimento foi maior. Embora o solo não fosse muito proprio para a agricultura, os naturaes esmeraram-se por vencer-lhe a braveza, rasgando canaes, abrindo vallas, enxugando pantanos, derivando as aguas do Ebro, com destino á irrigação, e, em summa, aproveitando e regulamentando as nascentes e correntes, com tanto cuidado como os Valencianos. E a pecuaria mereceu-lhes egual attenção, aproveitando-se para isso muitos dos montes maninhos na posse dos municipios.

Continuaram a prosperar as industrias das sarjas, dos cordavões, badanas, lonas e ferro; havendo tambem grande importação de productos externos.

As feiras e mercados eram notaveis, concorrendo lá grande numero de estrangeiros.

*

* *

Em Navarra, não havia grandes centros; porque a independencia e habitos campezinos ou montanhosos dos habitantes não se coadunavam com a vida das cidades. Ainda assim, destacavam-se Pamplona e Bilbao.

Pamplona, fundada ou restaurada por Pompeu, de quem tomou o nome, foi, por muito tempo, a capital do reino; e, depois da separação do paiz em duas Navarras — a franceza e hespanhola, tornou-se a capital d'esta.

Bilbao, hoje a maior cidade da provincia basca,

foi o assento do mais respeitavel tribunal commercial de Hespanha, que teve o nome de *Consulado,* transferido de Burgos para lá, no seculo XV.

Está n'um valle encantador, rodeado d'um semicirculo de montanhas; tem as aguas do Nervion, que levam as embarcações á enseada de Portugalete e ao mar; e, em derredor, ha grande quantidade de minas. Tudo isso lhe deu grande importancia, já na edade media.

*

* *

Navarra teve moedas proprias, taes como os *dinheiros,* mandados cunhar por Sancho II, Garcia II, Sancho III, Teobaldo I, Teobaldo II e Sancho VI, e os *obulos* do mesmo Sancho VI e Teobaldo II. Mas as moedas dos outros estados da peninsula corriam tambem no paiz [1].

*

* *

As communicações estavam ainda n'um estado rudimentar, pelas difficuldades do solo, pela vida simples dos Navarrinos, pela distancia a que ficavam os grandes centros da peninsula, e pelo pequeno movimento economico de Navarra.

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

*

Castella e Leão

Nos reinos de Castella e Leão, o desinvolvimento economico foi muito pequeno, até o meado do seculo XI [1].

Começando pela agricultura, as guerras e incursões dos Arabes, assolando o territorio; a destruição que os proprios christãos faziam, muitas vezes, dos seus generos e das suas riquezas, para os não deixarem caír na mão dos inimigos; a organisação e despotismo feudal, atrofiando o estimulo do trabalho e da producção; o amor exagerado dos nobres pela caça [2]; os abusos que elles commettiam, por causa d'ella; a prohibição de matar muitas das aves e animaes selvagens, para se não prejudicar a mesma caça; as frequentes restricções agricolas, resultantes de se fixarem os preços e se prohibir a exportação de certos generos; a falta de cumprimento dos contractos entre os proprietarios e trabalhadores e da sancção effectiva para esse cumprimento; a taxa dos salarios agricolas e do aluguer do gado: tudo isto fez com que, até o meado do seculo XI, esses reinos tivessem pequeno desinvolvimento agricola.

Houve sómente alguma differença, quanto á

---

[1] Altamira, *obr. cit.* — Lafuente, *obr. cit.*

[2] Fernando Garrido, *Historia de las Classes Trabajadoras.*

creação do gado, porque os reis lhe concederam sempre grande protecção; attendendo a que, no caso da guerra ou invasão dos inimigos, era mais difficil evitar a destruição das searas e dos fructos que dos animaes, pois estes podiam transportar-se d'um logar para outro, evitando-se que fossem mortos ou apprehendidos.

*

* *

Com a desmembração do califado, meado do seculo XI, até ao fim do seculo XIII, mudou a situação; porque, então, os Castelhanos e Leonezes levaram as conquistas ao coração de Andaluzia, alargando o seu territorio, e apropriandose de regiões, maravilhosamente cultivadas e occupadas pelos Musulmanos, que deixaram viver em paz [1]. E d'ahi resultou que esses estados adquiriram os modelos da cultura aperfeiçoada, que lhes faltava, e uma nova e laboriosa população, amestrada no amanho das terras.

Por outro lado, augmentou a concessão dos foraes, a creação e alargamento dos municipios, a formação de associações ou *hermandades* agrico-

---

[1] Chamavam-se mudejares os Musulmanos submettidos aos christãos, ora mediante pacto tributario, ora por capitação ou por alliança, e que mantinham as suas leis, religião e liberdade, no todo ou em parte. — Don Francisco Fernandez y Gonzalez, *Estado Social y Politico de los Mudejares de Castilla.*

las, a emancipação das classes servis, e o maior apêgo das familias ás suas terras, pela maior segurança d'ellas, em vista do abatimento dos Mouros.

Modificou-se o regimen da propriedade; porque, embora os bosques, prados naturaes e terrenos incultos, pertencentes ao estado e aos municipios, e até muitas das terras dos particulares, estivessem sujeitas ao regimen da communhão e do compascuo, fóra d'isso, os reis trataram de impulsionar o interesse individual, como expediente seguro de adiantar a agricultura, esmerando-se tambem em promover á repovoação do paiz. Concederam para isso a propriedade dos terrenos incultos a quem os arroteasse de novo; dispensaram os lavradores do serviço militar por um anno; garantiram a segurança das propriedades particulares; isentaram de penhora os bois do trabalho; sequestraram para a corôa, para os municipios, ou mesmo para os particulares, as terras que os lavradores não cultivassem; e tudo isso não podia deixar de trazer um grande desinvolvimento da agricultura.

Foi então que, pela conquista de Toledo e das outras regiões que se lhe seguiram, se introduziu em Castella, a cultura da oliveira. Propagou-se tambem a sementeira do linho. Multiplicaram-se as noras. E alguns reis, como Affonso VII, fizeram plantar muitas videiras.

Não faltaram guerras promovidas, ora pelos pretendentes ao throno, ora pelos nobres, especialmente na menoridade dos reis, a par dos abu-

sos dos senhores e do ataque dos bandidos sobre a propriedade particular. Mas estes accidentes parciaes, se embaraçaram, por vezes, o progresso da lavoira, já não poderam impedil-o.

A pecuaria teve egualmente grande importancia, pela referida facilidade com que os rebanhos podiam subtrair-se aos perigos da guerra; por ser tradicional na Hespanha essa industria; pelos favores que os reis concediam aos creadores de gado, ás vezes em detrimento da agricultura; e até pelos abusos dos pastores, que entravam nas vinhas e hortas, mesmo no tempo defezo.

Eram communs as especies bovina, cavallar, azinina, caprina e suina; mas a ovina é que mais abundava.

As minas de Almaden começaram a explorar-se, n'essa epoca — meado do seculo XI ao seculo XIII.

Mas, além da industria agricola, propriamente dita, e da pecuaria, é certo que, fóra de alguns centros, como Santiago, e talvez este fosse o unico, até o fim do seculo XII, não existiu na Galliza, Castella e Leão, qualquer outra industria, que importasse fonte valiosa de riqueza e commercio, com excepção das precisas para as necessidades de cada povoação; e, ainda assim, de modo que os seus productos não excediam o consumo local. Por isso mesmo, tambem o commercio era pequeno.

A cidade de Santiago, essa, abria uma excepção, porque a sua riqueza e importancia cresceu extraordinariamente, pela quantidade enor-

me de peregrinos que vinham de todas as partes da Europa, fomentando a sua prosperidade material, apurando os costumes e o gosto, e exigindo a creação de muitos hoteis e muitos objectos de consumo, e de muitos estabelecimentos commerciaes.

No seculo XIII, porém, os Castelhanos entabolaram relações mercantis com a Italia, Inglaterra, Flandres e Allemanha; e começaram a exportar de Castella ferro, lã, cereaes, couros, cera, fiação, azougue, cebo, vinho, cominhos; da Andaluzia, azeite, mel, fructas, vinhos, assucar e passas de Malaga; e da Galliza, tambem couros, lãs e vinhos: exportação essa que foi augmentando successivamente.

Os industriaes organisaram-se, por toda a parte, á sombra dos municipios, em gremios ou corporações. Muitos d'elles eram estrangeiros, mouros ou judeus, que se dedicavam especialmente á ourivesaria e officios analogos; e os mudejares davam tambem um grande contingente.

*

*   *

Até o meado do seculo XII, os Castelhanos e Leonezes não tiveram marinha de guerra; e tambem careceram quasi absolutamente de marinha mercante. Usavam apenas de barcos pequenos para a pesca, até que Diogo Gelmirez estabeleceu em Iria um estaleiro, fazendo vir de Genova um mestre, chamado Ogerio, que, em 1120, cons-

truiu duas galeras. E, dez annos depois, havia já uma frota importante, que auxiliou D. Affonso I de Aragão, no cerco de Bayona.

As embarcações que, n'esta epoca, formavam a esquadra, não eram todas propriedade do rei ou do estado. Algumas pertenciam a nobres, como por exemplo, ao arcebispo de Compostella; e outras, a particulares ou corporações das cidades maritimas da costa cantabrica ou atlantica da Galliza. E todas ellas estavam sujeitas ao *fossado* do mar; de modo que, se as terras do interior contribuiam com soldados para a guerra, aquelles nobres, ou particulares e aquellas cidades maritimas contribuiam com essas embarcações.

Ora, estes navios, que assim constituiam, no caso de guerra, a esquadra militar, serviam nos intervallos para a navegação e commercio maritimo; e, por isso, egualmente contribuiam para o desinvolvimento da riqueza nacional.

Fernando III cuidou tambem efficazmente do progresso maritimo, porque, ao passo que, na tomada de Sevilha (1248), aproveitou aquelle *fossado,* premiou os marinheiros, concedendo-lhes terras e privilegios, e chamando com isso a concorrencia para essa profissão; organisou regularmente a esquadra real com navios proprios; estabeleceu um estaleiro n'aquella cidade; e nomeou um almirante, com jurisdicção sobre todos os marinheiros.

E, depois d'aquella conquista, não só muitos individuos do norte vieram povoar a costa, constituindo um nucleo de bons mareantes; mas,

ainda muitos mancebos de Carthagena, da propria Sevilha e visinhanças e de outras terras (1248-1251), foram obrigados a servir na armada, o que fez augmentar muito a navegação e commercio e a importancia maritima de Castella.

Affonso x legislou tambem sobre essa materia nas *Sete Partidas;* estabeleceu, pela primeira vez, uma esquadra castelhana de serviço permanente; e, a par do almirantado de Sevilha, creou mais outro em Burgos.

O filho d'elle, Sancho iv, fez construir muitos navios em Sevilha; e, aproveitando tambem os navios castelhanos particulares ou das communidades, que, segundo já dissemos, estavam obrigados a acudir ao serviço da guerra, e ainda os navios genovezes que trabalhavam ao soldo hespanhol, conseguiu alcançar duas victorias notaveis sobre Abu Yusuf (1284-1292) [1].

As embarcações principaes que então se usavam, eram as chamadas galeras, ou navios proprios para o combate, que levavam vela e remos, e as *naos* e *carracas,* tambem de vela e d'um ou dois mastros. Mas havia outras embarcações menores, chamadas *galeotas, carracones* (carracões), *lenhos, cocas,* etc. [1]

*

* *

Com a agricultura, industria e marinha, desinvolveu-se muito o commercio externo. As re-

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. ii, pag. 85.

giões que adquiriram mais cedo esse desinvolvimento, foram a Galliza e as provincias vascongadas; e por forma que os marinheiros d'estas provincias, já no tempo das cruzadas, mantiveram relações com os portos do norte da Europa e Inglaterra, exportando os productos de Navarra, Castella e Aragão, que tinham saída por essa costa.

Depois da conquista de Sevilha, Fernando III favoreceu os commerciantes d'esta cidade; e essa protecção, alliada á importancia que Sevilha já tinha com os Mouros, tornou-a n'uma praça importantissima, onde convergiam as mercadorias de Ceuta, Tanger, Tunis, Bugia, Alexandria, Genova, Pisa, Portugal, Bordeus, Bayonna, Sicilia, Gasconha, e de muitas outras partes.

Mas o commercio interno, em geral, era pequeno. Além de haver poucas estradas para transportar os productos, a concorrencia aos mercados tornava-se perigosa ou difficil; já pela abundancia de ladrões; e já porque as portagens eram numerosas e muito caras. E, embora algumas vezes os reis tratassem de garantir a segurança dos mercadores, as suas decisões ficavam quasi sempre sem effeito, pelas guerras particulares que perturbavam toda a Hespanha. As mortes e pilhagens tornaram-se tão communs, que mesmo a communicação entre duas cidades visinhas era muito arriscada. E, no meio d'essa

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. II, pag. 436 e seguintes.

desordem, a execução das leis e a intervenção da justiça tornava-se, de ordinario, illusoria.

Além d'isto, a circulação era ainda travada pelos impostos, que faziam encarecer os transportes.

De facto, as portagens dos caminhos, das pontes e dos barcos, formavam um dos rendimentos principaes da corôa. Muitas vezes, eguaes contribuições eram tambem exigidas pelos senhores e pelas egrejas ou mosteiros, a quem um principe fraco ou piedoso tinha feito certas concessões. As proprias cidades tinham o mesmo costume de tributar quem passasse no seu territorio com mercadorias ou rebanhos. E todas estas imposições eram estabelecidas pelo modo o mais arbitrario, sem terem qualquer relação com os interesses geraes do paiz.

Affonso x, o Sabio, tratou de regular essa materia, d'uma maneira mais equitativa, conciliando os interesses do thesouro com as necessidades do trafico interior. N'este sentido, exceptuou das portagens os objectos que não fossem destinados á venda, mas sim ao uso pessoal, como, por exemplo, os utensilios do trabalho e os livros de estudo; e prohibiu as municipalidades e egrejas de estabelecerem direitos de passagem, sem auctorisação real, que só devia ser concedida por qualquer motivo de utilidade publica, tal como a reconstrucção de fortificações ou a reparação de caminhos. Mas, desgraçadamente, esses preceitos das *Sete Partidas* não produziram todo o effeito que se esperava, porque foram caindo em des-

uso; e o commercio interno continuou sujeito aos mesmos perigos, tributos e vexações, que muito o prejudicavam [1].

*

* *

Este movimento economico da Hespanha, desde o seculo XI, até o fim do seculo XIII, em vez de continuar a sua natural evolução no decorrer do seculo XIV, retrogradou consideravelmente.

Já D. Affonso, o Sabio, sentindo-se fraco, em face da nobreza, lhe fizera concessões e augmentara os privilegios, por forma que teve de opprimir o povo com tributos. E, tendo tambem reduzido o erario real á ultima penuria, foi obrigado, por duas vezes, a britar moeda, o que excitou differentes levantamentos populares. Por isso, apezar de promulgar algumas leis economicas, em relação ás alfandegas e outros assumptos commerciaes, e apezar de se esforçar por levantar com as *Sete Partidas* o nivel da justiça, deixou o fermento da desordem. E ainda a situação mais se aggravou com a destruição completa da armada castelhana, em Tanger, commandada pelo infante D. Sancho, quando se propunha tomar Algeciras.

Era preciso que os reis posteriores aprovei-

---

[1] Goury du Roslan, *obr. cit.*

tassem o que havia de bom nas *Sete Partidas* e n'outras medidas de D. Affonso X, e, ao mesmo tempo, soubessem prevenir e cohibir a desordem que elle preparara. Mas nem os seus successores, até Fernando e Isabel, eram de molde para essa tarefa; nem os accidentes politicos dos seus reinados a podiam favorecer.

De facto, as fraquezas de D. Sancho IV, as guerras de Fernando IV e D. Affonso XI, a crueldade de D. Pedro I [1], as luctas incessantes de D. Henrique de Trastamara e de D. João I, e, por fim, as perturbações da menoridade de D. Henrique III, durante o seculo XIV, deviam ser, como foram, terriveis para o progresso da nação.

Certamente, que nem tudo foi perdido; porque as leis sumptuarias, promulgadas n'essa epoca, mostram que a riqueza nacional tinha augmentado. Foi tambem n'esse periodo que D. Pedro I organisou uma grande armada, para atacar a Catalunha e Baleares; que Henrique II ficou victorioso, nas aguas de Lisboa, Sevilha, Rochella e Bayonna; e que D. João II chegou até ás costas de Londres, desafiando a marinha ingleza. E estes factos provam que o reino de Castella tinha progredido na marinha mercante, visto que o progresso d'esta corresponde sempre ao da marinha de guerra.

Foi tambem n'este periodo que Catharina de Lencastre, casada com Henrique II, trouxe a raça

[1] Fernão Lopes, *Chronica de El-Rei D. Pedro.*

dos merinos inglezes, que depressa se propagou na Hespanha, desinvolvendo-se com isso a fabricação da lã, por fórma que os productos nacionaes competiam com os estrangeiros.

E tomou tambem grande incremento a industria pecuaria, pelos privilegios, cada vez maiores, que os reis lhe tinham concedido, em prejuizo dos lavradores [1].

Com effeito, já Affonso VIII dera aos habitantes de Segovia a faculdade de pastorearem os seus animaes em todas as terras de Castella, com excepção de vinhas, jardins e campos semeados. Affonso X concedera aos habitantes de Murcia identicos privilegios, e auctorisara a creação de *confrarias* ou corporações de pastores, com a faculdade de celebrarem assembleias (*conselhos de mesta*) e direito de nomearem alcaides, e com jurisdicção especial para os assumptos proprios, nas questões dos lavradores.

Depois, em 1347, Affonso XI outorgou a primeira carta á grande aggremiação, constituida com o nome de *Sociedade da Mesta,* cujos privilegios foram os seguintes:

---

[1] A creação das mulas é que foi sempre muito pequena, porque, a fim de beneficiar a propagação dos cavallos, o uso d'ellas estava sujeito a restricções. Já os predecessores de Henrique III tinham prohibido o uso dos muares; e este rei, estando em Segovia, regulamentou o numero que qualquer pessoa, segundo a sua categoria, poderia ter; e, mesmo para isso, era necessario que mantivesse um cavallo do preço de 600 maravedis. — Fernando Garrido, *obr. cit.,* pag. 200.

1.º O gado podia pastar e beber por todo o reino, logo que não prejudicasse os trigaes, as vinhas, os jardins e prados reservados á foucinha, ou destinados aos bois do trabalho. Mas, se por acaso os prejudicassem, a unica pena a que os pastores ou donos d'esses gados estavam sujeitos, era a indemnisação dos prejuizos.

2.º Os rebanhos podiam tambem transitar livremente pelos predios alheios, a fim de procurarem os respectivos pastos; e os proprios lavradores eram obrigados a deixar nos seus campos a servidão respectiva, chamada *cañada*, que não podiam desfazer, sob penas rigorosas.

Finalmente, os donos e proprietarios dos rebanhos estavam isentos de certos impostos [1].

No tempo de Affonso XI, estes privilegios não eram tão prejudiciaes, como parece á primeira vista; porque a maior parte dos terrenos estavam incultos, e, conforme já notámos, a agricultura estava atrazada. Mas, á proporção que ella se desinvolveu, aquellas odiosas excepções, ainda aggravadas pelos abusos dos pastores, tornaram-se cada vez mais deleterias; e nem mesmo á pecuaria deram o augmento que se esperava, pelo facto dos creadores de gado não terem liberdade de acção.

Assim, com receio de que faltassem as subsistencias na guerra com os Mouros, os reis tinham

---

[1] Goury du Roslan, *obr. cit.*, pag. 225 e seguintes.

prohibido a exportação das especies cavallares, muares, ovinas e bovideas. E, para a sancção d'essas medidas, havia o recenseamento obrigatorio dos gados de cada lavrador ou pastor, e a verificação periodica das cabeças que faltavam e da razão por que faltavam. Se alguma faltava, o pastor ou proprietario era obrigado a justificar a razão d'isso; e os embaraços e vexações que d'ahi resultavam, reduziam o estimulo da creação.

Por isso, repetimos, até na pecuaria, o progresso não correspondeu aos enormes privilegios concedidos pela realeza; e, nas demais industrias, á parte alguns casos excepcionaes, o movimento economico de Castella e Leão, no seculo XIV, não acompanhou a evolução que vinha dos seculos anteriores.

Quanto ao commercio, as leis de D. Affonso X, regulando e limitando as portagens, caíram em completo desprezo, e os antigos abusos começaram a renascer, por forma que já Henrique II, nas côrtes de Toro, em 1371, foi obrigado a supprimir os impostos arbitrarios de que se tinha taxado a circulação do trigo e do vinho.

Por outro lado, os roubos e mortes dos viandantes e mercadores tornaram-se tão frequentes, que o interesse da propria conservação e segurança levou muitas cidades a organisarem, no mesmo seculo XIV, uma verdadeira associação, conhecida por *Santa Hermandade*. Cada membro fornecia uma contribuição ou levantava um contingente de tropa, destinado a proteger

os viajantes e perseguir os criminosos. Quem praticasse um roubo ou morte, ou perturbasse a tranquillidade publica, e fosse preso pela *Santa Hermandade,* era conduzido perante os juizes, que, sem se importarem com a jurisdicção exclusiva que o senhorio do logar podesse reclamar, o julgavam e condemnavam.

Esta associação concorreu para a segurança dos caminhos; mas os impostos, vexações e portagens arbitrarias continuaram prejudicando e atrofiando o commercio interno.

*

*   *

O seculo XV, até o advento de Isabel, a Catholica, a saber, até 1474, foi ainda mais deploravel.

Henrique III, cuja menoridade tanta desordem produziu, no fim do seculo anterior, pela rivalidade dos membros da gerencia, tinha tomado as redeas do governo, em 1393; e, até 1406, em que falleceu, reinou com prudencia e justiça. Mas a guerra de Portugal reaccendeu-se de novo no seu tempo. Rebentou uma perseguição dos christãos contra os Judeus, em Sevilha, Cordova e outras cidades de Castella, em que foram mortos milhares d'esses desgraçados. Surgiram contendas com alguns magnates do reino, a quem o rei cerceou os privilegios. Continuou tambem por intervallos a guerra com os Mouros. E a pobreza do erario, resultante d'essas agitações e dos desperdicios anteriores, foi enorme. De modo que tudo isto

prejudicou os grandes esforços d'esse monarca, bondoso e justo, pela boa administração e restabelecimento do reino.

O desinvolvimento economico, pois, não podia deixar de soffrer o retardamento peculiar a circumstancias tão adversas, embora, nos poucos annos d'esse reinado, houvesse uma accentuada travação na ruina de Castella.

Por morte de D. Henrique III, na menoridade de seu filho e successor, D. João II, governaram como regentes, em primeiro logar, a rainha mãe, D. Catharina, e, depois, o infante D. Fernando, tio d'elle, que fez uma regencia brilhante, continuando com energia a obra interna de D. Henrique, e arrancando Antequera aos Mouros. Mas essa regencia só durou até 1412, em que o mesmo D. Fernando foi eleito rei de Aragão.

Depois d'isso, governou desastradamente, como regente, aquella D. Catharina; que falleceu, em 1418; e, por sua morte, surgiram as rivalidades e contendas que já houvera no reinado anterior, por causa da tutella de Henrique III. O rei foi declarado maior, em 1419; e, desde ahi, até 1454, em que falleceu, foi extrema a desordem do paiz. D. Alvaro de Luna, seu favorito, dominou absolutamente, em quasi todo o tempo do seu reinado; e as conspirações e luctas civis que esse favoritismo produziu; as hostilidades contra o monarca, fomentadas e dirigidas pelos proprios irmãos e cunhados; as dissensões dos prelados e dos grandes; a formação de bandos contrarios; as intrigas do

*

paço; as extorsões feitas ao povo; e as depredações da guerra civil: tudo isso, alliado á hostilidade dos Mouros, reduziu a nação a um estado verdadeiramente desastroso, com inteiro abandono das artes economicas.

Era preciso que viesse o reinado posterior, o de Henrique IV, para cumulo da miseria, e para tornar ainda mais negra a situação do reino, com as immoralidades e torpezas d'esse monarca imbecil.

O desregramento dos costumes que avultavam na côrte; o favoritismo que dispensou a Beltrão de la Cueva, amante da rainha; as agitações incessantes, que esse favoritismo produziu; as contendas da successão da corôa, a desordem do reino; a pobreza do erario; as doações feitas aos nobres; a cunhagem particular da moeda, concedida a esmo; a fraqueza do rei, para conter e remediar a ruina interna, que já vinha dos reinados anteriores; e as guerras infructiferas contra os Mouros: fizeram que o reino de Castella, baixasse a tão miseravel situação, como nunca tivera desde a invasão dos Sarracenos, assim como não tinha sido governado por monarca tão abjecto e degradante.

A estes accidentes politicos, tão prejudiciaes ao movimento economico, accresceu ainda a multidão d'alfandegas; porque a Hespanha estava dividida, n'esta epoca, nos reinos de Castella, Aragão, Catalunha e Navarra; e cada um d'elles tinha uma cadeia d'alfandegas nas fronteiras, que embaraçava o livre transito, e prejudicava o com-

mercio, pelos impostos aduaneiros. Accrescendo, além d'isso, em cada municipio, ou em muitos d'elles, alfandegas secundarias, que duplicavam os embaraços.

Entropeciam tambem o desinvolvimento de certas industrias, e portanto o respectivo commercio, as alcavallas ou tributação das vendas e os monopolios reaes; bem como a excessiva regulamentação economica e technica, com que, umas vezes, o estado, e, outras vezes, os proprios industriaes intervieram, até o fim d'este periodo, na troca e no consumo, fixando os salarios, os lucros do trabalho, o preço das mercadorias, a liberdade das transacções e as condições dos artefactos.

E, supposto esses regulamentos pretendessem cohibir os abusos, e de facto alguns cohibissem, era maior do que esse beneficio o prejuizo geral que traziam, pela restricção da liberdade industrial e commercial, e pelo cerceamento da concorrencia economica.

É certo que este systema d'alfandegas, estes privilegios e monopolios reaes, e estas regulamentações industriaes e mercantis, já vinham, em grande parte, das epocas anteriores; mas, á proporção que a sociedade caminhava, mais gravemente se sentiam os inconvenientes que resultavam d'esse estado de coisas. Porque é bem sabido que os obstaculos interpostos na passagem, tanto maior embate produzem, quanto maior fôr o movimento da corrida.

Por isso, a maior parte das industrias eram

puramente locaes, não passando d'uma area limitadissima, e, só no bastante, para cobrirem as necessidades ordinarias. E mesmo essas eram exercidas, em grande parte, por estrangeiros, mudejares e Judeus [1].

Os mercadores estrangeiros concorriam tambem aos portos e mercados fronteiriços, como Fuentarrabia e S. Sebastião, para venderem os seus productos; mas importavam-se frequentemente porcos, bestas e mesmo trigo e vinho, o que indicava a pobreza de algumas regiões n'esses generos.

Em todo o caso, como já dissemos, com respeito ao seculo XIV, nem tudo foi perdido; e, se, em geral, o movimento economico estava retardado, havia alguns factores que faziam mais activamente a rotação do progresso.

Foi assim que a agricultura adquiriu maior desinvolvimento, augmentando a producção do vinho, azeite e cereaes, o que foi devido ao alargamento das fronteiras, ao desapparecimento da servidão real, á velocidade que esta industria adquiriu na epoca anterior, e á maior tranquillidade que o paiz gosou.

Augmentou egualmente a exploração e preparação do ferro e aço, nas provincias vasconga-

---

[1] D. José Amador de los Rios, *Historia Social, Politica e Religiosa de los Judios de España.* — Altamira, *obr. cit.*, vol. II, pag. 209 e seguintes. — D. Florencio Janer, *Condicion Social de los Moriscos de España.* — D. Francisco Fernandez y Gonzalez, *obr. cit.*

das, a fabricação do linho, da lã, dos lanificios e da seda, e a curtimenta.

Quanto ao commercio, embora continuassem subsistindo os inconvenientes que temos apontado—falta de communicações e segurança, exorbitancia de impostos e portagens, taxação dos preços e embaraços á circulação, a creação de novos mercados, com novos privilegios concedidos pelos reis, e a introducção das letras de cambio, alguma coisa o favoreceram.

*
* *

Já fallámos na grandeza de Toledo, durante o imperio wisigothico. Em 714, essa cidade caiu em poder dos Mouros, mas foi reconquistada, em 1085, por Affonso VI, e tornou-se tambem, desde então, a capital de Castella; assim como, depois da edade media, sob Carlos V, o foi de toda a Hespanha, até que Filippe II transferiu a sede da côrte para Madrid.

É claro que todos estes elementos deviam fazer d'essa cidade um centro economico importante.

Valladolid, a *Plintia* dos antigos e a *Bella-Ualid* dos Arabes, está muito bem situada; porque está precisamente na planicie, onde o curso superior do Douro termina pela juncção d'este rio com todos os rios orientaes da sua bacia: o Cega, o Adaja e o Pisuerga.

Teve no tempo dos Arabes grande importancia, e conservou ainda depois, em toda a edade media, um movimento economico notavel.

Leão, como já dissemos, foi quartel general de uma legião romana (*legio septima gemina*); e o seu nome vem da corrupção da palavra *legio*.

Foi a primeira cidade reconquistada pelos christãos, pois que Pelagio se apoderou d'ella, em 722. Serviu por tres seculos de residencia aos reis leonezes, e teve sempre um certo movimento economico.

Burgos gozou tambem outr'ora de grande importancia, e representou um papel famoso na historia de Hespanha.

Fundada, em 884, por Affonso III das Asturias, constituiu-se, em 920, em republica, governada por dois *juizes*. Em 930, passou para o dominio de um conde independente. Um dos seus successores transformou o condado em reino autonomo; e, por occasião da união de Castella e Leão, em 1037, Burgos tornou-se a capital de Castella-Velha. Mas, transportando Affonso VI a sua residencia para Toledo, depois da conquista d'esta cidade, Burgos começou a decrescer de importancia, e nunca mais se levantou.

Ahi se estabeleceu o mais alto tribunal commercial do reino, chamado o *Consulado*, que, no seculo XV, foi transferido para Bilbao.

Zamora, foi tomada aos Mouros por Affonso I, em 748. Almansor a reconquistou e destruiu inteiramente, em 983; Fernando, o Grande, aju-

dado do Cid, a reconquistou de novo, em 1093; e ella se conservou, depois d'isso, em poder dos christãos.

A cidade de Merida foi, segundo alguns escriptores, fundada no tempo de Augusto Cesar, e, segundo outros, já existia com differente nome, desde remotos tempos. Seja, porém, como fôr, é certo que, pelo menos, foi reedificada, augmentada ou aformoseada, no tempo d'aquelle imperador, e que do nome dos soldados que se desempenharam d'essa tarefa, em geral, mais distinctos que os outros (*emeritos*), tomou ella o nome de *Emerita Julia*, d'onde, por corrupção, proveiu o de Merida.

Tanto se desinvolveu e cresceu, e tão notavel se tornou, pelos seus monumentos, estatuas, illustração e movimento, que se appellidava *a rival de Roma*.

Tinha tambem por si o estar n'uma região feracissima, a do Guadiana, que era atravessado por uma ponte monumental, e que era então navegavel n'esse sitio. A muralha que a cercava, segundo alguns escriptores, tinha seis leguas de extensão. A sua força militar constava de dez mil cavallos e oitenta mil infantes; e iam lá bater, como já dissemos, nove estradas romanas. Foi maior que Tarragona, Cordova e Braga, que, segundo Auzonio, eram as maiores cidades da peninsula, no tempo dos Romanos.

Decaiu, depois, successivamente com os differentes revezes da conquista e reconquista. Constituida em metropolita ecclesiastica sob os chris-

tãos, viu passar, em 1109, essa dignidade para S. Thiago [1].

Mas nenhuma d'estas cidades attingiu, na segunda parte da edade media, a importancia de S. Thiago, devida ás peregrinações religiosas.

Com effeito, no principio do seculo IX, descobriu-se no campo Etelle (*campo das Estrellas*) o corpo e sepulchro de S. Thiago; e isso fez correr para ahi, durante a edade media, uma quantidade enorme de peregrinos.

Hoje, que a antiga fé desappareceu, não se póde imaginar a viveza da crença que fez de Compostella uma outra Roma, e que de França, dos Paizes-Baixos, do fundo da Allemanha e Polonia, attraía innumeras caravanas de fieis, apezar da fadiga e doenças que os dizimavam pelo caminho. É que elles acreditavam que a viagem lhes conferia uma especie de santidade, semelhante á que os Musulmanos ligam a visita de Meca; e, durante a peregrinação, nenhuma perseguição, por causa de dividas ou simples delictos, podia ser exercida contra os mesmos peregrinos.

A tal ponto chegava essa fé, que a via lactea

---

[1] Don Agustin Francisco Torner y Segarra, *Antigüedades de Merida, Metropole primitiva de la Lusitania.* — Don Gregorio Fernandez y Perez, *Hist. de las Antigüedades de Merida.* — Don Pedro Maria Plano y Garcia, *Ampliaciones a la Historia de Merida de Moreno de Vargas, Forner y Fernandez.* — Bernabé Moreno de Vargas, *Historia de la cidade de Merida.*

era considerada pela massa do povo, como sendo uma especie de reflexo maravilhoso do caminho de S. Thiago.

As offertas e riquezas de toda a ordem affluiam ao santuario. E tudo se explicava por milagre. A egreja dos Angelos, perto da cidade, no caminho de Naya, tinha sido edificada pelos anjos. E a propria egreja de S. Thiago repousava n'uma trave de ouro, que fizera parte da armação do céo [1].

*

* *

Já no segundo volume [2] fizemos vêr que, na Hespanha, os Wisigodos, embora não adoptassem a reforma monetaria de Carlos Magno, tomaram tambem, como base do seu systema, a libra, dividida em oito onças, e subdividida pela forma que lá expozemos. Fizemos vêr egualmente que a sua unidade d'ouro era o *soldo*; que de prata havia um duplo padrão — o *soldo* e o *dinario*; e que este systema preponderou até Fernando e Isabel, com differentes modificações. D'essas modificações notámos a mudança de nome, pela introducção da palavra *maravedi* ou *morabitino,* adoptada dos Mouros; e a variabilidade que os morabitinos tiveram posteriormente, no peso e no valor, por

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.,* pag. 898.

[2] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 93.

exemplo, no tempo de D. Affonso VI, em que receberam o nome de *alfonsi*, e no tempo de Fernando II, em que se cunharam os *leões* de prata, do valor de meio soldo de prata.

Em 1222, Fernando III, o Santo, introduziu os *soldos pepiones*; mas estas moedas, como os *leões* de prata, foram supprimidos por Affonso X, o Sabio, que, em 1252, cunhou os seus *maravedis blancos* ou *burgalezes*, para substituir aquelles *pepiones*.

O maravedi burgalez era egual a 15 soldos, e cada soldo era egual a 6 dinheiros. Estava na razão de 1 para 6, com respeito ao velho maravedi d'ouro, e foi tambem conhecido successivamente pelos nomes de *moneda vieja* (moeda velha), *maravedis viejos* (maravedis velhos) ou *moneda blanca* (moeda branca). Seis annos, porém, depois d'isso, Affonso X desmonetisou os seus proprios *burgalezes*, para dar logar aos seus *maravedis negros* ou *prietos*, moeda de bilhão, que durou até Fernando e Isabel.

Vinte e tres annos mais tarde, o mesmo rei fez ainda um segundo *dinheiro de prata*, que denominou *blanco segundo*, para o distinguir dos *burgalezes*, e que no commercio foi recebendo o nome de *novenes* (novos). Foi emittido n'um quarto do valor dos *prietos*.

Sob Affonso X, o Sabio, o systema monetario foi, portanto, o seguinte:

1 maravedi d'ouro = 60 maravedis burgalezes.

1 maravedi burgalez = 10 novenes.

1 novene = 10 dinheiros.

1 maravedi dos prietos = 4 novenes ou 5 soldos, de 8 dinheiros cada um.

Estes novenes ou maravedis *brancos segundos* continuaram a correr por todo seculo XIV; e, nas leis de João II, foram designados por *maravedis do nosso actual dinheiro,* sempre eguaes a $^1/_{10}$ dos maravedis burgalezes, que ultimamente eram chamados *maravedis dos bons,* por ser a moeda que tinha soffrido menor depreciação.

As addições posteriores ao systema de Affonso X foram simples.

A primeira foi a dos *coronados,* invenção do seu successor, Sancho IV, que, em 1286, os introduziu como eguaes a um velho dinheiro.

A segunda foi a das series de moedas d'ouro, iniciadas por Affonso XI, em cujo reinado (1310-1350) o movimento geral da adopção do ouro na Europa chegou tambem á Hespanha.

As primeiras moedas d'esse metal foram as *doblas* (dobras) do mesmo rei Affonso XI, conhecidas logo em seguida pelo nome de *castelhanos.* Tinham, então, o peso de 23 quilates e 3 quartos; mas esse peso variou, nos reinados subsequentes.

A terceira addição foi a do *real de prata,* que appareceu, sob Pedro I (1350-1369), mas que soffreu, n'esse reinado e nos de Henrique II (1369-1379) e João I (1379-1390), differentes alterações, até que este monarca o substituiu pelo dinheiro chamado *Agnus Dei*, conhecido ultimamente como *blancos* ou *maravedis* de *moneda blanca.*

Depois d'isso, Henrique III restabeleceu os *co-*

ronados de Affonso XI e de D. Pedro I; mas d'ahi, até Fernando e Isabel, foi enorme a variedade, depreciação e confusão de dinheiro; de forma que a desordem monetaria era a mais deploravel, quando este rei, em 1497, pôde remediar esse estado de coisas, como veremos no seguinte volume [1].

*

* *

Internamente, os commerciantes tinham contra si a falta de segurança pessoal nos caminhos, os impostos de transito e portagens e barcagens, que os reis e mesmo os nobres, os mosteiros e os bispos impunham, conforme os respectivos privilegios. É certo que os monarcas trataram de abolir alguns d'esses inconvenientes, ora policiando as estradas, com o auxilio das ordens militares e *hermandades* ou associações, ora estabelecendo feiras em logares importantes, com garantias especiaes para os mercadores.

Mas as communicações de Castella e Leão, em toda a edade media, foram sempre desgraçadas; porque, além dos caminhos serem poucos e maus, nunca desappareceu o perigo do transito e o vexame e onus das portagens. Essas communicações, foram até peiores que no reino

[1] Saw, *obr. cit.* — Gounon-Loubens, *Essais sur l'administration de la Castilla au XVIme siècle*, pag. 257 e seguintes. — Altamira, *obr. cit.*, vol. II, pag. 436 e seguintes.

d'Aragão; porque, ahi, embora a constituição do estado fosse monarchica, repousava em principios republicanos, de modo que o povo oppunha fortes barreiras á corôa e ás corporações, que não podiam lançar impostos, sem assentimento das côrtes [1].

*

* *

Temos percorrido este longo caminho da historia economica de Hespanha, durante a edade media.

Nenhum outro paiz foi mais agitado pelos accidentes sociaes; e nenhuma historia é tão complexa e variada, pelas alternativas da conquista e reconquista, pelas successivas composições e recomposições politicas da peninsula, pela formação e successão de tantos estados autonomos, e pela guerra tenaz e demorada contra a dominação dos Sarracenos. Póde dizer-se que, n'este periodo, a Hespanha foi um cadinho enorme, onde familias e civilisações differentes, raças e governos diversos, linguas, costumes e religiões variadas, referveram tumultuariamente, para crearem e depurarem a Hespanha moderna, a Hespanha valente e cavalheirosa do seculo XVI.

Alumiados, primeiramente, pela civilisação dos antigos invasores, escurecidos, depois, pelas per-

---

[1] Goury du Roslan, *obr. cit.*

turbações dos barbaros, deslumbrados mais tarde pelo progresso dos Arabes, incitados ainda pelo grande desinvolvimento dos Catalães, formando, pedra a pedra, trabalho a trabalho, a educação privativa e nacional, os Hespanhoes chegaram ao fim da edade media, com os elementos d'um grande progresso, a recoserem-lhe dentro do seio.

Estava unificada a Hespanha, pelo casamento de Fernando e Isabel, e, sequentemente, pela fusão de Aragão e Castella. Estavam terminadas as luctas civis, e apagado o antagonismo das raças e dos povos. Para destruir as barreiras que abafavam as aspirações geraes e a expansão d'aquelle progresso, apenas se carecia de braços fortes que estabelecessem a segurança do reino, quebrassem ou alargassem as malhas alfandegarias, alliviassem a nação de regulamentos vexatorios; e, cortando pelas intrigas palacianas, fizessem convergir a força do paiz para o levantamento da economia interna e da grandeza nacional.

Foi essa a obra de Isabel, a Catholica, e Fernando, de Aragão, de que fallaremos no livro seguinte.

CAPITULO VI

Os Portuguezes

Historia politica de Portugal, na edade media. — Sua situação economica. — Elementos da sua população, e suas classes sociaes. — Causas que se oppozeram, nos primeiros tempos da monarchia, ao desinvolvimento industrial e commercial, taes como as preoccupações dos primeiros reis pela independencia do reino e alargamento do territorio, e as contendas da corôa com a nobreza e clero. — Tradição que vinha dos Phenicios, Gregos, Carthaginezes, Romanos, Wisigodos e Arabes. — Medidas economicas dos primeiros reis até D. Affonso III. — Conquista do Algarve; influencia d'esse facto, e acção que o mesmo Affonso III exerceu nos destinos da patria. — Espirito fomentador de D. Diniz. — Administração de D. Fernando. — Levantamento do reino, sob D. João I. — Estado economico do paiz, durante os reinados seguintes, até D. João II. — Productos. — Industria. — Commercio. — Centros principaes. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

O territorio continental, actualmente occupado pela nação portugueza, tinha sido povoado, como o resto da peninsula, pelos Iberos, Celtas, Celtiberos, Phenicios, Gregos, Carthaginezes, Romanos e em seguida, pelos barbaros, especialmente os Wisigodos, e pelos Arabes[1]; quando, vindo parar, em grande parte, ás mãos de Af-

---

[1] Pag. 232 e seguintes d'este volume.

fonso VI, de Leão e Castella, este, em 1094 ou 1095, deu a D. Henrique de Borgonha, casado com uma sua filha illegitima, D. Thereza, o governo do condado de Portugal.

Constava este condado sómente da antiga provincia de Entre Douro e Minho, que, além do territorio collocado entre esses dois rios, abrangia tambem, a nascente, uma parte da actual provincia de Traz-os-Montes. Mas D. Affonso VI não tardou em juntar-lhe o governo de todo o territorio, desde o Mondego ao Tejo, comprehendendo os districtos de Coimbra e Santarem.

Governou D. Henrique, sob a suzerania do rei de Castella e Leão. Mas a sua ambição de se tornar independente e alargar as fronteiras, fel-o entrar nas intrigas que se agitaram em volta do throno de D. Affonso VI, e que trouxeram revolta a successão d'este monarca. Por isso, D. Henrique ora tomou o partido da filha de D. Affonso — D. Urraca, a quem o pae legara o throno, ora dos varões revoltados contra ella, ora de D. Affonso I, o Batalhador, rei de Aragão, com quem a mesma D. Urraca se casara em segundas nupcias, e que, afinal, tambem a guerreara.

Nem por isso D. Henrique obteve o augmento do reino que desejava; antes, dando logar a que os Mouros lhe invadissem a fronteira e conquistassem varias terras, como Lisboa e Santarem, foi surprehendido pela morte, em 1114, no meio d'essas luctas.

Deixou apenas um filho, D. Affonso, que tinha dois para tres annos de edade; e, por isso,

ficou governando o condado, como regente, a viuva D. Thereza, a quem, segundo o costume de Leão e Castella, desde D. Fernando Magno, com respeito ás filhas dos reis que senhoreavam algum terreno, se deu o nome de rainha ou infanta rainha.

Não menos ambiciosa que seu marido, egualmente porfiou pela dilatação do territorio e independencia do reino. E, contendendo assim com sua irmã D. Urraca, e sempre ameaçada pelos Mouros, passou em luctas successivas os primeiros annos do seu reinado.

N'essas luctas, avigorava-se o espirito da nacionalidade portugueza e radicava-se em todos os animos o desejo da independencia da patria. Mas, por fim, a rainha deixou-se dominar pelos amores de um fidalgo gallego, Fernando Peres, conde de Trava; e esse facto deu logar a que os nobres se revoltassem contra ella, erigindo por seu chefe ao moço principe D. Affonso Henriques, que revelava tanta energia como seu pae e uma firmeza notavel em tão verdes annos.

D. Affonso Henriques, tomando conta do governo, em 1127, logo no anno seguinte expulsou D. Thereza e D. Fernando Peres do condado de Portugal; e tratou depois de se tornar independente de Castella e de alargar o seu territorio. E essa preoccupação o dominou durante a vida inteira.

Com effeito, havendo consumido os nove primeiros annos em excursões pela Galliza, e tendo, após de varios accidentes guerreiros, der-

rotado seu primo Affonso VII, rei de Castella e Leão, na batalha dos Arcos de Val de Vez, em 1140, pôde, depois, declarando-se feudatario de Astorga, de que o mesmo seu primo era suzerano, e tributario da Santa Sé, com quatro onças d'ouro por anno, conseguir d'elle, em 1143, o titulo de rei e a independencia do reino [1]. Lançando-se então definitivamente na guerra contra os Mouros, tomou-lhes Santarem e Lisboa, e alargou o territorio até ás planicies do Alemtejo, onde os limites ficaram vacillantes, por causa das luctas continuadas com os Sarracenos.

A actividade e energia d'este rei não sossobraram com a edade. Pelo contrario, ainda depois da conquista do Alemtejo, entrou em novas luctas com Fernando II de Leão, que succedera a Affonso VII; e, tendo o novo soberano da Hespanha Arabe — o emir almohade Yusuf-Abu-Yacub, invadido o territorio portuguez, com um poderoso exercito, e cercado em Santarem o infante D. Sancho, Affonso Henriques, reunindo quantas forças lhe foi possivel, derrotou completamente o inimigo, obrigando-o a levantar o cerco e a fazer uma paz vergonhosa.

No meio d'essas preoccupações guerreiras e conquistadoras do seu reinado, não desprezou

[1] Esse censo annual teve ainda de ser elevado, em 1179, a dois marcos, com uma dadiva avulsa de cem morabitinos, para que o papa Alexandre III concedesse tambem a Affonso Henriques o mesmo titulo de rei e a confirmação da independencia do reino.

de todo a economia interna, como veremos; e, organisando em bases solidas o poder real, ao mesmo tempo que estabelecia a successão do reino, tornou inabalaveis os fundamentos do throno. Falleceu, em 1185.

Seu filho e successor, D. Sancho I (1185-1212), tratou de consolidar as conquistas e povoar as terras que seu pae adquirira. N'este sentido, começou logo por conceder foraes a differentes concelhos, para que, á sombra da liberdade municipal, se fossem desinvolvendo as povoações; e outorgou muitos privilegios ás ordens militares, para que protegessem com seus castellos a agricultura e a segurança dos lavradores, e contribuissem, d'esse modo, para a prosperidade nacional. Tratou egualmente de edificar e povoar cidades e de chamar colonos estrangeiros.

Embora D. Sancho tivesse mostrado, a principio, que herdara a energia de D. Affonso Henriques, na tenacidade com que defendeu dos Mouros as conquistas de seu pae, depois, dedicando-se, principalmente, á organisação pacifica do estado, tomou pequena parte nas luctas que se travaram na peninsula entre os proprios christãos ou entre os christãos e os Mouros. Mas, defendeu tenazmente o poder real, que representava a sociedade civil, contra as pretensões dominadoras do clero e da curia romana. De modo que, segundo diz Pinheiro Chagas, «se D. Affonso I conquistara territorios, D. Sancho povoara-os; se D. Affonso Henriques isentara Portugal da suze-

rania de Leão, D. Sancho I luctou para o isentar da tutela pontificia e do dominio clerical. Os governos dos primeiros reis completaram-se mutuamente.»

Succedeu-lhe D. Affonso II (1211-1223).

D. Sancho I, segundo o costume do tempo, fizera ás filhas importantes doações territoriaes. Mas o seu successor, cioso da integridade do reino, empregou energicos esforços, para lhes arrancar esses bens; e d'ahi nasceram violentas discordias, em que intervieram o rei de Leão, Affonso IX, e a curia romana, em favor das infantas, contra D. Affonso II. A final, foi este que triumphou.

Ao mesmo tempo, estabeleceu o principio de que todas as doações feitas pelo rei só obrigavam os seus successores, quando estes as confirmavam, obstando assim a que o feudalismo se fundasse em Portugal. E, ao passo que tratou de cohibir os abusos da nobreza, conteve tambem os excessos do clero.

N'estas contendas politicas, se consumiu o reinado de D. Affonso II, impedindo-o de prestar attenção á guerra contra os Mouros. Ainda assim, foi no seu tempo que, pelo auxilio dos cruzados do norte, se tomou Alcacer do Sal, e que Portugal contribuiu importantemente para a batalha das Navas de Tolosa (1212), de que já fallamos [1].

Succedeu-lhe D. Sancho II, ainda de menoridade (1223-1248).

---

[1] Pag. 295 d'este volume.

Tratou de supprimir as discordias com o clero e com as irmãs. Por isso, as tias do rei, desapossadas das doações que D. Sancho I lhes fizera, recobraram as suas villas e terrenos, e o clero e nobreza retomaram os seus privilegios.

Depois, dedicou todo o seu tempo e forças á administração do estado, visitando varias terras do reino. E, tendo herdado o genio bellicoso de D. Affonso Henriques, deu provas de uma rara bravura, em varias expedições contra os Sarracenos, vencendo-os em differentes batalhas, e ampliando a fronteira portugueza, por forma que do territorio que constitue o moderno Portugal, deixara sómente o Algarve em poder dos Sarracenos.

Entretanto, não cessavam os tumultos internos. Os excessos da nobreza, que nem respeitava as prerogativas reaes, nem as garantias dos municipios, nem as isenções ecclesiasticas, trouxeram a desordem social; e D. Sancho II, que tanta energia mostrara, para debellar os inimigos externos, perdeu-a, para estabelecer a tranquillidade interior e cohibir semelhantes abusos. Pelo contrario, casando com D. Mécia Lopes de Haro e abandonando nos braços d'ella os cuidados do reino, mais concorreu para aquella desordem.

Por isso, n'uma conspiração dos nobres e prelados, foi deposto pelo papa Innocencio IV, e substituido por D. Affonso III, seu irmão.

Este rei (1248-1279), por desavenças com D. Sancho II, tinha-se ausentado de Portugal, em

1229, e, estabelecendo-se em França, ahi casara com a condessa Mathilde de Bolonha.

Trouxera, portanto, d'esse paiz uma maior cultura e uma grande intuição economica, que o fez olhar com attenção para o desinvolvimento do commercio e riqueza nacional. E, ao mesmo tempo, o seu espirito, forte e vigoroso, fez levantar o poder real, tão depreciado no reinado anterior, e tão necessario então para as grandes emprezas.

Embora subido ao throno pelo auxilio do clero e da nobreza, engodados com as promessas de subserviencia que elle fizera, logo mostrou que punha acima de tudo o prestigio do seu poder e a grandeza do seu reino. Cerceando por isso os privilegios das duas classes, entrou em lucta com ellas, amparando-se no povo, a ponto de chamar tambem ás côrtes os representantes dos municipios, anteriormente excluidos d'ellas.

Depois conquistou o Algarve, alargando assim até o mar as fronteiras meridionaes do reino.

A lucta com o clero tornou-se ainda mais accesa no fim do seu reinado, a ponto da curia romana o excommungar. Mas, no meio de todas essas contendas, cuidou sempre assiduamente do movimento economico do paiz.

Seu filho D. Diniz (1279-1325), que lhe succedeu, encontrou o terreno preparado, para fazer fructificar a semente da agricultura, do commercio e da industria. E para isso, além de ter sido educado por aios nacionaes competentissimos e ensinado por abalisados professores francezes, e

além de ter adquirido uma instrucção superior á dos principes do seu tempo, gozando assim dos predicados necessarios para essa empreza, encontrou na rainha Santa Isabel um auxiliar poderoso.

Apezar dos dissabores domesticos que alancearam o principio do seu reinado, pelas discordias com a mãe e com o irmão D. Affonso Sanches, e apezar da guerra que, nos ultimos tempos, teve com o proprio filho D. Affonso IV, a energia e illustração de D. Diniz suppriram activamente as necessidades da nação.

Cortou os excessos da nobreza; e, mandando inquirir das terras que os nobres possuiam, obrigou-os a restituirem á corôa muitas que tinham apprehendido abusivamente.

Reprimiu tambem os excessos da classe sacerdotal; estabeleceu a desamortisação de muitos bens ecclesiasticos; restringiu a acquisição de novas propriedades pelo clero. E, ainda n'esse ponto, mostrou um espirito superior; porque, tendo sido extincta, em 1311, a ordem dos Templarios, que dispunha de avultados bens immobiliarios no nosso paiz, em vez de os incorporar na corôa ou de os entregar ao papa Clemente V, que se queria apoderar d'elles, creou, em 1319, a ordem de Christo, afim de lh'o doar, como doou.

Desinvolveu muito a agricultura, tanto que mereceu o cognome de *Lavrador;* sendo n'isso muito auxiliado pela rainha D. Isabel. Cuidou da exploração mineira. Deu largas á actividade popular.

Olhou muito pela fortificação e embellezamento das cidades. Esmerou-se em desinvolver o commercio e a marinha, fazendo até vir de Genova officiaes experimentados, a quem entregou o commando dos navios, e nomeando por almirante um d'esses officiaes, Micer Manoel Pesagno[1]. Finalmente, em 1290, fundou em Lisboa a universidade, que, em 1307, transferiu para Coimbra, fundação essa que representa um dos maiores serviços que este rei prestou a Portugal.

Seu filho, D. Affonso IV (1325-1354) passou os primeiros tempos do reinado em guerra com o irmão bastardo Affonso Sanches. Teve tambem com o proprio rei de Castella, seu genro, Affonso XI, uma outra guerra, que durou, desde 1334 a 1338, e que, foi cruel e devastadora; mas não obstou isso a que D. Affonso IV concorresse pessoalmente á batalha do Salado (1340), em que o poder musulmano ficou tão abatido, que não pôde mais levantar-se, e em que Portugal se cobriu de gloria.

Tendo manchado os ultimos annos do seu reinado com a morte de D. Ignez, de quem o principe D. Pedro tinha filhos, originou-se d'ahi a guerra civil entre ambos, que trouxe revoltos os ultimos tempos da sua vida.

Esse principe D. Pedro I (1357-1367) subiu ao throno, com a immensa magoa da morte de D. Ignez e com o odio mortal contra os assas-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 314.

sinos. Os primeiros tempos do seu reinado passou-os, na homenagem da sua saudade para com a amante, que fez sagrar rainha, depois de morta, e na preoccupação da sua vingança, até que pôde alcançar e castigar os assassinos.

Depois, pôde conservar o reino isento de luctas e de guerras; e, reprimindo os desmandos do clero e dos nobres, levantou a justiça e manteve a ordem publica. N'esse sentido, uma das medidas mais importantes foi a instituição do *beneplacito regio,* pelo qual se não podiam publicar letras ou rescriptos pontificios, sem a approvação real.

Tinha de seguir-se com seu filho D. Fernando I (1367-1383) uma epoca desastrosa para Portugal. Ambicioso e fraco, apenas cingiu a corôa, levantou, por morte de D. Pedro de Castella, o Cru ou Cruel, pretensões á corôa d'este reino, que o lançaram n'uma guerra desastrosa com Henrique de Trastamara, (Henrique II, de Castella), desde 1369 a 1371, em que se desbarataram sem conta os recursos do paiz.

Feita a paz e combinado o casamento de D. Fernando com a filha do mesmo Henrique II, o rei portuguez faltou a esse compromisso, e foi casar com D. Leonor Telles, mulher de um fidalgo do reino, D. Lourenço da Cunha, tendo para isso obtido que elle se divorciasse. E esse casamento, ao passo que trouxe o descontentamento e sublevação dos nobres, concorreu para que rebentasse nova guerra com Hespanha. Esta guerra suspendeu-se, pela paz de 1373; mas tornou a

atear-se, em 1378, para acabar definitivamente, em 1383, pelo casamento do rei de Castella, que já então era D. João I, com D. Beatriz, filha unica de D. Fernando.

E, como se não bastassem tantas desordens, a inveja e maus instinctos da rainha D. Leonor trouxeram a côrte n'uma serie permanente de intrigas e dissabores.

No emtanto, esse rei, fraco e inconstante, desinvolveu muito a agricultura, a industria, o commercio e a marinha, como veremos: e promulgou medidas energicas, para reprimir os excessos dos poderosos e terminar o costume abusivo dos maiores culpados fugirem á acção da justiça, refugiando-se na casa dos nobres. De modo que, a par de tanta fraqueza, mostrou eminentes qualidades governativas.

Por morte de D. Fernando, ficara regente do reino a viuva D. Leonor Telles, que, já em vida do marido, tomara por amante um fidalgo castelhano João Fernandes Andeiro, conde de Ourem, mais conhecido por conde Andeiro. Mas, D. João, o mestre de Aviz, tendo o povo por si, apunhalou esse conde; expulsou a rainha; e, entrando em campanha com D. João I, de Castella, que pretendia a corôa portugueza, desbaratou, completamente, por fim, o exercito hespanhol, na celebre e decisiva batalha de Aljubarrota (1385) [1]. Embora a guerra se protellasse por

---

[1] Pag. 299 d'este volume.

mais annos, ficou então novamente assegurada a independencia de Portugal e garantida a corôa de D. João I.

Começa aqui o periodo aureo da historia portugueza.

D. João I (1383-1433), devendo o throno ao povo, dispensou-lhe tambem a protecção da corôa, reunindo côrtes, muitas vezes, reprimindo os excessos dos nobres e os abusos do clero, e mantendo-se continuadamente em boa harmonia com o braço popular.

Casando com D. Filippa de Lencastre, filha do duque de Lencastre, senhora das mais altas qualidades, fez do paço um modêlo de educação e uma escola de virtudes civicas e domesticas, que tanta influencia teve na educação dos seus filhos, e portanto nos destinos de Portugal. Introduziu o direito romano, como subsidiario das nossas leis, quando fosse conforme a boa razão; e d'ahi proveiu uma nova garantia da propriedade e dos contractos.

Finalmente, foi elle que abriu a era das nossas conquistas e descobrimentos, pela tomada de Ceuta.

Essa tomada animou tanto os portuguezes que, tendo o infante D. Henrique, depois d'isso, vindo estabelecer-se em Sagres, onde fundou, mais tarde, uma escola para estudos de nautica e cartographia, e d'onde mandava todos os annos alguns navios para o sul, a fim de explorarem as costas africanas, em 1418, Gonçalves Zarco e Tristão Vaz arribaram á ilha de

Porto Santo, e, em 1419, á ilha da Madeira. Em 1422, dobrou-se o cabo Não, primeiro obstaculo, que, segundo a lenda, se oppunha ao arrojo dos navegantes. E, em 1432, Gonçalo Velho Cabral, navegando para o oeste, arribou á ilha de Santa Maria.

A D. João I succedeu o filho D. Duarte (1433-1438).

Houve no seu tempo differentes calamidades, que tornaram o seu reinado infeliz.

Primeiramente, desde o principio até ao fim do seu governo, grassou no reino uma terrivel peste, que dizimou a população e atrofiou o movimento economico.

Em segundo logar, seus irmãos D. Henrique e D. Fernando, solicitaram permissão de emprehenderem a conquista de Tanger (1437); e, tendo o rei consentido, embora com repugnancia, essa expedição foi desastrosa. O exercito portuguez, que fôra sitiar aquella cidade, só conseguiu salvar-se, promettendo entregar Ceuta, e ficando D. Fernando em refens; mas, não se tendo realisado a entrega de Ceuta, mesmo por conselho do proprio infante, elle morreu martyrisado entre os Mouros.

Não obstante essas calamidades, foi n'este reinado que se deu o passo decisivo na serie dos descobrimentos; porque, se, em 1422, fôra dobrado o cabo Não, que era a primeira balisa imposta pelos terrores legendarios á audacia dos navegantes, em 1434, Gil Ennes, dobrou o cabo Bojador, obstaculo bem mais terrivel; e, em 1436,

Affonso Gonçalves Baldaia descobriu o rio do Ouro.

A D. Duarte succedeu o filho D. Affonso V, ainda de menoridade (1438-1481). O pae tinha escolhido para regente a rainha D. Leonor; mas os procuradores do povo, descontentes com o governo d'ella, substituiram-na pelo infante D. Pedro, outro irmão do rei fallecido.

D. Pedro fez uma regencia brilhantissima, estabelecendo a ordem, regulando a justiça, fomentando o desinvolvimento economico do paiz. Mas, por intrigas da rainha e dos seus sequazes, despertou a má vontade de D. Affonso V, e foi morto por este na batalha de Alfarrobeira (1449).

O novo rei começou, d'este modo, o seu reinado por um crime, e seguiu, depois, na vereda aventurosa dos antigos cavalleiros.

Não pensava senão em cruzadas; e, não tendo já na Europa quem o acompanhasse a libertar Jerusalem ou a reconquistar Constantinopla, por ter passado o periodo de taes expedições, voltou as vistas para a Africa, onde praticou façanhas notaveis, que lhe deram o epitheto de *Africano*. Ahi tomou aos Mouros, em 1457, Alcacer Ceguer; em 24 de agosto de 1472, Arzilla; e, quatro dias depois, Tanger entregou-se-lhe sem resistencia.

Aspirando á corôa de Hespanha, casou com sua sobrinha, D. Joanna, filha de D. Henrique IV, de Castella, a quem D. Isabel, irmã do fallecido rei e mulher de D. Fernando de Aragão, disputou a corôa.

Lançando-se assim nas discordias do reino visinho, D. Affonso v, arrastou Portugal a uma guerra, pouco feliz, que terminou, em 1476, com a batalha de Toro, de funestas consequencias para os Portuguezes.

Vendo então o mau resultado dos seus esforços, resolveu ir á França pedir o auxilio de Luiz xi e de Carlos o Temerario. E, porque lhe falhou esse auxilio, resolveu tambem partir para a Terra Santa, abdicando em seu filho D. João.

Sempre inconstante, não tardou a arrepender-se; e, pouco depois, appareceu novamente em Portugal, retomando as redeas do governo, que o filho lhe entregou, de boa mente.

No seu reinado, continuaram os descobrimentos dos Portuguezes. Assim, em 1441, Nuno Tristão descobriu o cabo Branco. Em 1443, o mesmo Nuno Tristão descobriu as ilhas de Arguim; e, em 1445, visitou a Senegambia. Em 1446, Diniz Dias e Alvaro Fernandes exploraram tambem toda a costa da Senegambia, e avistaram a Serra Leôa. Desde 1446 a 1460, Diogo Gomes, Luiz Cadamosto, veneziano, e Antonio de Nolla, genovez, mas ambos elles ao serviço de Portugal, descobriram as ilhas de Cabo Verde e exploraram minuciosamente os rios e portos da costa africana, já descoberta.

Em 1470, Fernão Gomes, João de Santarem e Pedro Escobar descobriram as costas de Mina e as de Benin, Calabar e Gabão, bem como as ilhas de S. Thomé e Principe. N'esse mesmo

anno, descobriu Fernando Pó a ilha que tem o seu nome, e a de Anno Bom.

A D. Affonso V succedeu D. João II, um dos maiores reis que teve Portugal (1481-1498).

Levantou a classe popular; e, apoiado n'ella, abateu a nobreza; desinvolveu a economia e riqueza da nação; e continuou com a maior solicitude os descobrimentos ultramarinos. Foi no seu tempo que Bartholomeu Dias, em 1487, dobrou o cabo da Boa Esperança, e que se preparou a expedição para a descoberta do caminho das Indias. D. João II não chegou a vêr partir essa expedição, cuja gloria estava reservada para D. Manoel, o Venturoso; mas áquella sua iniciativa e organisação cabe a principal honra de semelhante empreza.

No reinado de D. João II, o progresso interior correspondeu á gloria das descobertas e expedições ultramarinas. Desinvolveu-se a riqueza publica, e a agricultura, a industria e o commercio prosperaram; concorrendo muito para isso a vinda dos Judeus, que tinham sido expulsos de Hespanha por Isabel, a Catholica, e que D. João admittiu no reino.

Fechamos aqui este ligeiro esbôço politico. No reinado de D. João II, que preparou a grandeza de D. Manoel, começou a deslumbrar-se o mundo inteiro com o resplendor enorme da nossa gloria. Mas esse reinado prende-se tão intimamente na epoca moderna, que, para não ultrapassarmos agora os limites da edade media, re-

servamos para o seguinte volume o resto da sua historia [1].

*

* *

Portugal, situado entre a latitude norte de 36°59′ e 42°8′, e entre 8°35′ e 11°53′ da longitude occidental, pelo meridiano de Paris, ou 6°15′ e 9°32′ de longitude occidental, pelo meridiano de Greenwich, ou 0°21′ de longitude occidental e 3°0′ de longitude oriental, pelo meridiano de Lisboa, assentado á beira mar, com uma extensão de costas de 793 e uma superficie de 89:625^{k2}, tem no seu aspecto duas regiões differentes: a plana, ao sul e poente, e a montanhosa, a norte e nascente.

O seu clima é temperado; mas varía, conforme as differenças de latitude, até se approximar do clima quente, nas costas do sul, provincia do Algarve. Essas differenças, essa graduação successiva de temperatura, a diversidade de aspectos, a extensão de costas e o relevo das montanhas, dão-lhe uma capacidade productiva complexa,

---

[1] Alexandre Herculano, *Historia de Portugal.* — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal.* — Henrique Schœffer, *Historia de Portugal* (traducção portugueza). — Torres Mascarenhas, *Compendio da Historia de Portugal.* — *Historia de Portugal,* por Antonio Ennes, Bernardino Pinheiro, Eduardo Vidal, Gervasio Lobato, Luciano Cordeiro e Pinheiro Chagas. — Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Historia do Governo e Legislação de Portugal.*

desde os productos maritimos até os generos agricolas da planura e pastos das montanhas: capacidade essa que, naturalmente, devia determinar, desde logo, a direcção dos seus habitantes para a agricultura, para a pesca e para a navegação.

Mas os primeiros tempos foram perturbados pela constituição e alargamento da monarchia, pelas guerras com os Mouros e pela centralisação do poder real. Demais a mais, só tarde se levantou o braço popular; e a rivalidade reciproca das differentes classes em que estava dividida a população portugueza, bem como a oppressão dos mais fortes sobre os mais fracos, perturbava a harmonia dos esforços, e, portanto, a acção homogenea para o desinvolvimento economico do reino.

Com effeito, a nação portugueza constava, n'essa epoca, dos seguintes elementos:

1.º Os mosarabes, isto é, a população christã ou descendente dos Hispano-Godos, modificada pelo influxo da civilisação e sangue sarraceno, e constituindo o povo ou a massa geral dos habitantes.

2.º Os christãos, descendentes dos antigos companheiros de Pelagio, que nunca se sujeitaram á auctoridade dos Arabes, e constituiam o nucleo da nobreza.

3.º Os Mouros ou Sarracenos, povos que tinham abraçado o islamismo ao norte da Africa, e se tinham associado e confundido com os Arabes, seus vencedores; mas que ficaram vivendo nas

terras conquistadas pelos christãos, em bairros proprios (*mourarias*), d'onde só podiam saír com certas restricções.

4.º Os Judeus: população, embora activa e trabalhadora, odiada e perseguida, geralmente, mas, que gozava em Portugal de certa protecção, n'esta epoca, e vivia tambem em bairros determinados (*judiarias*), onde lhe era permittido o exercicio do respectivo culto.

5.º Os colonos vindos do norte, que tinham ficado em Portugal, por occasião das diversas cruzadas, ou que tinham sido chamados por alguns dos monarcas.

A população, assim composta, dividia-se em duas classes, completamente separadas: a dos homens livres ou *ingenuos* e a dos escravos.

A classe formada pelos homens livres ainda se subdividia em clero, nobreza e povo. Os escravos, posto que fossem considerados como coisas e não pessoas, já se não encontravam na mesma desgraçada situação das epocas mais remotas, devido, principalmente, á influencia do christianismo e da conquista wisigothica.

O clero comprehendia os altos dignitarios da egreja — bispos, conegos, e parochos ou curas, os simples sacerdotes (clero secular), e os que viviam em communidade nos conventos (clero regular).

A nobreza compunha-se dos *ricos homens*, que constituiam a primeira ordem. Eram os mais poderosos d'esta classe, porque á fidalguia do nascimento reuniam a auctoridade e prestigio dos cargos publicos mais elevados.

Seguiam-se os *infanções,* que eram os nobres de raça, não revestidos da magistratura civil ou militar. Na consideração social, ficavam abaixo dos ricos homens, e acima dos cavalleiros.

Vinha depois esta classe, a dos cavalleiros, isto é, os membros d'essa especie de confraria militar da edade media, a que se deu a designação de *cavallaria,* que assentava os seus principios fundamentaes no culto fervoroso da lealdade, da abnegação e dos mais puros affectos, com sacrificio da propria vida [1].

Immediatamente, abaixo dos cavalleiros, havia os *escudeiros,* nobres de pouca riqueza, que, para se distinguirem dos *cavalleiros villãos,* tinham o direito de usar d'um escudo, onde se achavam pintados os seus brazões.

O clero era tambem considerado como parte das classes nobres e superiores.

O povo comprehendia os *cavalleiros villãos,* os *peões* e ainda outras classes infimas, sem denominação especial.

Os *cavalleiros villãos* (*afosseirados ou herdadores*) eram os proprietarios que não tinham nobreza, mas que estavam isentos de todos os tributos, e sómente eram obrigados ao serviço militar a cavallo, a que se dava o nome de *fossado.*

Este encargo consistia n'uma incursão armada pelas terras dos Musulmanos, com o fim de talar ou colher os fructos que os inimigos tinham

---

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 41 e seguintes.

cultivado. Por isso mesmo, os que possuiam as propriedades afosseiradas, deviam estar promptos, ordinariamente, na primavera, para qualquer expedição militar, que não excedia algumas semanas. E havia terras onde a obrigação do serviço pessoal do *fossado* se achava convertida n'uma contribuição fixa, em generos ou em dinheiro, a que se dava o nome de *fossadeira*.

Os peões estavam sujeitos á *anúduva*, que consistia em trabalhar gratuitamente na construcção dos castellos e dos edificios do estado [1], e dividiam-se em *jugadeiros*, *reguengueiros*, *S. Joanneiros* e *cabaneiros*.

Os jugadeiros eram os antigos servos da gleba, que se tinham emancipado com o progresso dos costumes. Pagavam um tributo fixo — a *jugada*, que lhes dava direito a cultivarem a terra que possuiam.

Os reguengueiros estavam tambem adscriptos á respectiva propriedade; mas ficavam completamente ao arbitrio dos officiaes da corôa, e podiam ser expulsos d'ella.

Os S. Joanneiros eram simples arrendatarios das terras; e chamaram-se assim, porque pagavam as rendas pelo S. João.

Finalmente, os cabaneiros eram verdadeiros

---

[1] Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, vol. III. — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. I. — Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*. — Torres de Mascarenhas, *Resumo da Historia de Portugal*.

proletarios ou simples trabalhadores, que a lei olhava com desprezo.

Todas estas classes populares, até Affonso III, não tiveram representação no parlamento [1]; mas, a par das terras pertencentes á corôa ou aos membros do clero e aos ricos homens, foram constituindo os *concelhos,* onde o povo luctava contra o despotismo dos poderosos, e pugnava pelos proprios foros, regalias e dignidade.

Ao lado d'estas classes sociaes, havia as ordens monasticas militares, cujos membros, chamados *freires militares,* pertenciam tambem á nobreza.

Nascidas na Palestina, por occasião das cruzadas, essas instituições promptamente se espalharam por toda a Europa e depressa se radicaram na peninsula hispanica. O seu ideal era combater os inimigos do christianismo.

Em Portugal ajudaram tambem a alargar e defender as fronteiras do reino, e, já no principio da monarchia, se tinham estabelecido as seguintes:

A ordem dos Templarios, cujo nome se derivava do templo de Salomão.

---

[1] Como já dissemos, D. Affonso III foi o primeiro rei que admittiu o elemento popular a fazer parte das côrtes, que, antes d'isso, se chamavam *curias* ou *ajuntamentos.* Essas côrtes, regra geral, não tinham poder legislativo. Representavam e supplicavam ao rei a promulgação ou revogação de certas medidas. — Gama Barros, *obr. cit.,* vol. I, pag. 537 e seguintes.

A dos Hospitaleiros, ou cavalleiros do Hospital ou de S. João de Jerusalem, que veiu depois d'aquella outra dos Templarios, no fim do governo de D. Thereza ou principios do reinado de D. Affonso Henriques.

A ordem de Evora, fundada pelo proprio D. Affonso Henriques, que teve a sua primeira séde em Evora, d'onde passou para Aviz, sendo então conhecida por este mesmo nome de *ordem d'Aviz*. Pouco depois da sua fundação, submetteu-se ao grão-mestre de Calatrava, e ficou sendo a succursal portugueza d'essa ordem, que tão celebrada foi na Hespanha.

A ordem de S. Thiago da Espada, hespanhola de origem, que se introduziu em Portugal, tambem no tempo de D. Affonso Henriques. Os seus freires eram conhecidos egualmente por *freires de Palmella.*

Estas ordens, que tanto auxiliaram a emancipação do reino, receberam logo dos primeiros reis amplas doações. E, não se contentando em concorrer, pela conquista, para o alargamento do territorio, augmentaram-no, egualmente, pela fundação de villas; e auxiliaram o seu desinvolvimento, pelo arroteamento de terrenos incultos e povoação de sitios desertos [1].

Ora esta serie de classes sociaes, pela sua rivalidade e separação, e pela preponderancia de

---

[1] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. I, cap. XIII. — João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, vol. II, pag. 11 e seguintes.

umas sobre as outras, não podia deixar de prejudicar o movimento economico.

Para que podessem trabalhar harmonicamente, e, portanto, com melhor proveito da nação, era preciso que o rei fosse cortando os abusos e apagando as desegualdades, e se impozesse por sua auctoridade, de forma a determinar a rotação uniforme das forças vivas do estado. E, como veremos, não pôde realisar-se de um jacto semelhante empreza.

Por isso mesmo, e pela congregação de todas as causas que ficam apontadas — a guerra com os Mouros, a lucta pela independencia, o alargamento do reino, e o esforço da realeza pela centralisação do poder real, não podia deixar de caminhar vagarosamente, n'estes primeiros tempos da monarchia, o desinvolvimento economico de Portugal.

Assim, relativamente á expulsão dos Mouros, já vimos que pertinazes e demorados esforços foi preciso empregar, para a conseguir.

Pelo que respeita á independencia do reino, vimos egualmente como essa aspiração já preoccupou o governo do conde D. Henrique e D. Thereza, até que D. Affonso Henriques a realisou.

Pelo que toca ao alargamento do territorio, ao primitivo condado de Portugal, que abrangia apenas a antiga provincia de Entre Douro e Minho, com uma parte da provincia de Traz-os-Montes, D. Henrique não tardou a juntar-lhe o condado de Coimbra, no qual se comprehendia o terreno,

desde o Douro até ás proximidades de Leiria. Depois, D. Affonso Henriques alargou o territorio até ás planicies do Alemtejo, sendo por esse lado vacillantes os limites, em consequencia da lucta com os Mouros. Em 1162, Fernando Gonçalves tomou Beja. Em 1166, Geraldo Sem Pavor apossou-se de Evora. E, se depois d'isso, D. Sancho I não alargou o territorio, já D. Affonso II tomou Alcacer do Sal; e D. Sancho II ampliou tanto as fronteiras, que, tomando Elvas, Aljustrel, Tavira e Cacella, só deixou aos Mouros uma porção do Algarve, até que D. Affonso III os expulsou definitivamente de lá.

Finalmente, quanto á centralisação do poder real, como aconteceu geralmente na Europa, a monarchia teve de travar, tambem em Portugal, uma lucta renhida contra a nobreza e clero, para assegurar a preponderancia real.

Nos primeiros tempos, ainda aquellas duas classes dominavam a sociedade e preponderavam mesmo sobre a corôa; porque, acima de tudo, estava a aspiração da autonomia do reino e o alargamento do territorio; e isso contribuia, para que a monarchia se collocasse na dependencia do clero e nobreza, de cujo auxilio tanto carecia. Mas, quando se foi radicando a independencia, e se foi quebrantando o dominio dos Mouros, era natural que a realeza tentasse robustecer o seu poder, tão enfraquecido como estava, pelas enormes prerogativas e abusos d'essas classes, e pelos privilegios e concessões que os proprios reis tinham sido obrigados a conceder-lhes.

*
* *

Entre as prerogativas das duas classes privilegiadas, nenhumas eram tão importantes como a posse dos *coutos, honras* e *behetrias,* instituições que se correspondiam na sua essencia, e vinham a ser as terras doadas aos nobres ou alto clero, onde sómente os senhorios donatarios tinham o direito de receber impostos e decidir, por si ou por juizes da sua jurisdicção civil ou criminal, e sem recurso, as questões que lá se ventillassem, e com isenção de tributos reaes [1].

---

[1] As terras privilegiadas, pela forma que se diz no texto, pertencentes a concelhos, dioceses, egrejas ou mosteiros, chamavam-se *coutos.* As pertencentes aos nobres, eram geralmente chamadas *honras;* mas denominavam-se tambem com frequencia pelo nome geral de *coutos.* As *honras* eram instituidas, muitas vezes, embora illegalmente, pelos proprios bispos, nobres ou mosteiros. Tanto os coutos como as honras eram hereditarias na familia do senhor, e n'isso se distinguiam das *behetrias* ou *behatrias,* que eram logares egualmente privilegiados, mas que podiam mudar de senhor. — José Anastacio de Figueiredo, Memoria 4.ª no vol. I das *Memorias da Academia Real das Sciencias.* — Gama Barros, *obr. cit.,* vol. I. — Alberto Sampaio, *As Villas do Norte de Portugal.* Além dos *coutos da nobreza,* havia tambem os *coutos dos homoziados,* que vinham a ser logares, onde os reis, no desejo de os povoarem, permittiam que se refugiasse da justiça um certo numero de criminosos. — Gama Barros, *obr. cit.,* vol. II, pag. 245 e seguintes.

Não contentes com as concessões da realeza, os nobres, e por consequencia o alto clero, foram ampliando abusivamente os seus coutos e honras e avocando a si novos e abusivos privilegios; de tal modo que já D. Thereza e o conde D. Henrique, apezar da sua dependencia da nobreza, que os servia na guerra, tiveram de decretar *inquirições* parciaes, para conhecerem todos esses abusos e poderem reprimil-os.

D. Affonso Henriques, levantado nos escudos dos nobres, desde o começo do seu governo, e em continua camaradagem com elles, durante as luctas do seu reinado, não tentou reduzir, antes augmentou consideravelmente as doações. Nem tambem precisava tanto como os seus successores de coarctar aquellas prerogativas; porque, ao passo que a sua energia se impunha aos vassallos, por mais prepotentes que fossem, as duas grandes preoccupações da independencia do reino e alargamento do territorio concorriam, para encaminhar n'uma direcção homogenea as aspirações de todas as classes. É certo que essas preoccupações absorventes existiram tambem no tempo de D. Thereza; mas esta rainha não tinha a auctoridade e a força de D. Affonso Henriques.

D. Sancho I, já mais desafogado das perturbações externas, ordenou de novo algumas inquirições parciaes; mas, involvido depois na lucta contra o clero, em que os nobres lhe serviram de auxilio, teve de parar n'esse caminho.

No tempo de D. Affonso II, em que já estava firmada a independencia do reino e suspensa a lucta com os Mouros, foi tambem ordenada, em 1220, uma inquirição geral; e por ella se averiguou a existencia de enormes abusos, tanto pelo que respeita á instituição de honras e coutos, como á isenção dos impostos reaes. Apezar d'isso, tanta força tinha a classe aristocratica e tão preoccupados se passaram os ultimos tempos d'esse rei, por causa das luctas com o clero, que os abusos continuaram como anteriormente.

A fraqueza de D. Sancho II e a desordem interna do seu reinado não eram tambem propicias, para se poderem cortar as demasias.

D. Affonso III, tendo alcançado a corôa com o favor do clero e dos nobres, que, desde então, começaram a ser conhecidos pelo nome generico de *fidalgos,* não pôde romper, desde logo, com a soberba d'essas duas classes. Mas, já em 1258, dez annos depois de subir ao throno, ordenou uma outra *inquirição geral,* afim de poder reprimir os abusos. E, tendo chamado ás côrtes o elemento popular, deu-lhe com isso uma grande auctoridade, que, por seu lado, reagiu contra o predominio das outras classes.

Nem por isso pôde remediar o mal; porque a lucta com a curia romana lhe desviou a attenção para outro campo. Mas já D. Diniz, pela ordenação de 2 de outubro de 1307, conseguiu extirpar grande parte dos desmandos e arbitrariedades, suspendendo e annullando todas as honras e coutos, fundados ou ampliados desde

1290, e estabelecendo a appellação para a corôa, nos pleitos julgados pelos nobres [1].

Não obstante isso, foi tal a recalcitração dos fidalgos que, dez annos depois, já D. Affonso IV se viu obrigado a proceder a novas inquirições, mirando, principalmente, a cohibir, como effectivamente cohibiu, o abuso de jurisdicção, que muitos d'elles tinham avocado.

O inconstante e fraco D. Fernando, longe de seguir, n'esse ponto, o exemplo dos seus predecessores, deixou campear os abusos: e elle mesmo fez novas e importantes doações, com privilegios especiaes.

O reinado de D. João I não era tambem azado, para restringir as regalias dos fidalgos; antes a guerra com a Hespanha e o bandeamento de muitos nobres portuguezes com o partido de Castella, determinou o rei a premiar com largas concessões os que lhe ajudaram a conquistar e segurar o throno. E tantas e tão largas foram ellas que, depois de feita a paz, teve elle, por inspiração e incitamento de João das Regras, de recorrer á lei chamada *mental,* pela qual os bens regios revertiam novamente á corôa, na falta de herdeiros legitimarios do sexo masculino: lei essa que, embora fosse promulgada sómente no reinado seguinte, D. João I *teve na mente,* e já em vida executou.

As desgraças do tempo de D. Duarte e o

[1] *Historia de Portugal,* de Antonio Ennes e outros, já citada, vol. I, pag. 91 e seguintes.

curto espaço do seu reinado não lhe permittiram tambem que pozesse activamente côbro aos abusos e crescente soberba dos nobres; mas, ainda assim, trilhando na esteira de seu pae, redigiu e promulgou a referida *lei mental*.

D. Affonso v, dotado de uma natural liberalidade, imbuido das ideias da antiga cavallaria, e prezando especialmente a classe dos nobres, tantas doações espalhou e tanto augmentou os empregos e rendimentos da nobreza, concedendo-lhes tenças e distribuindo doações, que seu filho, ao subir ao throno, teve a conhecida phrase: «*meu pae só me deixou senhor das estradas.*»

Foi D. João II que pôde conseguir a sujeição completa dos nobres, reduzindo enormemente as suas prerogativas e abatendo a sua soberba, primeiramente, com a ordem de 15 de dezembro de 1481, em que determinou um rigoroso exame de todas as concessões regias e de todas as regalias outorgadas pelos seus antecessores, afim de poder cortar os abusos; e, em segundo logar, com a morte dos chefes d'essa classe — os duques de Bragança e Vizeu [1].

*

* *

Foi tambem duradoura e renhida a lucta com a egreja e com o clero, tanto mais que vinha já

---

[1] Coelho da Rocha, *obr. cit.* — Henrique Schœffer, *obr. cit.*

de longe o poderio d'esta classe. Á influencia moral da sua doutrina, á humildade da sua missão, nos primeiros tempos do christianismo, que lhe tinham grangeado o respeito e obediencia dos christãos, foi-se juntando a auctoridade crescente do pontifice e o abuso dos raios da excommunhão. A ambição e orgulho dos sacerdotes e o amor das temporalidades foram alargando tambem, successiva e exageradamente, a influencia da ordem ecclesiastica. A instituição geral dos dizimos dava-lhe a abundancia mundana. A instrucção dos seus membros e a sua superioridade litteraria e scientifica [1], n'uma sociedade de ignorantes, fazia d'elles os conselheiros dos reis e os possuidores dos melhores cargos do estado; e d'ahi se derivava a preponderancia sobre o povo e sobre os proprios monarcas. Finalmente, a jurisdicção civil e criminal privativa collocou-lhes

[1] Não se infira do texto que o clero era todo illustrado. Havia presbyteros, conegos e bispos, que não sabiam ler nem escrever; mas, nas outras classes, a ignorancia era muito mais geral. Ainda no tempo de D. Duarte, muitos juizes tambem não sabiam lêr nem escrever; e entre os proprios reis, o primeiro que assignou os seus decretos, foi D. Diniz, sendo ponto controvertido se os outros o não fizeram, por não saberem escrever, ou por se reputar indigno, n'aquelles tempos, que os reis firmassem as ordens regias de outra fórma que não fosse com a maçã da espada, verdadeira penna de guerreiro. — Gama Barros, *obr. cit.*, vol. I, pag. 213. — Julio de Castilho, *Lisboa Antiga*, vol. IV, pag. 293. — D. Antonio da Costa, *Historia da Instrucção Nacional em Portugal*. — Theophilo Braga, *Historia da Universidade*, vol. I, pag. 35.

na mão a arma da justiça, de que essa classe usava e abusava a seu capricho; e por forma que a impunidade que lhe provinha de tal privilegio, lançava o clero ousadamente no caminho dos maiores crimes e abusos, e mais temido o fazia da sociedade.

Por isso, os criminosos leigos, os devassos mundanos, os ambiciosos insoffridos, lançavam-se soffregamente n'essa classe, fazendo-se padres, para alcançarem a impunidade, a riqueza e o poder. Os que não eram padres, compravam por doações pias a protecção da egreja. Os que falleciam, amedrontados com a ameaça do inferno, de que o clero fazia uso permanente para os ingenuos, testavam em favor da egreja, para remirem ou suavisarem as penas eternas. Os proprios reis a enchiam de presentes.

Por tudo isto, quando se constituiu a monarchia portugueza, já o clero portuguez estava cheio de riqueza, de força e de orgulho. E, ao passo que se achava accumulada grande quantidade de bens no dominio dos conventos e nos beneficios das dioceses, das parochias e das ordens monachaes, a influencia moral da egreja tinha-lhe dado enorme prestigio e grandeza, de que ella abusava, em proveito dos seus interesses materiaes.

Demais, a curia romana preconisava o principio de que o poder dos reis, dimanando, como tudo o mais, da vontade de Deus, estava sujeito á supremacia do papa, representante de Christo na terra; e esta doutrina fôra, no tempo de

D. Affonso Henriques, traduzida praticamente no censo de quatro onças de ouro, que o rei se obrigou a pagar ao pontifice.

Tudo isto enchia de soberba e de ambição o sacerdocio. E, para o tornar mais arrogante, accrescia que elle obedecia menos ao monarca do que ao papa, e que este, depois d'aquelle censo, estabelecido por D. Affonso Henriques, imbuindo-se da ideia de que era o verdadeiro soberano de Portugal, avocava a si a decisão de todos os negocios importantes. Por isso, o clero, compenetrado das mesmas ideias, apoiava as decisões de Roma, e tratava os reis com tal superioridade, que chegava a contestar-lhe as prerogativas reaes.

N'estas circumstancias, não podia ser duradoura a paz do clero com a monarchia.

D. Affonso Henriques, na vassallagem em que se collocou da Santa Sé e na necessidade que tinha do seu auxilio, para manter a independencia do estado, não coarctou esse poder excessivo; antes augmentou grandemente os bens do clero, e até fundou ou dotou mais de cento e cincoenta egrejas ou mosteiros.

Muitas d'essas doações foram determinadas, pelo facto dos mosteiros fomentarem a agricultura, ou, directamente por si, ou pelos colonos por quem as dividiam e aforavam; mas tambem augmentava o prestigio da classe [1].

---

[1] *Memorias da Academia das Sciencias,* tomo II, Memoria primeira.

No tempo de D. Sancho I, começou a dissensão entre os dois poderes, nas questões d'esse rei com o bispo do Porto e de Coimbra e arcebispo de Braga [1]. Mas, apezar d'isso, D. Sancho, levado, n'esse ponto, do pensamento do seu antecessor, distribuiu muitas terras pelas corporações de religiosos, para elles as cultivarem; e, no seu testamento, contemplou com valiosas dadivas grande numero de cathedraes, collegiadas, mosteiros e estabelecimentos pios.

D. Affonso II prohibiu absolutamente que a egreja adquirisse bens immobiliarios por titulo oneroso, permittindo-lhe apenas que, em certos casos, os podesse obter por titulo gratuito. Mas, já porque ella foi sophismando esses mesmos casos, e já porque a prohibição não foi rigorosamente cumprida, as medidas de D. Affonso II deram pequeno resultado, no seu tempo e dos seus successores D. Sancho II e D. Affonso III; e a egreja continuou augmentando o seu patrimonio, como anteriormente.

Ainda assim, D. Affonso II, luctando com vigor, conseguiu chamar á corôa muitas propriedades da classe ecclesiastica e sujeitar os seus membros á justiça civil: medida importante que deteve os crimes e desmandos do clero, e lhe cortou uma das principaes armas da sua influencia.

D. Diniz, robustecido no amor do povo, en-

---

[1] Gama Barros, *obr. cit.*, vol. I, pag. 213.

*

grandecido pelo vigor da sua administração, e animado pelas tentativas dos seus predecessores, publicou as leis de desamortisação de 1286, 1289, 1290, 1291 e 1309, determinando que fossem vendidos, dentro de um anno, os bens comprados pela egreja, desde que elle subira ao throno; prohibindo que os haveres dos individuos que entravam n'uma ordem religiosa, passassem para ella; e bem assim que alguem dispozesse do que tinha, em favor das instituições religiosas.

E, se estas leis já minaram o poder da egreja, a energia com que depois D. Affonso IV lhe reprimiu os abusos, o beneplacito regio instituido por D. Pedro I, e a rigorosa justiça d'este rei, abateram consideravelmente a soberba temporal e a influencia espiritual do clero, sujeitando-o á auctoridade real. Por fim, D. João I por meio da *concordata ou concordia* de 30 de agosto de 1427, fixou os limites e direitos do rei e da egreja; e o clero entrou n'um caminho de submissão e dependencia, terminando as suas dissensões e luctas irritantes com a corôa [1].

*

* *

Até D. Affonso III, convergiram, pois, segundo já dissemos, para convulsionar a sociedade portugueza, as guerras com Castella e Leão, as

[1] Coelho da Rocha, *obr. cit.* — Henrique Schœffer, *obr. cit.*

guerras com os Mouros, em pró do alargamento do territorio, e as luctas com os nobres e com o clero, em pró da centralisação real. Se qualquer d'essas causas, de per si, era sufficiente, para embaraçar o movimento economico, todas juntas deviam opprimil-o gravemente; e era preciso que o poder real se desafogasse d'essa pressão, para que a agricultura, industria e commercio podessem desinvolver-se. Fallámos do poder real, porque, na edade media, antes do levantamento do povo, o monarcha, segundo as suas qualidades pessoaes, determinava, geralmente, a directriz da actividade nacional.

Ora, foi, no tempo de D. Affonso III, que se deu esse desafogo. Com a tomada do Algarve, alargou-se o territorio e marcou-se por fronteira a balisa do Oceano. As guerras com a Hespanha estavam, ha muito, acabadas, e a lucta com os nobres e com o clero entraram n'uma phase muito mais favoravel para a realeza, pela introducção d'um novo elemento, o mais robusto da organisação social — o povo, em que se firmou a monarchia.

Tinha-se desinvolvido, pouco e pouco, a força d'esse elemento, á sombra da protecção real. Já D. Affonso Henriques concedera foraes [1] a mui-

---

[1] Os foraes eram uma especie de constituição interna, por que os municipios se governavam; e, dando-lhes por isso uma certa independencia, em relação ás outras classes e uma vida economica propria, contribuiam grandemente para o progresso nacional.

tos municipios. O seu successor D. Sancho I fez a mesma coisa, e buscou o apoio dos concelhos contra o clero e nobreza.

D. Affonso II concedeu egualmente foraes a muitos municipios, e unificou a legislação municipal, decretando providencias geraes para todos elles, medida de grande alcance, como em breve faremos vêr.

D. Affonso III foi ainda mais longe; porque, além d'alargar tambem a concessão de foraes, chamou os representantes do municipio ao parlamento.

Por isso, com auxilio d'esta nova força, subiu de ponto a vantagem da corôa, nas luctas com a nobreza e com o clero; e, pela maior auctoridade da classe popular, que era a classe trabalhadora, abriu-se um novo horizonte á economia nacional.

Não admira, por isso, que o reinado de D. Affonso III constitua um marco miliario no estudo da historia economica de Portugal, na edade media, que faz distinguir da epoca anterior o tempo decorrido, desde esse reinado, até D. Fernando.

Por outro lado, com D. João I começa a nossa historia dourada. A vista da nação, até ahi circumscripta ao interior, estende-se além dos mares. Á lucta das facções, á agitação das rivalidades, ás contendas da successão da corôa e primazia dos validos, substitue-se a ambição enorme da gloria e a ardente aspiração de abraçar mundos e descobrir terras. E a nacionalidade portugueza reconstitue-se no galvanismo da he-

roicidade e grandeza, cuja recordação ainda hoje vibra atravez da alma da patria.

Por isso, tambem o tempo decorrido, desde D. João I até D. João II, marca outra epoca d'este periodo.

Assim, dividiremos a historia economica portugueza, na edade media, em tres epocas: a primeira, desde a constituição da monarchia até o fim do reinado de D. Sancho II; a segunda, desde D. Affonso III até D. Fernando, e a terceira, desde D. João I até D. João II.

Mas, antes de tratarmos de cada uma d'estas epocas, em especial, esbocemos um quadro retrospectivo sobre os tempos anteriores, embora muito ligeiro, porque já fallámos d'elles a respeito da guerra de Hespanha.

*
* *

A belleza e amenidade do clima da peninsula e a fama das suas riquezas naturaes fez que ella começasse cedo a ser frequentada por diversos povos navegadores do oriente [1]. Entre os primeiros, figuraram os Phenicios, que se fixaram de preferencia na Andaluzia, mas que d'ahi se espalharam pelo littoral do Algarve, estabelecendo n'elle feitorias até o promontorio *Sacro* (cabo de S. Vicente), e lançando tambem n'essa

[1] Pag. 282 e seguintes d'este volume.

região o fecundamento da sua actividade economica. Já então era afamada a abundancia de mineraes, em toda a peninsula hispanica; e o ouro constituia o principal ramo do commercio dos Phenicios, que o adquiriam em troca das quinquilherias da sua industria. Foram tambem elles que ensinaram aos Lusitanos a fabricação do azeite, que principiou, desde logo, a ter abundante producção.

Os Gregos vieram, egualmente, depois, estabelecer as suas colonias, em diversas partes maritimas da peninsula, e, entre essas, nas margens do rio Minho e Douro, seguindo pelas fozes d'estes rios.

Os Carthaginezes, depois que perderam a Sicilia e Sardenha, por effeito da primeira guerra punica, tendo sido chamados pelos Phenicios, de Cadiz, em seu auxilio contra os Gregos, da Hespanha, trataram de procurar na peninsula iberica a indemnisação das suas perdas.

O seu dominio, no seculo IV antes de Christo, estava já bastante dilatado; e, no seculo III, estava definitivamente assente, por meio da conquista. Como já dissemos [1], esse dominio foi cruel. Carregaram o povo de tributos; fizeram trabalhar os habitantes no pesado serviço das minas; e arrastaram-nos á guerra com os Romanos, até que estes vencedores tomaram conta da peninsula.

---

[1] Pag. 335 d'este volume.

O governo de Roma influiu tão beneficamente em Portugal, como no resto da Iberia, abrindo as communicações, dotando o paiz de boas estradas, fazendo desinvolver a agricultura, a industria e o commercio, explorando as minas, e levantando o nivel intellectual do povo.

Mas, apezar d'isso, com a invasão dos barbaros e com as luctas dos Christãos e Sarracenos, Portugal, subordinado como se achava aos accidentes geraes da peninsula, teve de soffrer as consequencias devastadoras da guerra e da conquista, que já estudámos largamente, na historia de Hespanha, até que se tornou independente.

É, desde então, que principia a sua historia propria, de que nos vamos occupar.

*

* *

Desde o conde D. Henrique até D. Affonso III, dissemos nós e repetimos, que o movimento economico do paiz tinha de caminhar lentamente pelas guerras com Castella e Leão e com os Mouros, pelas contendas com o clero e nobreza, e pela centralisação da monarchia.

E dissemos tambem que, só no tempo de D. Affonso III, o reino se sentiu desafogado, porque as guerras com os Mouros terminaram com a tomada do Algarve; porque a lucta com a Hespanha estava ha muito acabada; porque as contendas com a nobreza e com o clero entraram n'uma phase mais favoravel para a realeza; e

porque se realisara a introducção do elemento popular na organisação social, no qual se firmara a monarchia.

Por isso mesmo, e, pelo genio e incitamento economico do proprio rei, póde dizer-se que a reconstituição do estado, sob as bases da riqueza publica, começou n'este reinado.

Alguma coisa se fez, comtudo, antes d'isso, digno de menção.

Assim, as doações outorgadas aos nobres, aos conventos e ordens militares, por D. Henrique, por D. Thereza e pelos seus successores, se augmentaram, como expozemos, a soberba d'aquellas classes, já concorreram para o desinvolvimento economico da nação; porque, versando na maior parte sobre terras incultas ou devastadas pelos Mouros, interessavam os donatarios na defeza e cultura d'essas terras. Principalmente, as doações feitas aos conventos surtiram, n'esse ponto, grande resultado; pois que os monges, além de terem aprendido nos livros romanos e na experiencia dos Arabes, trabalhavam directamente na lavoira.

Por outro lado, os foraes dos municipios, levantando a classe popular, e tornando-a mais forte contra a prepotencia do clero e da nobreza, favoreciam o trabalho, estimulavam o commercio e a industria, e fomentavam a riqueza do paiz.

E, a par de tudo isso, D. Affonso Henriques, no meio das luctas e guerras que teve de sustentar, não descurou de todo o fomento nacional.

Quando tomou Lisboa, começou por conceder aos Mouros que tinham ficado na cidade, (*Mouros*

Fôrros se lhes chamava[1]), ainda que se não convertessem ao christianismo, completa liberdade pessoal: o que deu logar a conservar-se na cidade uma população laboriosa e industrial. Ao mesmo tempo, distribuiu pelos pobres o chamado campo de Alvalade ou Vallado, que comprehendia uma vasta area de terreno, a poente da cidade, dentro da qual ficava o actual Campo Grande. E, se, por estes e outros factos, deu provas de quanto zelava o bem estar dos subditos e o desinvolvimento da agricultura, não esqueceu tambem a industria, incitando o seu desinvolvimento em diversos foraes; e pugnou, egualmente, pelo augmento da marinha.

Depois d'isso, D. Sancho I, conseguindo gozar muitos annos de paz, dedicou-se especialmente á povoação e colonisação do reino, e do provimento das suas necessidades internas, chamando até colonisadores de Flandres e outras partes da Europa.

Continuou em maior escala o systema de foraes de seus antecessores; fez largas concessões de terrenos ás ordens de cavallaria, dandolhes o dominio dos castellos confiados á sua guarda, afim de que defendessem aquelles terrenos e promovessem a sua cultura; e olhou pelas necessidades do povo e do paiz, com paternal cuidado.

---

[1] Correspondiam aos *mudejares* de Hespanha. — Pag. 389 d'este volume.

As ultimas invasões dos Mouros tinham sido desastrosas para Portugal. Foram devastados os campos, roubados os christãos, e até muitos dos habitantes levados prisioneiros. A desolação e a pobreza eram enormes; as colonias e cidades estavam em grande parte desertas e abandonadas; os colonos careciam de recursos para a cultura; e o terror coarctava a iniciativa, e afugentava os proprietarios.

N'essa crise, D. Sancho I, como já dissemos, fez vir do norte colonos estrangeiros; levantou das ruinas differentes povoações, como a Covilhã e Torres Novas; restaurou algumas cidades, como Vizeu e Pinhel; fundou tambem differentes villas, como Monte-mór-Novo e Valença; chamou os trabalhadores que o medo afugentara; suppriu com a sua iniciativa a falta de recursos; em summa, foi sanando a desordem e remediando o mal, de modo que o paiz começou a prosperar. E, quando o rei falleceu, em 1212, o thesouro real estava enriquecido, o que mostra que tinha tambem prosperado a riqueza da nação.

Já consignámos um serviço importante de D. Affonso II, a saber: a generalisação da legislação municipal. E, tambem expozemos na historia da Inglaterra, a proposito do reinado de Eduardo I [1], como o isolamento dos municipios ou de quaesquer outras corporações d'um paiz, trazendo um egoismo estreito e uma separação de

---

[1] Pag. 241 d'este volume.

interesses, é sempre inconveniente para o desinvolvimento economico.

Assim, como a força da familia está na uniformidade dos seus sentimentos e dos seus destinos, tambem a força de um paiz está no movimento harmonioso das suas instituições. Por isso, D. Affonso II, cohibindo a desegualdade legislativa dos municipios, prestou certamente um grande serviço á economia nacional.

A par d'isso, este monarcha seguiu na esteira de seu pae, creando e povoando muitos logares; organisando e fortificando muitos dos já existentes; confirmando muitos dos foraes concedidos pelos seus antecessores; e outorgando outros novos. Promoveu especialmente a cultura do Alemtejo, decretando algumas leis que passaram depois para o codigo affonsino, e que, embora fossem de pequeno numero, eram cheias de humanidade e sabedoria [1].

Entre ellas merecem especial menção a que preceituava a liberdade de se vender ou empenhar a propriedade, dando preferencia ao irmão que a quizesse comprar ou desempenhar sobre o estranho; a punição do homicidio, tanto na residencia dos nobres como dos peões; a liberdade do matrimonio; a abolição do antigo uso de entregar ao rei e aos nobres a terça parte da venda dos viveres, ficando até os proprios funccionarios regios obrigados a compral-os, pelo preço cor-

---

[1] Schœffer, *obr. cit.*, vol. I, pag. 122.

rente, quando d'elles necessitassem; a garantia da propriedade dos objectos naufragados e salvos em favor do respectivo dono; a prohibição da egreja adquirir mais bens, além dos que fossem precisos para os anniversarios funebres e restantes obrigações relativas aos finados; a prohibição dos Judeus desherdarem os filhos que se convertessem ao christianismo; a fixação de muitos preceitos do processo judicial.

De modo que, se D. Affonso I segurou a independencia do reino e alargou o territorio, se D. Sancho I o colonisou, povoou e agricultou, D. Affonso II, continuando em parte a obra de D. Sancho I, tratou de regular e garantir a propriedade.

Por morte de D. Affonso II, seguiram-se, nos primeiros annos do reinado de D. Sancho II, as luctas com os Mouros e a desordem interna; e, nos annos seguintes, as dissensões com a nobreza e clero. A conspiração d'estas classes contra o rei, até que se deu a sua deposição, lançaram o paiz n'uma completa desorganisação; mas esse estado de coisas é que mudou completamente no reinado de D. Affonso III.

*

* *

Sob a gerencia d'este monarca foram tambem cultivados de novo muitos logares; e outros que tinham sido devastados, foram restituidos á cultura. Fundaram-se algumas povoações, como

Vianna e Monsão; reconstruiram-se outras, como Valença, e fortificaram-se outras melhor, como Beja.

Foram confirmados muitos foraes anteriores e concedidos novos a diversas terras que ainda os não tinham.

Um outro grande serviço de D. Affonso III foi o estabelecimento de mercados.

Hoje, que o trafico está espalhado por toda a parte, e as communicações approximam os grandes centros; hoje que a segurança do transito se acha garantida pelo progresso, pela doçura dos costumes e pela força das leis, e a transfusão das differentes mercadorias se pode fazer, sem perigo e sem grande despeza, pelo paiz inteiro; hoje, finalmente, que a concorrencia dos vendedores procura a porta, ou, pelo menos, a visinhança dos consumidores, e os compradores affluem promptamente ás lojas dos commerciantes: mal pode calcular-se o effeito economico d'essa medida de D. Affonso III.

Mas, na edade media, em que o comprador não podia isoladamente percorrer com segurança os caminhos; em que era difficil e dispendioso o trajecto para os grandes centros; e em que as praças commerciaes eram poucas: os mercados vinham satisfazer uma grande necessidade.

Ahi, concorriam agrupados os compradores e vendedores; ahi se achavam todos defendidos pela collectividade reunida e pelas leis que protegiam e policiavam essas reuniões; os diversos productores ahi encontravam os respectivos con-

sumidores; e, em summa, a propria concorrencia de uns e outros ahi fomentava e provocava as transacções.

E, para mais efficaz tornar a instituição, D. Affonso III a todos os feirantes garantia a segurança na ida e volta, de modo que não podiam ser capturados no reino, desde os oito dias anteriores até os trinta subsequentes, salvo se o delicto fosse commettido no proprio mercado. E mesmo quem maltratasse qualquer comprador ou vendedor, pagava uma grande multa.

A lucta de D. Affonso III com a egreja foi estimulada em grande parte pelas discordias com o bispo do Porto; e tambem essas discordias tiveram a sua origem no espirito economico d'este monarca.

Os bispos do Porto gozavam de soberania temporal e espiritual da cidade e seus territorios, cobrando as respectivas contribuições, e entre essas os direitos que os navios estrangeiros pagavam.

Ora, tendo crescido consideravelmente a affluencia dos navios e dos barcos, e tendo por isso augmentado muito aquelles tributos, os reis começaram a vêr com olhos cubiçosos a regalia episcopal. Por isso D. Affonso, para usufruir pelo menos parte dos beneficios, fundou, fronteiramente á cidade, na margem opposta do rio Douro, a povoação de Villa Nova de Gaia. E, para a fazer progredir, conferiu-lhe, em 1255, um foral com muitos privilegios, decretando, ao mesmo tempo que a terça parte das embarcações nacio-

naes, ou antes, a terça parte dos barcos que navegassem pelo rio Douro abaixo, e metade das embarcações, tanto nacionaes como estrangeiras, que entrassem pela foz, deviam descarregar n'essa povoação, afim de serem cobrados pelo estado os respectivos direitos [1]. E, tendo-se levantado por causa d'isso contenda accesa com o bispo do Porto, D. Affonso decretou uma coisa mais simples, a saber: que o exactor fiscal, o mordomo da corôa em Gaia, em virtude do foral, exigisse do mordomo do bispo metade dos direitos de entradas, portagens e transitos, recebidos no Porto, e lhe entregasse tambem metade do que recebesse em Gaia [2].

Outro grande serviço de D. Affonso III foi o das leis que promulgou para segurança das pessoas e propriedades, castigando gravemente o roubo e assegurando os viajantes.

Mas, se tão salutares medidas levantaram a riqueza do paiz, nem tudo foi de rosas, na labutação economica d'este rei; antes uma das suas

[1] Frei Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana,* reinado de D. Affonso III. — Alexandre Herculano, na *Historia de Portugal,* 5.ª edição, vol. III, pag. 48, diz que foi D. Affonso III, quem creou Villa Nova de Gaia, ao pé do antigo castro que existia no môrro d'esse logar. — José Augusto Vieira, no *Minho Pittoresco,* diz que D. Affonso III fez apenas uma *resurreição* da antiga villa. — Frei Antonio Brandão, na *Monarchia Lusitana,* vol. IV, diz que esta *foi fundada ou ampliada por elle.* Para o nosso proposito é indifferente que fosse uma cousa ou outra.

[2] Alexandre Herculano, *obr. cit.,* vol. III.

ordenanças — a fixação do preço dos generos, trouxe graves complicações.

A origem d'essa ordenança foi a seguinte:

Um dos recursos financeiros dos reis e dos principes, na edade media, era o britamento ou quebra da moeda; e consistia em se augmentar o valor d'ella, sob o mesmo peso e toque, ou refundil-a de novo, elevando-lhe o valor ou diminuindo-lhe o peso e toque.

De harmonia com esse costume, D. Sancho I tinha mandado refundir a moeda que vigorava no tempo de seu pae e cunhar maravedis novos. D. Affonso II e D. Sancho II fizeram a mesma cousa. D. Affonso III resolveu tambem seguir esse caminho: tanto mais que o seu contemporaneo D. Affonso X, de Castella, quebrara egualmente moeda; e por isso, em 1270, alterou o systema monetario.

Essa alteração trouxe comsigo, na região do Minho e Douro, o sobresalto dos vendedores, a ponto que, não confiando na estabilidade da moeda e desconhecendo o valor intrinseco d'ella, exigiam dos compradores um preço exagerado; e, como consequencia natural, subiu extraordinariamente a carestia dos generos.

Por esse motivo, D. Affonso III viu-se obrigado a fixar o preço de todos os productos, n'aquellas provincias.

Ora tudo isso produziu uma forte reacção contra as medidas do monarca; e, então, elle, dando um salutar exemplo de prudencia, revogou aquella taxação de preços, e regulou

novamente, com mais equidade, o valor do dinheiro [1].

Este mesmo exemplo de prudencia mostra o bom senso de D. Affonso III; e certamente que a resultante do seu governo marca na historia uma das paginas mais honrosas do commercio portuguez.

Ficaram, pelo menos, firmados os alicerces e esboçado todo o edificio da reconstrucção nacional, n'uma base economica. Faltava completar a empreza, e foi essa a obra de D. Diniz.

*

* *

D. Diniz começou por dirigir a sua especial attenção para a agricultura. E, para conhecer por seus olhos o estado do reino, visitou muitas terras, indagando e estudando as suas necessidades. Principalmente, o Alemtejo, que estava muito necessitado de cultura, mau grado os esforços dos reis anteriores, mereceu-lhe um cuidado especial. Fez cultivar com mais esmêro os terrenos que ahi possuia, e empregou todos os esforços, para augmentar os seus dominios.

N'este sentido, quando rebentaram as discor-

---

[1] Aragão, *Descripção Geral e Historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, vol. I. — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal.* — Schœffer, *Historia de Portugal.* — Alexandre Herculano, *Historia de Portugal.*

*

dias com seu irmão D. Affonso, fez reverter á corôa as terras que eram d'este na mesma provincia — Portalegre, Arronches e Marvão, em troca de outras que lhe deu no districto de Lisboa. E, embora tivesse tambem o pensamento de afastar, por esse meio da fronteira de Castella os dominios de D. Affonso, desinvolveu e augmentou com isso a cultura e exploração das propriedades da corôa, no Alemtejo.

O mesmo pensamento fez que D. Diniz cedesse ao arcebispo de Braga todos os padroados de Santa Maria de Guimarães e das terras de Panoyas[1], em troca da villa da Vidigueira, que o mesmo arcebispo possuia no Alemtejo.

Desde que D. Affonso Henriques tinha dividido o campo de Valada ou Alvalade pelos pobres de Lisboa, os fidalgos não deixaram em paz essa divisão, invadindo muitas vezes e tomando abusivamente conta das terras divididas.

No tempo de D. Diniz, renovaram-se as invasões; mas o rei garantiu com firmeza aos pobres, a conservação d'aquelle campo. Da mesma forma, fez dividir os pantanos de Ulmar pelos pobres de Leiria.

Não é sómente por esses factos que devemos aquilatar a attenção e cuidado com que D. Diniz olhou para a agricultura. Acima d'elles, esteve o incessante cuidado com que reconstruiu e restaurou povoações muito decaidas, fortificou

[1] Ficavam na circumscripção de Villa Real.

e embellezou cidades, levantou castellos, e promoveu o arroteamento de terrenos. As doações das terras fazia-as de preferencia aos municipios; porque os fidalgos não as cultivavam tão bem; e por isso revogou até muitas que tinha feito a fidalgos. Pela mesma razão, supprimiu e reduziu grande numero de honras e de coutos.

N'esta cruzada em pró d'agricultura, D. Diniz foi tambem auxiliado por sua esposa, Santa Izabel. Esta rainha fundou até, junto do mosteiro de Santa Clara, de Coimbra, um hospicio onde recebia e educava orfãs de lavradores, que, depois, casava tambem com lavradores, distribuindo-lhes terras, para elles cultivarem, preparando assim verdadeiras colonias agricolas, que espalhava pelas propriedades do seu apanagio [1].

Outro assumpto de administração, até ahi descurado, occupou, da mesma forma, a actividade governativa de D. Diniz. Afim de augmentar a mineração, conferiu, em 1290, differentes regalias aos operarios que trabalhassem nas minas d'ouro de Adica, situadas entre Almada e Cezimbra, e que estavam sendo exploradas, desde D. Sancho I; e a importancia d'ellas tornou-se tal, que as pessoas occupadas em minas d'ouro de todo o Ribatejo se começaram a chamar *Adiceiros*.

Promoveu tambem a maior exploração das minas de ferro, concedendo-as a differentes em-

---

[1] Sobre a administração economica de D. Diniz póde vêr-se tambem Duarte Nunes de Leão, *Chronica de D. Diniz.*

prezarios, com a condição de pagarem para o thesouro a quinta parte do minerio bruto que extraíssem, e a decima parte do ferro puro, além d'outros impostos estabelecidos.

Attendendo á posição de Portugal, tão conveniente para a navegação, para a pesca e para o commercio maritimo, dedicou egualmente á marinha um grande cuidado.

Além dos portos existentes, preparou o de Paredes, perto de Leiria, dotado então de boas condições, e que mais tarde se açoreou, dando-lhe um foral e augmentando a sua população. Plantou o pinhal de Leiria, preparando assim a futura madeira para as armadas dos nossos descobrimentos, ao passo que defendeu com isso das areias do mar os campos adjacentes. Mandou vir de Genova marinheiros experimentados, e até um almirante, Micel Manoel Pezagno, d'onde descendeu a familia dos Pessanhas.

Egual actividade empregou no desinvolvimento do commercio, animando as relações com Flandres e norte da França e com Inglaterra, e renovando com este ultimo paiz o tratado amigavel, que já existia entre os dois estados. Confirmou, em 1293, o regulamento commercial que os negociantes do Porto celebraram entre si, pelo qual todos elles contribuiam com um certo imposto, lançado sobre o commercio de importação e exportação, para constituirem um fundo commum que servia, além de outros fins, para pensionar qualquer negociante caído na miseria e salvar da ruina os que fossem victimas de

um desastre imprevisto. Esse fundo vinha, d'este modo, a constituir uma especie de *bolsa* ou caixa de assistencia mutua, em favor d'esses negociantes; e estes a constituirem tambem uma verdadeira associação, que velava pelo commercio geral, por forma que n'ella se pode achar o precedente das bolsas modernas [1].

Tudo isto, junto á energia com que elle con-

---

[1] Essa associação, com esta feição de assistencia commum, foi a mais precoce da Europa, e já existia anteriormente a D. Diniz, sem que se possa fixar precisamente a sua origem; mas foi este rei que lhe deu a sancção legal. As guerras de D. Fernando trouxeram depois a ruina de quasi todos os institutos commerciaes do paiz, e portanto d'essa bolsa do Porto; mas tambem D. Fernando a restabeleceu, em 1397, e creou uma outra em Lisboa. Por causa das guerras que se seguiram, foi novamente abandonada, e novamente restabelecida por João I, na carta de 11 de julho de 1387, á qual a camara do Porto deu fiel execução, pelo accordão de 24 de janeiro de 1402.

Essa antiga bolsa, identica no nome e na associação dos commerciantes, fazia, quanto ao local e operações, differença das bolsas modernas, que designam tambem os locaes destinados para as reuniões dos negociantes e dos corretores, auctorisados por lei. N'este sentido, só em 1450, é que D. Affonso V, deferindo a um pedido dos mercadores do Porto, lhes concedeu, para as suas reuniões, uma casa na antiga rua Formosa, hoje rua do Infante D. Henrique. — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. I, cap. XXII. — Antonio Ennes e outros, *Historia de Portugal*, já citada, vol. II por Bernardino Pinheiro, pag. 251. — Ruy Ennes Ulrich, *Da Bolsa e suas operações*, pag. 89. — Arnaldo Gama, *Ultima dona de S. Nicolau*. — Reportorio dos documentos da Camara Municipal do Porto, Liv. I A C, fl. 176, e capitulos especiaes do concelho do Porto, nas côrtes de Lisboa de 1450.

teve o clero e a nobreza, á tranquillidade e segurança que estabeleceu no reino, á riqueza e abundancia que fomentou, e ao desinvolvimento que deu á instrucção nacional, pela fundação da Universidade, fez do seu reinado a epoca mais brilhante d'este periodo, e de Portugal, economicamente fallando, um estado florescente.

*

* *

Por morte de D. Diniz, as guerras de D. Affonso IV, o seu genio aventureiro, as pretensões á corôa de Castella, a lucta com o filho, e a peste que devastou o paiz, não podiam deixar de prejudicar a economia nacional.

Ainda assim, este rei promulgou differentes medidas, tendentes a promover o progresso economico; e tal era a velocidade adquirida no reinado anterior que, apezar d'aquellas calamidades, pouco esmoreceu o desinvolvimento da nação.

*

* *

D. Pedro I, pelo seu genio justiceiro e por algumas medidas especiaes que tomou em favor do commercio e agricultura, pôde reparar em parte o mal do governo anterior.

Entre essas medidas, merece uma nota especial a ordenação que prohibiu os alojamentos forçados. Até ahi, quando os reis e os grandes do reino, chegavam a qualquer parte, podiam

alojar-se forçadamente na habitação que lhes aprouvesse, embora ella pertencesse a viuva honesta ou estivesse auzente o dono da casa; e vê-se, desde logo, a quantos abusos este privilegio dava logar. Era a desmoralisação e o desperdicio que entravam em casa do proprietario. O rei aboliu esse costume, decretando que, no futuro, o alojamento só se faria com permissão expressa do alojante.

Não foi menos fecunda a ordenança que reprimiu os abusos dos nobres revogarem a seu capricho as posturas dadas aos concelhos.

Além d'isso, o reino estava cheio de *coutadas,* que vinham a ser mattas e terras demarcadas, onde se criava caça para os reis, principes e senhores, e onde ninguem a podia matar, nem cortar lenha, sem licença d'elles. O prejuizo que d'ahi resultava á agricultura era enorme; porque os javalis, aves e outros animaes bravios, creados ou refugiados n'essas coutadas, invadiam e destruiam as searas, vinhas e fructos dos outros proprietarios. E estes nem sequer os podiam matar nos seus terrenos, para não prejudicarem a caça d'aquelles potentados.

Pois, tambem D. Pedro aboliu todas as coutadas que não tivessem sido instituidas por elle ou por seu pae, permittindo assim que se podesse caçar em qualquer outra parte [1].

---

[1] Schœffer, *obr. cit.,* vol. I. — *Ordenações Affonsinas,* liv. I, tit. 67.

Compelliu os corregedores, bispos, abbades e mestres d'ordens a concertarem as suas casas nas villas e povoações e a cultivarem os campos e vinhas que possuissem, nos recintos dos concelhos.

E tão rico estava o paiz e tão poupado foi D. Pedro I que, por sua morte, deixou um thesouro consideravel, que, embora tivesse provindo em parte de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV, fôra grandemente augmentado por elle [1].

*

* *

Por isso, quando D. Fernando subiu ao throno, encontrou a nação n'um estado de grande prosperidade. Á abundancia do erario real correspondia a riqueza geral do paiz.

Melhorara a agricultura; progredira o commercio; affluiam os estrangeiros á cidade de Lisboa; era grande o rendimento das alfandegas; e estava garantida a ordem publica e segurança individual. Mas o genio inconstante e leviano de D. Fernando, as intrigas da rainha D. Leonor Telles e seus favoritos, o despertamento da soberba dos fidalgos, a relaxação da administração publica, as guerras com Castella, os exagerados impostos, provenientes d'essas guerras, as repetidas altera-

---

[1] Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro I*. — Schœffer, *obr. cit.*, vol. I.

ções da moeda, de que o rei lançava mão, para supprir o desfalque do erario: levaram brevemente o reino a um estado de desolação e penuria, que contrastou tristemente com a prosperidade anterior.

Já em 1375, oito annos depois da subida de D. Fernando, os municipios pediram a reforma de differentes vicios, que bem mostravam a decadencia geral e a necessidade de acudir á agricultura.

E, com effeito, essa fonte de riqueza publica e particular fôra definhando, por falta de braços, arrancados para a guerra; por falta dos capitaes, que iam preencher a voragem do fisco; e pela falta de segurança, resultante das desordens do reino.

A mesma coisa aconteceu tambem com a marinha, commercio e industria, embora, n'esta epoca, a industria fosse ainda rudimentar.

Mas D. Fernando, no meio da inconstancia e leviandade da sua politica externa e da sua incapacidade e fraqueza, para cohibir as desordens do reino, possuia em alto gráo um espirito economico; e, o povo portuguez, pela velocidade adquirida nos reinados anteriores, e pelo desinvolvimento agricola e commercial que tinha attingido, soube impulsionar o rei no caminho do progresso.

Por isso, logo n'aquelle anno de 1375, elle decretou a *lei das sesmarias,* de que adiante fallaremos com mais vagar, e que tendia a desinvolver a agricultura e levantal-a do abatimento onde caíra. Por essa lei, promovia-se o aproveitamento

das terras incultas, obrigando-se os respectivos donos a cultivarem-nas, sob pena de as perderem; preceituava-se o modo dos lavradores poderem adquirir facilmente os gados necessarios á lavoura; e puniam-se os vagabundos.

E, supposto ella estabelecesse principios restrictos da liberdade industrial e pessoal e dos direitos absolutos da propriedade privada, e por isso mesmo, a par da relaxação da administração publica, deixasse de ser fielmente cumprida, sempre influiu alguma coisa no desinvolvimento da agricultura: tal era o estado miseravel a que esta chegara, nos oito annos anteriores.

Mais feliz ainda foi D. Fernando, nas suas ordenações relativas ao commercio e marinha, que tenderam a augmentar a construcção, a navegação e transportes maritimos.

Por essas ordenações, concedeu elle madeiras do estado aos armadores; diminuiu os direitos dos materiaes importados para aquella construcção; alliviou a tributação de madeiras estrangeiras, trazidas em navios nacionaes; e estabeleceu os seguros maritimos. obrigatorios nas bolsas do Porto e Lisboa.

*

* *

Os primeiros tempos de D. João I foram occupados na guerra de Hespanha. Desde que se tratava da questão vital da nossa independencia, claro está que ella devia attrair por completo as aspirações e esforços do paiz, e que, n'esse es-

tado de lucta e desordem, a administração economica tinha de ser prejudicada.

O proprio rei, com as doações enormes feitas aos fidalgos que o seguiram, augmentou esse prejuizo.

Felizmente que a nação, rebatida no fogo d'essa lucta, adquirira uma tal energia e vontade que se reflectiu em todos os ramos d'administração publica, e não deixou esmorecer demasiadamente as fontes de riqueza.

Depois de firmada a paz, embora o rei attendesse para a administração interna do paiz, mostrou-se, n'esse ponto, menos activo do que era de esperar. Além d'isso, a empreza de Ceuta desviou para outro objectivo as attenções do monarca e dos principes; e, depois de tomada a praça, abriu-se a miragem de mais vastos destinos, que deslumbrou e arrastou a nação no sonho das glorias maritimas.

Não admira, pois, que encontremos este reinado muito escasso na promulgação de medidas economicas. Ainda assim, convem notar que D. João I suppriu com a sua simples iniciativa a deficiencia de leis, e que o reino se achou com recursos sufficientes, para satisfazer ás despezas da guerra de Hespanha e das outras emprezas.

*

* *

Os desastres do reinado de D. Duarte, os encargos da expedição de Tanger, o desgosto do

monarca pelo captiveiro do irmão, as tentativas do seu resgate, e a continuação das nossas expedições ultramarinas, desviaram tambem a attenção do governo para assumptos estranhos ao desinvolvimento economico; mas, como aconteceu no tempo de D. João I, nem por isso definhou muito a agricultura, o commercio e a industria. É que Portugal estava na epoca da sua gloria; e a educação civica dos seus habitantes, a par da energia das forças vivas do paiz, irradiando nos differentes ramos da actividade humana, temperaram, mesmo n'aquelle campo, a indifferença do poder central.

*

* *

O governo prudente e parcimonioso do regente D. Pedro não bastou, para garantir os desgovernos de D. Affonso V.

Para a economia nacional, houve no reinado d'este monarca a compilação das *Ordenações Affonsinas,* mandadas publicar, em seu nome por aquelle regente, as quaes, defendendo a propriedade, regulando os contractos e as successões, e facilitando a cobrança das dividas e liquidação dos direitos, concorreram tambem, para beneficiar a agricultura, o commercio e a industria.

Além d'isso, Affonso V alguns esforços directos fez para o desinvolvimento industrial. Citaremos entre esses o chamar os mineiros de Bys-

caia, mediante differentes privilegios, para explorarem as nossas minas.

De resto, o genio liberal, ou antes, perdulario d'este rei [1], a tolerancia da soberba e dos abusos dos nobres, que o intrigaram com o tio, o abatimento do braço popular, as expedições africanas, a necessidade de povoar as terras descobertas e conquistadas, a guerra com a Hespanha, e o caracter aventureiro do monarca: tudo isso, mau grado o impulso dos reinados anteriores, fez depauperar o thesouro e empobrecer o reino, prejudicando o movimento economico geral.

O que valeu, para compensar um pouco esse estado, foi que as terras já descobertas começaram a produzir, e as cepas, vindas de Chypre [2], e a canna do assucar, vinda da Sicilia, implantadas na Madeira, começaram tambem a dar grande rendimento [3].

*
* *

Na situação em que D. Affonso V deixara o paiz, era mister um braço forte, que, reprimindo a desordem e cortando os abusos, levantasse de novo a iniciativa popular, e fizesse crescer o movimento economico da nação.

---

[1] Damião de Goes, *Chronica do Principe D. João,* pag. 229 e seguintes.

[2] Ferdinand Dénis, diz que vieram tambem cepas da Borgonha.

[3] Em 1445, já a ilha da Madeira produzia 468 quintaes d'assucar. — Oliveira Martins, *Os Filhos de D. João I,* pag. 80.

Essa tarefa sublime estava destinada a D. João II. E, esse principe, de facto, levantando o povo e abatendo os nobres, mantendo a ordem publica e o respeito nacional, e aproveitando os fructos das nossas expedições maritimas, pôde elevar o reino a uma grande gloria.

*
* *

Agora que temos exposto, em syntese para cada epoca, as alternativas do movimento economico de Portugal, examinemos, em particular, cada um dos factores economicos.

*
* *

Não ha dados estatisticos seguros sobre a população de Portugal, n'esta epoca.

Calculam alguns escriptores que, no tempo de D. Diniz, não chegava a novecentos mil habitantes; que, no tempo de D. João I, era aproximadamente de um milhão; e, no fim da edade media, alguns a avaliam n'um milhão e trezentos mil habitantes, outros n'um milhão e quinhentos mil, e Gama Barros, em tres milhões [1].

---

[1] N'esta diversidade, nada ousamos apresentar como seguro, remettendo os leitores para os seguintes livros: Adrien Balbi, *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise,* e *Essai statistique sur le royaume de Portugal*

Mas, se achamos deficiente o numero de um milhão e quinhentos mil habitantes, para que Portugal podesse desempenhar o papel, descobridor, conquistador e povoador, do fim do seculo XV e principio do seculo XVI, parece-nos tambem exagerado o calculo de Gama Barros; porque a população não devia ter augmentado tanto, pelas guerras continuadas e muitas pestes que tinha havido, desde o principio da monarchia, e pelo afastamento dos habitantes mais vigorosos, desde as emprezas ultramarinas.

*

* *

Era já afamada entre os povos antigos a fertilidade do solo da Lusitania; e essa fertilidade existia ainda no principio da monarchia. Abundavam as madeiras, os cereaes, os legumes, as hortaliças, os fructos, o vinho, azeite, mel, gado grosso e miudo, e, portanto, a lã e as pelles. Não estavam ainda esgotados os mineraes; e ha-

---

et Algarve. — Rebello da Silva, *Memoria sobre a população e agricultura de Portugal.* — Soares de Barros, *Memoria sobre as causas da differente população de Portugal, em diversos tempos da monarchia*, impressa nas *Memorias Economicas da Academia Real de Lisboa*, vol. I. — Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal*, edição de 1610, vol. III. — *Historia de Portugal*, de Antonio Ennes e outros, já citada, pag. 122 e seguintes. — Oliveira Martins, *Projecto de lei sobre o Fomento Rural.* — Gama Barros, *obr. cit.*, vol. II, pag. 297 e seguintes.

via muito sal, que, juntamente com o vinho, fructas e pelles, constituia os principaes objectos de exportação [1].

*

* *

Era, principalmente, na agricultura que se exercia a actividade da classe trabalhadora. Já vimos como D. Affonso Henriques contribuiu para o desinvolvimento d'essa industria, com os foraes que deu a differentes povoações, com os bens doados aos conventos e freires, e com a distribuição do campo de Alvalade pelos pobres de Lisboa; e bem assim como D. Sancho, alongando tambem o numero de foraes, povoando e colonisando o reino, e fazendo doações ás ordens ecclesiasticas, egualmente concorreu para a cultura do reino.

Merece especial noticia a ordenação d'este rei que prohibiu se desse a qualquer lavrador mais terreno do que elle podesse cultivar com sua familia e creados e com dois bois.

D. Affonso II, seguindo o caminho dos seus maiores, concedeu tambem muitos foraes. Doou terrenos a differentes egrejas e ordens, sob a condição d'ellas os cultivarem. E a lei pela qual prohibiu que a egreja adquirisse mais bens, além dos que fossem necessarios para as despezas dos

---

[1] *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. II, Memoria 1.ª

anniversarios funebres e outros encargos, relativos a finados, se tendeu a cortar abusos e prepotencias do clero, inspirou-se egualmente no pensamento de favorecer a lavoura, prevenindo assim a amortisação da propriedade.

O proprio D. Sancho II, apezar das desordens do seu reinado, não descurou a agricultura.

D. Affonso III propugnou por ella com muito ardor. E, n'este sentido, edificou e povoou muitas villas e logares.

Decretou medidas beneficas, por exemplo, sobre o enxugamento de pantanos e sobre a fiscalisação da lavoura, incumbida aos alcaides. E prohibiu tambem, sob penas pecuniarias, que os lavradores destruissem as vinhas ou derruissem as casas.

No tempo de D. Diniz, já a industria agricola estava desinvolvida, e este rei, com as medidas economicas acima referidas, e que vamos expôr novamente, fez subir muito mais esse adiantamento.

Começou elle por povoar metade de Portugal [1].

Fez amanhar extensas fazendas dos dominios da corôa, onde se seguiram os melhores systemas de cultura, que serviam de escola e norma aos lavradores particulares. Perto de Leiria, mandou enxugar o paul de Ulmar. O mesmo fez

[1] Severim de Faria, *Noticias de Portugal,* discurso 1.º, §. 2.º

*

com os paúes de Salvaterra de Magos e de Muge, impondo aos foreiros, entre outras condições — concluirem o arroteamento em quatro annos, e pagarem ao rei, além do quarto ou quinto dos fructos, sessenta e quatro alqueires de trigo, para a conservação das abertas e pontes de madeira.

Semeou o pinhal de Leiria, para defender da invasão das areias as ferteis campinas que rodeiam a cidade, e preparar a madeira para futuras expedições maritimas. Confirmou aos pobres de Lisboa e visinhanças a distribuição do campo de Alvalade. Esse campo, segundo vimos, tinha sido concedido por D. Affonso Henriques, mas os nobres foram-se assenhoreando d'elle, o que já motivara differentes reclamações, no tempo de D. Sancho I e D. Affonso II, que as attenderam. Apezar d'isso, como as auctoridades de Lisboa estavam longe, os cubiçosos proseguiram na sua faina, até que D. Diniz, confirmando a concessão de seus avós, soube reprimir aquelles abusos.

Afim de attrair as classes elevadas aos trabalhos ruraes, procurou ennobrecel-as, decretando que os fidalgos não perderiam a nobreza, nem as honras, por serem lavradores. Nas suas peregrinações, tratava directamente e com a maior affabilidade a gente do campo; visitava-lhe as propriedades, a fim de a lisongear e animar; defendia-a contra os poderosos; e protegia-a nas suas pequenas pretensões, quando exequiveis e justas.

A provincia do Alemtejo mereceu-lhe, como

dissemos, especial cuidado. Faltava-lhe população; porque, supposto os reis anteriores tivessem tido cuidado de povoal-a, o facto de ser fronteira dos Arabes tornara improficuo esse cuidado. Mas, então, achando-se acabada a lucta com os Mouros, começaram a convergir para alli os povoadores. As terras que D. Diniz possuia n'essa provincia, foram cultivadas com esmêro; e elle fez todos os esforços, para alargar as suas possessões.

Foi esse um dos motivos, porque adquiriu as terras que seu irmão Affonso tinha em Arronches, Portalegre e Marvão, em troca de outras que lhe deu no districto de Lisboa, e os dominios que o arcebispo de Braga possuia em Vidigueira, em compensação do padroado de Santa Maria de Guimarães e das terras de Panoyas, como acima expozemos.

N'este amor pela agricultura, D. Diniz foi ajudado pela rainha Santa Isabel, que até edificou, junto ao mosteiro velho de Santa Clara de Coimbra, um hospicio, chamado *A Casa Pia das Moças Desamparadas,* para as filhas orfans de lavradores honrados; e ahi as ensinava, arranjando depois a casal-as tambem com lavradores.

Em summa, este rei promoveu tão fortemente o desinvolvimento agricola, que mereceu justamente o cognome de *Lavrador*.

No tempo de D. Affonso IV, os terriveis accidentes do seu reinado e o seu menor cuidado pelo desinvolvimento da agricultura fizeram que ella diminuisse consideravelmente; e o desequili-

brio entre a offerta e procura do trabalho tornou-se muito grande. Com o fim de remediar esse mal, Affonso IV, em 1349, mandou fazer um arrolamento geral dos trabalhadores, obrigando-os a trabalhar nos seus antigos misteres, com taxa de salarios, e sujeitando os criados a servir um anno inteiro, quando os proprietarios precisassem d'elles por todo esse tempo, garantindo-lhes, porém, o pagamento das soldadas; e prohibiu tambem que as pessoas validas andassem mendigando.

Não obstante, continuou a falta e esquivança dos trabalhadores; e tudo isso traria a ruina total da agricultura, se o paiz não estivesse ainda possuido das ideias economicas de D. Diniz, e não remediasse, pela sua iniciativa, algum tanto essa decadencia [1].

Pelo contrario, D. Pedro I, abolindo as coutadas particulares, como já vimos, e fiscalisando o cumprimento das leis, tanto augmentou a agricultura, que a abundancia de cereaes era enorme no seu tempo. As alfandegas de Lisboa e Porto tornaram-se muito rendosas e attraíam navios de todas as nações. Diante de Lisboa estavam muitas vezes quatrocentos e quinhentos navios mercantes; e diante de Montijo e Sacavem, estavam tambem continuadamente sessenta a se-

---

[1] Gama Barros, *obr. cit.*, vol. I, pag. 492 e seguintes. — *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. II, Memoria 1.ª

tenta embarcações carregadas de fructas, sal e vinho [1].

Este movimento e abundancia diminuiu no tempo de D. Fernando, em consequencia das guerras, intrigas e desordens do seu reinado, e da sua fraqueza para conter a desorganisação interior. Mas, ainda assim, as providencias agricolas contidas na sua *lei das sesmarias* [2], o seu systema tributario, e os seus direitos sobre a navegação, favorecendo o commercio nacional, e portanto a exportação dos nossos productos, foram minorando a decadencia.

Assim, pela citada lei, todos os que tivessem terras, eram obrigados a cultival-as, ou por si, ou por outrem.

Os proprietarios tinham de trazer nos seus terrenos tantos bois quantos lhes fossem necessarios; e, para isso, os creadores de gado eram obrigados a vender-lh'os por um preço razoavel. Filhos de lavradores que não tivessem outra occupação, tão proveitosa para o estado, ou não tivessem de seu quinhentas libras, eram obriga-

---

[1] Fernão Lopes, *Chronica de El-Rei D. Fernando*, cap. I. — É curiosa a constituição de D. Pedro pela qual, afim de obviar aos desperdicios que os lavradores faziam das suas palhas, em prejuizo dos gados, mandou que, se elles as não empalhassem, pela primeira vez, seriam açoutados, e pela segunda desorelhados. — Duarte Nunes de Leão, *Chronica* d'este rei.

[2] Chamavam-se *sesmarias* as terras, casaes ou pardieiros em ruinas ou desaproveitados.

dos a empregar-se na agricultura. Os vadios e mendigos e os ermitões pedintes eram castigados. Não podia ter gado quem não tivesse lavoura [1].

Antes de D. Fernando, os tributos eram pagos só pelo povo; e, mesmo entre os membros da classe popular, os que estivessem comprehendidos nas honras e coutos, nada pagavam. Além d'isto, para os senhores das honras e coutos irem á guerra, ainda o estado lhes havia de dar um tanto para cavallo.

Ora, este rei aboliu tambem esses privilegios; e com isso ficou a lavoura mais desopprimida, e houve maior egualdade tributaria: o que, da mesma forma, concorreu para ajudar a agricultura.

Por outro lado, favorecendo, como vimos, a marinha, a navegação e o commercio nacional, D. Fernando veiu tambem a favorecer a exportação dos productos nacionaes, e por consequencia o augmento da nossa lavoura.

Muitas das suas medidas ficaram letra morta ou, pelo menos, tiveram pequena execução; mas, nem por isso, deixaram de influir na riqueza do paiz. Serviram, ao menos, de uma pequena compensação aos desastres do seu reinado.

As guerras que abriram o longo reinado de D. João I, foram desastrosas para a agricultura; e tanto que as suas consequencias sentiram-se

---

[1] Fernão Lopes, *obr. cit.*

ainda por longos annos, apezar da administração habil e reparadora d'esse monarca. Além da ruina resultante das devastações, que sempre acompanhava, n'esse tempo, os exercitos belligerantes, muitos fidalgos, que haviam tomado o partido de Castella, sairam do reino, e deixaram as suas terras incultas e ermas, que se conservaram n'esse estado, até que el-rei as concedeu aos seus companheiros d'armas. D'ahi resultou ainda outro inconveniente, que foi a accumulação de grande porção de propriedades na mão d'um só dono, como, por exemplo, aconteceu com D. Nuno Alvares Pereira, o que tornou impossivel ou, pelo menos, muito difficil, a sua cultura regrada e seria.

E, para mais se completar a decadencia, accresceu a preoccupação das conquistas e descobertas ultramarinas, iniciadas com a tomada de Ceuta, que desviou para esse campo a attenção dos Portuguezes.

Os reinados de D. Duarte, D. Affonso V e D. João II deviam ser tambem prejudiciaes para a agricultura. Não, porque estes reis abandonassem os cuidados do seu desinvolvimento, mas, porque a nova feição da sociedade portugueza lhe era contraria.

A ardente aspiração das descobertas; a continuada saída da população mais forte e vigorosa, nas caravellas da Africa, para voltar, quando escapava, estropiada e doente; a vertigem da gloria, exploradora de novos horisontes, desviando a attenção das fontes internas da riqueza nacional;

as calamidades do reinado de D. Duarte; as guerras do tempo de D. Affonso v; as luctas com a nobreza, no tempo de D. João II; e, acabadas ellas, a preparação de mais largas expedições ultramarinas: tudo isso devia retardar necessariamente a agricultura.

Algumas medidas houve, comtudo, proveitosas, e alguns esforços se empregaram, durante esses ultimos reinados, mas que não sustiveram a decadencia geral.

Assim, no tempo de D. Duarte, promulgou-se a *lei mental,* pela qual, segundo vimos, os bens doados pelos reis revertiam á corôa, na falta de herdeiros legitimarios varões; e isso tendia a desfazer os latifundios.

O regente, D. Pedro pugnou tambem fortemente pelo desinvolvimento do paiz; e aboliu de novo as coutadas que os nobres tinham conservado ou renovado abusivamente, já depois da abolição, fulminada por D. Pedro I [1].

O proprio D. Affonso v, a par das suas preoccupações militares, não descurou de todo os interesses agricolas do reino.

Tinha continuado sempre a falta de trabalhadores, mau grado a lei das sesmarias; e isso deu logar a que tambem continuassem as taxas dos salarios e as restricções, impostas á liberdade do trabalho, que vinham já do tempo de D. Affonso IV. Os concelhos não cessaram até de recla-

[1] *Ordenações Affonsinas,* liv. I, tit. 67.

mar que os filhos dos lavradores só podessem ser lavradores.

D. João II, porém, esmerou-se pelo desinvolvimento da agricultura, e cortou de vez essas restricções, declarando *que o officio da lavoura era digno de favor e não de aggravo, e não se podia tolher cada um de trabalhar por mais valer* [1].

Um dos ramos a que D. João II attendeu tambem, por forma especial, foi a creação do gado equideo.

N'esse sentido, estabeleceu coudelarias, sob a direcção d'um coudel mór; fez vir muitos cavallos da Africa; e prohibiu até os fidalgos e clerigos de andarem em mulas, bem como os ferradores de as ferrarem, sob pena de morte [2].

Foi no tempo de D. João II que se introduziu em Portugal a cultura do milho graúdo, vindo da Guiné. Até ahi cultivava-se apenas o milhō miúdo.

Apezar, porém, dos esforços d'estes ultimos reis, a agricultura definhou consideravelmente, e, por assim dizer, tomou uma nova direcção.

Antes d'isso, o principal producto da lavoura consistia nos cereaes. Mas, porque as terras descobertas e conquistadas, a par do desinvolvi-

---

[1] Gama Barros, *obr. cit.*, vol. I, pag. 494.

[2] Estas restricções do uso de mulas existiam egualmente na Hespanha, como já vimos a pag. 399; e com tal rigor se exerceram que o proprio Christovão Colombo, alquebrado pelos annos e abatido pela velhice, em 1506, só como especial favor, pôde obter a faculdade de montar uma mula *ensilada y enfrenada*. — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. V.

mento da navegação, que augmentava de dia para dia, davam logar a grande consumo de vinho, não sómente n'essas terras, mas tambem nas regiões do norte, os Portuguezes começaram a plantar vinhas, mesmo nos terrenos que produziam searas abundantes.

Resultou d'ahi que os estrangeiros, que d'antes vinham comprar o trigo, começaram a fornecel-o, em troca das riquezas que os Portuguezes traziam das suas conquistas; e se augmentou o vinho, diminuiram os outros generos, com geral prejuizo [1].

A exploração mineira foi tambem activa, desde o principio da monarchia, especialmente, desde o tempo de D. Diniz, que dirigiu egualmente a sua attenção especial para esse ramo. Exploraram-se as minas d'ouro de Adiça, bem como outras minas de ferro, prata, estanho, cobre, chumbo, enxofre, azeviche e pedra hume, em differentes regiões. As de Adiça tornaram-se tão notaveis que, por antonomasia, as pessoas occupadas nas minas d'ouro de todo o Ribatejo, começaram a chamar-se *Adiceiros*.

A exploração do sal era muito prospera, e tanto que dava para se exportarem milhares de navios, com o producto das salinas de Lisboa, Aveiro, Setubal e Algarve e outras.

As de Aveiro estiveram em grande prosperi-

[1] *Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. II, Memoria 1.ª

dade até D. João I, exportando grande quantidade de sal. Mas este rei tributou-as fortemente; e com isso decairam de forma que, já no tempo de D. Duarte, nas côrtes de Santarem, em 1434, os povos allegaram que a tributação do seu antecessor *tinha sido a causa de se não terem feito muitas marinhas e reparado outras.*

As marinhas do Ribatejo tiveram tambem grande importancia até D. João I, em que principiaram a declinar.

As da Extremadura, em Rio Maior, eram egualmente notaveis; e o sal d'ellas preferia em bondade ao das outras salinas.

Da mesma forma, eram muito abundantes as do rio Sado, e as do Algarve, onde existia grande quantidade d'ellas.

Houve tambem marinhas em Leça de Palmeira, no rio Ave, e mesmo em Miragaia e Massarellos, mas estas ultimas estavam quasi extinctas no tempo de D. João I [1].

*

* *

A industria da pesca foi, desde os tempos remotos, uma das riquezas mais solidas de Portugal.

---

[1] Memoria de Constantino Botelho de Lacerda Lobo, sobre a *Historia das Marinhas de Portugal* nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. V.

Alcacer[1], Sines, Setubal, Cezimbra, Ericeira, Aveiro, Porto, Villa do Conde, Vianna, Caminha e outros portos, cuidavam á porfia das pescarias, e os seus productos eram exportados para fóra do reino.

No tempo de D. Diniz, começou a explorar-se a pesca das baleias, que então visitavam as costas do Algarve, Alemtejo e Extremadura; e esta industria, que ainda existia no tempo de D. João I, tornou-se tão importante, que mereceu successivamente, em 1340, 1358, 1367 e 1427, a D. Affonso IV, D. Pedro I, D. Fernando e ao mesmo D. João I, uma desvelada protecção. As baleações mais importantos eram as de Nossa Senhora da Luz, junto de Lagos, e do Porto Novo, junto de Tavira. Esta ultima empregava setenta barcos, além de muitos navios.

Essa pesca era tão importante que, já no tempo de D. Affonso IV, rendia para o estado oitenta contos de reis.

A pesca do atum, que veiu a constituir a principal opulencia do Algarve, data do tempo de D. Diniz, o qual, em 1305, auctorisou João Mamedes Barrote a estabelecer armações entre Sines e Setubal, isto é, na costa do Alemtejo. Mas, já no tempo de D. Fernando, alguns Sicilianos

---

[1] Memoria de José Joaquim Soares de Barros, *sobre as causas da differente população de Portugal em diversos tempos da monarchia* no vol. I das *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* vol. I, pag. 150.

haviam estabelecido armações florescentes em Lagos. E, quando começaram os descobrimentos, logo os audaciosos pescadores d'essa povoação formaram uma companha, a fim de irem pescar nas costas da Africa, novamente conhecidas. Essas pescarias do Algarve foram tambem doadas, em 1438, por D. Duarte a seu irmão o infante D. Henrique [1]; e tambem se confirma por isso a importancia que ellas tinham.

A pesca da sardinha e da pescada constituiram outra grande fonte de riqueza; e de tal forma que os seus productos eram exportados em grande quantidade para fóra do reino. O infante D. Henrique obteve do rei, em 1450, a concessão d'essa pesca. Depois da morte d'elle, D. Affonso V deu-a de arrendamento, em 1464, a Gil da Costa; e D. João II, em 1483, concedeu-a ao duque de Trevento, fidalgo italiano.

Este systema de concessões era certamente prejudicial á liberdade da pesca, e portanto ao desinvolvimento d'esta industria, mas comprova o valor que ella já representava [2].

No tempo de D. Duarte, tornou-se tão im-

---

[1] Memoria sobre a pesca das baleias por José Bonifacio de Andrade e Silva, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* vol. II.

[2] Memoria citada sobre a pesca das baleias, por José Bonifacio de Andrade e Silva, nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias,* vol. II.

portante a pesca dos saveis, que eram tambem exportados para fóra do reino por Castelhanos e outros estrangeiros.

A pesca do coral, nas costas do Algarve, foi tambem importante. Começou, no tempo do regente D. Pedro, que, por um decreto de 14 de julho de 1443, na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, permittiu a Bartholomeu Florentim e João Forbino, de Marselha, ambos residentes em Lisboa, que a podessem introduzir, como requereram, nos mares portuguezes; e ainda existia, no fim da edade media [1].

Em summa, a industria da pesca foi muito notavel, já n'este periodo. Os Portuguezes não se limitavam mesmo a pescar no seu littoral. Iam tambem ás costas da Inglaterra e França; e os productos das nossas pescarias eram exportados mesmo para o Levante.

As medidas de D. Fernando, com respeito ao augmento da marinha, influiram poderosamente no desinvolvimento d'esta industria. D. João II

---

[1] Declarou-se na concessão que *os concessionarios eram os inauguradores d'esta empreza, verdadeiramente nova entre nós,* pois *da memoria dos viventes senon acordavam de nenhũ que em tal trabalho se desposesse.* Deve por isso rectificar-se o que diz Adolfo Loureiro, no I vol. do seu livro, *Os Portos Maritimos de Portugal e Ilhas Adjacentes,* e a citada Memoria de José Bonifacio Andrade, quando affirmam que essa pesca do coral já existia entre nós, muito antes d'aquella data. — Sousa Viterbo, *A Pesca do Coral no seculo XV.*

prestou-lhe tambem efficaz protecção [1]. E para o seu progresso, n'este periodo, acresceu ainda que muitos portos, que hoje estão açoriados ou comportam sómente pequenas embarcações, admittiam, então, grandes navios, por exemplo, Vianna, Villa do Conde, Aveiro e Tavira.

*

*   *

Se a agricultura, mesmo nos tempos da decadencia, constituiu a fonte mais segura da riqueza do paiz, e as industrias extractivas de que temos fallado, se tornaram tambem notaveis, as transformadoras, em geral, foram sempre mesquinhas e pouco favorecidas. N'esse campo, desde o principio da monarchia, não passámos de tributarios do estrangeiro, principalmente de Flandres, Inglaterra e França.

Contribuiram para isso os vexames fiscaes; o facto dos monarcas terem pequeno incentivo, n'esse ponto, não mirando sequer a proteger a industria nacional contra a estrangeira; a taxação dos preços e dos salarios; o systema de estancos ou privilegios, preponderantes em diversos generos, como na cortiça, nos couros

---

[1] José Bonifacio de Andrade e Silva, *Memoria* citada sobre a pesca das baleias. — Constantino Botelho de Lacerda Lobo, *Memoria sobre a decadencia das Pescarias em Portugal,* vol. IV das citadas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

e sabão; e tambem, do meado do seculo XIV em diante, as proprias leis sumptuarias [1].

Todos os artefactos eram toscos, salvas pequenas excepções.

Uma d'estas excepções consistia na fabricação de armas, que teve, desde o principio da monarchia, um grande desinvolvimento, pelas muitas guerras que houve. E tanto que já D. Fernando precisou de fazer um regulamento sobre esse objecto.

Uma outra excepção consistia na industria dos couros e pelles de differentes animaes, a que hoje ligamos pouco aprêço, e que, então, preparados com aceio e ricas bordaduras, serviam para arreios, para ornatos de cavalleiros, e até para vestuarios e coberturas delicadas.

Devem tambem especialisar-se as manufacturas de linho, que se tornaram as mais prosperas de todas; cujos focos eram Lamego, Coimbra, Goes, Lafões, Tentugal, Braga, Arouca e Guimarães; e cujos productos se exportavam em grande quantidade, desde o meado d'este periodo em diante.

Só em Lamego, havia mais de vinte mil teares; e el-rei tinha n'essa cidade uma feitoria, provida de boas maquinas, onde se fabricavam optimas fazendas.

A sericultura, que teve sempre os desvelos do governo portuguez, attingiu egualmente um

[1] Gama Barros, *obr. cit.*, vol. I, pag. 596 e seguintes.

certo incremento. Já no seculo XIII, ella se achava desinvolvida; e, nos seculos XIV e XV, apezar da concorrencia de Flandres e da Italia, foi progredindo, a ponto que só Lamego chegou a produzir mais de cincoenta mil onças em bruto.

As lãs começaram a tecer-se, unicamente, no seculo XV, sem que essa industria obtivesse grande desinvolvimento. As principaes terras manufactoras eram Portalegre, Extremoz e Covilhã.

A architectura e officios que d'ella dependiam, estiveram n'um tal abatimento até D. Affonso IV que, ainda em 1346, a casa de el-rei, no castello de Lamego, era coberta de colmo [1]. Começara, porém, a levantar-se já no tempo de D. Diniz, como provam as numerosas edificações de todo o genero que este rei mandou fazer [2].

*

* *

Quanto á marinha, a sua origem involve-se nas trevas da monarchia. Ha noticias de que, a partir de D. Thereza, existiam barcos do estado; mas a conquista dos estuarios do Sado e do Tejo

---

[1] Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Historia do Governo e Legislação de Portugal.*

[2] *Historia de Portugal,* de Antonio Ennes e outros, já citada, vol. II.

*

foi que determinou a fundação de uma marinha nacional.

Fez-se a conquista d'esses estuarios, pelo auxilio d'uma armada de cruzados, e, desde então, nas suas viagens para as costas do Levante, não deixaram elles de aportar ao Tejo, onde encontravam bom acolhimento e abundancia de viveres para a viagem. Os Portuguezes, vendo nos navios d'esses cruzados o modêlo das embarcações que deviam servir, para bater os Mouros, o que até ahi não tinham podido conseguir com as suas pequenas lanchas, trataram de crear uma industria de construcções navaes; e foi assim que das mattas do reino saiu a marinha que, em numero de trinta e sete embarcações de alto bórdo, juntamente com cincoenta galés de cruzados inglezes, flamengos e dinamarquezes, realisou, sob D. Sancho I, a conquista de Silves.

Depois, os vaivens da sorte que, durante longos annos, embaraçaram os christãos no dominio do Algarve, tornaram a manutenção da esquadra uma necessidade imprescindivel; e d'ahi proveiu a attenção desvelada que a marinha mereceu aos primeiros reis.

No tempo de D. Affonso II, não ha noticias precisas sobre o estado d'ella, apezar de se saber que tomou parte, com os cruzados do norte, na conquista de Alcacer. Mas está averiguado que, no tempo de D. Sancho II, já se creou um corpo regular de marinhagem, com chefes e privilegios especiaes.

Foi por esta organisação que D. Affonso III

empregou os seus navios com grande vantagem na guerra do Algarve, e no soccorro que, em 1266, prestou a D. Affonso x, de Castella, na expedição de Sevilha. E, elle proprio, aperfeiçoou e augmentou consideravelmente a marinha; mandando até construir navios, muito maiores que os anteriores, com o nome de *tercenas reaes*.

D. Diniz fez tambem construir muitas outras embarcações [1]. Creou portos militares, e mandou vir de Genova marinheiros experimentados, entre elles o almirante Micel Manoel Pezzagno, para dirigir a nossa esquadra. Contribuiu egualmente para o progresso da marinha, semeando o pinhal de Leiria, embora o fizesse tambem, para obstar a invasão das areias. E, para ter essa industria debaixo de mão, sem deixar Leiria, a sua villa estimada, onde quasi sempre residia, tentou fazer de Paredes, junto da foz do Liz e Lena, hoje entulhado pelas areias, o porto principal da sua esquadra.

D. Affonso IV deu novo impulso ás emprezas maritimas. Por sua ordem, foi uma armada ás Canarias, setenta annos antes que João Bettencourt se apoderasse d'ellas, por conta do rei de Castella.

D. Fernando, que, no meio das suas velleidades, attendeu muito ao desinvolvimento economico do reino, como já mostrámos, ordenou que

---

[1] Essas construcções faziam-se, ordinariamente, nas chamadas *taracenas* ou arsenaes no Tejo.

os Portuguezes, quando construissem navios de cem toneladas para cima, podessem cortar de graça nas mattas reaes e conduzir para Lisboa as madeiras e mastros de que precisassem; e isentou de direitos os materiaes de construcção maritima, que viessem do estrangeiro, bem como a venda e compra de navios já construidos.

Mandou tambem que os armadores, na primeira viagem para fóra de Portugal, não pagassem direitos pelas mercadorias que levassem, e que lhes fosse abatida metade dos direitos dos generos que, na primeira torna viagem, trouxessem para o reino.

Creou uma companhia de seguros navaes, que se effectuavam por meio das bolsas do Porto e Lisboa, de já fallámos, e bem assim o posto de capitão-mór da frota, que governava em tudo quanto era relativo a navios de alto bórdo.

No reinado de D. João I, começou a nossa epoca navegadora. Já a tomada de Ceuta fez augmentar a navegação, e as expedições ultramarinas do tempo d'este principe e seus successores levaram-na a tal esplendor que eramos olhados, n'esse ponto, com inveja pelas nações da Europa [1].

[1] Vol. IV da primeira serie do *Panorama*. — Schœffer, *obr. cit.* — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*. — Fernão Lopes, *Chronica de El-Rei D. Fernando*, cap. XC e XCI. — Pereira de Mattos, *A Marinha do Commercio*.

* * *

Houve nos tempos antigos um commercio importante nos portos da Lusitania; mas, n'este primeiro periodo da monarchia, absolutamente fallando, o movimento mercantil do reino foi sempre reduzido, a não ser, quando começaram a affluir os productos ultramarinos.

Mesmo a profissão de negociante reputava-se indigna da nobreza. Só desde o seculo XIV, é que os fidalgos principiaram a entregar-se a explorações mercantis, o que deu logar a que o povo, nas côrtes de Lisboa de 1371, se queixasse d'isso, com o fundamento de que elles prejudicavam, d'esse modo, por um *acto improprio da sua condição, o lucro dos commerciantes, que não podiam ou não ousavam medir-se com tão poderosos competidores*. E D. Fernando achou a queixa justificada [1].

A par d'esta desconsideração pelo commercio, acontecia que, por um lado, a agricultura foi sempre rudimentar, e, em geral, a industria, com especialidade a manufactora, foi sempre reduzida. Ora, faltando o impulso energico d'essas

---

[1] Gama Barros, *obr. cit.*, vol. I, pag. 429.

duas alavancas, o commercio não podia progredir.

Por outro lado, as differentes localidades e municipios viviam vida isolada, separando-se egoistamente umas das outras, e fazendo por se sustentar sómente dos recursos privativos.

As ordens, egrejas, cidades, villas, logares, aldeias, pontes e regatos, tinham portagens proprias, que, em toda a parte, se exigiam tanto aos nacionaes como estrangeiros. Quem passasse sem as pagar, arriscava-se a que lhe tomassem as cargas e as bestas. E, muitas vezes, essas alcavallas nem sequer se pagavam no proprio local da venda ou passagem, mas n'outro logar distante, onde estacionava o cobrador.

Em muitos rios, os barqueiros, além de levarem um preço exorbitante, eram tão descuidados que, frequentemente, os passageiros tinham de esperar um dia inteiro, para que os viessem passar, sem que a justiça ousasse proceder contra esse abuso, quando as barcas pertenciam aos poderosos ou á corôa.

E, para que a desegualdade viesse ainda aggravar o mal, prejudicando tambem a livre concorrencia, havia mercadores que obtinham a isenção de todas ou parte d'essas restricções, bem como o privilegio de pernoitar em qualquer moradia, quando lhes anoitecesse na estrada, ir com os bois e carretas por qualquer vereda ou caminho, e tomar nas mattas defezas, para utilidade das mesmas carretas, a madeira de que precisassem, com exclusão das arvores de fructo.

Além d'isso, o egoismo e separação dos concelhos foi a ponto de alguns até prohibirem a saida das vitualhas.

Já, no tempo de D. Affonso IV, nas côrtes de 1352, appareceram queixas, de que, em varios logares, era defeza a venda do pão e vinho da sua lavra a quem fosse estranho ao concelho. E, supposto D. Affonso IV quizesse remediar esse mal, ordenando que, sem embargo das prohibições que existiam, fosse livre a exportação do pão e do vinho em territorio portuguez, excepto quando esses productos escasseassem, mas não para fóra do reino sem licença real, tal medida não deu resultado.

No tempo de D. Pedro e D. Fernando, levantaram-se as mesmas queixas, e estes reis renovaram a permissão de D. Affonso IV; mas os municipios é que, nas suas posturas, mantinham, geralmente, a restricção da livre saida das vitualhas, que assim se conservou, ainda pelo seculo XV em deante.

Mesmo em Lisboa, que maior população tinha, e onde portanto mais prejudicial se tornava esse systema dos concelhos não exportarem certos generos de consumo, os seus homens bons tiveram de representar a D. Pedro, dizendo que na cidade havia mingua de pão, carne e outros comestiveis, porque os não tinha da sua colheita; e não se podiam trazer de fóra, visto os concelhos o prohibirem por suas posturas. E o monarca resolveu, em 19 de maio de 1374, que, sem embargo de quaesquer defezas em contra-

rio, se podessem transportar para lá mantimentos das outras terras [1].

Os concelhos não só prohibiam a saida de certos generos, mas tambem a entrada d'outros, quando a localidade os produzisse abundantemente. Por exemplo, na Guarda, prohibiu-se a introducção do vinho de fóra; e, em Setubal, a introducção do vinho de Cezimbra e Azeitão, excepto por mar [2].

O transito dos viandantes ou mercadorias não era tambem livre, por todos os caminhos que ligavam umas terras ás outras. E a cobrança dos

---

[1] O concelho do Porto nem ao menos consentia que n'elle se embarcasse o trigo, milho e centeio que os mercadores da capital traziam de varias partes do reino, com destino a Lisboa; e foi preciso que a carta regia de 15 de dezembro de 1426 pozesse cobro a esse abuso. — Gama Barros, *obr. cit.*, vol. II, pag. 178.

[2] A venda do vinho, que constituia já um dos ramos mais importantes do trafico do Porto, Gaia e Villa Nova, deu tambem logar, no seculo XVI, a contendas entre esses concelhos.

Pretendiam os moradores de Gaia e Villa Nova que o Porto não vendesse os vinhos que trazia de Riba Douro, a não ser nos proprios barcos onde elles vinham; e o rei decidiu, por sentença de 29 de junho de 1317, que o vinho que viesse de Riba Douro para qualquer d'esses concelhos ou visinhos, todo se vendesse nos barcos; que os visinhos dos tres concelhos, carecendo d'elle, para seu consumo, o poderiam tirar livremente, justificando que não era para o venderem; e, se possuissem vinhas em Riba Douro ou nos concelhos onde moravam, o podessem tirar e vender em suas casas, comtanto que certificassem que era todo da sua lavra. — Gama Barros, *obr. cit.*, vol. II, pag. 180.

impostos municipaes lançados sobre esse transito, concorria para semelhantes restricções, que tinham o apoio do poder central, interessado tambem, pela parte que lhe cabia de taes impostos, em que o rendimento não soffresse diminuição [1].

Havia tambem a taxa do preço dos generos e mercadorias, do salario dos operarios e mão de obra, dos artefactos industriaes, umas vezes, por determinação regia, e, outras vezes, pelas posturas camararias [2].

---

[1] Foi assim que, em beneficio de Gaia, D. Diniz prohibiu que se passasse pelo caminho de Villa Nova e outros que saíam a *Coimbrão* (Coimbrões). Foi essa prohibição levantada por D. Affonso IV, estabelecendo ahi a liberdade de transito para os moradores do Porto, comtanto que não levassem cargas ou feixes. Mas, no tempo de D. Fernando, illudia-se a resolução regia, prendendo-se todas as pessoas que vinham do Porto, sob o pretexto de que se não sabia d'onde eram. Representou contra essa violencia o concelho aggravado; e, então, expediu-se aos juizes de Gaia a carta regia de 28 de dezembro de 1368, mandando observar o que estava determinado por D. Affonso IV, e que, no caso de duvida sobre se o passageiro era do Porto, devia prevalecer a declaração jurada do mesmo passageiro. Insistia, porém, o rei em que a liberdade do transito dependesse de não levarem cargas ou feixes dos quaes se devesse pagar tributos fiscaes e de não desencaminharem coisas obrigadas a esses tributos. — Gama Barros, *obr. cit.*, vol. II, pag. 182.

[2] O primeiro exemplo que se conhece da taxa dos preços, em posturas municipaes, é o do municipio de Coimbra, em 1145; e a primeira lei a este respeito foi a de 26 de dezembro de 1253.

Estas restricções conservaram-se, com maiores ou menores intervallos, em toda a edade media; ora motivadas pelo receio de que o monarca britasse moeda, e que por isso os generos encarecessem demasiadamente; e, ora, pela espectativa de uma guerra ou calamidade, que tornasse mais procuradas as subsistencias.

Por um lado, a falta de communicações, a agitação da sociedade, o egoismo do povo, o systema de reclusão das familias, obrigavam os concelhos a acautelar-se, por essa fórma, afim de que lhes não faltassem os generos indispensaveis á vida. E, por outro lado, semelhante systema fazia que os salarios se mantivessem regulares, e os artistas ou trabalhadores não abusassem da sua situação, já que não era facil mandal-os vir de fóra. Mas, por mais desculpaveis que fossem taes expedientes, a verdade é que embaraçavam o commercio, e representavam um estado grosseiro do movimento economico.

Finalmente, além do que fica exposto, ainda os abusos das classes mais privilegiadas sobre as outras aggravavam a situação [1].

No seculo XIV e XV, começou a haver uma certa differença no movimento commercial, como se conclue do facto do luxo augmentar consideravelmente, desde Affonso IV, e da pragmatica d'este soberano, datada de 1340, em que regulou

[1] Gama Barros, *obr. cit.*, vol. II, pag. 195.

o uso do ouro, da seda, dos pannos e de outros objectos de adorno.

Cresceu tambem, desde o seculo XIV, o numero de feiras, estabelecidas com a protecção real; e ampliou-se a regalia d'algumas já existentes. Crearam-se numerosas estalagens, tambem protegidas pelos reis, o que foi contribuindo para acabarem de facto as aposentadorias. Mas, em todo o caso, o commercio interno de Portugal, por toda a edade media, foi sempre limitado.

O commercio externo estava egualmente sujeito a muitos embaraços.

Como acontecia na Inglaterra, os estrangeiros ficaram adstrictos a varias restricções. Não podiam vender a retalho, em todo o reino [1]; eram prohibidos de comprar tambem nas *comarcas* do reino substancias alimenticias ou de mercearia, excepto pescado, sal e vinhos [2]. Não podiam formar companhias ou sociedades com os nacionaes. E não podiam exportar muitas das mercadorias do paiz [3].

---

[1] Reportorio dos documentos da Camara do Porto, livro A. C., fl. 174, 177 v., e cartas regias de 25 de agosto de 1429 e 6 de fevereiro de 1452.

[2] Citado Reportorio, pag. 181, e carta regia de 29 de janeiro de 1466, onde se mandava que os mercadores estrangeiros não *comprassem pelas comarcas d'este reino aver de pezo, nem comezinho, excepto pescado, sal e vinhos, nem os naturaes podessem ter com elles companhia ou interesse.*

[3] Citado Reportorio, fl. 180, e carta regia de 14 de fevereiro de 1460.

Tão inveterado estava esse preconceito de restringir o commercio aos estrangeiros, que a propria cidade do Porto propugnou continuadamente pela effectividade d'aquellas prohibições; e, mesmo relativamente ao pescado, reclamou contra o facto dos Aragonezes e Biscainhos o levarem para fóra do reino [1].

A importação feita por estrangeiros era egualmente restricta. Só por concessão expressa, e a respeito de certos generos, é que ella se podia fazer [2].

Entre nacionaes, havia tambem restricções inconvenientes ao commercio. Por muito tempo, a fructa do Algarve só podia ser vendida por intermedio de corretor. E só nas côrtes de Lisboa de 1451, é que, pela reclamação dos negociantes, se aboliu essa prohibição, com o fundamento de que o corretor podia estar peitado [3].

Assim, o commercio internacional era feito quasi todo pelos Portuguezes; e além d'estes

---

[1] Citado Reportorio; provisão regia de 18 de outubro de 1483 a fl. 175; e accordão do Municipio do Porto, de 22 de novembro de 1480 a fl. 183.

[2] Prova-se este facto com a carta regia de 11 de setembro de 1457, pela qual o rei D. Duarte, em compensação do emprestimo que alguns negociantes castelhanos lhe fizeram para ajuda das armadas, lhes concedeu metterem tantos pannos de Castella, desde janeiro do mesmo anno e nos quatro seguintes, como tivessem mettido nos outros cinco antecedentes, com isempção de certos direitos. — Citado Reportorio, fls. 179.

[3] Citado Reportorio, fls. 177.

não terem o desinvolvimento naval que depois adquiriram, ainda por cima os corsarios afrontavam esse trafico [1].

Por todas as razões, que ficam mencionadas, o commercio internacional não podia deixar de ser tambem reduzido.

Não obstante, porém, tantos obstaculos oppostos a qualquer dos ramos da industria mercantil, alguns monarcas se esmeraram no seu desinvolvimento, algumas cidades prosperaram com ella, e algumas epocas houve salientes, n'esse ponto.

Assim, desde o principio da monarchia até D. Affonso III, as contendas civis e as guerras interiores deviam naturalmente prejudicar o movimento commercial. Mas, então, desassombrado o reino das aggressões externas, ampliado o territorio, e acabada a lucta com os Mouros, elle despertou com certo vigor.

Concorreu poderosamente para isso a iniciativa de D. Affonso III, que, pela sua residencia em França, comprehendia bem a importancia d'este elemento do progresso nacional, e o coadjuvou poderosamente, com as importantes medidas de que já fallámos: por exemplo, a garantia e segurança das pessoas e da propriedade; o estabelecimento e regulamentação dos

---

[1] Citado Reportorio, fls. 181 e deliberação do municipio de 30 de agosto de 1469, para mandar avisar os mercadores do Porto que tendo de ir á Irlanda, se acautelassem dos corsarios.

mercados; a protecção dos compradores e vendedores; a defeza dos transeuntes; e a punição severa dos delictos commettidos contra os negociantes.

O sal, as pelles, as fructas e o vinho eram, n'esse tempo, os nossos principaes artigos de exportação, em troca dos tecidos e artefactos da França, Italia, Inglaterra e Flandres. E já Portugal tinha relações mercantis com os povos do norte, especialmente d'aquelles paizes.

A esse commercio é que a cidade do Porto deveu a sua prosperidade. Cada anno, affluiam ao rio Douro navios de todas aquellas regiões; e, por isso mesmo e para beneficio do erario real, foi que D. Affonso III tomou, com respeito aos barcos ou embarcações que descessem pelo Douro ou entrassem pela foz e aos respectivos direitos, as medidas de que já fallámos [1].

D. Diniz, encontrando o commercio assim desinvolvido, coadjuvou-o tambem fortemente. E, entre as medidas que decretou, figura o estabelecimento ou sancção official da bolsa do Porto, pela fórma que já dissemos.

D. Fernando attendeu para o desinvolvimento do commercio, com a mesma solicitude que teve, em geral, para o movimento economico do paiz. E já mencionámos muitos dos actos d'esse rei que mais influiram no movimento mercantil, entre esses o restabelecimento da bolsa

---

[1] Pag. 465 d'este volume.

do Porto e a creação de uma outra bolsa egual em Lisboa.

Nem todas as suas medidas são defensaveis perante a economia politica; mas os tempos eram outros, e, pelas circumstancias d'esses tempos, é que devemos aquilatal-as.

Por exemplo, prohibiu que os fidalgos e clerigos comprassem para revender, afim de não tirarem a vivenda aos mercadores da terra, e que os negociantes comprassem fóra de Lisboa qualquer objecto que não fosse para comer. Em Lisboa, porém, podiam carregar e comprar á vontade.

Estas medidas, filiadas n'um pensamento egoista, em pró da cidade de Lisboa, e atacando grosseiramente a liberdade, destoam, certamente, de todos os principios da politica moderna. Mas, a par d'isso, as ordenanças de D. Fernando sobre a marinha, os seus esforços pelo desinvolvimento da agricultura, fonte d'exportação, e a sua iniciativa em fomentar geralmente a riqueza nacional, influiram tambem na industria mercantil. As luctas com a Hespanha e a fraqueza do rei em debellar as desordens internas prejudicaram, como vimos, o effeito de taes medidas. Mas ficou lançada a semente, para germinar atravez d'esses embaraços.

As guerras de D. João I, os preparativos da conquista de Ceuta, a effervescencia exploradora de novos mares, que, no fim do seu reinado, accordou no coração portuguez, desviaram da economia interna as attenções do reino. Mas com

os seus successores, e sobretudo no fim do periodo, um outro commercio—o ultramarino, veiu attrair ao porto de Lisboa as nações do mundo. Então, os productos da Africa e da India faziam a sua carreira atravez de Portugal; era este o seu mercado; e era, pela troca d'esses productos, que o paiz saldava a importação.

*
* *

As relações mercantis com Inglaterra datam do tempo de D. Diniz, que fez com Eduardo I um tratado, para que os negociantes de qualquer dos paizes podessem ir por mar ou por terra aos dominios do outro, com tanto que os Portuguezes não fossem em navios castelhanos.

Em 1303, o mesmo Eduardo I fixou, pela chamada *Carta Mercatoria* [1], os direitos alfandegarios que os Portuguezes, Allemães, Francezes e Hespanhoes deviam pagar. Esse tratado foi renovado, no tempo de Eduardo II; e, no tempo de Eduardo III, fez-se tambem o tratado de 31 de dezembro de 1371, que outorgou varios privilegios aos Portuguezes que traficassem na Inglaterra.

Apezar d'isso, os piratas d'esse paiz não ces-

---

[1] Pag. 248 d'este volume.

savam de affrontar os navios de Portugal, sem que o respectivo governo providenciasse energicamente; e isso alterou, por vezes, as boas relações entre os dois estados, levando os Portuguezes a praticar eguaes represalias em navios de Inglaterra.

Tão graves se tornaram esses conflictos que, em 1344, Affonso IV prohibiu a pratica de côrso contra os subditos britanicos; e, por seu lado, Eduardo III ordenou tambem que todos os Inglezes se abstivessem de fazer o menor damno aos Portuguezes, antes os protegessem. Em 20 de outubro de 1353, celebrou-se um tratado, pelo qual os dois estados se obrigaram a proteger reciprocamente o respectivo commercio. Em 1386, assignou-se entre as duas nações mais um novo tratado de *liga, amizade e confederação real e perpetua*. Em 1405, D. Fernando concedeu aos Inglezes um juiz portuguez, especial e privativo, para decidir todas as contendas que elles tivessem com os nacionaes. D. João I, por carta de 10 de agosto de 1427, concedeu-lhes tambem os mesmos privilegios de que gosavam os Genovezes e Pisanos. E D. Affonso V renovou, por carta de 29 de outubro de 1450, aquelle favor de um juiz especial.

Mas os abusos dos subditos britanicos, pelo modo como tratavam os Portuguezes, nos mercados de Inglaterra, e pelas prêsas que faziam dos nossos navios, foram taes, que os procuradores do povo, nas côrtes de Evora, de 1484, pediram a D. João II que expulsasse do reino a todos os

*

Inglezes, *que eram a praga viva com que se destroe a terra* [1].

Quanto aos Francezes, ajudaram elles, juntamente com os Allemães e Flamengos, os Portuguezes na tomada de Silves; e, já n'essa epoca, as relações de Portugal com Montpellier e Marselha eram muito grandes. Essas relações entre os dois paizes mais se augmentaram, quando D. Sancho I, por carta de 26 de março de 1190, concedeu varios terrenos aos Francezes que vieram povoar o reino, e ainda cresceram muito mais, no tempo de D. Affonso III [2].

Em 1290, Filippe, o Bello, deu uma *carta patente,* com muitos privilegios, em favor dos mercadores portuguezes, residentes em Harfleur.

Em março de 1331, D. Diniz confirmou o accordo feito pelos negociantes portuguezes, para que os navios de mais de cem toneladas que viessem carregar nos portos do reino, com destino á Rochella, Bretanha e Normandia, pagassem vinte soldos: o que egualmente indica o trafico importante que já se fazia para essas regiões.

Em 1340, Filippe VI confirmou e ampliou os

---

[1] José Arriaga, *A Inglaterra, Portugal e suas colonias.* — Borges de Castro, *Collecção dos Tratados, Convenções, Contractos e Actos Publicos, celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias,* vol. I. — Visconde de Santarem, *Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo,* vol. I.

[2] Visconde de Santarem, *obr. cit.,* vol. III, pag. 13.

privilegios dos mercadores portuguezes de Harfleur; e ainda lh'os augmentou, em 1341.

Os seus successores, João II e Carlos V, em 1362 e 1364, procederam da mesma forma [1]. E, em Portugal, Affonso V, em 28 de março de 1452, concedeu tambem aos Francezes, Bretões, Allemães e Flamengos, varios privilegios, como o de poderem andar montados em mulas, serem isentos de aposentadorias, e terem garantias especiaes para a segurança dos seus haveres [2].

As relações mercantis com a Hollanda foram tambem muito antigas, contribuindo para isso o facto de terem vindo muitos Flamengos, nos primeiros tempos da monarchia, povoar o reino.

Como dissemos a paginas 38, os Portuguezes, já no fim do seculo XII, tinham feitorias em Bruges; e, em 1386, ahi se estabeleceram definitivamente.

Depois, em 3 de abril de 1390, Alberto, duque e conde da Hollanda, concedeu muitos privilegios aos nossos negociantes. Em 10 de dezembro de 1412, Willelmo, duque da Baviera e conde da Hollanda, renovou esses privilegios, que depressa foram revogados; e por isso tambem D. João I determinou, que, em Portugal, se não guardasse nenhum privilegio para com os Flamengos. Mas, por carta de 28 de março de

---

[1] Visconde de Santarem, *obr. cit.*, vol. III.

[2] Borges de Castro, *obr. cit.*, vol. I.

1452, D. Affonso v, segundo já dissemos, concedeu de novo aos Flamengos, assim como aos Allemães, Francezes e Bretões, varios privilegios, e entre esses o de poderem montar em mulas, serem isentos de aposentadorias e terem garantias especiaes para a segurança dos seus haveres [1]. E, em 1496, foi tambem concedido aos Flamengos e Hollandezes, *estantes* em Santarem, o privilegio de poderem levar por todo o reino os pannos e quaesquer outras mercadorias que descarregassem, logo que pagassem na alfandega a *sua dizima* [2].

As nossas relações com a Allemanha começaram com o predominio da Liga Hanseatica, segundo vimos [3]; e a primeira carta promulgada a tal respeito foi a de 7 de fevereiro de 1411, que lhe concedeu varios privilegios.

Novos privilegios foram tambem concedidos, pela já citada carta de 26 de março de 1452, em que D. Affonso v deu a todos os Allemães a faculdade de poderem andar montados em mulas, serem isentos de aposentadorias e gosarem de garantias especiaes para a segurança dos seus haveres [4].

Veiu depois a carta de 8 de março de 1460, outorgando tambem aos Allemães que negocias-

[1] Visconde de Santarem, *obr. cit.*, vol. III.
[2] Idem, idem, vol. I.
[3] Pag. 102 d'este volume.
[4] Borges de Castro, *obr. cit.*, vol. I.

sem em Lisboa, um privilegio especial, para que se lhes não tomassem as madeiras, nem outras mercadorias, contra vontade, e só por compra; e tambem a carta regia de 6 de dezembro de 1485 permittiu que os Allemães, vassallos do Duque Desterrique, podessem descarregar as mercadorias que trouxessem em qualquer das alfandegas, e, pagando a dizima dos pannos, as podessem levar para suas casas [1].

As relações com a Italia não foram grandes; pois, como vimos, o entreposto das mercadorias que formavam o trafico dos Italianos, era nos Paizes-Baixos. Mas, ainda assim, por carta regia de 26 de julho de 1492, foi concedido ás galés venezianas o privilegio de não pagarem em Lisboa dizima nem outros direitos das mercadorias que trouxessem e descarregassem, e só das que vendessem [2].

Com a Hespanha é que deveriam ser mais frequentes as nossas relações commerciaes, attendendo á visinhança, origem e destinos communs de ambos os povos, até o começo da monarchia portugueza. Mas as luctas continuadas entre elles e a rivalidade que d'ahi se derivou, tornaram, mesmo durante a paz, frias e reservadas essas relações; e foi por isso que, embora tivesse havido differentes tratados politicos, em nenhum se

---

[1] Visconde de Santarem, *obr. cit.*, vol. I.

[2] Idem, idem.

consignou qualquer disposição relativa ao commercio [1].

*

* *

Entre os principaes centros economicos do reino, já na edade media, preponderava a cidade de Lisboa [2].

Esta cidade, situada na margem direita do Tejo, gosa d'um clima admiravel; está aproximadamente na linha media de todo o littoral portuguez; e, portanto, no logar onde mais facilmente podem equilibrar-se as forças do paiz. Tem um porto excellente, accessivel aos maiores navios, perfeitamente protegido contra os ventos perigosos pelas montanhas circumvisinhas, sobranceiras ao rio, e que se prolonga mais de dez kilometros a montante da cidade.

Além d'isso, o Tejo é um dos maiores rios da peninsula; presta-se muito ao commercio, mesmo na parte superior do seu curso; e as frotas ahi reunidas não estão sómente ao abrigo das tempestades. Pela configuração do littoral, é tambem facil defendel-as de qualquer ataque exte-

---

[1] Verifica-se isto, lendo a extensa relação dos accordos, tratados e reclamações entre Portugal e Hespanha, no citado Visconde de Santarem, *obr. cit.*, vol. I.

[2] No meado do seculo XV, as cidades mais proeminentes eram Lisboa, Evora, Porto e Coimbra; mas o Porto, já em 1436, se chamava a si propria o segundo membro de Portugal. — Gama Barros, *obr. cit.*, vol. II, pag. 232.

rior; pois que os dois lados da costa se adiantam em promontorio, como a fechar o estuario, deixando aos navios sómente uma estreita passagem, cuja largura varía de um a tres kilometros.

Esta situação, desde a descoberta da America, deu a Lisboa condições excepcionaes, com respeito ao mundo inteiro, por ser o porto da Europa mais commodo e seguro para os navios que vêm do Novo Mundo. Mas, já na edade media, lhe garantia grande importancia, por essa segurança do porto, pela fertilidade da região interior, e por ser o mais conveniente abrigo para as embarcações que atravessavam o estreito, e torneavam as costas occidentaes da peninsula.

Assim, Lisboa foi sempre muito disputada.

Julio Cesar achou-a tão desinvolvida e prospera, que lhe deu o fôro de municipio romano, mudando-lhe o nome de *Olisipo* em *Felicitas Julia*. Na invasão dos barbaros, foi occupada pelos Alanos, e, em seguida pelos Wisigodos, por espaço de tres seculos. Passou para os Arabes, quando estes invadiram a peninsula, e no seculo VIII, ou no meio do seculo IX, foi reconquistada por Affonso, o Casto. Tomada novamente, pelos Mouros, em 811, foi tambem novamente reconquistada, em 1147, por D. Affonso Henriques; e, em 1260, sob D. Affonso III, passou a ser a capital do reino [1].

---

[1] Vilhena Barbosa, *Cidades e Villas da Monarchia Portugueza.* — Joaquim Augusto d'Oliveira Mascarenhas, *Portugal e Possessões.* — João Baptista da Costa, *Mappa de*

Antes da tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques, era ali que ordinariamente aportavam os Mouros, na navegação de cabotagem, que faziam ao longo da costa occidental da peninsula, em substituição das antigas navegações dos Phenicios, Carthaginezes e Romanos. Fez-se a conquista da cidade com auxilio d'uma armada de cruzados. Desde então, não deixaram estes, nas suas viagens para as costas da Syria, de aportar ao Tejo, onde encontravam bom acolhimento e abundancia de viveres para a viagem; e tambem isso concorria para o desinvolvimento economico de Lisboa.

De facto, já no tempo de Affonso Henriques, a industria e o commercio d'esta cidade era importante, e o proprio foral, dado por elle, o demonstra [1]. Tinha ella então quinze mil habitantes, mas, no tempo de D. João I, attingira sessenta e tres mil e setecentos, approximadamente. E foi de lá que, no tempo d'este rei, em 1415, partiu a primeira armada portugueza, para tomar terras d'alem-mar, como, effectivamente, conquistou Ceuta [2].

Portugal Antigo e Moderno. — Reclus, *obr. cit., Portugal.* — Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno.*

[1] Julio de Castilho, *Lisboa Antiga,* vol. III, e foral de Lisboa, no final d'esse volume, ou nos *Portugalliæ Monumenta.*

[2] E já no seculo XII Abu-Abd-Alla-Mohamed-Al-Edrisi exaltou grandemente a sua importancia, no livro *Descripcion d'España* (traducção hespanhola).

O Porto, que hoje se estende até o mar, começou na margem direita do rio Douro, cinco kilometros acima da sua foz, quando, em 417, o rei dos Suevos, para se defender d'Ataces, rei dos Alanos, fundou o presidio de Portucalle, com o nome de *Portocalle Novum*, para o distinguir do *velho*, que ficava fronteiro.

A capital dos Suevos tinha ficado em Braga; e esse presidio cresceu progressivamente, até se constituir em cidade. Em 718, foi tomada por Abdelaziz. Em 820, foi retomada por D. Affonso II, o Casto. Foi depois arrasada por Almansor, e retomada novamente, em 983 ou 984, por uns fidalgos gascões, chamados Viegas, que se apossaram d'ella e a fortificaram, sendo por isso recompensados pelos reis de Castella, D. Affonso V e Fernando I. E, em 1090, o conde D. Henrique recebeu de D. Affonso VI o condado de Portugal, em que entrava esta cidade.

No reinado de D. Diniz, não contava ella mais de oito mil e quinhentos habitantes. Mas, já no fim da edade media, muros a dentro, arrabaldes de Miragaia, Massarellos e Gaia com as *honras* que havia em redor, tinha perto de vinte e nove mil habitantes [1].

O seu commercio foi sempre activo. Ajudava-o

---

[1] *Apontamentos para a verdadeira historia antiga e moderna da cidade do Porto*, por Henrique Duarte de Sousa Reis, vol. I, existentes na Bibliotheca Publica do Porto. — Pinho Leal, *obr. cit.* — José Augusto Corrêa, *Cidades de Portugal.*

a situação da cidade, que estava na foz de um rio importante, rodeada de uma população numerosa, qual a do Douro e Minho, e no meio de regiões muito ferteis. E, embora a sua barra fosse considerada sempre como inconveniente, o Porto cresceu rapidamente como emporio do commercio e como centro industrial [1], de modo que a sua prosperidade augmentou muito, especialmente, desde a metade do seculo XIII.

Tão caracteristica era a feição trabalhadora d'esta cidade, que os fidalgos não podiam viver, nem mesmo permanecer, dentro dos seus muros; e até, para a visitarem e passarem por lá, era mister licença especial da camara.

Ás vezes, o proprio monarca intercedia por essa licença; mas, apezar d'isso, tambem muitas vezes, a camara a recusava [2]. Mesmo que os fidalgos precisassem, como doentes, de vir tra-

---

[1] Alexandre Herculano, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 100. — Adolpho Loureiro, *obr. cit.*, vol. I, pag. 24.

[2] Os archivos do municipio do Porto registram, n'esse sentido, muitas cartas regias, resoluções das côrtes e accordãos dos proprios vereadores. Por exemplo, a carta regia de D. Fernando, de 22 de junho de 1368, que já se refere a provisões de D. Affonso III e D. Diniz; as cartas regias de 20 de fevereiro e 3 de março de 1390, de 1 de abril de 1398, 3 de julho de 1406, 16 de dezembro de 1412 e 25 de maio de 1425; o capitulo especial das côrtes de Lisboa de 1446, relativo á cidade do Porto; o accordão municipal de 2 de junho de 1455, pelo qual os commendadores não podiam demorar-se na cidade *mais que uma ceia e jantar, por ser contra os privilegios da cidade.*

tar-se á cidade, precisavam de obter provisão do rei [1].

Em todo o caso, o commercio do Porto muito maior seria, se a segurança interior e a liberdade de transito fossem completas, e não eram [2]; pois, como já vimos, durante muito tempo, os seus moradores nem sequer poderam transitar pelos

---

A propria condessa velha de Marialva, em 1464, quiz viver no Porto, e, apezar da protecção real, teve de desistir d'essa pretensão. E, o que é mais, em 4 de setembro de 1475, um accordão da camara negou licença ao proprio arcebispo de Braga de ir ao Porto. *Reportorio dos documentos da camara do Porto*, livro II.

[1] Carta regia de 23 de fevereiro de 1390 e posturas da camara do mesmo anno. — O Citado Reportorio dos documentos da camara do Porto, liv. I, A C. — Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, na palavra *Porto*. A rasão d'estes privilegios e d'esta restricção á liberdade de moradia está no capitulo especial das côrtes de Lisboa de 1446, relativo ao Porto, quando permittiu *que os moradores d'esta cidade podessem pôr fóra os fidalgos e até destruir as suas casas; que a cidade do Porto se compunha de commerciantes e marinheiros, multiplicando grandemente a renda das alfandegas; que esta riqueza procedia dos seus bons privilegios e bom regimen da cidade*, como se lê a fls. 491 do mesmo Reportorio.

[2] Vê-se isto da respectiva acta municipal de 25 d'agosto de 1428, em que se resolveu que, *por causa da pouca segurança das ruas da cidade, á noite, se tangesse um sino que podesse ter andadura de meia legua; e logo que fosse tangido, o alcaide andasse por toda a cidade e prendesse todos os individuos que encontrasse, salvo os que fossem moradores n'ella, ou visinhos ou estrangeiros*, ficando os presos sujeitos a grandes multas.

caminhos de Villa Nova e outros *que saiam em Coimbrões.*

Evora era já muito florescente, na epoca dos Romanos, que a crismaram em *Liberata Julia.* Com a invasão dos barbaros, passou para o dominio dos Godos, e o rei Sisebutho assentou n'ella a sua côrte. Os Arabes a tomaram, em 715, e a conservaram, até que, em 1166, foi reconquistada por Geraldo Sem Pavor [1].

Ainda no fim do seculo XIV, era geralmente considerada a segunda cidade do reino, e sómente, desde o seculo XV, é que o Porto começou a disputar-lhe e obter a primazia [2].

Coimbra, conquistada e reconquistada, varias vezes, pelos Musulmanos e pelos Christãos, passou definitivamente para o poder d'estes, em 1064, sob Fernando I, de Castella. Sob D. Affonso Henriques, tornou-se capital do reino, até o reinado de D. Affonso III; e, mesmo depois de D. Affonso III, a côrte ahi residiu com frequencia até D. João I. Foi lá que, em 1307, D. Diniz, estabeleceu a Universidade, que tinha creado em Lisboa, antes de 1288. A mesma Universidade foi novamente mudada para Lisboa, em 1338, sob D. Affonso IV, por carta de 16 de agosto d'esse anno, para ser trasladada outra vez para

---

[1] Pinho Leal, *obr. cit.* — José Augusto Corrêa, *obr. cit.*

[2] Gama Barros, *obr. cit.* — Evora é tambem mencionada como das mais notaveis na referida obra do seculo XII de All-Edrisi.

Coimbra, em 1354. Foi ainda mudada para Lisboa, por D. Fernando, em 1377; e, por fim, voltou definitivamente para Coimbra, no tempo de D. João III [1].

A cidade está collocada n'uma região feracissima, communicando pelo Mondego, d'um lado, com o porto da Figueira, e de outro lado com as terras do centro de Portugal, muito abundantes em azeite, vinho, fructas e cereaes. E, tambem do norte e sul, existe uma grande area, egualmente cheia de productos agricolas [2].

Tudo isto, junto á amenidade do seu clima e á belleza incomparavel da paisagem, lhe deu já grande importancia, na edade media.

Braga, a *Bracara Augusta* dos Romanos, situada no centro d'uma provincia muito fertil, acha-se, em parte, abrigada dos ventos pelas montanhas que a rodeiam, e que facilmente a defendiam dos inimigos, na edade media; e tudo isso influiu na sua importancia. Já no tempo de Ausonio, era uma das maiores cidades da peninsula: tanto que foram submettidas á sua jurisdicção outras vinte cidades da Lusitania. E n'ella affluiam o ouro e a prata das minas de

---

[1] Theophilo Braga, *Historia da Universidade*. — All-Edrisi, *obr. cit.* — Pinho Leal, *obr. cit.* — José Augusto Corrêa, *obr. cit.* — Vilhena Barbosa, *obr. cit.*

[2] Já Edrisi, na cit. obr. do seculo XII, encarecia a belleza e fertilidade dos arredores d'esta cidade.

Traz-os-Montes, que os negociantes romanos trocavam pelos seus artigos de commercio. Chegou a contar mais de trezentos mil habitantes. Estendia-se então, desde a egreja de S. Pedro de Maximinos, até o local onde hoje está o hospital de S. Marcos.

Os Suevos fizeram d'ella a sua capital, prolongando-a na direcção actual para S. Martinho de Dume. Arrasada por Almansor, foi reedificada, no principio do seculo x, tornando-se a capital da Galliza; e prosperou de novo, até o fim do seculo xv e principio do seculo xvi, em que a descoberta da America mudou as condições economicas do reino, fazendo gravitar o movimento commercial para as costas do Oceano.

Ahi se celebraram muitos concilios, que serviram de fonte ao *Fuero Juzgo* [1].

Santarem foi tambem um centro importante, e, nos primeiros tempos da monarchia, era lembrada logo depois de Lisboa. A sua collocação junto ao Tejo, as suas ferteis campinas e a sua posição estrategica deram-lhe sempre grande importancia, e foram, ao mesmo tempo, durante a lucta dos Mouros e dos Christãos, a causa de successivos ataques e ruinas.

Assim, conquistada, em 715, pelos Arabes, foi reconquistada, em 1147, por D. Affonso Hen-

---

[1] Joaquim Augusto d'Oliveira Mascarenhas, *obr. cit.* — José Augusto Vieira, *O Minho Pittoresco.* — José Augusto Corrêa, *Cidades de Portugal.* — Vilhena Barbosa, *obr. cit.*

riques. Mas os Mouros voltaram a cercal-a, em 1167 e 1185, sendo repellidos d'ambas essas vezes [1].

A cidade de Vianna, situada na foz do rio Lima, no meio d'uma região fertil, dispunha, na edade media, d'um porto em boas condições, para o accesso e estacionamento dos navios. Ainda em 1456, aquelle rio era muito profundo na foz, dando facil saída a embarcações maiores que as maiores caravellas. Depois, é que, pelas alluviões, especialmente provenientes da cultura das margens do mesmo rio e dos seus affluentes, o porto se foi agoriando, pouco e pouco.

Mas, apezar das boas condições da sua barra, n'este periodo, e da bella posição da cidade, só quando começaram as expedições ultramarinas, é que Vianna começou a prosperar, a ponto de que, já no reinado de D. João I, attingira grande importancia commercial. Antes d'isso, não passava de uma povoação de pescadores [2].

A cidade de Aveiro, situada na foz do rio Vouga, já era famosa, pelas suas marinhas e commercio, no seculo X; e, ainda no seculo XIV, mais de cem navios saíam por anno da sua barra, carregados de sal. O seu porto era então ex-

---

[1] Pinho Leal, *obr. cit.* — José Augusto Corrêa, *obr. cit.* — Bernardino Pinheiro e outros, *Historia de Portugal*, já citada, vol. II, pag. 124.

[2] José Caldas, *Historia de um Fogo Morto*, pag. 19 e 28. — Adolpho Loureiro, *obr. cit.*, vol. I, pag. 93.

cellente; mas as areias o foram entulhando lentamente, de modo que a importancia da cidade e o seu commercio e navegação declinaram, apezar do grande impulso que, nos meados do seculo XV, lhe deu o infante D. Pedro, regente do reino [1].

Leiria, no tempo de D. Diniz, que estabeleceu, por algum tempo, a sua côrte n'esta cidade, e que até pretendeu fazer de Paredes, que lhe fica proximo, um grande porto maritimo, teve tambem muita importancia.

Cabe-lhe a gloria de ter possuido a primeira typographia que houve em Portugal, sendo o primeiro trabalho ahi impresso as *Coplas,* livro de poesias do infante D. Pedro [2].

Portalegre, Extremoz e Covilhã, no seculo XV, tornaram-se grandes centros industriaes de lanificios, como já notámos.

Vizeu, Guarda e Lamego eram muito importantes, no principio da monarchia; mas decairam depois, e, já no tempo de D. Fernando, estavam muito abatidas.

Guimarães, tambem nos principios da monarchia, se apontava logo após Santarem e Lisboa.

Silves fôra a maior povoação do Algarve; mas

---

[1] José Augusto Corrêa, *obr. cit.*

[2] Pinho Leal, *obr. cit.* — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. I. — José Augusto Corrêa, *obr. cit.* — Antonio Ribeiro dos Santos, *Memoria sobre as origens da typographia em Portugal no seculo XV*, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias,* vol. VIII.

declinara de dia para dia, depois da queda do dominio arabe [1].

E Barcellos tornou-se notavel, desde que passou a ser a sede dos condes e duques de Barcellos, antes da sua exaltação ao throno. Exceptuando a casa reinante, nenhuma familia da peninsula gosou de tão grandes honras e privilegios, e de tanta riqueza e poderio, como os condes e duques de Barcellos e Bragança. Possuiam um terço de Portugal [2].

*

* *

As moedas que corriam em Portugal, no principio da monarchia, foram as libras e os maravedis.

A libra, que vinha já do tempo dos Romanos, era o principal dinheiro usado na França, Allemanha e Inglaterra. E o conde D. Henrique, ou, porque, sendo francez, trouxesse comsigo este genero de moeda, ou porque a achasse já correndo

---

[1] Antonio Ennes e outros, citada *Historia de Portugal,* vol. II, pag. 124. — José Augusto Corrêa, *obr. cit.* — Gama Barros, *obr. cit.*

[2] Domingos Joaquim Pereira, *Memoria Historica da villa de Barcellos, Barcellinhos e Villa Nova de Famalicão.* De todos estes centros, Evora, Braga, Lamego, Vizeu, Coimbra, Portocalle (Porto), já no tempo dos Wisigodos tinham o privilegio de cunhar moeda, o que tambem mostra a sua importancia relativa, n'esse tempo. — Aloïss Heiss, *Description Générale des Monnais des Rois Wisigoths d'Espagne.*

*

nos reinos christãos de Hespanha, introduziu tambem o uso d'ella no seu novo estado.

Como já dissemos no segundo volume [1], esta moeda tornou-se, geralmente, na Europa, dinheiro de conta, e a libra de ouro quasi que dinheiro ideal. Por isso mesmo, tambem não ha noticias d'ella se ter cunhado em Portugal até D. Diniz; e, ainda então, parece que só foram cunhadas libras de prata [2].

Dividia-se a libra em vinte *soldos* ou *brancos,* que eram de cobre, com alguma liga de estanho. E cada soldo se subdividia em doze *dinheiros*. O dinheiro de cobre chamava-se *preto*. Metade de um dinheiro chamava-se *mealha*.

Os *maravedis,* egualmente conhecidos por *marabitinos, morabitinos* ou *maravidis*, introduzidos na Hespanha pelos Almoravides, foram adoptados e cunhados por D. Affonso Henriques e seus successores, e serviram tambem de moeda de conta. Havia-os de prata e de ouro, a que egualmente se dava o nome de *aureos*.

Não tinham subdivisão propria; mas adoptava-se tambem para elles nominalmente a subdivisão em soldos e dinheiros; de modo que um maravedi de prata correspondia a quinze sol-

---

[1] *A Historia Economica,* vol. II, pag. 91.

[2] Teixeira de Aragão, no seu livro *Descripção Geral e Historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal,* não falla em qualquer moeda d'este genero, mesmo de prata, do tempo de D. Diniz. Mas, em contrario, estão os escriptores adiante citados.

dos ou cento e oitenta dinheiros, e um de ouro, a duas libras e meia ou cincoenta soldos ou seiscentos dinheiros.

Havia ainda uma outra moeda, que tinha curso no principio da monarchia — o *mozmodi* ou meio maravedi.

D. Sancho I cunhou tambem maravedis de ouro, que se chamaram *marabitinos novos;* e, então, os cunhados por D. Affonso Henriques principiaram a chamar-se *maravedis alfonsins,* ou *soldos de ouro,* para se distinguirem d'esses outros de D. Sancho.

D. Affonso II e D. Sancho II não crearam moedas de novo typo. D. Affonso III tambem não fabricou moedas com nova denominação, cuidando mais de quebrar a moeda existente.

Mas já D. Diniz cunhou maravedis, que, embora fossem de valor egual aos precedentes, eram diversos no nome, porque se chamavam *dobras cruzadas*; e tambem mandou cunhar *fortes* e *meios fortes,* que eram meras subdivisões da libra.

O maravedi d'ouro valia, então, aproximadamente, 2$000 reis actuaes; o de prata, 600 reis; as libras de prata, 800 reis; o soldo 40 reis; o dinheiro 3 reaes d'hoje e um terço; o forte, cinco soldos ou 200 reis; o meio forte, dois soldos e meio ou 100 reis.

Affonso IV emittiu uma nova libra de prata, alterando-lhe porém o cunho, e dando-lhe um valor nominal superior ao seu valor intrinseco. Desde então, essa moeda teve o nome de *di-*

nheiro alphonsim de prata, e correspondia ao valor actual de 548 reis.

Para remediar os inconvenientes da depreciação do numerario, que d'ahi resultou, e restituir a confiança publica, D. Pedro mandou cunhar umas dobras novas, cuja cotação legal estava de harmonia com o seu valor intrinseco, e até com certa largueza. Cincoenta d'essas moedas, que se chamaram *dobras de D. Pedro,* faziam um marco de ouro; vindo a valer cada uma 2$400 reis.

Além d'isso, D. Pedro fez tambem cunhar novas moedas de prata — o *turnez* e *meio turnez,* cujo nome vinha dos *turnezes* de França, que tomaram a denominação da cidade de Tours, onde primeiramente foram fabricados [1].

Sessenta d'esses turnezes de D. Pedro faziam um marco de prata; e o seu valor era quasi de 120 reis.

D. Fernando britou a moeda existente, e mandou cunhar outra nova, tudo com grande abuso do seu valor intrinseco.

De facto, as dobras de D. Pedro, segundo vimos, correspondiam ao valor de 2$400 reis, e as libras de prata, pela mudança feita por D. Affonso IV, haviam descido a 550 reis; vindo assim a dobra a representar, approximadamente, quatro libras. Pois D. Fernando fez cunhar novas dobras, com o mesmo peso e toque das de D. Pe-

---

[1] Pag. 217 d'este volume.

dro, que se chamavam *pétérras,* e augmentou-lhe o terço do valor, egualando-as a seis libras.

Mas o dinheiro que mais frequentemente mandou cunhar, foram os *gentis,* moeda de ouro de que successivamente houve quatro especies, a saber: os gentis chamados d'*um ponto,* que valiam quatro libras e meia; os de *dois pontos,* que valiam quatro libras; e outras duas especies de gentis, uns que valiam tres libras e meia, e outros tres libras e cinco soldos.

Não contente com isso, tambem D. Fernando mandou fabricar differentes moedas de prata, chamadas *barbudas, graves* e *pilartres.* As barbudas valiam vinte soldos; os graves, quinze soldos, e os pilartres, cinco. Mas todas estas moedas tinham muita liga e um valor intrinseco muito inferior ao valor nominal; de modo que a sua cunhagem representava um grande lucro para o thesouro e um grande descredito para o numerario.

Finalmente, ainda D. Fernando cunhou em cobre a *petite,* dinheiro de bilhão.

No tempo de D. João I, continuou a falsificação official na cunhagem; e nem os tempos agitados do seu governo, ou as despezas da guerra, eram de molde a restabelecer o equilibrio monetario.

Esse rei mandou fabricar o *real de prata,* cujo valor primitivo foi de dez soldos; e, quando voltou de Ceuta, emittiu os *ceitis,* moeda de cobre, cujo valor variava entre um quinto, tres sextos ou dois setimos do *real branco.*

D. Duarte mandou cunhar os *reaes brancos,* de cobre com liga d'estanho, que valiam um soldo antigo. E mandou egualmente cunhar os *leaes* d'ouro, que correspondiam a dez reaes brancos; os *reaes pretos,* eguaes á decima parte de um real branco; e os *escudos* d'ouro, que valiam 2$400 reis.

D. Affonso v mandou fabricar os *cruzados,* que era o melhor dinheiro que no reino corria, depois das dobras de D. Pedro. E fel-os cunhar, de forma a excederem em quilate de ouro as moedas de toda a christandade, para que fossem recebidos em toda a Europa, quando se levasse a cabo a projectada expedição contra os Turcos. Essa expedição não chegou a realisar-se; mas os cruzados ficaram lembrando pelo seu nome o projecto que lhes deu origem. Valiam 1$840 reis.

Além d'isso, mandou tambem fabricar os *espadins,* tanto de ouro como de prata e de cobre, não se sabendo se foi moeda nova, ou se eram os antigos reaes modificados; e os *cotrins,* moeda de bilhão, que valia cinco ceitis.

Finalmente, D. João II mandou cunhar os *justos,* moeda de ouro, que valia 800 reis, e o *cinquinho* de prata que valia 5 reis [1].

---

[1] É grande a diversidade dos nossos escriptores, a respeito do valor das antigas moedas. N'essa diversidade, seguimos, em geral, Alexandre Herculano. Mas, para mais completa elucidação, podem consultar-se os seguintes livros: Alexandre Herculano, *Panorama,* vol. III. — Frei Joaquim de

*
* *

Da mesma forma que succedeu na Hespanha, tambem os Romanos encheram Portugal de pontes e de estradas.

Ainda hoje existe a ponte sobre o Tamega, em Chaves, que era d'esse tempo; e são ainda memoradas, pela sua architectura, a que havia no rio Sacavem, e as duas magnificas pontes de Santarem e Abrantes, sobre o Tejo.

Emquanto a estradas, uma via militar partia de Lisboa para Mérida, seguindo por Setubal (Cetobriga), Agualva (Ciciliana), Alcacer do Sal (Salacia) e Evora (Ebora); d'onde passava ao Guadiana e de lá ia bater em Mérida.

Outra partia egualmente de Lisboa, e ia tambem dar a Mérida, por Benavente ou Salvaterra (Aritio-Pretorio), Alter do Chão (Abelterio), Ponte de Sôr (Matusaro), Assumar (Ad Septem Aras), Budna, Plagiaria e Mérida.

Santo Agostinho, *Memoria sobre as moedas do reino e conquistas,* na *Memoria da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* vol. I. — Manoel Severim de Faria, *Noticias de Portugal.* — João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal Antigo e Moderno,* vol. I, pag. 110 e seguintes. — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal,* prim. ed., vol. III. — Aragão, *Descripção geral* e *Historia das Moedas,* vol. I. — Viterbo, *Elucidario,* na palavra *Moeda,* e nas demais denominações, acima apontadas.

E havia uma terceira, que egualmente partia de Lisboa para Mérida, por Alemquer (Jerabrica), Santarem (Scalabin), Abrantes (Tabucci), Alpalhão (Fraxinum), Aramenha (Medobriga) e Assumar.

Partia tambem de Lisboa para Braga uma via militar, que passava por Alemquer, Santarem, Ceice (Cellium), Condeixa-a-Velha (Conimbrica), Agueda (Eminio), Aveiro (Talabrica), Feira (Langobrica), Porto (Calem) e Braga (Bracara).

De Braga para Astorga saía uma via militar, que passava por Salamonde (Salacia), Codeçoso do Arco (Presidio), Ciada (Caladuno), Chaves (Ad Aguas), Valle de Telhas (Pinetum), Roboretum; e d'ahi por diante saía para fóra de Portugal.

Partia tambem de Braga para Astorga uma via militar, que passava por Fão (Aquis Celenis), Foz do rio Ancora (Vico Spacorum), Ria de Vigo (Duo Pontes).

Uma terceira via militar partia egualmente de Braga para Astorga, passando junto de Vianna (Salaniana), e de lá se dirigia a Aquis Originis, já fóra dos limites de Portugal.

Finalmente, havia ainda uma quarta via militar, que tambem partia de Braga e ia dar a Astorga, seguindo por Ponte de Lima (Limia) e Tuy (Tude).

A Beja vinha bater uma estrada militar, que partia do Xerez, e que passava por Tavira (Balsa), Estombar (Ossonoba), Aranni, Rarapia, Evo-

ra, Serpa, Paimogo (Finis), Moura (Arnei), Beja (Pace Julia) [1].

D'essas grandes estradas já não existem senão pequenas memorias. Nas primeiras epocas da monarchia, ainda algumas d'ellas, em muitos pontos, pelo menos, eram aproveitaveis. Mas o tempo as foi destruindo, e os monarcas portuguezes, com relação a vias communicaveis, tiveram grande incuria; de forma que as communicações, n'este periodo, foram pessimas.

*
* *

Como se vê do que temos exposto, Portugal teve, durante os primeiros seculos da monarchia, um movimento economico reduzido. As guerras com Hespanha e com os Mouros, as contendas reaes com a nobreza e clero, a rudeza d'esses tempos, os privilegios das classes elevadas, e a desordem da sociedade, obstruiam fortemente o caminho do progresso. Havia, de certo, no espirito geral o estimulo da independencia e o sonho da gloria. O paiz, dia a dia, e pedra a pedra, ia preparando o caminho de mais largos horisontes. E, desde que, no reinado de D. João I, a autonomia da patria ficou cimentada no sangue de

---

[1] João Baptista de Castro, *obr. cit.*, vol. III, pag. 303 e seguintes. — Nicolas Bergier, *Les Grands Chemins des Romains.*

Aljubarrota, e o arranco do patriotismo levantou os animos, unificando os esforços e apagando as dissidencias; em summa, desde que a nação inteira se transfigurou, na lucta redemptora da sua independencia, acrisolando o sentimento da sua gloria e da sua dignidade: não podia ficar inertemente aferrolhada nos estreitos limites das antigas barreiras.

O mar cantava-lhe os hymnos da immensidade; a situação geographica, no fundo da Europa, desafiava-lhe o intento de romper as portas do velho continente; a febre que exalta os visionarios, arremessava-o para novas e grandiosas emprezas; e uma geração feliz de reis e de principes, veiu completar a educação civica do povo e retemperal-o nas lições da heroicidade. Por isso, como fructo opimo de tantos e tantos elementos grandiosos, este pequeno estado atirou com um pedaço de panno para o tôpo de uma caravella, e, dominando as gargalheiras do *Mar Tenebroso*, arrancou ao monstro soturno e mysterioso dos tempos o segredo de um novo mundo.

As fitas de fogo e de luz em que se decompõe o enorme resplendor d'essa portentosa aventura, os cantos maravilhosos que prefazem essa eterna epopea, vamos vêl-os no volume seguinte.

RECAPITULAÇÃO

Eis-nos chegado ao fim d'esta longa peregrinação da edade media.

Vimos desenrolar deante de nós, n'uma sequencia logica e natural, a invasão dos barbaros, como tormenta que limpasse e depurasse a atmosphera corrupta do mundo antigo. E sobre as ruinas d'essa invasão, vimos rebentar uma nova sociedade, impetuosa e rude, mas forte e sadia, como a vegetação que rebenta dos escombros dos grandes edificios ou da cinza das grandes crateras.

Por pharol d'esses destroços, vimos a luz do christianismo, dourando as lagrimas dos afflictos, inundando de graça o coração dos opprimidos, temperando a crueza dos oppressores, e preparando a rotação de um futuro de paz e liberdade.

Vimos tambem, n'essa onda revolta da invasão dos barbaros, elevar-se o poder feudal, como clareira de abrigo na immensidade da tormenta;

e ahi preparar-se a missão domestica da mulher, a dignidade da esposa e da mãe, a santidade da familia, e contrapôr-se o desejo da tranquillidade ao orgulho funesto dos combates e das luctas.

Começou então a apparecer uma entidade chamada povo, a principio indefinida nas suas aspirações, que trazia no seio a hostia santa da redempção social; mas que teve de se conjuntar nas communas ou municipios, nas guildas ou corporações de artes e officios, para resistir aos abusos das outras classes, e fazer, entre o suor do trabalho e os espinhos da miseria, a preparação do seu ideal.

O fanatismo dos crentes, a devoção dos fieis, o espirito cavalheiroso dos monarcas e a exploração dos mercadores, levou a multidão da Europa contra as regiões do oriente, n'esse movimento de febre e de insania, chamado *as cruzadas;* e, ao mesmo tempo, contra os pagãos do norte da Allemanha e contra os Musulmanos da Iberia. E, n'essas cruzadas, se avigorava a energia da classe popular.

Depois, os reis iniciaram o movimento absorvente da centralisação monarchica, de modo que, no fim da edade media, tinham subjugado o povo, os nobres e o clero.

No meio d'estes accidentes, os restos da grandeza romana diluiam-se, pouco e pouco, dentro do imperio bysantino.

Os Arabes, prégando uma nova doutrina religiosa, avassallavam a Asia, a Africa e uma gran-

de parte da Europa, impulsionando o mundo inteiro, na fermentação d'um grande progresso.

Os Italianos tomavam conta do Mediterraneo, e faziam-se recoveiros do velho mundo. Pela transfusão do seu trafico, abriam de novo a communicação entre o oriente e o occidente, que a invasão dos barbaros tinha apagado; e, pela actividade da sua industria, acordavam as tradições dos seculos preteritos.

Os Hollandezes estabeleciam no seu paiz o deposito e mercado central da Europa; ligavam no seu trafico o sul e norte do continente ao éste e levante; e faziam tambem da industria uma alavanca enorme da sua grandeza.

Os Allemães tornavam-se os intermediarios principaes entre a Scandinavia, Russia, Allemanha, Hollanda e Inglaterra. E, embora subordinados ao mercado central dos Paizes-Baixos, era d'ahi que transportavam para todas as regiões septentrionaes e occidentaes da Europa a maior parte dos productos mercantis.

Finalmente, a França, Inglaterra, Hespanha e Portugal, embora representando uma figura secundaria, chegaram ao fim d'este periodo, com os elementos d'um grande progresso e d'um grande movimento economico.

Em Portugal, tinha-se já começada a serie das descobertas ultramarinas; tinha-se feito desapparecer o phantasma lendario do *Mar Tenebroso;* e, explorando-se as costas africanas, tinha-se dobrado o cabo da Boa Esperança e descoberto o caminho das Indias. Uma nova aurora aluminava,

para além dos mares, o destino da raça portugueza; e uma febre ardente de gloria agitava e queimava o sangue, na aspiração d'um futuro immortal.

A Hespanha atirara tambem comsigo no mesmo encalço; e Christovão Colombo descobrira a America.

Era um mundo novo e uma nova civilisação, que vinha, nos cantos do Oceano, deslumbrar a imaginação d'estes dois povos.

Veremos no seguinte volume como tudo isso fez mudar as condições mercantis da Europa; e augmentando o numero dos productos, incitando um luxo assombroso, elevando grandemente o nivel das industrias, desinvolvendo as sciencias, e introduzindo um novo elemento social—a colonisação moderna, transformou completamente o estado economico da sociedade.

FIM DO TERCEIRO VOLUME

INDICE

CAPITULO I

Os Hollandezes

CAPITULO II

Os Allemães

CAPITULO IV

Os Inglezes

CAPITULO V

Os Hespanhoes

Historia economica

CAPITULO VI

Os Portuguezes

ERRATAS E OMISSÕES PRINCIPAES

Pag.	*Linhas*	*Onde se lê*	*Leia-se*
24	27	*La Géographie appliquée à la marine.*	P. F. Bainier, *La Géographie appliquée à la marine*
80	13	*Steel-yard*	*Steelyard*
156	27	a outra parte da Flandres franceza	parte da Flandres franceza
217	5	*tournezes*	*turnezes*
217	8	tournezes	turnezes
238	28	1214	1215
239	8	espropriação	expropriação
286	[illegible]	Muza	Musa
[illegible]	[illegible]	Muza	Musa
291	10	Almanzor	Almansor
324	8 e 9	da raça dos Beni-Umeyas	da raça dos Beni-Umeyas ou Ommiadas
352	26	de Castella	de Castilla
426	11	1325-1354	1325-1357
521	31	Baptista da Costa	Baptista de Castro
534	18	o seu valor	o valor de cada turnez